

Carlos Eduardo Borges Dias

**Corpolinguagem na fala de sujeitos com
doença de Parkinson**

**Campinas
2008**

Carlos Eduardo Borges Dias

**Corpolinguagem na fala
de sujeitos com doença de Parkinson**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do título de Mestre em Linguística (Linha de Pesquisa: Linguística e Psicanálise).

Orientador: Prof^a. Dr^a. Nina Virginia Araújo Leite.

Campinas
2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

D543c

Dias, Carlos Eduardo Borges.

Corpolinguagem na fala de sujeitos com doença de Parkinson / Carlos Eduardo Borges Dias. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Nina Virgínia Araújo Leite.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Corpo. 2. Linguagem. 3. Correção (Linguística). 4. Hesitação (Linguística). 5. Doença de Parkinson. I. Leite, Nina Virgínia Araújo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Bodylanguage on the speech of individuals with Parkinson's disease.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Body; Language; Correction (Linguistics); Hesitations; Parkinson's disease.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Nina Virgínia Araújo Leite (orientadora), Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho, Profa. Dra. Viviane do Amaral Veras. Suplentes: Profa. Dra. Maria Rita Salzano Moraes e Profa. Dra. Flávia Trocoli Xavier da Silva.

Data da defesa: 18/04/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

COMISSÃO JULGADORA

TITULARES

Prof^a. Dr^a. Nina Virginia Araújo Leite - Orientador

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho - 2^o examinador

Prof^a. Dr^a. Viviane do Amaral Veras - 3^o examinador

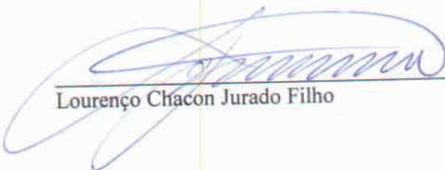
SUPLENTES

Prof^a. Dr^a. Maria Rita Salzano Moraes

Prof^a. Dr^a. Flávia Trocoli Xavier da Silva

BANCA EXAMINADORA


Nina Virgínia de Araújo Leite


Lourenço Chacon Jurado Filho


Maria Viviane do Amaral Veras

IEL/UNICAMP

2007

À Nina,
*Por acreditar em mim,
e proporcionar
o que eu precisava.*

AGRADECIMENTOS

À minha família, Mi, Néia, Lu e La, meu refúgio e minha fortaleza;

Wanda, Mônica, Bina, Wilma, Ivana, Igor, Ícaro, Diva, Tiago e Thais, que eu sempre hei de continuar *Amando...* Waldo, Daniela e outros tantos Borges Nascimento;

Waldir, Elisabeth, Janaina, Luana e Junior, pela acolhida;

À XIII turma de fonoaudiologia da UNESP;

À Ju, pela amizade sincera; Paulo, Déia, Jana, Cá, Max, Mi, Na, Mô, Dé, Si, por quatro anos;

Ao Lucas, Carlos, Alexandre, Eduardo, Raul, e vários outros da querida Maria Zioli;

Aos membros do grupo de pesquisa SEMA-SOMa, Maria Rita, Flávia, Suely, Paulo, Ciça, Walker, Rita, Sonia, Vanessa, Luigi; a Vera, pelo carinho; Edmundo, pelas risadas.

Aos membros do grupo de pesquisa “Estudos sobre a linguagem” da Unesp/Marília.

Aos membros do GT Corpolingüagem da Escola de Psicanálise de Campinas;

À Viviane, pela disposição e abertura;

À Maria Irmã Hadler Coudry, pelas importantes contribuições na qualificação e pelo PED;

À Graça, por me levar até a psicanálise;

Ao Lourenço, pela iniciação científica e por sempre me formar.

*“Porque todos tropeçamos em muitas coisas;
se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão,
capaz de refrear também todo o corpo”*

[*Lettre de Jacques, 3:2*]

DIAS, Carlos Eduardo Borges. *Corpolinguagem na fala de sujeitos com doença de Parkinson*. Campinas, 2008. Dissertação (Mestrado Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

RESUMO

Partindo de uma análise comparativa entre as autocorreções que ocorreram na fala de dois sujeitos com doença de Parkinson (DP) em duas sessões de gravadas de conversação, com um intervalo de tempo significativo entre elas, verificamos que houve uma considerável diminuição na ocorrência dessas marcas lingüísticas. Observamos também que, em todas as sessões, tais estruturas lingüísticas incidiam predominantemente em turnos que concentravam uma grande quantidade de palavras. Entretanto, confrontando as quantidades de palavras por turno das duas gravações, verificamos que os sujeitos analisados tiveram suas médias aumentadas, e, portanto, *falavam mais* e *se corrigiam menos*. Procurando atribuir esse fato ao funcionamento lingüístico desses sujeitos, observamos que a ocorrência de hesitações do tipo *pausa silenciosa*, *alongamento* e *pausa preenchida* – que, conforme estudos lingüístico-discursivos sobre o mecanismo hesitativo na DP, representam uma tensão no discurso que contêm a deriva dos sentidos – haviam aumentado, na segunda sessão, precisamente nos turnos em que as autocorreções tinham diminuído, ou seja, naqueles com uma grande quantidade de palavras. Vinculando as autocorreções descritas pelos estudos lingüísticos de base conversacional ao que chamamos de ‘correção psicanalítica’ entendemos que as correções envolveriam um ‘enunciado fonte’ (EF – correspondente ao ‘lapso’) e um enunciado reformulador (ER – correspondente à denegação). Já que o mecanismo da denegação supõe uma suspensão dos conteúdos irrepresentáveis, os EFs ligados a uma ‘significação recalcada’ ou um sintagma ‘gramaticalmente incorreto’ eram, na correção, negados por um ERs. Incluindo esse raciocínio na análise das variações e relações entre as correções e hesitações que havíamos observado, entendemos que a progressão da doença, em suas contraparte psíquica e orgânica, acarretaria um aumento de investimento na atividade motora do corpo, o que levaria nossos sujeitos a uma progressiva inibição dos EFs marcada linguisticamente pelos recursos hesitativos, o que, conseqüentemente, haveria ocasionado a diminuição quantitativa de suas correções.

Palavras-chave: correções; hesitações; corpo; linguagem; doença de Parkinson.

DIAS, Carlos Eduardo Borges. *Corpolinguagem na fala de sujeitos com doença de Parkinson*. Campinas, Dissertação (Mestrado Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

ABSTRACT

From a comparative analysis between the self-corrections that occurred on the speech of two individuals with Parkinson's Disease (PD) during two recorded conversation sessions, with a great amount of time between the first and the second, we could verify a remarkable decrease on the appearance of those linguistic marks. We could also observe that, in both sessions, those linguistic structures arose predominantly in turns of speech which had a great number of words. However, confronting the quantity of words per speech turn on both recordings, we could observe that the analyzed individuals had their average increased, and, therefore, they spoke more and self-corrected less. Linking this fact to the linguistic functioning of those individuals, we observed that the occurrence of hesitations named silence pause, stretching and filled pause – which, according to speech-linguistic studies about the hesitative mechanism on PD, it means a tension on the speech which holds back the drift of the meanings – had increased, on the second session, precisely at the speech turns where the self-corrections had already decreased, on those with a great number of words. Connecting the self-corrections described by the linguistic studies based on the conversation to what we call “psychoanalytic correction” we understand that the corrections would involve a “source statement” (SS – corresponding to “slip of the tongue”) and “reformulated statement” (RS – corresponding to denial). Once the denial mechanism supposes a withhold of the irrepresentable contents, the SSs linked to a “repressed signification” or to a “grammatically incorrect” syntagma were, in the corrections, denied by an RS. Including this reasoning on the relations and variations analysed between the corrections and hesitations we had observed, we understand that the disease's progression, in its psychical and organical ways, would bring about an increase on the cathexis of the body's motor activity, which would lead the subject to a progressive inhibition of the SSs linguistically marked, by the hesitative resources that, consequently, would have caused a decrease on their self-corrections.

Keywords: Hesitations; self-correction; body; language; Parkinson's disease.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	vii
EPÍGRAFE.....	viii
RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
0. APRESENTAÇÃO.....	1
I. CORREÇÕES E HESITAÇÕES	5
1.1 Panorama Geral das hesitações e correções.....	5
1.2 Abordagens Conversacionais.....	7
1.2.1 As correções.....	9
1.2.2 As hesitações.....	11
1.2.3 Correlações entre hesitações e correções.....	13
1.3 Abordagem lingüístico-discursiva.....	17
1.3.1 A Doença de Parkinson.....	17
1.3.2 Aspectos lingüístico-discursivos na doença de Parkinson.....	23
1.4 Por uma nova abordagem das correções e hesitações.....	33
1.4.1 A psicanálise e a fala	36
1.4.2 O <i>corpolingüagem</i> e a fala.....	47
1.4.3 Lingüística e psicanálise: [a inibição d]o real da língua	53
III. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	62
3.1 Gravações e transcrições.....	62
3.2 Seleção dos dados.....	64
3.3 Categorização dos dados.....	65

IV. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	74
V. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	81
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
VIII. APÊNDICES (apresentação e análises lingüísticas dos resultados).....	105
Considerações sobre os apêndices.....	106
01 - 04 Descrição e classificação das marcas	108
05 - 08 Tabelas de seleção das correções.....	135
09 - 12 Tabelas de seleção das hesitações.....	144
IX. ANEXOS (transcrições das sessões de conversação).....	149
01 Sujeito CN – Primeira Gravação.....	150
02 Sujeito CN – Segunda Gravação.....	165
03 Sujeito CN – Primeira Gravação.....	176
04 Sujeito CN – Segunda Gravação.....	190

0. APRESENTAÇÃO

No trabalho que se segue, abordamos a linguagem através de dados que atualizam o lendário problema da relação entre a mente e o corpo, que, desde a filosofia grega até os atuais avanços da neuropsicologia-cognitiva, talvez como espelhamento do problema, foi alvo de especulações radicalmente diversas, desde a inatista supremacia da *psyche*¹ até a total determinação biológica dos ‘aspectos mentais’. Semelhantemente, tais dados convocaram dois saberes nem sempre confrontados: a lingüística e a neuropatologia. À posição teórica a partir da qual nos interrogávamos inicialmente sobre dados de fala, já configurada em pesquisas prévias e contemporâneas a essa – que nos sustentavam, entre outros aspectos, na persistência em afastarmo-nos da atual primazia do orgânico vigente na literatura neurológica ou mesmo lingüística² –, buscamos direcionar o “passo” de nossa contribuição na inclusão de um terceiro termo, a *psicanálise*. Tendo, portanto, como contexto “lingüística-neuropatologia-psicanálise”, cabe aqui anteciparmos alguns liames desenhados ao longo do texto a respeito de nossas posições frente a esse tripé.

Por supostamente irromperem na “linearidade material” da fala “sem função sintática”, os dados de nossa investigação, embora lingüísticos, tradicionalmente haviam sido marginalizados, na ciência da língua, a uma questão de *uso*; trata-se das marcas lingüísticas de **autocorreção** e **hesitação** que ocorrem durante a conversação. Como só a lingüística poderia “entrega[r] o material da análise”, para delimitar essas estruturas, firmamos nossa metodologia primeiramente na referência aos poucos trabalhos que, dentro da lingüística, se propuseram a examinar marcas como essas: os estudos relacionados à *análise da conversação* e, em especial, desenvolvidos no enfoque *textual-interativo*. Entretanto, embora consideremos sua estimável contribuição, na necessidade de respostas a como se dariam os processos subjacentes às marcas, não foi essa nossa opção teórica, “pois um campo só é dominado por sua operação” (Lacan, 2003 [1970], pág 407)³.

¹ “O espírito que pensa”, cuja formulação inicial se atribui a Sócrates. Isto que pode ser hoje entendido como *mente*, na filosofia grega, abrangia a atividade do “pensamento puro” (HAVELOCK 1996 [1965]).

² Referimo-nos aqui ao paradigma chomskyano que, postulando um paralelismo da linguagem à mente e da mente ao cérebro, põe em risco todo o campo lingüístico como dependente da biologia, como esclarece Lemos (1995a).

³ Mencionamos aqui a seguinte frase de Lacan, reproduzida na íntegra: “A lingüística fornece o material da análise, ou o aparelho com que nela se opera. Mas um campo só é dominado por sua operação. O inconsciente pode ser, como disse, a condição da lingüística. Essa, no entanto, não tem sobre ele a menor influência”.

Isso porque os trabalhos que deram as condições à possibilidade deste já haviam nos oferecido, há algum tempo, alternativas para entender os mecanismos envolvidos nas hesitações sem higienizá-las de nosso *corpus* (pois partindo de hipóteses em que se conceitualista um falante angelical, sem corpo, e a linguagem espelhando na pura forma da língua, sem substância, as hesitações só podiam ser *rechaçadas*) ou recorrer a suposições ‘intencionais’ ou ‘cognitivas’ para explicá-lo (pois partindo de hipóteses em que se supõe um falante utilizador da língua, as hesitações só podiam ser fadadas a sua suposta função ‘intencional de interação’, em operações como ‘acesso lexical’, entre outras). Na conjuntura teórica da qual partiam, envolvendo a *lingüística* de Saussure e Jakobson aliadas à *análise do discurso* de Pêcheux e à teoria das *heterogeneidades enunciativas* de Authier-Revuz, o recurso hesitativo podia, então, passar daquilo que supostamente seria “efeito do uso” ou “usado para efeito [interacional]” para marcas que indiciam um afastamento ou aproximação do falante em sua busca centrípeta para estabilizar-se como um ‘eu’ senhor de seu dizer. A situação ambígua que a deriva proporcionara ao sujeito, durante suas hesitações, já nos explicitava, portanto, que ele ia muito além de seu ‘eu’.

Nesse sentido, as análises lingüístico-discursivas que nos precederam procuraram considerar se tais processos hesitativos também se dariam em contextos nos quais a linguagem é tida como prejudicada por uma patologia. Elegendo a doença de Parkinson – afecção neurológica na qual tradicionalmente são descritos problemas motores, por pesquisas de cunho biomédico, assim como problemas cognitivos, por pesquisas mais recentes de natureza neuropsicológica; problemas esses que, por um lado *ou* por outro, ocasionariam as “dificuldades de fala” –, esses estudos mostraram que, no que tange à presença de hesitações na fala dos sujeitos parkinsonianos, os ditos ‘problemas cognitivos’ estariam tanto mais relacionados a dificuldades de organização lingüística, ligadas à contenção da deriva, quanto agiriam de modo *integrado* às questões motoras.

Como, partindo desses estudos, se podia vislumbrar a possibilidade de as autocorreções terem funcionamento semelhante ao das hesitações, propusemos um estudo sobre as *autocorreções* que ocorriam na fala de sujeitos com doença de Parkinson, buscando analisar (a) se elas também seriam marcas de um processo relacionado a deriva; (b) se elas manteriam relações com outros processos ligados à deriva, tal como as hesitações e, sobretudo; (c) quais seriam as relações desses processos com o próprio corpo daquele que

fala, ou seja, como se daria a *integração*. Nesse contexto a psicanálise nos pareceu ser campo promissor, tanto por possibilitar, em sua teoria sobre a linguagem, certa concepção das correções⁴, como por teorizar, a partir da experiência clínica, como as relações entre o corpo e a linguagem jazem no cerne da experiência da fala, da construção do ‘eu’ e mesmo da própria subjetivação. Além disso, ao atentarmos para essa possível abordagem sobre as correções, contrapô-las àquelas (autocorreções) caracterizadas pelos trabalhos de orientação textual-interativa sobre a conversação e, enfim, analisá-las a luz dos estudos lingüísticos, discursivos e psicanalíticos, também entrevimos questões que poderiam nos fazer retornar ao estatuto teórico dado às hesitações.

Dando continuidade às questões levantadas no interior das pesquisas lingüístico-discursivas, propomos aqui um estudo sobre os processos envolvidos nas marcas lingüísticas de correção, buscando verificar se haveria relações entre seu funcionamento na atividade conversacional de dois sujeitos com doença de Parkinson e a progressão da doença. Para tanto, procuramos observar se haveria alterações quantitativas e/ou qualitativas na ocorrência das correções que esses sujeitos apresentaram após um intervalo de tempo significativo entre duas sessões gravadas de conversação. Além disso, como se verá na nossa exposição e análise de dados, na comparação entre essas duas sessões, a ocorrência de *hesitações* e sua variação no mesmo intervalo de tempo também foi um aspecto que explicou melhor as alterações quantitativas das correções.

Dessa forma, organizamos nosso estudo em sete capítulos. No primeiro capítulo, **(I) Correções e hesitações**, trataremos das propostas teóricas que vem sendo adotadas a respeito dessas duas estruturas lingüísticas, assim como nossas hipóteses sobre elas. Esse capítulo será desdobrado em quatro seções:

- na seção **1.1** apontaremos como essas estruturas lingüísticas vem sendo abordadas na literatura internacional. Revisões de literatura realizadas em trabalhos como os de Zaniboni (2002) e Nascimento (2005) servirão de base para esses apontamentos.
- na seção **1.2** discorreremos sobre como as abordagens de base conversacional exploram a questão das marcas de correção (**1.2.1**), de hesitação (**1.2.2**) e das relações entre elas

⁴ Note-se aqui que a retirada do prefixo “auto” se deu justamente pela nossa opção teórica, que, como veremos, baseada em concepções psicanalíticas, tornou desnecessário tal prefixação.

(1.2.3). Os trabalhos dessa abordagem serão, como antecipamos, o principal eixo de nossa metodologia de seleção das marcas;

- na seção 1.3 abordaremos como os estudos lingüístico-discursivos têm encarado as hesitações, bem com suas especificidades em sujeitos com doença de Parkinson. Essa seção será subdividida em duas partes: primeiramente (1.3.1) levantaremos as principais características que vêm sendo observadas pela literatura (biomédica e neuropsicológica) a respeito da doença de Parkinson; logo após, (1.3.2) veremos como as pesquisas de base lingüístico-discursiva têm interpretado o ‘fenômeno hesitativo’, bem como exploraremos seus principais resultados no estudo desse ‘fenômeno’ com sujeitos parkinsonianos;
- na seção 1.4 proporemos, a partir dos estudos lingüísticos e psicanalíticos, uma nova abordagem das ditas ‘autocorreções’. Essa sessão será subdividida em três partes: na primeira parte (1.4.1) trataremos de conceitos que, no interior da teoria e prática psicanalítica, predominantemente possibilitarão entender suas relações com a fala; na segunda parte (1.4.2) trataremos das relações que o corpo mantém com o ato de fala, bem como proporemos nossa hipótese inicial a respeito da integração *corpolingüagem* na fala; na terceira parte (1.4.3) exporemos as relações epistemológicas que permitem que um trabalho como o nosso se inscreva na relação entre a lingüística e a psicanálise, bem como proporemos nossa hipótese central a respeito das correções e hesitações na doença de Parkinson.

No capítulo (II) **justificativas e objetivos**, apontaremos o que julgamos serem os principais escopos desse trabalho; no capítulo (III) **aspectos teórico-metodológicos**, descreveremos o *corpus* deste estudo (3.1), os procedimentos seleção de dados (3.2), e os procedimentos de categorização das correções e hesitações (3.3) e, por fim, a forma de análise dos resultados; no capítulo (IV) **exposição e análise de dados**; esboçaremos os principais resultados extraídos dos anexos, assim como uma síntese das suas principais tendências; no capítulo (V) **discussão dos resultados** analisaremos as correções e hesitações, bem como as tendências de nossos dados; no capítulo (VI) **considerações finais** exporemos o que acreditamos ser as principais contribuições de nosso estudo. Apontaremos também o que, devido ao escopo do trabalho, ficará para outra oportunidade de estudo; por fim, nos (VI) **apêndices** exporemos nossa apresentação e análises lingüísticas dos resultados que extraímos das transcrições, com as respectivas metodologias descritas em ‘considerações sobre os apêndices’.

I. CORREÇÕES E HESITAÇÕES

Pretendemos aqui proporcionar uma visão geral do modo pelo qual são abordadas marcas como autocorreção e hesitação na literatura. Portanto, na seção que se segue (1.1), descreveremos sucintamente as discussões em torno dessas marcas lingüísticas, valendo-nos principalmente das revisões feitas em trabalhos sobre as hesitações, como os de Zaniboni (2002), Nascimento (2005), além de outros trabalhos que acrescentaremos, dado nosso objetivo de compreender as correções.

1.1 Panorama geral das hesitações e correções

Estruturas lingüísticas como as autocorreções e hesitações que ocorrem durante a fala têm sido estudadas por uma literatura heterogênea, uma variedade de abordagens nas quais essas estruturas nem sempre são relacionadas. De acordo com Nascimento (2005) – autora que, diferentemente da maioria dos estudos a que tivemos acesso, menciona⁵ a possibilidade de haver relações entre a constituição das autocorreções e a das hesitações – a maioria dos trabalhos sobre essas marcas não postula ou sequer refere que elas poderiam fazer parte de um processo semelhante.

Contudo, embora os estudos se distanciem pelo tratamento específico de uma ou outra dessas estruturas, parece haver, na maioria deles, um consenso quanto à afirmação de que ambos são ‘fenômenos lingüísticos’ que fazem parte de uma suposta “descontinuidade própria da fala” ou de que, em suas variadas formas, seriam marcas lingüísticas com a característica de “descontinuadores do fluxo de fala”.

Nascimento (2005), revisando a literatura sobre as hesitações, destaca que os estudos realizados nas décadas de 50 e 60 postulavam uma ligação entre a ocorrência de hesitações e questões de codificação lingüística. Dentre eles, temos Goldman-Eisler (1958) que, ao analisar a relação entre a produção e a previsibilidade de palavras no contexto frasal, propôs a seguinte tarefa: dado o contexto, os sujeitos deveriam adivinhar a palavra subsequente em uma sentença. Discutindo os resultados de seus dados, a autora afirma que hesitações (que,

⁵ Conferir página 34.

para essa autora, seriam as pausas silenciosas, preenchidas ou mistas) antecipam o aumento do grau de informatividade e envolvem atos de escolha. Nesse sentido, a fala envolveria uma série de eventos estruturados em seqüências de palavras, cujo contexto limitaria as escolhas do falante:

“Cada símbolo sucessivo é escolhido de acordo com a chamada probabilidade de transição, que depende, em qualquer estágio, de escolhas precedentes assim como dos símbolos particulares em si mesmos. [...] Em estágios do processo em que a probabilidade de escolha é menos dependente das escolhas prévias, diz-se que o falante tem mais liberdade de escolha. É razoável esperar que pausas hesitativas na fala ocorram nesses estágios”⁶.

Nesse estudo, a autora destaca que essas pausas estão relacionadas tanto a “probabilidade de transição das palavras” (op. cit., pág. 99) quanto a estados subjetivos do falante. Goldman-Eisler (1958) também postula que haveria, durante os atos de fala, um planejamento antecipatório, e as hesitações, sendo sintomas de excesso de informação, indicariam esse processo. Assim, as pausas estariam relacionadas a quanto os enunciados são organizados para os sujeitos de forma que estejam mais automatizados ou, pelo contrário, sejam organizados no momento, de modo que as hesitações refletiriam aspectos envolvidos na memória e na codificação lingüística. Por outro lado, Tannenbaum, Williams e Hillier (1965) observaram que, ao contrário das pausas, os falsos começos e as repetições ocorreriam não precedendo uma escolha a ser realizada, mas sim como um retorno para *corrigir* uma escolha já materializada lingüisticamente.

Nascimento (2005) também destaca uma variação diacrônica nas abordagens: os estudos que se seguiram (a partir da década de 70), começaram a postular vínculos entre (a) hesitações e o planejamento cognitivo da fala e (b) entre hesitações e aspectos subjetivos, além de se iniciarem, segundo a autora, “estudos com crianças em aquisição de linguagem, com afásicos, com sujeitos em aquisição de segunda língua e com crianças com os ditos distúrbios articulatorios ou fonológicos” (op. cit., p. 14).

⁶ Essa tradução, feita por Nascimento (2005, pág. 16) corresponde ao seguinte texto original: “Each successive symbol is chosen according to the so-called transition probabilities which depend, at any stage, on preceding choices as well as on the particular symbols themselves. [...] At such stages in the process where the probability of choice is less dependent on the previous choices, the speaker is said to have greater freedom of choice. It is reasonable to expect to hesitation pauses in speech to occur at these stages” (GOLDMAN-EISLER, 1958, p. 97).

Tal qual Nascimento, podemos destacar, na década posterior, o estudo de Nooteboom (1980), segundo o qual mecanismos mentais que controlariam a produção da fala espontânea poderiam explicar, “o crescente interesse exibido por foneticistas, lingüistas e psicólogos por lapsos da língua, deles mesmos e de outros, que são na realidade lapsos da mente, que denunciam aspectos do controle mental da fala” (op. cit., pág 87). Centrando-se em *correções*⁷ na “fala espontânea”, esse autor observou que a correção do que chama de “lapsos” não seria determinada apenas pelo momento de detecção do erro, mas por uma *inibição* em descontinuar a produção de uma palavra.

Além da relação com a mente, os estudos sobre correções a partir desse período também envolveram sujeitos com patologias. Analisando a fala de sujeitos afásicos, Marshall e Tompkins (1982) notaram que os sujeitos mais acometidos pela afasia tiveram menor número de correções. Como, para os autores, as correções seriam estratégias de um planejamento consciente da fala no qual se ponderaria as respostas tidas como errôneas, eles entenderam a presença de correções como um fator positivo no prognóstico das afasias.

Como vimos, a literatura internacional sobre essas estruturas lingüísticas privilegia apenas análises das funções cognitivas estabelecidas no uso das correções e hesitações, e, de modo geral, não propõem aproximações nas explicações sobre seu funcionamento. Já no Brasil, atualmente, essas estruturas lingüísticas também têm sido alvo de importantes estudos, principalmente por duas abordagens que, apesar de distintas, passam a privilegiar também, cada qual a seu modo, aspectos interacionais e discursivos nelas envolvidos. Vejamos sucintamente cada uma delas.

1.2 Abordagens Conversacionais

O conjunto de abordagens que aqui remeteremos ao enfoque conversacional envolve, por um lado, os estudos da “análise da conversação” (MARCUSCHI, 1986; PRETI, 1991) bem como seus desdobramentos na “análise de textos orais” (HILGERT, 1993; BARROS, 1993; FÁVERO 1999), ambos vinculados ao projeto *NURC* (PRETI, 1988); por outro lado, envolve também estudos sobre a “organização textual-interativa”

⁷ Segundo o autor as correções seriam “erros” de seleção de palavras e morfemas, transposições, antecipações e perseverações de palavras, morfemas, fonemas e grupos de fonemas.

(KOCH, 1990, MARCUSCHI, 1999 e FÁVERO, ANDRADE e AQUINO 1996), vinculados ao projeto *Gramática do Português Falado*. De acordo com Fávero (1999), esses estudos, além de terem suas bases na análise da conversação, também se assentam na lingüística textual e na pragmática.

Tais pesquisas trouxeram, para o estudo da língua falada, um grande passo teórico ao encarar marcas lingüísticas como as correções e hesitações não mais como um mero efeito do “uso”, já que supostamente elas não fariam parte do “sistema formal” da língua – motivo pelo qual pesquisas de cunho lingüístico-formalista mantiveram-nas excluídas de seus estudos através do procedimento de higienização dos *corpora* [que Lemos (1995b) critica]. Para Marcuschi (2006), os estudos formais da língua são redutores quando idealizam os materiais analisados “eliminando, por uma suposta irrelevância, aspectos tipicamente discursivos tais como a hesitação, os marcadores e as correções” (op. cit., pág. 48). Partindo do pressuposto de que analisar a língua é também analisar os seus *usos*, os autores dessa linha de abordagem adotam a posição de que, ao invés de uma disfunção do falante, as hesitações e correções seriam atividades textual-discursivas que atuam no plano da formulação do texto oral (MARCUSCHI, 1999).

Além disso, para o estudo de ‘fenômenos lingüísticos’, esses trabalhos não recorrem a opções metodológicas como o emprego de estratégias de leitura ou repetições de sentenças, metodologia (ainda) encontrada, por exemplo, na literatura internacional sobre as hesitações⁸. Nesse sentido, Koch *et al* (1990) assinalam que haveria um caráter não-planejável na conversação espontânea – tipo de discurso que, ao contrário da escrita, seria, para os autores, “administrado passo a passo” – que torna difícil para o falante prever a forma e a direção de “o que será dito” e “quem irá dizer” irão tomar.

Para os autores, o fato de a elaboração se dar no próprio desenrolar da conversação confere à oralidade “uma característica de fragmentaridade decorrente da quase simultaneidade entre a manifestação verbal e a construção do discurso” (op. cit., pág. 148) e, por esse motivo, Koch *et al* apontam que, diferente da língua escrita, “que geralmente esconde, mostrando apenas o resultado lapidado” (op. cit., pág. 148), a língua falada possui forte tendência a explicitar os processos de sua própria criação.

⁸ Segundo Oliveira & Chacon (1999)

Salientando essa tendência, para Barros (1993), a presença de correções e hesitações na fala e a quase ausência na escrita pode ser explicada pelo modo como a fala se inscreve no tempo: enquanto na escrita primeiro se elabora e depois se produz, e, portanto, é possível se reelaborar sem deixar marcas – pois “revê-se o que escreveu, volta-se atrás, apagam-se os erros, escondem-se as hesitações, evitam-se as repetições” (op. cit., pág. 136) –, na fala a elaboração e a produção coincidem no eixo temporal, e, por conseguinte, as reelaborações que se fazem necessárias deixam essas marcas na fala.

1.2.1 As correções

*“(...) se não há outro mundo
(Por que não viver?)
não viver outro mundo
E pra ter outro mundo,
é preci/necessário vir ver,
viver contanto em qualquer coisa (...)”
(Galvão - Pepeu Gomes - Moraes Moreira)*

Koch *et al* (1990) situam a *correção* entre os processos de formulação do texto oral chamados de “reconstrução por reparo”, que ocorrem quando o falante “trunca seu enunciado e o retoca, com o objetivo de substituir uma primeira formulação por outra [...] essa substituição implica a exclusão de uma escolha anterior” (op. cit., pág 163). Para tanto, o falante poderia, de acordo com os autores, substituir uma escolha lexical por outra, provocar uma remodelação de uma unidade oracional com o objetivo de atenuar uma informação dada ou também atrasar momentaneamente a fluência do discurso para precisar melhor uma informação a ser transmitida, substituindo uma expressão de referência inespecífica por outra que restrinja e especifique mais claramente o âmbito de significação a que deseja aplicar sua expressão.

Barros (1993), por outro lado, explica que a correção é uma das características da conversação, constituindo-se num procedimento de reelaboração do discurso que visa consertar ‘erros’, ou seja, escolhas (lexicais, sintáticas, prosódicas, de organização textual ou conversacional) que o falante ou seu interlocutor consideram como inadequadas. Não se trata, portanto, de pensar na correção de erros gramaticais, mas de “considerar o

conhecimento das estratégias de correção como parte da competência do falante para produzir textos” (op. cit., pág. 139).

Corrigir é, portanto, nessa perceptiva, produzir um enunciado (enunciado reformulador) que reformula um anterior (enunciado fonte), considerado errado por um dos interlocutores. A função da correção é entendida como sendo *de caráter intencional*, no que diz respeito à busca de intercompreensão, cooperação e busca de envolvimento entre os interlocutores (FÁVERO, 1999, pág. 71).

Considerando o caráter interlocucional, as correções podem ser classificadas como autocorreções (quando o locutor corrige seu próprio enunciado) ou heterocorreções (quando o interlocutor corrige o enunciado fonte). Entretanto, conforme Marcuschi (1986), a frequência de heterocorreções parece ser bem menor que a de autocorreções na análise de textos orais dialogados. Barros (1993) explica essa prevalência pelo fato de que o falante procura corrigir-se rapidamente na conversação para evitar as conseqüências do ‘erro’. As autocorreções podem acontecer no mesmo turno conversacional em que foi cometido o ‘erro’ ou em outros turnos, mas as autocorreções no mesmo turno e, em geral, na mesma frase, são, de acordo Barros, mais comuns, já que, como quer Jéferson (*apud* Barros 1993, pág. 145), a pressa para corrigir-se é garantia de correção “em tempo”.

Além disso, Barros (1993) chama atenção para a necessidade de distinção entre a correção e a paráfrase. Para ela, embora nem sempre seja fácil ou possível distinguir os dois “atos de reformulação textual”, sua diferença está na relação semântica que existe entre o enunciado a ser reformulado e o enunciado reformulador: no caso da paráfrase há uma relação de equivalência (embora, por vezes, a equivalência seja parcial), enquanto que na correção a relação é de *contraste*.

De modo geral a correção é entendida, nessa linha de abordagem, como um procedimento de reelaboração com finalidade de tornar o discurso mais “correto” para levar o interlocutor a reconhecer a *intenção* do falante e garantir a intercompreensão na conversação (KOCH *ET AL*, 1990; BARROS, 1993; FÁVERO, 1999).

1.2.2 As hesitações

“(...) e eu busquei a p//alavra mais certa
Vê se entende o meu grito de alerta (...)”
(Gonzaguinha)

Para Marcuschi (1999), um dos autores mais representativos no estudo dessas estruturas, as hesitações se constituem em rupturas na linearidade material da fala que revelam estratégias adotadas por falantes para resolver “problemas de processamento ‘on line’ de formas e de conteúdos” (op. cit., pág. 163). Sendo indissociáveis da fala, elas exercem funções importantes na realização e na manutenção da atividade conversacional. Para o autor, as hesitações atuam no plano da formulação textual e não se encontram aleatoriamente distribuídas, mas obedecem a alguns princípios de distribuição, além de servirem como indicação de organização sintagmática da língua.

Marcuschi explica que as hesitações incidem sobre fenômenos prosódicos, expressões hesitativas, itens funcionais, itens lexicais, marcadores conversacionais acumulados e fragmentos lexicais. Assim, elas podem ser classificadas em: *pausas não preenchidas*; *pausas preenchidas*; *gaguejamentos*; *repetições hesitativas*; e *falsos inícios*.

Embora não desempenhem papel sintático (pois, excluindo-as, não há problemas gramaticais), de acordo com Marcuschi (1999), as formas e posições das hesitações demonstram que elas interferem no discurso (refletindo condicionamentos pragmáticos) e nas atividades cognitivas (refletindo-se no processamento da compreensão). Além disso, elas são caracterizadas como marcas lingüísticas que colaboram para a organização da conversação e que evidenciam o processo de formulação conversacional.

De forma geral, na concepção de Marcuschi, as marcas de hesitações são vistas como índices de problemas de formulação ao invés de propriamente uma atividade formulativa, já que, ao invés de propor alternativas de formulação textual-discursiva, elas sugerem os sintomas de um processamento em curso. Desse modo, as hesitações exercem dois **papéis formais**: (1) *indicação* de orientação/reorientação de seleções sintagmáticas e de (2) atividade de busca/confirmação de seleções lexicais; entre os **papéis cognitivos** estão a *sinalização* de: (1) saturação de tópico, (2) atividade de compreensão (3) organização tópica (4) atividade de planejamento e; entre os **papéis interacionais** estão a *sinalização*

de: (1) manutenção do turno, (2) finalização do turno (3) atenuação de informações ou mesmo (4) segurança e tranqüilidade (MARCUSCHI, 1999).

Contudo, ao contrário de Marcuschi, autores da mesma linha de abordagem, tais como Barros (1999), vêem as hesitações não como marcas, mas como deladoras de processos como os de formulação do texto conversacional. As hesitações seriam, portanto, aquilo que asseguraria ao falante o tempo e o meio lingüístico necessários à formulação e à reformulação da fala., explicitando o esforço do falante em formular sua fala, bem como os problemas que ocorrem nesse processamento verbal e cognitivo.

Entretanto, para Marcuschi (1999), quando se parte da análise conversacional das hesitações pode-se questionar o princípio da iconicidade das formas, pois, como “o falante hesita porque está decidindo o quê ou como falar, mas não porque está querendo dizer algo com a hesitação” (op. cit. pág. 183), a análise da hesitação é uma oportunidade para refletir sobre as relações entre forma e função.

Ao final de seu artigo, Marcuschi (1999) deixa em aberto algumas questões sobre o que chama de ‘fenômeno hesitativo’. Primeiramente o autor se pergunta se a hesitação seria uma propriedade da língua ou do falante. Para que se possa responder essa questão, ele aponta que seria necessário partir da distinção entre idiosincrasia e os fatos lingüísticos.

A segunda questão é a de como tratar o problema da intenção na relação com a hesitação. A esse respeito o autor se pergunta:

“Qual será o grau de consciência do falante quando age com a linguagem? Será que se pode falar em **intenção**? Tudo indica que não, pois isso conduziria a uma intencionalidade permanente, o que, ao meu ver, é um caso insolúvel e, sobretudo incontrolável” (op. cit., pág. 190)

Mesmo sem responder a essa questão, o autor esboça em sua pergunta uma possível discrepância com outros da mesma linha de abordagem, que vêem fenômenos chamados descontinuadores do fluxo informacional (hesitações, correções, paráfrases...) como frutos de um planejamento *intencional* do locutor com fins específicos de comunicação.

Por fim, associada à questão da intencionalidade, o autor se pergunta se o monitoramento da língua se daria a todo o momento da fala. Segundo Marcuschi (1999), a resposta a essa questão colocaria o problema da consciência no uso da linguagem sob nova roupagem. Entretanto o autor salienta que “não temos resposta a esta questão e a psicolingüística parece não estar voltada a ela” (op. cit., pág. 190).

1.2.3 Correlações entre hesitações e correções

Como vimos, no modelo conversacional a linguagem é entendida como manifestação de uma *competência comunicativa*. Para Fávero (1999), essa competência é definida como “capacidade de manter a interação social mediante a produção e entendimento de textos que funcionem comunicativamente”. Contudo, como durante a produção dos enunciados o locutor realiza uma atividade *intencional* na qual planejamento e realização são simultâneos, a consequência dessa simultaneidade no “controle do fluxo informacional” envolveria, de acordo com Fávero, um esforço manifestado por marcas do locutor no ato de fala, que funcionariam como pistas que o locutor deixa no texto para que seu interlocutor possa compreendê-lo.

Portanto, as “atividades de formulação” do texto oral podem, segundo a autora, ser divididas considerando-se a presença ou ausência do que chama de “evidências de ‘problemas’ de processamento e linearização”. Essas evidências constituem o grupo no qual Fávero inclui as hesitações, correções, refrasagens⁹ e paráfrases.

Conforme concordam Hilgert (1993), Barros (1993), Marcuschi (1999) e Fávero (1999), esse grupo pode ainda ser subdividido pela *forma* de “captação” do “problema”: no caso das **hesitações** “o problema é captado durante a sua formulação/linearização, isto é, *on line*, caracterizando-se por seu aspecto prospectivo, já que tem como escopo algo que vem depois”. Portanto elas se constituem em uma “interrupção no fluxo informacional devido a uma má seleção futura de um ou mais termos do enunciado”; já no caso das **correções** “o ‘problema’ é captado após sua formulação, isto é, ele é textualmente manifestado e dá-se, então, uma reformulação [...] essas reformulações apresentam um aspecto retrospectivo, tendo como escopo um elemento anterior”. Elas envolvem, portanto, uma “correção em que uma má seleção já se efetivou” (FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 1999, p. 142-143).

Mesmo com tal divisão, as hesitações e correções não são totalmente dicotomizadas quando se passa às análises de dados. De acordo com Hilgert (1993), muitas das chamadas atividades de reformulação como as correções registram, entre o “enunciado fonte” e o “enunciado reformulador”, os chamados “marcadores de reformulação”, entre os quais, segundo o autor, encontram-se hesitações. Esses

⁹ De acordo com Fávero (1999) seriam repetições de uma estrutura léxico-gramatical.

marcadores anunciam uma reformulação a ocorrer por meio de uma “expressão verbal, de um paralelismo sintático ou de alguma manifestação suprasegmental ou paralingüística como a pausa, a hesitação, a mudança de ritmo na articulação [...] e a diminuição da altura ou do volume de voz” (op. cit. pág. 113). Nessa mesma direção, Barros (1993) explica que pausas, prolongamentos de vogais, interrupções lexicais e repetições – que, como vimos, são marcas consideradas como hesitação por Marcuschi (1999) – também podem aparecer como marcadores de reformulação na correção.

Marcuschi (1999) esclarece também que, em alguns casos de incidência de hesitação em fragmentos morfológicos (tais como “prefiro ficar assi/ aqui assistindo televisão”), não se deve confundi-la com correção, já que a correção só pode ser de algo que já veio. Portanto, nesses casos, a hesitação opera como prenúncio a uma correção, pois “toda a correção que visa a reformular um item devido a uma má seleção futura ou prospectiva é um caso de hesitação” (op. cit., pág 167).

Outro tipo de estudo no qual as hesitações e correções são tematizadas é o de Souza e Silva & Crescitelli (1998). Estudando o fenômeno da interrupção no contexto conversacional, entendendo-o como um corte de natureza sintática ou lexical, tendo ou não retomado o enunciado que foi deixado em suspenso, conforme as autoras, as interrupções podem co-ocorrer com “fenômenos de construção do texto falado” (op. cit.), entre os quais elas situam as correções e as hesitações, além de paráfrases e parênteses e repetições.

Quanto às interrupções com retomada (que representaram 90% das interrupções analisadas pelas autoras), além de todos os casos, exceto um, apresentarem esses fenômenos co-ocorrendo com interrupções, as autoras salientam que, dentre eles, a correção foi a que mais ocorreu, tendo uma porcentagem de 37,4%, seguida das hesitações, com 28,7%, enquanto que fenômenos como a paráfrase ocorreram apenas 5,2%. Entretanto, nas interrupções em que o corte não foi retomado, embora apenas 46,2% delas co-ocorressem com os fenômenos citados, em 23% desse total houve presença de hesitações, enquanto que, por outro lado, não houve nenhuma ocorrência de correção, de modo que, nas interrupções sem retomada, os dados dessa pesquisa levantaram a seguinte hierarquia de co-ocorrência: hesitação¹⁰ > parênteses > paráfrase > repetição/correção¹¹.

¹⁰ Com 23,2% do total.

¹¹ Com 0% do total (ou seja, nenhuma ocorrência).

Como explicação para esses dados, as autoras consideram que a maior ocorrência da correção entre as interrupções com retomada possa ser justificada pelo fato de que elas possibilitariam o “ajustamento de trajetória”, já que, para Souza e Silva & Crescitelli, “associar, na seqüência do discurso, os enunciados e suas correções contribui para construir uma imagem dos locutores como pessoas ‘cultas’, que dominam a norma lingüística de prestígio” (op. cit.). Além disso, as autoras explicam que “nos casos de correção, parênteses, repetição e paráfrase, parece que a ocorrência de interrupção se dá “*com uma finalidade (interromper para quê?)*” enquanto que, nos casos de hesitação, se dá “*por uma razão (interromper em decorrência de quê?)*”. Já nos casos em que a interrupção se dá sem retomada, para as autoras a maior incidência de hesitação pode ser explicada (a) pela inter-relação entre esse fenômeno e uma de suas manifestações habituais, o corte lexical, e/ou (b) pela relação entre interrupção e hesitação, na qual a hesitação sempre implica uma interrupção, embora a recíproca não seja verdadeira.

Entretanto, os trabalhos inscritos nessa abordagem, pela própria finalidade que os pré-determina¹², em geral, não têm se interessado por análises lingüísticas de sujeitos com patologias. Uma única aproximação que pode ser feita nessa direção pode ser encontrada no estudo de Preti (1991), já que, na literatura a que tivemos acesso, apenas este estudo (entre os ‘de base conversacional’) teve uma preocupação com o as “descontinuidades da fala” em sujeitos considerados como psicofisicamente debilitados, no caso, idosos.

Nesse estudo, o autor salienta que a “quase simultaneidade entre a manifestação verbal e a construção do discurso” contrastam com a lentidão psicofísica do idoso. Por esse motivo há um excesso de pausas e as “freqüentes indecisões, gaguejamentos, adendos, correções, retomadas e repetições [...] transmitem a insegurança que parece ser a marca mais característica da fala dos ‘idosos velhos’”. As diferenças entre a linguagem dos falantes mais jovens e esses sujeitos residiria, portanto, mais na **intensificação** das características comuns a ambos do que em traços específicos, como ocorre com as repetições, com os anacolutos, com as parentéticas e “sobretudo com as pausas, as hesitações e autocorreções” (op. cit., pág. 49). Para Preti (1991), a intensificação desses elementos de linguagem se deve tanto a fatores naturais e psicofísicos, como a outros de natureza social, como a estigmatização dos idosos na sociedade contemporânea.

¹² De modo geral, envolvendo a descrição da gramática do português falado culto no Brasil.

Quanto à intensificação das correções na fala dos idosos, para o autor, as “autocorreções constantes” indicam a “insegurança da linguagem”, embora não se possa negar que os segmentos constituem também numa forma de “assegurar o turno, de prosseguir com a palavra colaborando, portanto, para a seqüenciação de intenção claramente colaborativa entre os falantes” (op. cit. pág. 45).

Quanto à intensificação das hesitações, Preti esclarece que as maiores dificuldades de linguagem dos idosos aparecem nas rupturas na fluência. Entre essas rupturas, o autor salienta que as elipses e anacolutos que ocorrem na fala desses sujeitos refletem a lentidão em “processar informação” (op. cit pág. 38). Assim, conforme o autor, os lapsos de memória que atingem o “vocabulário ativo”, que decresce com a idade, agravam os “problemas” de fluência, manifestando-se, por exemplo, nos truncamentos, nas hesitações, nos alongamentos e nas pausas freqüentes. Conseqüentemente, de acordo com o autor, os fenômenos ruptores da fala dos idosos seriam, ao mesmo tempo, provocados pelas “falhas de memória e pela incerteza do que dizer e de como dizer”.

Relacionando dificuldades como essas a certas variações no “uso” de algumas estruturas lingüísticas, o autor observa que “o idoso utiliza com maior freqüência a repetição do que a paráfrase, especialmente os idosos de idade avançada” (op. cit. p. 47). Portanto, contrapondo o estudo de Preti (1991) ao de Fávero, Andrade e Aquino (1999), poderíamos entender que os idosos tendem mais a usar, como procedimento de formulação, uma marca (tida como) prospectiva – no caso, repetições –, do que uma marca (tida como) retrospectiva – no caso, paráfrases. Vê-se, pois, nesses estudos, uma preliminar reflexão sobre como uma variação progressiva de marcas, tais como de repetição (um modo de hesitação) e paráfrase (um modo de reformulação), poderiam ser relacionadas aos efeitos da perda de capacidades psicofísicas.

Nesse contexto perguntamo-nos se essa tendência à prospecção poderia também ser estendida ao modo como doenças que debilitam psicofisicamente os sujeitos em relação à linguagem, tais como aquelas que ocorrem na doença de Parkinson, marcam uma nova condição de falantes, através de variações progressivas no uso de estruturas lingüísticas como as correções e hesitações.

1.3 Abordagem lingüístico-discursiva

Levando em conta contribuições da abordagem conversacional sem, contudo, se confundir com elas, outra abordagem sobre os processos envolvidos em marcas lingüísticas como hesitações tem sido desenvolvida pelos trabalhos relacionados ao projeto “*Mecanismos hesitativos na atividade conversacional de sujeitos com doença de Parkinson*” (doravante “projeto MHDP”)¹³; esses estudos concentram-se especificamente nas hesitações – sobretudo nas pausas – que ocorrem na fala de sujeitos com doença de Parkinson.

Antes de caracterizarmos o quadro teórico e os trabalhos desse grupo, façamos algumas considerações sobre as tradicionais produções de saber sobre as dificuldades de linguagem desses sujeitos.

1.3.1 A doença de Parkinson

A Doença de Parkinson (doravante “DP”) é uma das principais afecções neurológicas presentes em idosos (BARBOSA, 1987), geralmente ocorrendo na sexta ou sétima década de vida, conforme Andrade (*apud* WITT, 2003). Embora sua etiologia seja desconhecida (CAHN *et al*, 1998), a DP é descrita predominantemente por uma literatura de base biomédica como decorrente de alterações neurológicas progressivas no nível do sistema extrapiramidal e núcleos da base (MACHADO, 1993). Entre essas alterações encontram-se uma degeneração dos neurônios dopaminérgicos na substância negra, resultando numa deficiência de “dopamina”, neurotransmissor que cumpre um importante papel neuronal, entre outros, na regulação dos movimentos (NIEOULLON, 2002).

Como conseqüência, de acordo com essa literatura, verificam-se nos sujeitos parkinsonianos **alterações motoras** que prejudicam a iniciação e o controle de movimentos (PITCAIRN, et. al. 1990); é o caso de *tremores constantes* (tremor de repouso que se acentua durante a marcha, no esforço mental ou em situações de tensão emocional, e se atenua durante

¹³ Projeto Integrado vinculado ao *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*, à FAPESP, e ao grupo de pesquisa “*Estudos sobre a linguagem*” (certificado pelo CNPq), ambos coordenados pelo professor Lourenço Chacon (UNESP), dos quais participamos desde sua fundação, respectivamente em 2004 e em 2002.

movimentos intencionais; em geral, um dos primeiros sintomas notados pelos pacientes), *transtornos na postura e alterações no equilíbrio* (geralmente os indivíduos com DP ficam ‘parados com os ombros inclinados, com braços e joelhos flexionados; facilmente deslocados pra trás devido à ‘retropulsão’, uma marcha involuntária fruto de um problema de reflexos posturais) *dificuldades na marcha* (dificuldade de iniciação da marcha associada a passos curtos, às vezes arrastando os pés, sem movimentação dos braços, e a um caminhar hesitante), e na *dinâmica da deglutição* (disfagia caracterizada por alterações nas fases oral, faríngea e esofágica, relacionadas a falta de mobilidade voluntária e peristaltismo), *rigidez* (com ‘hipertonía elástica’, caracterizada por uma resistência à movimentação passiva uniformemente evidente através de todos movimentos articulatórios, independentemente da taxa de mobilidade) entre outras dificuldades nesse nível (GROSSMAN, 1999; OLIVEIRA, 2003)

Nesse mesmo enfoque, os sinais e sintomas da doença de Parkinson levam ao que se denomina ‘problemas de linguagem’, de acordo com Uziel *et al* (1975). Contudo, como as preocupações desses estudos estão centradas nas alterações orgânicas que, segundo os autores, levariam às dificuldades de fala, os problemas de linguagem *tradicionalmente* considerados nessa literatura dizem respeito apenas à produção motora, entendendo que o impacto que a DP traria para a linguagem se daria justamente na execução dos programas motores simultâneos ou em seqüência exigidos nas atividades de fala (SCHULZ & GRANT, 2000).

Trata-se de comprometimentos na fonação, na articulação e na prosódia que constituem, em conjunto, o que se denomina *disartria hipocinética* ou *disartrofonía*, cujas conseqüências para a voz são: restrições na modulação da freqüência e intensidade, redução de intensidade vocal, qualidade vocal rouca, áspera ou soprosa e perda de capacidade de inflexão da voz; já as conseqüências para a articulação são: imprecisão articulatória, principalmente na emissão de consoantes pela redução dos movimentos dos lábios e da língua em seus diversos pontos e modos de articulação e, por fim; as conseqüências para a prosódia são: alteração de velocidade, pausas inadequadas e hipernasalização (LIMONGI & DIAS 2003; de ANGELIS *apud* OLIVEIRA 2003)

Apesar de apenas os sintomas motores terem sido relatados na tradição dessa literatura – principalmente por causa da descrição inicial feita por Parkinson (1817), na qual havia a afirmação de que o intelecto permanece inalterado na DP –, além das dificuldades motoras, *atualmente*, autores como Critchley (1981), Barbosa *et al* (1987), Darkins,

Fromkin & Benson (1998) e Limongi (2000) destacam também **alterações de aspectos cognitivos** como resultado da doença.

Quanto às características de alterações entendidas como cognitivas e relacionadas à doença de Parkinson, Owen *et al* (1992) e Brück *et al* (2004) mencionam atenção, planejamento e memória de trabalho, mesmo em pacientes no estágio inicial da doença. Já Growdon, Corkin e Rosen (1990), Starkstein *et al* (1990), Pang *et al* (1990) e Hayashi *et al* (1993) levantam o que chamam de memória, habilidades viso-espaciais e o raciocínio abstrato como características cognitivas problemáticas nesta doença.

Fato a ser destacado é que, em trabalhos como os de Mayeux *et al* (1981), Growdon Corkin e Rosen (1990), Pang *et al* (1990), Owen *et al* (1992) e Hayashi *et al* (1993), são tematizadas relações entre problemas atribuídos ao que os autores entendem como cognição e desordens motoras na doença de Parkinson. Para Owen *et al* (1992), por exemplo, problemas cognitivos como os de orientação, recordação (recall) e cópia se deterioram paralelamente à perda de habilidades motoras nesta doença.

Contudo, trabalhos como os de Goodin & Aminoff (1987), Mohr *et al* (1990) e Cooper *et al* (1994) supõem a ausência desta correlação. Essa discrepância de resultados na literatura pode ser atribuída, segundo Hayashi *et al* (1993), a diferentes administrações de medicamentos ou, segundo Gurd (2000), a variações de condições da dificuldade motora ligadas ao tempo de avaliação cognitiva.

Ainda outros trabalhos postulam relações entre cognição e linguagem¹⁴; no entanto, levam em consideração apenas aspectos do que entendem ser a “fluência verbal”. Como exemplos desses trabalhos, destacamos:

- aqueles que vão no sentido de uma análise da fluência mediante tarefas cognitivas, como se observa em Talland (1962), Riklan, Zahn e Diller (1962), Garron, Klawans e Narin (1972) e Wilson *et al* (1980); e
- aqueles que, de acordo com Gurd (2000), consideram a fluência verbal como sendo problemática nos casos de doença de Parkinson, como os que partiram de uma investigação da *psicologia cognitiva* sobre as estruturas das categorias semânticas, os que partiram da *neuropsicologia cognitiva* estudando as buscas de palavras (*word-finding*) e os que

¹⁴ Nesses trabalhos, prevalece a questão semântica da linguagem. Portanto, em nenhum deles encontramos referências ou mesmo menções a questões, por exemplo, como as de ordem fonológica.

partiram da *neurologia comportamental*, estudando a continuidade da fala como uma performance associada aos *loops* ganglio-thalamo-corticais¹⁵.

Além dessas disfunções, também são relatadas como sintomas não motores na DP depressão, ansiedade, fadiga e desordens do sono (SHULMAN, 2002). A depressão, segundo Silberman *et al* (2004), ocorre aproximadamente em 40% dos sujeitos com DP e, embora o aumento do comprometimento motor contribua, conforme esses autores, para a recorrência de depressão, ela antecede os sintomas motores em cerca de 25% dos parkinsonianos. Além disso, Silberman *et al* apontam para a relação, ainda não consensual na literatura sobre a doença, do impacto da depressão na cognição de parkinsonianos. De acordo com esses autores, as afirmações da literatura são divergentes, indo desde a afirmação de que a depressão influencia na quantidade (e não na qualidade) dos déficits cognitivos até a negação dessa relação.

Quanto às possíveis causas da depressão na DP, Silberman *et al* indicam que duas respostas são cogitadas na literatura: uma psicológica¹⁶ – em consequência das questões relacionadas a condições limitantes e até mesmo incapacitantes da doença – e outra por disfunção cerebral – com explicações com base na baixa atividade serotoninérgica no cérebro de pacientes com DP. No entanto, os autores chegam a conclusão que, de acordo com a literatura (divergente), pode-se afirmar apenas que a relação entre a depressão e a DP é complexa, ou seja, que a depressão é um fator de risco para a DP assim como a DP é um fator de risco para a depressão.

Entretanto, dentre as alterações cognitivas, a demência é a mais grave, configurando-se num quadro de progressiva lentificação do processo cognitivo, apatia, comprometimento da memória e das funções executivas frontais (BAYLES *et al*, 1996) podendo, conforme Barbosa, Melo e Caramelli (2007), aumentar o risco de morte. Com efeito, de acordo com Aarsland *et al* (2001), sujeitos com DP têm seis vezes mais chances de desenvolver demência do que a população de mesma idade.

Como fatores de risco para a demência na DP, Barbosa, Melo e Caramelli (2007) destacam a instabilidade postural, o desenvolvimento da doença em idades mais

¹⁵ Trata-se de uma questão de ordem neurológica na qual haveria relações entre o córtex (tradicionalmente visto como responsável pela cognição) e estruturas subcorticais (como os gânglios da base) na performance cognitiva.

¹⁶ Explicação que não é a privilegiada, nem sequer explicada, no artigo de Silberman *et al* (2004) nem na maior parte da literatura sobre a DP.

avançadas e a depressão, além de apontarem, na literatura da década de 90, que outros aspectos como duração maior da DP, deficiência em desempenho verbal na escala de inteligência de Wechsler¹⁷, doença cardiovascular, história familiar de demência e baixo nível educacional também podem ser fatores de risco para demências em sujeitos com DP. Entretanto, embora os autores afirmem que “os mecanismos neurobiológicos implicados na demência da DP ainda não estão por completo elucidados” (op. cit.), a explicação fisiopatológica – principalmente relacionada à disfunção do lobo frontal, e a presença dos corpos de Lewy¹⁸ no córtex cerebral – é a apontada como causa da demência na DP.

No seu conjunto, tais alterações cognitivas também são relacionadas ao processamento semântico da linguagem. Waters & Patel (2002) observam que a dopamina, neurotransmissor cuja produção é diminuída na DP, opera em quatro vias neuronais principais: no sistema mesolímbico frontal do cérebro e neocórtex, o qual estaria associado com a linguagem e com a cognição; na via nigro-estriatal e gânglio basal, onde os movimentos são controlados; na retina e; no eixo hipotálamo-pituitário-adrenal, responsável pelas emoções e reação ao estresse. Como desdobramento, os autores entendem que as “anormalidades dopaminérgicas” influem diretamente no processamento da linguagem, em particular, em *erros* de julgamento semântico que caracterizariam, por compreenderem tais anormalidades, tanto a DP quanto a esquizofrenia.

Como exemplo para essa relação, os autores citam o estudo de Chapman (*apud* Waters & Patel, 2002) para quem os erros semânticos de sujeitos com esquizofrenia em testes de interpretação de sentenças consistem em (1) interpretar o sentido dominante na polissemia das palavras usadas¹⁹, bem como (2) seguir uma tendência para “considerar excessivamente as palavras como sinônimos”, em muitos casos substituindo as palavras-

¹⁷ A Escala de Inteligência Wechsler para Adultos, ou em inglês, “Wechsler Adult Intelligence Scale” (WAIS) é um teste que mede o quociente de inteligência (QI), no qual a inteligência é definida como “A capacidade global de uma pessoa para agir propositadamente, para pensar racionalmente e arranjar-se efetivamente em seu ambiente.

¹⁸ Trata-se de corpos de inclusão citoplasmática visíveis apenas ao microscópio, que se formam como resultado da degeneração neuronal na substância negra.

¹⁹ Como quando se pede para que se julgue o sentido da palavra *pen* na sentença “When the farmer bought a herd of cattle, he needed a new *pen*” [Quando um fazendeiro comprou um rebanho de gado, ele precisou de uma nova *cerca*]. No caso os esquizofrênicos julgam *pen* como “writing implement” [implemento para escrever] (sentido mais usual), ao invés do sentido considerado como correto para a questão, no caso, “fenced enclosure” [cerca].

alvo por palavras que têm uma semelhança limitada, dependente de um contexto²⁰, o que indica, para os autores, uma tendência não só para confundir os diferentes sentidos da polissemia de uma palavra, mas também para reduzir a distância na rede semântica entre palavras que tem algum fator semântico comum. De modo semelhante, quando a demência está associada à DP, segundo Waters & Patel (2002), também são manifestados erros sintáticos e semânticos na fala, tais como julgamentos tidos como incorretos sobre possíveis sinônimos. Um exemplo dessa dificuldade estaria presente na inabilidade para aprender efetivamente novos materiais semânticos em testes de memorização, dependendo, para tanto, de dicas semânticas para o “correto” processamento da informação.

Gurd & Oliveira (1996), baseados em testes de nomeação de figuras com sujeitos parkinsonianos, indicaram que existe um grande efeito de preparação semântica inibitória se uma palavra semanticamente competidora foi previamente produzida. Por exemplo, para “cachorro” ser ativado dentro de um léxico semântico, a ativação de palavras relacionadas (como gato) precisa ser reduzida como alternativa (mas incorreta), no sentido polissêmico das palavras. Após aplicarem uma modificação do “Neisser word search task”(teste léxico-semântico), Gurd & Oliveira mencionam que pacientes com DP têm significativos déficits quando comparados com sujeitos-controle. Para Waters & Patel (2002) – que investigaram, *na produção da fala*, o processo competitivo de seleção de palavras (tidas como) apropriadas, vindas de palavras semanticamente relacionadas – isso indica que processos competitivos que deveriam ter inibido respostas incorretas não estariam funcionando corretamente. Como um dos possíveis resultados da competição/inibição, as dificuldades de fluência na DP poderiam ser explicadas como surgidas dos efeitos semânticos de engarrafamento e inibição (GURD & OLIVEIRA 1996, pág. 415).

Como se pôde observar nessa breve revisão, a literatura biomédica sobre a DP trata questões de linguagem como problemas exclusivamente motores ou exclusivamente cognitivos²¹, não sendo, portanto considerados, ou sequer mencionados, aspectos lingüísticos tais como os enunciativos ou discursivos, constitutivos da produção de sentidos que qualquer atividade de linguagem envolve.

²⁰ Esquizofrênicos identificavam sinônimos mais significativamente do que os sujeitos-controle, desde que eles tivessem uma categoria supra-ordinária similar, como pig [porco] e dog [cachorro].

²¹ O que não deveria ser surpresa, já que conforme Chacon (2002), na literatura internacional **é rara a participação de lingüistas** nas pesquisas sobre a atividade verbal de parkinsonianos.

1.3.2 Aspectos lingüístico-discursivos na doença de Parkinson

Questionando as explicações da literatura biomédica sobre as questões de linguagem, bem como não procurando entender a linguagem a partir do que supostamente faltaria aos sujeitos com DP, mas sim entender o funcionamento da nova condição de linguagem que a doença, em seus vários desdobramentos, imporia a esses sujeitos, autores como Oliveira & Chacon (1999), Chacon & Schulz (2000), Nascimento (2000), Zaniboni (2002), Chacon (2002), Oliveira (2003), Nascimento (2005) e Dias & Chacon (2005)²², vinculados ao projeto MHDP, vem buscando mostrar como aspectos lingüístico-discursivos que, integrados às dificuldades motoras, também podem estar envolvidos nas hesitações dos sujeitos com DP. Para Chacon (2002), esses estudos dizem respeito à não separação entre fatos da atividade motora e fatos ligados à esfera cognitiva da linguagem²³.

Observemos, pois, alguns dos resultados destes trabalhos.

Oliveira & Chacon (1999) apontaram que, apesar de dificuldades articulatórias, sujeitos com DP mantêm características prosódicas (e, portanto, lingüísticas) como aquelas ligadas a atos de fala (como a mudança de contorno de grupo tonal para marcar a distinção entre dois atos de resposta para diferentes atos de pergunta num único enunciado), a demarcações de aspectos conversacionais (tais como as modulações na tomada e continuidade do turno e na introdução, retomada e esclarecimento de tópicos) e a demarcações de diferentes vozes no discurso (como o rebaixamento da tessitura vocal no discurso citado). Esse trabalho ganha importância na medida em que, nos estudos sobre alterações prosódicas na DP (que, além de serem poucos, enfatizam apenas as perdas, deixando de lado as características que os sujeitos mantêm, apesar da doença), raramente se especificam quais as relações da prosódia com outros componentes de linguagem.

Analisando a duração das pausas, Chacon & Schulz (2000), entre outros achados, observaram relações entre: maior duração das pausas e "aspectos semânticos mais abstratos", e a menor duração das pausas e "aspectos semânticos concretos" de itens lexicais; ocorrência de pausas longas e, dificuldades de memória; e ocorrência de

²² Trabalho que desenvolvemos como Iniciação Científica com o apoio da FAPESP.

²³ Com influência de Coudry (1988 e 2002).

pausas iniciais longas e dificuldades motoras dos parkinsonianos; ocorrência de pausas e a presença de autocorreções.

Quanto às autocorreções, Chacon & Schulz (2000) destacam que os sujeitos analisados, por vezes, “detinham-se em algumas palavras ou partes de sua enunciação que sentiram como incorretas e as mudaram”. A respeito da forma dessas correções, o autor menciona que foram predominantemente semânticas (ou seja, substituindo uma palavra ou expressão semelhante por outra de sentido equivalente); embora algumas vezes tenham se detido em similaridades fonológicas com sentidos distintos. Conforme os autores, após terem enunciado o que sentiram como incorreto, freqüentemente os sujeitos faziam uma pausa, e repetiam esse procedimento após terem enunciado o que sentiram como correto, sendo a primeira dessas pausas de menor duração do que a segunda. Além disso, o autor salienta que esses dados foram coletados principalmente em tópicos em que os sujeitos apresentavam turnos desorganizados e com elevado grau de disfluência. Relacionando ocorrências de correções dos sujeitos (com DP) com a de sujeitos afásicos, os autores destacam que, ao contrário dos afásicos, que geralmente marcam as autocorreções com comentários como “let's see” ou “wait a minute” (MARSHALL E TOMPKINS, 1982), os sujeitos com DP “pareceram não necessitar fazer comentários [embora houvesse as pausas]”.

Entretanto, como veremos, as análises de autocorreções na fala de sujeitos com DP se reduziram apenas àquelas que, dentro do projeto MHDP, foram encontradas nos estudos de Chacon & Schulz (2000) (já que nenhum dos estudos a que tivemos acesso na literatura sobre a doença as tematiza), embora, mesmo nesse estudo, tenham se reduzido às correlações que as autocorreções mantiveram, nos sujeitos analisados, com a duração das pausas.

Por outro lado, os estudos lingüístico-discursivos que destacamos até aqui levaram os membros do MHDP a questionarem se a *dificuldade em iniciar movimentos*, descrita na literatura biomédica sobre a DP, também se estenderia aos movimentos envolvidos na fala, o que, segundo Chacon (2002) não é fato consensual na própria literatura médica²⁴. Nesse sentido, os estudos lingüístico-discursivos apontaram importantes resultados, tomando as hesitações como dado privilegiado de análise. Vejamos algum deles.

²⁴ Embora Volkman *et al* (1992) permitam um questionamento se essa dificuldade englobaria também processos lingüísticos, já que, para esses autores, a fala e os sistemas esqueleto-motores compartilham os mesmos moldes de controle neural, apesar de suas diferenças bioquímicas.

Chacon (2002), comparando a variação da duração das pausas iniciais de turno de dois sujeitos com DP com a variação de certos dados de seus prontuários – principalmente um significativo aumento da dificuldade motora nos dois sujeitos, *na mesma direção daquela observada na duração de suas pausas* –, destaca que um dos aspectos que explicariam a diferença do funcionamento dessas pausas nos sujeitos, relacionadas então à dificuldade para iniciar a atividade de linguagem, seria uma dificuldade de planejamento integrado entre atividades motoras e cognitivas ligadas à linguagem.

Como desdobramento desse estudo, Oliveira (2003) observou variações nos mesmos tipos de pausa em sujeitos com DP ocorridas após um intervalo de um ano e oito meses entre as duas amostras analisadas. Entre os dados observados pela autora, cumpre destacar que, apesar de os sujeitos terem apresentado uma quantidade menor de pausas após esse intervalo, a duração e o preenchimento das pausas tiveram uma variação que, principalmente em relação ao desenvolvimento dos turnos²⁵, sugeriu a presença da relação entre aspectos cognitivos e motores. Isso porque, na amostra analisada após o intervalo, houve, por um lado, diminuição das pausas silenciosas e breves e, por outro, um aumento de pausas preenchidas e médias ou longas. Além disso, Oliveira verificou que essas pausas (preenchidas, médias e longas) também estavam associadas ao desenvolvimento dos turnos conversacionais, pois, após o intervalo, os sujeitos tiveram uma menor capacidade de desenvolver seus turnos, bem como utilizaram mais pausas preenchidas e médias/longas do que silenciosas e breves em seus turnos desenvolvidos.

Por as pausas mais longas terem uma maior relação com o planejamento semântico e as preenchidas terem uma maior relação com a garantia do turno (já que o silêncio dá maior possibilidade de assalto ao turno pelo interlocutor), a autora entendeu que, além dos fatores orgânicos que prejudicam a atividade motora da fala, fatores cognitivos e conversacionais também estariam envolvidos nas dificuldades de linguagem desses sujeitos, principalmente aquelas relativas às recorrentes pausas no início de seus turnos. Com efeito, no que diz respeito a características mais específicas das pausas nos sujeitos analisados, Oliveira (2003) destacou que, além de aspectos de ordem motora, conversacional, cognitiva e

²⁵ Baseada no estudo de Zaniboni (2002), Oliveira (2003) entendeu como turnos desenvolvidos aqueles que, além de o falante (co)responder às solicitações enunciadas pelo interlocutor, ele – o falante – se estende no seu dizer, progredindo sua fala de modo a acrescentar e enriquecer a informação a ele solicitada.

enunciativa parecerem estar envolvidos nas variações das pausas, tais mudanças podiam indiciar que a progressão da doença se daria de modo particular em cada indivíduo.

Retomando as hipóteses de Chacon (2002) e Oliveira (2003), num trabalho anterior (DIAS & CHACON, 2005), buscamos verificar se esse funcionamento integrado também se estenderia a todos os outros tipos de hesitações (além das pausas) – a saber, com base em Marcuschi (1999), pausas preenchidas, pausas silenciosas, alongamentos, repetições hesitativas, gaguejamentos e falsos inícios. Analisando os momentos de alternância entre interlocutores²⁶, constatamos que, no início de sua fala, os sujeitos com DP apresentaram consideravelmente mais hesitações do que sujeitos sem qualquer lesão neurológica, além de apresentarem, entre elas, outro tipo de marca, não relatada na literatura sobre hesitações, marca que, naquele momento, denominamos como “incoordenações”²⁷.

Além da classificação de Marcuschi, propusemos (em DIAS & CHACON, 2005), uma outra divisão nos recursos hesitativos: marcas simples e marcas combinadas. Isso porque, algumas vezes, em uma única ocorrência de fenômeno hesitativo, várias marcas se mesclam, enquanto que, em outras vezes, a hesitação aparece mostrada por apenas um dos tipos de marcas. Nesse sentido, os resultados de nosso estudo apontaram para a tendência de que os sujeitos com DP combinavam mais as diversas marcas de hesitação nos inícios de sua fala do que os sujeitos-controle. Embora essas tendências pudessem sublinhar como os problemas motores se relacionam às dificuldades lingüísticas – como provavelmente entenderiam os autores da literatura sobre a DP – partindo de como a literatura sobre hesitações descreve suas características semânticas de formulação e planejamento de fala (conferir no capítulo sobre as hesitações), destacamos que dificuldades num planejamento integrado entre atividades motoras e cognitivas explicariam a presença maior das marcas combinadas nos sujeitos com DP.

Dentre os resultados de nosso estudo, principalmente dois apontaram para relações entre questões de ordem motora e cognitiva nas hesitações dos sujeitos com DP. O primeiro deles foi que os sujeitos parkinsonianos hesitaram percentualmente mais nos momentos que

²⁶ Momentos que, nas perspectivas conversacionais, se entendem como início de turno.

²⁷ Entendemos que ocorreram incoordenações quando verificamos alterações de características acústicas de segmentos da fala aparentemente decorrentes de uma perda do controle motor, com alteração prosódica que pode fazer variar até mesmo a tessitura vocal.

se seguem a perguntas abertas²⁸ do diálogo do que nos momentos que se seguem a perguntas fechadas²⁹ – o que já havia sido apontado por Zaniboni (2001) em relação às pausas. Já que as respostas a perguntas abertas seriam, teoricamente, momentos que demandam um maior trabalho cognitivo que envolveria, por exemplo, um maior planejamento semântico, esse resultado também confirmou a hipótese de CHACON (2002), de OLIVEIRA (2003) e de DIAS & CHACON (2005) de que não apenas o componente motor está envolvido nas dificuldades de linguagem dos sujeitos parkinsonianos, mas também outros componentes, ligados à esfera cognitiva ou, como preferimos entender (como se verá adiante), mais relacionados à produção e atribuição de sentidos.

A partir desses dados, procurando não incidir sobre aquilo que a vertente tradicional da literatura biomédica entende como *problemas motores* ou o que a vertente mais recente dessa mesma literatura entende como *déficits cognitivos* (tidos como frutos exclusivos da ação neuro-química da DP), os pesquisadores vinculados ao projeto “*mecanismos hesitativos na atividade conversacional de sujeitos com doença de Parkinson*” (MHDP), denunciando essa dicotomização entre “cognitivo” e “motor”, foram levados a buscar teorias alternativas nas explicações sobre seus resultados. Foi, portanto, baseados nos estudos de base lingüística, tais como os de Saussure (1979) e de Jakobson (1975b), por um lado, e nos estudos de base discursiva, como os de Pêcheux (1990a e b) e Authier-Revuz (1990, 1998) por outro, que esse grupo partiu na investida para as explicações dos resultados.

Dias & Chacon (2005) consideraram inicialmente Saussure (1979), para quem o fenômeno lingüístico, apesar de heterogêneo, “apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra.” (op. cit., p. 15). Desse modo, o que a literatura biomédica entende como exclusivamente motor estaria intimamente relacionado com o que Saussure chamou de face psíquica do fenômeno lingüístico, face que, para esse autor, engloba, de um lado, os significantes da língua e, de outro, os significados. Em outras palavras, a atividade motora da fala corresponde, em termos saussurianos, a apenas uma das etapas de realização psicofísica do signo lingüístico.

²⁸ Pergunta aberta (ou comentário aberto): trata-se de um enunciado, geralmente iniciado por um pronome interrogativo, que exige uma resposta vinculada à condição do pronome utilizado (por exemplo, condição de lugar, de tempo, de modo, dentre outras) (FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 1996).

²⁹ Pergunta fechada (ou comentário fechado): trata-se de um enunciado que exige uma resposta com o uso de “sim/não”, ou de expressões que mantenham esse mesmo valor semântico (FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 1996).

Isso porque, assim como ocorre com as demais faces do fenômeno lingüístico, as faces motora e psíquica estariam, para Saussure (1979), organizadas na linguagem pela língua: “*é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem*” (op. cit., p. 16). Deste modo, como, para Saussure, um dado conceito [um significado] “suscita no cérebro uma imagem acústica correspondente [um significante] [...] fenômeno inteiramente *psíquico*, seguido, por sua vez, de um processo *fisiológico* [...], já que [...] o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem” (op. cit., p. 19³⁰), qualquer processo hesitativo – detectável por marcas lingüísticas na atividade concreta (motora) da fala – estaria ligado, em maior ou menor grau, às integrações entre as faces motora e psíquica e entre os subsistemas da língua – como, por exemplo, entre o semântico e o fonológico –, característica fundamental do signo lingüístico.

Outro ponto importante da teoria de Saussure foi a descrição da língua como um sistema baseado em relações que, como formas de atividade mental, se pautariam na concatenação de elementos da língua (relações sintagmáticas) e nas possíveis associações mnemônicas (relações associativas). Quanto às relações de encadeamento, baseando-se na extensão (relação que os sintagmas mantêm alinhados um após o outro), o “caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (p. 142) é configurado no discurso. Quanto às associações, para Saussure (1979), fora do discurso³¹, “nossa memória tem de reserva todos os tipos de sintagmas mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser, e no momento de empregá-los, [faz] intervir grupos associativos para fixar nossa escolha” (op. cit., pág. 150-151). Deste modo é que os indivíduos realizariam a operação de “eliminar mentalmente tudo quanto não conduza à diferenciação requerida no ponto requerido” (op. cit., p. 151).

De modo semelhante, Jakobson (1975b) assinala o duplo caráter da linguagem, mencionando que “falar implica a seleção de certas entidades lingüísticas e sua combinação em unidades lingüísticas de mais alto grau de complexidade” (op. cit., p. 37). Quanto à *combinação*, o autor salienta que, como todos signos aparecem combinados ou ancorados em signos constituintes, toda unidade lingüística serve de contexto para unidades mais

³⁰ Itálicos do texto original.

³¹ Para essa diferenciação entre relações sintagmáticas como presentes no discurso e paradigmáticas fora dele é notória a concepção material de discurso adotada por Saussure (1979).

simples e ao mesmo tempo encontra seu próprio contexto em uma unidade lingüística tida como mais complexa. Daí que combinação e contexturas se aproximam enquanto operações baseadas na contigüidade dos elementos lingüísticos. Já quanto à *seleção*, o autor salienta que a seleção entre termos alternativos concorrentes implica a possibilidade de se substituir um pelo outro. Daí que seleção e substituição se aproximam enquanto operações baseadas na similaridade dos elementos lingüísticos. Para Jakobson, esses dois modos de relação funcionariam em todos os níveis hierarquizados da língua.

Como se verá mais adiante, esse duplo funcionamento da linguagem marcado nas formulações de Saussure e Jakobson teve importante papel para a explicação dos mecanismos lingüísticos envolvidos nas hesitações (em sujeitos com ou sem lesão).

Entretanto, embora as pesquisas do projeto MHDP tenham passado a considerar tais contribuições (como veremos mais adiante) do que se pode chamar de lingüística estrutural, não foi essa a perspectiva adotada pelo grupo para encarar os mecanismos envolvidos nas hesitações. Isso porque, questionada por perspectivas de base discursiva, principalmente como as de Pêcheux (1990a e b) e Authier-Revuz (1990, 1998), pode-se entender que a lingüística estrutural, de modo geral, parte

“(...) de uma centralização do discurso no sujeito falante. Como centro do seu dizer e do sentido, ele é visto como auto-suficiente na tarefa da comunicação. A interação dar-se-ia, portanto, entre dois sujeitos em uma relação simétrica, ainda que com uma certa dominância do sujeito que fala (o eu como centro do dizer)” (CORRÊA, 2001, p. 100)

Questionando as teorias calcadas na centralização do sentido no sujeito, a Análise do Discurso francesa (AD) defende que nenhum mecanismo de enunciação (ou seja, da língua abordada pelo seu uso ao invés de apenas em sua estrutura) funciona sem a consideração das relações de sentido e de força entre os sujeitos falantes (PÊCHEUX, 1990a). Pelas relações de sentido, afirma-se que todo processo discursivo se conjuga sobre um discurso prévio e, portanto, nenhum discurso começa na primeira palavra que é dita, nem termina no ponto final que o encerra. Trata-se, pois, da presença do interdiscurso, ou seja, da relação que todo discurso mantém necessariamente com um processo discursivo no interior do qual todo dizer está imerso. Já pelas relações de força, afirma-se que nenhum discurso se dá de forma simétrica. Trata-se, ao contrário, de uma relação de dominância a que se dá num dado discurso — que pode ser mais assimétrico ou menos —, mas no qual

há sempre, entre os protagonistas do discurso, de acordo com os *lugares* sociais que ocupam e das posições enunciativas que representam esses lugares no discurso, uma relação de poder, seja ela manifestada como uma relação de acordo ou de conflito.

Segundo Pêcheux (1990a), esses lugares seriam algo diferente do que a simples presença física de organismos individuais, pois resultam de lugares determinados na estrutura de uma formação social, sendo descritos como feixe de traços objetivos característicos marcados por propriedades diferenciais determináveis. Convém ressaltar que, para Pêcheux (1990a), esses lugares, representados nos processos discursivos, encontram-se *transformados*, pois, nesses processos, atuariam séries de formações imaginárias que designam os lugares que cada protagonista do discurso atribuiria a *si* e ao *outro*, ou seja, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Até os próprios referentes discursivos seriam, nessa perspectiva, atravessados por essas formações imaginárias.

Entretanto, em universos “logicamente estabilizados” de discurso, o sujeito que enuncia se *esquece* (constitutivo ao sujeito que enuncia) de que não é a origem de seu dizer e de que o que se fala não é exatamente igual ao que se pensa, ou seja, que nenhum discurso começa no momento em que é enunciado nem termina depois deste momento (já que todo discurso faz parte de um outro discursivo que lhe é prévio, no interior de um processo discursivo) e que, como o sentido é indissociável de uma relação de paráfrase, embora o sujeito que enuncia não se dê conta dessa relação, o não-dito continua a existir (PÊCHEUX, 1990b). É esse o funcionamento que abordaria o próprio da língua através do equívoco:

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente) (PÊCHEUX, 1990b, pág 53).

Contudo, tais mecanismos discursivos não deixam de inscrever marcas formais no fio do discurso. Apoiando-se, na problemática do dialogismo bakhtiniano, do interdiscurso e na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e Lacan, Authier-Revuz (1990) ressalta que a multiplicidade não ocorre apenas na constituição do discurso, mas, no próprio nível da cadeia verbal, a heterogeneidade dos processos de constituição desse discurso é manifestada. Procurando não recorrer às “evidências narcísicas do sujeito fonte e senhor de seu dizer”, a autora nos alerta que o relacionamento entre as duas ordens da heterogeneidade do discurso – a constitutiva, referente aos processos de

constituição, e a mostrada, referente às formas de representação que “inscrevem o *outro*” na cadeia discursiva – não é de espelhamento, já que uma relação de correspondência direta entre essas duas ordens faria supor uma transparência do dizer em suas condições reais ou não respeitaria a irredutibilidade manifesta das duas heterogeneidades.

É a partir desses conceitos que a autora propõe uma discussão sobre as formas lingüísticas que marcam a heterogeneidade constitutiva da linguagem, ou seja, sobre as formas marcadas de “heterogeneidade mostrada”:

“(…) ao nível da cadeia do discurso, localizar um ponto de heterogeneidade é circunscrever este ponto, ou seja, opô-lo por diferença do resto da cadeia, à homogeneidade ou à unicidade da língua, do discurso, do sentido, etc; corpo estranho delimitado, o fragmento marcado recebe nitidamente através das glosas de **correção**, reserva, **hesitação**... um caráter de particularidade accidental, de defeito local” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 31, grifos nossos).

Tomando, portanto, por um lado, as contribuições de Saussure e Jakobson quanto a um funcionamento da linguagem baseado num eixo paradigmático (baseado em similaridades) e num eixo sintagmático (baseado na concatenação de elementos lingüísticos), e, por outro, as contribuições de Pêcheux e Authier-Revuz quanto ao funcionamento do discurso e sua articulação com a materialidade da linguagem, bem como as heterogeneidades que deflagram a presença do “discurso do *outro*” na enunciação, Nascimento (2005), num estudo sobre o “fenômeno hesitativo”, apontou que as hesitações se constituiriam em “pontos de deriva/ancoragem das ações antecipatórias sujeito-linguagem”, cuja tendência seria “conter a deriva dos significados/significantes” (op. cit., pág. 7) que estariam presentes predominantemente no eixo paradigmático da linguagem e se projetariam numa concatenação de elementos não esperada.

Conforme Nascimento, as hesitações funcionariam, portanto, como marcas de momentos de tensão entre elementos lingüístico-discursivos, ou “pontos de ancoragem nos quais, diante da possível irrupção dos ‘outros’, o sujeito se apóia na tentativa de **conter a deriva**, embora nem sempre tal contenção se efetive” (op. cit., pág. 116, grifos nossos). Buscando afastar-se do que chama de “cognitivismo”, a autora aponta que a alteração da chamada contraparte cognitiva da linguagem dos parkinsonianos estaria, então, relacionada às dificuldades de relacionar diversos sentidos e conter a deriva. Dito de outro modo, para Nascimento (2005) as hesitações se constituiriam em:

“pontos de ancoragem em momentos nos quais a negociação com *outros* específicos estaria sendo problemática para o sujeito, no sentido da manipulação, mais ou menos consciente, que esse sujeito empreende com significados e significantes para evitar que seu discurso se desloque de sentido e de forma, devido a uma proibição de interpretação própria do ‘logicamente estável’”(op. cit., p. 44)

Inseridos nessa mesma perspectiva teórica, analisamos (DIAS & CHACON, 2005) as hesitações que ocorreram no início da fala de sujeitos com DP enfatizando, sob uma ótica discursiva, as relações imaginárias que poderiam co-ocorrer com dificuldades motoras na atividade conversacional desses sujeitos. Para tanto, nesse trabalho entendemos as hesitações, então, como processos marcados por um momento de “tensão”, no discurso, no qual estaria envolvida a negociação do sujeito com os múltiplos “outros” que lhes seriam constitutivos, dos quais apenas um deles seria o da esfera motora. Entre esses “outros”, destacamos a presença do que chamamos de processo discursivo outro – ou seja, o entrecruzamento de discursos socialmente sustentados que constituem os lugares representados pelos indivíduos na atividade enunciativa – como um dos focos dessa “tensão” na atividade verbal dos sujeitos analisados.

Assim, as análises dos dados apontaram-nos para a hipótese de que dois destes lugares estariam mais fortemente em conflito na atividade verbal dos sujeitos com DP: (1) a relação imaginária desses sujeitos com seu “interlocutor” (já que se tratava de sessões de conversação de parkinsonianos com uma fonoaudióloga) e (2) o imaginário que o sujeito construiria de si mesmo (no caso, em relação com a doença). Desse modo, sugerimos, (DIAS & CHACON, 2005) que, integrados às dificuldades motoras, processos imaginários (que poderiam, sob outra ótica, ser entendidos como cognitivos) refletiriam, para os sujeitos analisados, a própria condição de sujeitos com dificuldades de linguagem, e também estariam envolvidos, portanto, nas dificuldades de fala dos sujeitos com DP.

Por conseguinte, diferentemente de uma possível explicação das hesitações com base nas perspectivas conversacionais, isto é, entendendo-as como frutos de uma captação prospectiva de “problemas de formulação”, nessa perspectiva, a persistência no processo hesitativo – apresentada pelos sujeitos analisados – foi explicada por uma contenção à materialização da deriva (da deriva referente aos movimentos do aparelho fonoarticulatório, aos sentidos, e a sua integração³²), mediada, na atividade enunciativa, por formações imaginárias.

³² Explicações predominantemente feitas, respectivamente, nos trabalhos de Chacon (2002), Nascimento (2005) e Dias & Chacon (2005).

1.4 Por uma nova abordagem das correções e hesitações

Os estudos vinculados ao projeto MHDP³³, como vimos, centraram-se nos aspectos lingüístico-discursivos envolvidos nas dificuldades de linguagem de sujeitos com doença de Parkinson. Entretanto deve-se ressaltar que as hesitações, foco desses estudos, foram exploradas numa abordagem que representa, para nós, um salto teórico em relação aos estudos conversacionais. Isso porque não restringiram o contexto de estudo dessas marcas aos falantes cultos (como nas perspectivas conversacionais) mas, pelo contrário, buscaram explicações do funcionamento dessas estruturas até mesmo em sujeitos psicofisicamente debilitados; além disso, se recusaram a aceitar o cognitivismo no qual o conceito de *intenção*, aliado à concepção instrumental da língua (como veremos adiante), assinala a própria centralização do sentido no sujeito que tratamos há pouco, apelando-se para “idéias de operações mentais” e “inflando-se a noção da cognição sem se refletir sobre seus fundamentos e limites”, como afirma Lemos (2004) a respeito desse tipo de opção teórica.

Assim, embora as hesitações sejam, em ambos os casos, consideradas como marcas lingüísticas relevantes para o estudo, nesse salto, elas passam daquilo que é entendido como descontinuidade do fluxo da fala (tida como linear), produzida cognitivamente para fins interacionais, a serem consideradas como produtos de processos de tensão na negociação entre elementos lingüístico-discursivos, explicitando que o esforço de contenção da deriva que o “ego”, na sua direção centrípeta necessária a todo dizer, não necessariamente obtém sucesso, já que restam marcas dessa tensão no fio do discurso. Além disso, com base nas teorias lingüístico-discursivas que expusemos, podemos dizer que, como o inconsciente e o interdiscurso escapam a esse “ego”, o sujeito vai muito além do que é reconhecido por ele.

Por fim, desde os primeiros trabalhos lingüístico-discursivos que abordaram as especificidades de fala que a doença de Parkinson acomete, pudemos notar que a esfera motora não pode ser considerada separadamente das questões simbólicas, como a literatura biomédica sobre o assunto insiste em tratá-las. Ao contrário, embora seja inegável que problemas orgânicos prejudicam a fala desses sujeitos, as hesitações demonstram que as dificuldades motoras só poderiam agir de modo integrado às questões simbólicas.

³³ Conferir nota 13

Contudo, enquanto os membros do MHDP centraram suas pesquisas no funcionamento das hesitações, formas lingüísticas como as autocorreções foram observadas/analizadas apenas tangencialmente. Entretanto, Nascimento (2005), ao delimitar a metodologia de recorte das amostras de seu trabalho, menciona numa nota que

“(…) fenômenos como as correções e reformulações, embora possam não ser vistos, pela literatura, como hesitações, devido a suas peculiaridades, a nosso ver, também se constituem em momentos de negociação com os outros discursivos, assim como as hesitações. Esses fenômenos não serão incluídos em nossa amostra, pois merecem uma discussão à parte, que será deixada para uma outra oportunidade” (op. cit., p. 74)

Deste modo, nos questionamos como (ou se) a contenção à deriva se efetivaria, nos sujeitos com doença de Parkinson, naqueles processos em que as perspectivas conversacionais entendem como *retrospectivos*, ou seja, naqueles em que, conforme Fávero, Andrade e Aquino (1996), os “problemas de formulação” são “textualmente manifestados”. Em termos lingüístico-discursivos, interrogamo-nos sobre os momentos nos quais possivelmente a materialização da deriva, ao contrário das hesitações, não é contida *efetivamente* na fala. Nesse sentido, tal como os estudos sobre as hesitações podem auxiliar na compreensão das autocorreções, assim também acreditamos que o estudo das autocorreções poderá expor mecanismos que nos façam rever o estatuto dado às hesitações. Isso porque o conteúdo manifesto nas correções possivelmente seja de ordem semelhante àquele que nas hesitações fica ocultado.

Além disso, pretendemos verificar se, no mesmo sentido que os idosos – como vimos em Preti (1991) – ambos processos se intensificariam paralelamente à progressiva debilidade psicofísica e/ou se os sujeitos com doença de Parkinson apresentariam alguma tendência, tal como a utilização de marcas (tidas como) prospectivas ao invés de marcas (tidas como) retrospectivas. Sendo assim, buscamos maiores conhecimentos sobre as semelhanças e disparidades entre correções e hesitações. Para tanto, revejamos o contexto epistemológico em que se encontram os estudos que já consideraram as autocorreções.

Como vimos, a literatura que descreve as autocorreções, aquela de base conversacional, entende-as como “reformulações” de um “erro” com fins interacionais. Quanto ao “erro”, as discontinuidades de fala são explicadas pelo caráter ‘fragmentar’ decorrente da *simultaneidade* da formulação e da manifestação verbal. Nessa concepção,

poderíamos entender que o sujeito ‘erra’ por uma dificuldade de organizar linguisticamente (ou cognitivamente), ao mesmo *tempo*, a construção do discurso e a sua produção. Quanto ao ato de “reformulação”, essa literatura entende que os “enunciados reformuladores” são atitudes intencionais do falante, na medida em que são “interpretáveis positivamente como fatores de realização interacional associados à figura do falante como um ‘estrategista da comunicação’” (KOCH *et al*, 1990). Portanto o falante se corrigiria *para* que o interlocutor reconheça sua ‘verdadeira intenção’. Por esse motivo, entre outros processos conversacionais, as reformulações – mas talvez não os erros... –, são dados considerados privilegiados por esse tipo de paradigma, na medida em que embasam sua noção instrumental da língua.

Trata-se, pois, da concepção de falante que *utiliza* a língua para se comunicar, na qual imperam regras de conversação tais como “assim que você percebe que o ouvinte compreendeu o que você queria comunicar, torna-se desnecessária a continuação de sua fala em muitas ocasiões”, “logo que você percebe que o ouvinte não está entendendo o que você fala, interrompa seu discurso, mude seu planejamento...” ou ainda “logo que você percebe que formulou algo inadequado, interrompa, corrija-se na seqüência” (KOCH *et al*, 1990, pág 150, grifos nossos). Entretanto, para sustentar uma perspectiva na qual há uma suposição de um sujeito que (na linguagem) ‘usa’ a língua como instrumento se é obrigado *a reter*, como expõe Milner (1987),

“(...) de um ser falante em geral apenas o que faz suporte de um calculável, pensá-lo como um ponto sem divisão nem extensão, sem passado nem futuro, sem consciente nem inconsciente, *sem corpo* – e sem outro desejo a não ser o de enunciar. [...] reter da multiplicidade dos seres falantes apenas o que é necessário para constituir um real calculável como língua, ou seja, dois pontos, um de emissão e outro de recepção, dois pontos simétricos, dotados das mesmas propriedades, indiscerníveis, pois, a não ser pela sua dualidade numérica. É o conceito de comunicação³⁴ que opera. (...)” (op. cit. p. 7, grifos nossos)

A busca por uma alternativa teórica que explicasse o funcionamento de marcas lingüísticas sem incorrer nessa concepção epistêmica de sujeito (capaz de livres escolhas, intenções, decisões...), aliada aos nossos questionamentos a respeito de quais elementos

³⁴ Assim, na enunciação (língua quando em uso) a linguagem estaria restrita ao conceito de comunicação num sentido em que a etimologia da palavra desvelaria mais do que uma tautologia: “uma ação em comum”.

da “negociação entre elementos discursivos” estariam envolvidos nas correções – seja na materialização lingüística do “erro”, ou no processo de tentativa da sua anulação/atenuação das “reformulações” – e, por fim, nossas interrogações sobre como se daria a “integração” entre mecanismos de contenção de deriva e a atividade motora, principalmente relativos à progressiva debilidade dos sujeitos com doença de Parkinson, nos levaram a encarar o campo da *psicanálise* como profícuo para responder a tais perguntas. É com base nesses questionamentos que estabeleceremos, a seguir, uma exposição sobre os mecanismos desvelados pela psicanálise, com o escopo de, a partir desse campo, encontrar possibilidades para suas respostas.

Entretanto, como antecipamos, não se trata aqui de um capítulo de introdução à psicanálise, ou mesmo uma descrição resumida da teoria ou da prática analítica; antes, buscamos construir certa trajetória da psicanálise que nos permitirá novas condições de atribuição de sentidos à questão da *correção* e suas possíveis relações com as *hesitações*, com vistas a elucidar as relações entre *corpo* e *linguagem* envolvidas nessas estruturas de fala.

1.4.1 A psicanálise e a fala.

Até o fim do século XIX, a medicina rotulava como “histéricos” certos fenômenos³⁵ que caracterizavam o que semiologicamente denomina-se ‘pitiatismo’, ou seja, sintomas que apareceriam pela sugestão e desapareceriam pela persuasão. Acreditavam que esses sintomas não ameaçavam a vida, que o mal era “menos grave” do que aqueles envolvidos nas doenças orgânicas e que, por não passarem de “simulações de um conjunto de graves perturbações”, o restabelecimento completo deveria ser bastante provável. Como, frente ao *corpo*, o médico tem a atitude de quem desmonta uma máquina³⁶, esses sintomas transgrediam toda sua ciência, já que iam contra as leis da anatomia, fisiologia e patologia.

³⁵ Que abrangiam, conforme Freud (1996 [1893]) “(...) nevralgias e anestésias de naturezas muito diversas, muitas das quais haviam persistido durante anos, contraturas e paralisias, ataques histéricos e convulsões epileptóides, que os observadores consideravam como epilepsia verdadeira, petit mal e perturbações da ordem dos tiques, vômitos crônicos e anorexia, levados até o extremo de rejeição de todos os alimentos, várias formas de perturbação da visão, alucinações visuais constantemente recorrentes (...)”.

³⁶ E mesmo havendo declarações de princípio, conforme Lacan (1985 [1955]) esta é uma atitude radical.

Entretanto, na falta de um método para abordar tais pacientes, a cura dificilmente ocorria. Freud rompeu com essa tradição médica quando, ao atentar para aquilo que os histéricos *tinham a dizer*, entreviu uma possibilidade de cura através das palavras (FREUD, 1996 [1909]). As hipóteses de Freud se baseavam em (e somente a partir de) observações clínicas, tais como a que segue, resumo de uma história clínica a partir da qual se pode delinear a relação entre as palavras de uma paciente de Freud e o método de tratamento de seus sintomas histéricos:

“(...) era uma jovem que perdera recentemente o pai, depois de tomar parte, carinhosamente, nos cuidados ao enfermo [...]. Nascera, quando a irmã mais velha se casou, uma simpatia particular para o novo cunhado, que se mascarava por disfarce de ternura familiar. Esta irmã adoeceu logo depois e veio a falecer durante a ausência da minha doente e de sua mãe. Estas foram chamadas urgentemente, sem notícia completa do doloroso acontecimento. Quando a moça chegou ao leito da morta, correu-lhe na mente, por um rápido instante, uma idéia mais ou menos assim: ‘ele agora está livre, pode desposar-me’. É-nos lícito admitir como certo que esta idéia, denunciando-lhe à consciência o intenso amor que sem o saber tinha ao cunhado, foi logo entregue ao recalque pelos próprios sentimentos revoltados. A jovem adoeceu com graves sintomas histéricos³⁷ e quando comecei a tratá-la tinha esquecido não só a cena junto ao leito da irmã, como também o concomitante sofrimento indigno e egoísta. Mas recordou-se de tudo durante o tratamento, reproduziu o incidente patogênico com sinais de intensa emoção, e curou-se (...)” (op. cit., pág. 16)

Nessa “talking cure”³⁸, ao se seguir *certo trajeto* recuperável no discurso, um desejo inconsciente relacionado a experiências traumáticas – que, embora tivessem sido esquecidas, não haviam se perdido – revelava-se. Isso porque, para Freud, emergidas de sua latência quando em associação com fatos ainda sabidos, as cenas patogênicas relacionavam-se aos sintomas como símbolos mnêmicos. Contudo Freud relatava que nem sempre a confissão necessária para a cura era facilmente atingida durante o tratamento, pois uma resistência a trazer a patogenia até a consciência detinha as associações e, conseqüentemente, prolongava o processo mórbido. Tratava-se do mecanismo que exporemos a seguir.

³⁷ Dores nas pernas, conforme Freud (1996 [1893]).

³⁸ “Cura através de palavras”, como foi chamada a técnica da psicanálise por outra paciente histérica.

O conflito interno decorrente da aparição de um desejo inconfesso provocava um desprazer³⁹, já que aspirações éticas (entre outras) eram forças contrárias à sua aceitação. Insuportável para se vincular ao sistema de representações vigentes (Ψ ou eu⁴⁰), a tensão era primariamente controlada através do mecanismo chamado *recalque*. Para ilustrá-lo Freud (1996 [1909]) esboçou uma cena na qual um indivíduo que perturba uma exposição científica é retirado da sala por alguns dos presentes, que passam a ficar perto da porta, em *resistência* à reprodução do desconforto; com o indivíduo no *hall*, poder-se-ia continuar a apresentação: assim, a divisão psíquica figuraria a sala como a consciência e o *hall* como a inconsciência. Mas, longe de fazer desaparecer o desejo, o recalque o eternizava: aquele indivíduo, irado, começava a dar berros insuportáveis, atrapalhando a conferência mais do que antes – alarido que a paciente histérica cifrara como “pode desposar-me”.

No entanto, relações entre o material recalçado e os sintomas histéricos levaram Freud a supor que, na histeria, a repressão de idéias havia falhado. Entre os vários exemplos que Freud descreveu, isso podia ser observado na própria paciente histérica que citamos. Seu pai, com o qual partilhava uma aproximação bastante intensa, de modo que, durante a enfermidade, freqüentemente repousava sobre sua perna direita, é levado ao óbito. Após a morte, certos desejos fadados ao inconsciente *voltam* como um apreço especial ao cunhado. Com a morte da irmã, esses desejos intensificam-se de modo que, tocando a consciência (como ‘despose-me’) são novamente aprisionados pelo desprazer que geravam. Após ser *esquecida* a idéia ocorrida durante a morte do cunhado, *retorna* agora sobre o corpo da paciente, como sintoma de paralisia especificamente em sua perna direita.

³⁹ O *desprazer* citado está relacionado a um aumento tensional que não encontra caminhos para sua descarga. Desde os documentos dirigidos a Fliess entre 1892-1899 Freud supunha que os processos psíquicos estavam relacionados às experiências de prazer-desprazer. Assim, o “princípio do prazer” seria um método primário do funcionamento mental derivado do princípio de constância, uma tendência a um equilíbrio homeostático entre as cargas nervosas, ao qual se encontra a serviço o ‘eu’. Entretanto, conforme Freud, sob a influência dos instintos de autopreservação desse eu, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade, que, embora não abandone a intenção de obter prazer, efetua “o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer”. O princípio de prazer, porém, persiste e com freqüência consegue vencer o princípio de realidade (FREUD, 1996 [1920]).

⁴⁰ Freud nunca usou o termo latino “ego” em suas obras. Como o correspondente para o “*Ich*” alemão é o “eu” em português, preferimos empregá-lo ao ‘ego’ na busca de evitar acepções filosóficas, psicológicas e mesmo lingüísticas que o uso de ‘ego’ pode trazer.

Portanto, à espreita de uma oportunidade para se revelar, o desejo inconsciente havia concebido um substituto do recalcado e, assim disfarçado e quase irreconhecível, se ligou à mesma sensação de desprazer que se julgava evitada pelo recalque. Assim, no próprio *corpo* dos pacientes, os sintomas haviam se tornado substitutos daquelas idéias inconscientes trancafiadas em represália. Caberia ao tratamento analítico “desvenda[r]-se o trajeto ao longo do qual se realizou a substituição” já que, para a recuperação, era necessário que “o sintoma seja reconduzido pelo mesmo caminho até a idéia reprimida” (FREUD, 1996 [1909]). Foi dessa maneira que Freud mostrou que há doenças que falam, e “nos fez ver a verdade do que elas falam” (LACAN, 1998 [1951], pág. 216).

Porém, para que a histérica suspendesse o recalque e – numa confissão diferente da religiosa, na qual o “pecador” conta o que *sabe* (FREUD, 1996 [1926]) – recuperasse seus desejos inconscientes dizendo aquilo que dela mesma sequer sabia, a resistência *deveria ser ultrapassada*, uma vez que

“(…) partindo do mecanismo da cura, podia-se formar idéia muito precisa da gênese da doença: as mesmas forças que hoje, como resistência, se opõem a que o esquecido volte à consciência deveriam ser as que antes tinham agido, expulsando da consciência os acidentes patogênicos correspondentes. A esse processo dei o nome de ‘recalque’ e julguei-o demonstrado pela presença inegável da resistência (...)” (op. cit., pág. 16)

Para tanto, Freud desenvolveu algumas técnicas, das quais a primeira consistia em fazer a paciente dizer tudo que lhe vinha em mente⁴¹ e, buscando evitar resistências disfarçadas em júzos críticos sobre o aquilo que lhe viesse, pedia-lhe que renunciasse a qualquer crítica: “deverá expor tudo que lhe vier ao pensamento, mesmo que lhe pareça errôneo, despropositado ou absurdo e, especialmente, se lhe for desagradável a vinda dessas idéias à mente” (FREUD, 1996[1909], pág. 21). Ainda que, por vezes, dissesse que nada mais lhe vinha à idéia, a observação clínica de Freud garantia que as associações dos pacientes nunca se extinguiriam⁴², embora, no antagonismo entre o esforço para trazer à consciência o conteúdo recalcado e as resistências que impediam sua passagem ao consciente, o ovidado só se tornasse consciente com deformações que o transformavam em uma “substituição artificial e efêmera do reprimido e tanto menos semelhante a ele quanto

⁴¹ Técnica que já havia sido proposta pela escola psicanalítica de Zurique e, mais especificamente, por Wundt.

⁴² A partir de Saussure e Lacan sabemos (respectivamente) que uma palavra pode sempre se ligar a outra, ou pelo significante ou pelo significado, e que um significante sempre se remete a outro significante.

maior a deformação que tivesse de sofrer sob a influência da resistência” (op. cit., pág. 19). Freud aproximou o funcionamento responsável por essas deformações ao do Chiste, no qual uma alusão substituta provoca riso⁴³, e, de maneira semelhante, a interpretação do relato sobre os sonhos e de fatos da vida quotidiana (como lapsos de língua – que trataremos mais adiante – e de atos falhos), eventos tidos como fortuitos por uma espécie de acordo tácito, permitiam de certo modo um acesso aos conteúdos inconscientes, imprescindível no tratamento psicanalítico. Antes, porém, de descrevermos os processos envolvidos na técnica, voltemos ao mecanismo do recalque.

Freud percebeu que não só histéricos necessariamente passavam por processos como esse; mesmo durante a infância eles podiam ser observados. É o caso, por exemplo, de uma criança que sofrera, por parte do adulto, uma sedução. Não podendo assimilar a sexualidade, tal lembrança também foi separada do sistema reconhecido de representações (eu) e, após a recordação traumática ter sido apartada, o aparelho psíquico a conservou para sempre, metamorfoseada em memória inconsciente. Para manter esse inimigo na prisão, dever-se-ia, então, viver defendendo-se de uma possível fuga, o que, portanto, fazia do sujeito um “escravo de seu escravizado”⁴⁴. O outro, contraditor externo, tornava-se, assim, o mais íntimo, e essa “extimidade”⁴⁵, colmatada pela resistência, já não mais dependia da presença do adulto sedutor, pois, embora não se encontrasse como fazendo parte do eu, já pertencia a um Outro lugar.

No entanto, quer a criança fosse ou não seduzida, uma espécie de recalque de uma “sedução originária”, essencial, presente desde os primeiros cuidados com que são administradas as necessidades da criança, podia ser observado por Freud. Era o caso representado numa brincadeira de uma criança que, embora fosse bastante apegada à mãe, já com um ano de idade, quando podia dizer poucas palavras, apresentava atributos de um “bom menino” – sendo por isso bem retribuído. Porém, essa criança tinha um hábito eventual de atirar objetos para longe de sua cama, ao mesmo tempo em que dizia a palavra alemã “Fort” (ir embora), o que causava certo trabalho para encontrar seus brinquedos.

⁴³ Como no famoso exemplo de Freud (1996 [1905]), dois comerciantes que, agregando ilicitamente certa riqueza, fazem o pintor mais notável da cidade os retratar, como meio de penetrar na alta sociedade. Numa reunião em que tais quadros foram expostos lado a lado, foi chamado um influente crítico para que lhes julgasse o valor. Após examinar os quadros, o crítico, como se notasse uma falta entre os dois, responde “onde está o redentor?”. A respeito dos mecanismos aí envolvidos, principalmente sobre a relação entre o lapso e o chiste e sua função de prazer/social conferir Veras (2003).

⁴⁴ Conforme expressão de Braunstein (2007).

⁴⁵ Neologismo topológico de Lacan (1991 [1960])

Ocorre que, quando arremessava um carretel de madeira, após seu desaparecimento, puxava-o pelo cordão amarrado a ele e saudava alegremente o reaparecimento “Da!” (ali). A interpretação de Freud a respeito do jogo ligava-se à *renúncia da satisfação* que se efetuava quando o “bom menino” deixava a mãe ir embora sem protestar, o que era repetido a partir da encenação do desaparecimento e reaparecimento dos objetos.

Assim, a criança poderia dominar o desamparo da ausência materna ativamente ao contrário do modo passivo em que desagradavelmente havia ocorrido originalmente e, a cada repetição, ela fortaleceria a supremacia que buscava reproduzindo o ‘recalque originário’. No entanto, intrigava Freud como a cena aflitiva, que tinha o ‘desprazer’ como característica, poderia causar, tanto na criança (com relação à encenação simbólica) quanto em seus pacientes (com relação aos incessantes retornos do conteúdo recalçado) uma compulsão a se repetir. Freud (1996 [1920]) vislumbrou que haveria algo além daquilo que poderia ser ocasionado pela sensação de prazer ou desprazer, localizado em um “impulso a se instaurar um estado anterior de coisas” (op. cit., pág. 24). Entretanto, para se pensar nesse estado anterior, tornava-se necessário recorrer a um mito, rememorado amiúde no ato clínico de denegação. Vejamos como funciona esse mecanismo.

Vimos que, pelo recalque, as defesas se colocavam em resistência (ao retorno do recalçado), apesar de nem sempre efetivamente realizarem-no. É por isso que, no relato dos pacientes, esses conteúdos só podiam ser acessados mediante técnicas que amortizassem tal barreira. Não obstante, durante as sessões, alguns pacientes de Freud (1996 [1925]) faziam declarações como “o senhor me pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Não é minha mãe”, o que, pelos mecanismos de associação, poderia ser entendido como “é verdade que minha mãe veio à lembrança quando pensei nessa pessoa, porém não estou inclinado a permitir que essa associação entre em consideração”. Em exemplos como esse, embora não se aceitasse o recalçado, a denegação representava uma *suspensão*⁴⁶ do recalque, na medida em que um juízo negativo de “algo que se prefere recalcar” atuaria, para Freud, como “substituto intelectual do recalçamento” (ops. cit., pág. 139).

Observemos as conseqüências desse processo durante uma análise, seguindo o comentário de Hippolite (1998 [1954]) sobre a denegação: durante o tratamento, o paciente é

⁴⁶ Freud usa a palavra alemã *Aufhebung*, que, segundo Hippolite (1998 [1954]) foi a palavra que teve um destino especial na filosofia hegeliana, ao mesmo tempo significando negar, suprimir, conservar e, “no fundo, suspender” (op. cit., pág 895).

levado a aceitar o que há pouco negava; se o analisando aceita, volta atrás em sua denegação, mas o recalque continua ali. Logo, tal afirmação só poderia ser (meramente) de natureza intelectual, pois se tratava, na verdade, de uma negação da negação. Para explicá-la, Freud se viu, então, impelido a investir na hipótese de que “o intelectual se separa[ria] do afetivo” – já que o intelectual seria, ele mesmo, uma suspensão do afetivo. Daí a necessidade de se recorrer a um mito de gênese⁴⁷ dos juízos, que pôde até ser estendido à gênese do pensamento.

Desde a filosofia aristotélica conhecemos as funções do julgamento: caberia ao juízo de atribuição, por exemplo, no contexto oral, julgar aqueles objetos (reais) originalmente prazerosos ou úteis com uma afirmação primordial (em alemão, *Bejahung*) “gostaria de comer”, assim como aos prejudiciais ou inúteis com o julgamento de negação primordial (*Ausstossung*) “gostaria de cuspi-lo fora”. De maneira geral, isso corresponderia a “gostaria de colocar isso para dentro de mim e manter aquilo fora”, ou mesmo “estará dentro de mim” e “estará fora de mim”.

Entretanto, “no começo” (atentemos aqui à nota 48) o estranho, aquilo que é ruim ao eu (*Ich*) e o externo são idênticos, pois, para um “eu-prazer original”⁴⁸, para o qual não havia nada estranho, a própria distinção entre estranho e ele mesmo suporia uma exclusão primordial (*Ausstossung*). Aquilo que é expulso no juízo primário ficaria impossibilitado de ser simbolizado a partir da *Bejahung*, pois “o indivíduo não quererá saber nada disso no sentido do recalque”. É assim que a *Ausstossung aus dem Ich* (expulsão para fora do sujeito) constituiria aquilo que, para Lacan (1998 [1954b], pág. 390), subsiste fora da simbolização, o “real”.

Mas não bastaria algo possuir o atributo “bom” para integrar-se ao eu: é preciso que ele esteja no mundo externo para que se possa apossar dele quando necessitar. É, pois, ao juízo de existência que caberia a função de saber se algo que está no representado ‘eu’ pode ser redescoberto na realidade, embora saibamos que a reprodução de uma percepção nem sempre é

⁴⁷ Cabe aqui atentarmos à densidade de um texto que não passa de três páginas. Como Hyppolite expõe, não existe o afetivo puro de um lado, inteiramente engajado no real, e o intelectual puro de outro, que dele se desvincilharia para retomá-lo. Por trás da aparente positividade, um grande mito o sustenta; quando Freud diz “no começo” não quer dizer senão “era uma vez” e, por isso, como Lacan (1998 [1954a], pág. 389) contraponteia, os “apaixonados pela idéia de desenvolvimento” não devem aqui objetar sobre o período do fenômeno.

⁴⁸ Freud (1996 [1911]) já havia relacionado essa instância ao princípio do prazer e de realidade quando disse que, tal como o “eu-prazer” nada pode fazer a não ser querer, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o “eu-realidade” nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é útil e resguardar-se contra danos. No entanto, a substituição do princípio de prazer (nota 39) pelo princípio de realidade (quando o aparelho psíquico se envolve com as circunstâncias do mundo externo e o que se apresenta à mente não é mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável) não implica a deposição daquele, mas apenas sua proteção.

fiel: caberia, pois, a esse julgamento certificar-se até onde vão tais deformações. Para isso, a representação primeva deveria ser reativada, ou seja, a busca de satisfação seria dada pelo investimento do objeto real, desde que tenha sido perdido, como no jogo do “Fort! Da!”⁴⁹.

Entretanto, conforme Freud (1996 [1920]),

“a pulsão recalcada nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação. Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações, não bastarão para remover a tensão persistente da pulsão recalcada, sendo que a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é *exigida* e a que é realmente *conseguida*, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas” (op. cit., p. 27)

Portanto as marcas dessa “busca a um estado anterior” não se restringiriam às brincadeiras infantis, pois estarão presentes nas relações entre o eu[-realidade definitivo⁵⁰] e aquilo que será sua função na *palavra*, o desconhecimento (LACAN, 1986 [1954]). Para entendermos essa função, observemos, entre os fatos da vida cotidiana, o processo de esquecimento de um nome: no afã de recuperar um nome perdido, outros “substitutos” vêm à consciência e, ainda que “reconhecemos de imediato que são incorretos [...] eles insistem em retornar e se impõem com grande persistência” (FREUD, 1996 [1901], pág. 7). Para Freud, o processo que deveria levar a reprodução do nome perdido era, assim, *deslocado*, conduzindo então a um “incorreto”. Pressupondo que esse deslocamento não era arbitrário, Freud buscou desvendar suas leis.

Tomemos um exemplo de esquecimento de nomes que Freud relatou: estando em *Trafoi*, ficara sabendo que, devido a um distúrbio sexual, um de seus pacientes cometera suicídio. Poucas semanas depois, sem que o acontecimento anterior viesse à lembrança, numa viagem até a *Herzegovina*, Freud conversava com um estranho sobre a grande confiança que os turcos que viviam na *Bósnia* e na *Herzegovina* tinham em seus médicos, de modo que, quando nada se podia fazer por um doente, diziam “*Herr*” [Senhor] “se fosse possível salvá-lo, o senhor o teria salvado”. Surge-lhe em mente, então, outra característica desse povo: devido ao grande valor conferido ao gozo sexual, havendo distúrbios sexuais, caem num profundo desespero que contrasta “estranhamente com sua resignação ante a ameaça de morte”. Freud lembrava ainda do relato de um paciente de um colega médico: “sabe *Herr*,

⁴⁹ Conforme Lacan (1998 [1959]).

⁵⁰ Conferir nota 48

quando isso acaba, a vida não tem nenhum valor”. Porém, buscando não tocar num tema como esse com um estranho, Freud suprime o pensamento e desvia a atenção de tudo que lhe surgisse a partir do tema “morte e sexualidade”. Logo em seguida pergunta ao estranho se já estivera em *Orvieto*, onde estão famosos quadros “pintados por...” se esquecendo do nome próprio *Signhorelli*, artista que pintou os afrescos das “Quatro Últimas Coisas” na catedral de *Orvieto*. Dois outros nomes (substitutos) de artistas, tão familiares para Freud quanto o esquecido, lhe vinham à consciência: *Botticelli* e *Boltraffio*.

Na análise desse esquecimento, Freud entende que o mesmo motivo que o fez se interromper na comunicação de seus pensamentos sobre os costumes turcos também o impedira que lhe viesse à consciência as idéias ligadas a eles, no caso, sobre a notícia recebida em *Trafoi*. “Eu queria esquecer algo”, diz Freud. Por conseqüência, algo havia sido recalcado. Freud então problematiza seu esquecimento:

“A aversão ao recordar dirigia-se contra um dos conteúdos; esqueci uma coisa contra minha vontade, quando queria esquecer intencionalmente a outra. A aversão ao recordar dirigia-se contra um dos conteúdos; a incapacidade de lembrar surgiu no outro. Obviamente, o caso seria mais simples se a aversão e a incapacidade de lembrar estivessem com o mesmo conteúdo. Além disso, os nomes substitutos já não me parecem tão inteiramente injustificados como antes da elucidação do assunto: por uma espécie de compromisso, eles me lembram tanto aquilo que eu queria esquecer quanto o que queria recordar e me indicam que minha intenção de esquecer algo não foi nem um êxito completo nem um fracasso total (...)” (FREUD, 1996 [1901], pág. 8).

Em *Botticelli*, o fragmento “elli” era propriamente aquilo que sobrou quando “Signor” foi esquecido; “Bo” era o resto de *Bósnia-Herzegovina*, desfalcado “Herr”; do mesmo modo, em *Boltraffio* o “Bo” de *Bósnia-Herzegovina* se associara ao *Trafoi* pela ausência de “Herr”. Embora imêmore, “Signor” (palavra estrangeira para Freud) substituíra “Herr” (correspondente alemão de “Senhor”) que, por assim dizer, caíra nas profundezas (*unterdrückt*), pois estava ligado a essa significação rechaçada (*werworfen*) pelo sujeito, significação que, para o próprio Freud, na relação com aquele seu paciente, roubara sua posição de ‘Senhor’ ao se apresentar como ‘Senhor absoluto’: a morte.

Agora, portanto, podemos entender como aquilo que foi rechaçado para fora da simbolização tende a retornar apesar da barreira de resistência que configura o ‘eu’ como desconhecimento desse ‘real’ não simbolizado. Embora haja, a partir das resistências, uma dificuldade fundamental que o sujeito encontra naquilo que tem a dizer, cuja manifestação

mais comum é “essa espécie de discordância entre o significante e o significado” (LACAN, 1998 [1954a], pág. 373) chamada recalque, ainda assim, como vimos na interpretação do esquecimento de Freud, o conteúdo pode ser comunicado nas entrelinhas. Nesse sentido, Freud (1996 [1920]) insiste: o inconsciente não oferece resistência alguma; na verdade, o recalcado se repete na busca de uma chance de irromper-se na consciência (e a partir daí Freud percebe que o pivô do tratamento analítico estaria mais relacionado com essa busca intersubjetiva de bom entendedor para as meias palavras do que com a presciência do analista a decifrá-las. A esse processo deu o nome de *transferência*⁵¹).

Entretanto, vimos que o conteúdo rechaçado pelo paciente denegador do exemplo de Freud, notadamente as experiências relacionadas ao incesto, podia ultrapassar as barreiras de resistência do ‘eu’ desde que fosse negado, já que, como antecipamos, a negação funcionaria como substituto do recalque. Esse mecanismo estará no cerne de uma operação que, embora não denominada por Freud, merecerá ser descrita: a operação de ‘correção dos lapsos’. Para propô-la, observemos como Freud via os fenômenos de *lapsus linguae*. Nesse momento, partindo do mecanismo do esquecimento no qual palavras substitutas se impõem à mente, pensemos: por que, no lapso, um sujeito diz uma palavra ao invés de outra?

Já em 1891, Freud (1977) escrevia um texto sobre as afasias refletindo sobre quando “uma palavra apropriada é substituída por outra não apropriada [...] semelhante quanto ao sentido, ligadas entre si por uma associação corrente [...ou] que tem som semelhante [ou] quando comete erros na articulação” (op. cit. pág 35-36). A esse respeito, ao invés de procurar explicações apenas na lesão orgânica causada pela doença (afasias, no caso), Freud, logo na abertura de seu texto diz que “a parafasia observada em alguns doentes não se distingue em nada daquela troca ou mutilação de palavras que quem é saudável pode encontrar em si próprio” (op. cit., pág. 35).

Nesse sentido, Freud (1996 [1901]) postula que os chamados “lapsos de fala” teriam funcionamento semelhante ao de esquecimento de nomes: estariam enraizados em fontes recalçadas. Embora considerasse as semelhanças segmentais entre algumas das palavras trocadas, Freud explica que num grande número de substituições há lapsos da fala que

⁵¹ Entendida dessa forma, a transferência perde o valor mítico que foi, por vezes, a ela atribuído; mesmo Lacan dizia que a transferência “não resulta de nenhuma propriedade misteriosa ou afetividade” (LACAN, 1998 [1951], pág. 225) e, pelo mesmo motivo, quando Leclair (um de seus alunos) pediu que falasse mais sobre esse assunto nos seminários, Lacan respondeu que falava disso “o tempo todo” (LACAN, 1986 [1954], pág. 311).

desconsideram por completo leis fonéticas, o que o fez presumir que as condições que regiam os lapsos da fala são complexas e iam muito além dos efeitos de contato dos sons. Entretanto, observemos, em um dos exemplos de aproximação de sons, como Freud (1996 [1901]) demonstra sua hipótese:

“A certa altura da análise de outra paciente, tive que lhe dizer de minha suspeita de que ela sentira vergonha de sua família na época que estávamos considerando, e que havia censurado seu pai por algo que ainda nos era desconhecido. Ela não se lembrou de nada parecido e, ainda por cima, declarou que isso era improvável. Contudo, prosseguiu com a conversa tecendo alguns comentários sobre sua família: ‘Uma coisa eu tenho que admitir: eles são pessoas fora do comum, todos têm *Geiz* [avareza]... quero dizer, *Geist* [inteligência]’. E, essa era, na verdade, a censura que ela recalcaria, desalojando-a da memória. É freqüente a situação em que a idéia que se quer reter é precisamente a que se impõe sob a forma de um lapso da fala (op. cit., pág. 49)

A influência de pensamentos situados fora do dito, tais como a relação da paciente com sua família, é que, para Freud, explicaria a ocorrência de lapsos como esse. Entretanto, como se sabe, não é sempre que ocorrem lapsos e, portanto, essas fontes recalçadas nem sempre emergem na materialidade lingüística. No que se refere a essa materialidade, Freud (1996 [1901]) explica que “é provável que o elemento suprimido sempre lute por prevalecer em algum outro lugar, mas só obtenha êxito quando depara com condições favoráveis. Em outras ocasiões a supressão sobrevém [...] sem qualquer sintoma” (op. cit., pág 23).

Dito de outra forma, embora o sujeito, na sua *intenção* configurada pelo sistema de representações do ‘eu’, se esforce para ser senhor de seu dizer, a função da censura “cinde o sujeito em uma parte acessível e outra interdita” (LACAN, 1986 [1954]) e, facilitado pela contingência que a língua fornece numa situação determinada, abre-se espaço para que o equívoco inscreva o material recalçado na materialidade lingüística. Nesse contexto é que Lacan (1986 [1954]) entende que os atos falhados seriam atos bem sucedidos, pois “as palavras que tropeçam são as palavras que confessam” (op. cit. pág 302), fazendo surgir a verdade (desejo inconsciente) a partir da equivocação.

1.4.2 O *corpolingüagem* e a fala.

A indagação sobre a *integração* – entre elementos lingüístico-discursivos (em negociação) e a atividade motora – que vínhamos postulando para a explicação dos processos hesitativos que aparecem na fala levou-nos a questionarmo-nos sobre o estatuto que deveríamos atribuir ao *corpo* (quer tenha ou não uma condição patológica), já que não pretendíamos trabalhar com aquele que, na literatura médica [ou mesmo em uma literatura lingüística⁵²], calcado no corpo orgânico, parece ter inferido uma causalidade direta desse sobre a linguagem. Isto porque, no paradigma organicista, as dificuldades de linguagem geralmente são entendidas como fruto somente do impacto de um corpo-patológico que, a partir do dizer, faria sintoma na linguagem.

Essa delimitação teórica trouxe-nos ao grupo de pesquisa SEMA-SOMa⁵³ que, segundo Leite (2002), vem dirigindo suas reflexões pela pergunta “**como o simbólico se insemina no real do corpo?**”. Baseados em articulações entre teorias de base psicanalítica e teorias lingüísticas, os trabalhos vinculados a esse grupo têm entendido que o enlace da rede discursiva inscreve o “real do corpo” (ou organismo) no simbólico, constituindo, assim, a instância caracterizada pelo neologismo “corpolingüagem”⁵⁴ (cf. LEITE, 2004). Para entendermos as condições que se estabelecerão entre a fala e essa instância, mais especificamente no que se refere ao escopo de nosso trabalho, as correções e hesitações, busquemos, mais uma vez no prisma psicanalítico, observar como se dá esse processo.

Vimos que Freud notara, na repetição de seus pacientes, um impulso a se “instaurar um estado anterior de coisas”. Ao explorarmos “o começo”, vimos também que Lacan atribuiu, ao princípio mítico da cena de expulsão, a própria constituição do real, ou seja, daquilo que não fora não simbolizado. Investiguemos melhor essas conceitualizações.

⁵² Referimo-nos aqui à crítica que Lemos (1995a) faz ao paradigma chomskyano. Pela assimilação feita entre linguagem e mente, e mente e corpo biológico, toda a autonomia da lingüística como ciência é colocada em risco. Assim, conforme a autora, ‘a remissão da ordem da língua a um saber da espécie humana resulta na sua negação e acaba por alçar do corpo o que vem também a negá-lo, isto é, um cérebro que serve para descartar, em nome da espécie, a singularidade do corpo que fala’ (op. cit., pág. 237)

⁵³ Grupo de pesquisa certificado pelo CNPq, vinculado ao IEL/UNICAMP (cujo endereço eletrônico se encontra no site <http://www.unicamp.br/iel/semasoma/>), coordenado pela Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite, do qual participamos dos encontros semanais desde o início de nossas atividades de mestrado em 2006.

⁵⁴ Além do grupo de pesquisa (nota 53), viemos fundamentando essa concepção na participação no “*GT CORPOLINGUAGEM*”, um grupo de trabalho quinzenal da “Escola de psicanálise de Campinas” (EPC) coordenado pelas professoras Dra. Claudia Thereza Guimarães de Lemos e Dra. Nina Virgínia Araújo Leite.

Sabe-se que, muito antes de poder refletir sobre a morte, o *infans* (aquele que não fala) a experimenta na fase de miséria original, que vai desde o trauma do nascimento até o fim da prematuração fisiológica⁵⁵. Só a ação de um adulto auxiliador – cargo normalmente preenchido pela mãe –, chamado no apelo do grito, pode salvá-lo, oferecendo objetos que satisfaçam as necessidades e apaziguem suas excitações internas. Logo após, o corpo da criança se silencia, pois, nessa primeira vivência de satisfação *corporal*, há também a primeira experiência de homeostase tensional³⁹ que aproximaria esse “gozo-do-ser” à sensação de completude.

É também mediante o outro que o ‘filhote de homem’ – mesmo no seu estado prematuro a partir do qual não poderia conceber senão uma imagem despedaçada de seu corporal – antecipa sua maturidade e, pela imagem que faz do outro como *forma total de corpo*, goza em seu sentimento de si por também supor-se ‘Um’ com seu corpo, assim como se dá no júbilo pela identificação que a experiência em frente ao espelho lhe proporciona⁵⁶. O momento em que o ‘eu’ se forma pelo ‘ideal do eu’⁵⁷ – inscrevendo o sujeito naquilo que, na dialética hegeliana, faz com que o “tu és” possa ser invertido em “eu sou” – proporciona, portanto, o primeiro sentimento de gozo no sentido jurídico, como *usufruto* de um *objeto* que é o *próprio corpo*, já que o ‘eu’ precipita-se como suposto organizador das manifestações motoras.

Entretanto, muito breve o caminho que supostamente poderia reconduzir até a ‘satisfação completa’ encontrar-se-á obstruído, já que, quando as necessidades reaparecem, o objeto representado, reinvestido a partir do objeto primevo, proporciona percepções que não harmonizam com a lembrança fundamental. Além disso, se a mãe não responde mais, ela torna-se uma potência, já que o que antes era objeto de satisfação passa a ser objeto de dom⁵⁸, pois, quando o bebê tem uma necessidade, a mãe o inscreve, junto da satisfação dessa necessidade, em um universo de linguagem. Assim, ocupando um lugar no desejo (inconsciente) da mãe, a criança vê suas necessidades voltarem a si de forma invertida (ex: ah! você quer...), ou seja, o desejo só aparece através do outro. Mas, frustrado na disparidade entre o real e o representado, o desejo “se satisfaz e não se satisfaz”.

⁵⁵ Conforme Lacan (1998 [1949]) trata-se do “atraso do desenvolvimento do neuro-eixo durante os seis primeiros meses de vida”, incluindo o inacabamento anatômico do sistema piramidal bem como a presença de certos resíduos humorais do organismo materno.

⁵⁶ Desde os seis meses de vida, conforme Baldwin (apud Lacan, 1998 [1949]).

⁵⁷ Que é o outro enquanto ser falante (Lacan 1986 [1954], pág. 166)

⁵⁸ Basta pensarmos, aqui, na atitude do desmame.

Com o objeto elevado à potência, a presença/ausência materna podia então ser simbolizada, como encenava o jogo do “*Fort! Da!*”. É assim que “o símbolo manifesta[va]-se inicialmente como assassinato da coisa, e essa morte constitui, no sujeito, a eternização de seu desejo.” (Lacan, 1998 [1953], pág. 320). Essa a coisa, o “*das Ding*” freudiano, o sujeito sempre buscará recuperar mediante um desejo que não se sacia, pois “*Das Ding*” marca no sujeito uma *falta* do que nunca haverá, já que o próprio fundamento do ser jaz na diferença entre as representações possíveis e aquilo que desapareceu para sempre (BRAUNSTEIN, 2007).

Para ilustrar melhor esse campo marcado pela falta, observemos, mais uma vez, um dos jogos infantis. Numa das variações do “puzzle”, um espaço vazio explicita que o mecanismo da falta ali representado é que torna possível qualquer movimento do jogo. O jogador, na organização do quadro, vai movendo as ‘letrinhas’ para o lugar do espaço vazio, enquanto, simultaneamente, esse espaço se move para outro lugar.



Jogo “puzzle”

A partir do momento em que, na confecção do jogo, uma peça faz falta, temos uma ilustração (embora grosseira) da cena de parto da falta (aqui, *simbólica*) e do sujeito (ao desejo). Isso porque, mesmo após a exclusão primordial, “nessa realidade que o sujeito tem que compor, segundo a gama bem temperada de seus objetos, o real como suprimido da simbolização primordial, *já está presente*” (Lacan, 1998 [1954b], pág. 391). A partir daí, então, quando a letrinha (esses nomes significantes que damos para nossos desejos) ‘tapa’ o buraco (esse suprimido *presente*) na busca de preencher por completo o quadro do puzzle (o gozo-do-ser), a falta se lança para outros significantes. Portanto, no campo onde impera a falta, cumpre notar que as palavras que nomeiam as coisas (Fort! Da!) indicam também perda de um gozo.

Vemos, portanto, que o processo que faz desse “devir” um “sujeito” parte de uma invocação do Outro, pois é ele que o interpela à linguagem. Seu acesso, entretanto, gera uma

dívida, que deverá ser paga pela renúncia ao gozo⁵⁹. Essa renúncia, como Freud tão bem articulou, passa de uma perda do gozo-do-ser (pela impossibilidade da repetição da satisfação), para a renúncia do que resta de gozo no corpo próprio até que, enfim, chegue à renúncia de qualquer possibilidade de gozar (no sentido jurídico do termo) do corpo daquele outro primordial, ou seja, respectivamente: renúncia do gozo oral, anal, etc... até que sobrevenha a renúncia edípica, já que, conforme a lei (de censura) universal, possuir a mãe levará o sujeito ao pior, como foi ilustrado o incesto no drama criado por Sófocles. Por fim, só restará ao sujeito submeter o corpo, esse reservatório de gozo, cabalmente à lei da linguagem, que o “obriga[rá] a viver convertendo as aspirações ao gozo em termos de discurso articulado, de vínculo social” (BRAUNSTEIN, 2007, pág. 40).

Mais do que ser simplesmente chamado a passar de *infans* a falante, o princípio do prazer e a busca pelo apaziguamento das tensões internas ao corpo devem ser sobrepostos por essa Lei do Outro, que convoca toda a cesura cultural: ser um bom menino, cuidadoso, educado, aceitar o desmame, aceitar que o excremento deverá ser retardado até que o Outro indique o momento ‘adequado’ para soltá-lo..., submeter, enfim, toda possibilidade de gozo – seja “relativo ao olhar, ser visto, bater, cuspir, morder, vomitar, ser batido, falar, escutar, ser ouvido, gritar e ser gritado” (BRAUNSTEIN, 2007, pág. 57) – à educação, de modo que o gozo-do-ser passe a ‘envergonhar’, fazendo valer a assertiva segundo a qual “a lei é que faz o pecado”, que continua a ser verdadeira fora da perspectiva escatológica de Paulo (LACAN, 1991 [1960], pág. 128), “em troca de uma promessa de outro gozo”, mais ajustado aos “sujeitos da lei” (BRAUNSTEIN, 2007, pág. 32).

No caso da histérica de Freud que citamos há pouco, é a busca da completude que gozar do pai (supostamente) teria trazido que, *renunciada*, retorna sob a forma de desejos e sintomas. Por outro lado, no caso do paciente denegador (“não é minha mãe”), embora a renúncia ao gozo incestuoso também seja recalcada, ela pôde ser retomada na fala mediante a fórmula da negação.

Contudo, na busca para instaurar o “estado anterior de coisas” (o perdido gozo-do-ser), haveria possibilidade de retornar ao gozo pela lei? Antes de continuarmos nesse caminho, observemos como as relações estabelecidas até aqui, concernentes à falta que move o desejo do Outro na sua busca do gozo perdido, podem se marcar *no ato de fala*.

⁵⁹ Essa mesma renúncia que Freud atribui na análise do “bom menino” que não reclamava a ausência da mãe.

Uma vez inscrito na ordem da linguagem, assim como renunciou a seu gozo, o sujeito também tenderá a renunciar a ser um objeto para o gozo do outro, como antecipamos a respeito do trauma infantil ou da sedução originária. O mecanismo da falta que, do lado do outro sedutor, faz da criança um objeto do seu desejo, torna-se insuportável para permanecer entre os sistemas de representações e, por conseguinte, é *rechaçado*. Mas como, de objeto no desejo do Outro, a criança pode passar à posição de sujeito? Segundo Pommier (2004), repetindo o “recalque originário”⁶⁰, no ato de fala, o sujeito que renuncia à posição de objeto é “a um só tempo o produto e o ator de sua fala”: por ser um produto que se recusa a esse estado é que “torna-se, por fim, um ator”. O sujeito esforça-se para existir, *como sujeito*, falando. Só assim pode escapar às objetivacões que sempre buscarão o inscrever no desejo de seus outros.

Entretanto, como no infans, aquele que busca gozo no próprio corpo é fadado ao desejo do Outro. Renunciado tal gozo, na dívida da linguagem, só restaria ao falante se impor subjetivamente mediante uma espécie de esquecimento de seu corpo. Este é um tema que podemos, mediante algum esforço teórico, observar em discussões (sérias) sobre o fenômeno da gagueira: *o investimento no corpo atenua o investimento na significação*. A esse respeito observemos Friedman (1986):

“Segundo Tewellinger ‘as variações fonéticas ocorrem em cerca de um décimo de segundo. E o fato da sentença ser compreensível atesta que a maior parte daquelas variações se efetiva de maneira precisa, embora haja considerável probabilidade de erro em qualquer língua. [...] Quando fala, a pessoa não pensa em fonemas. Se pensa em alguma coisa, é em palavras ou, melhor ainda, em idéias ou significações completas. Em verdade não disporia de tempo para pensar em fonemas, ainda que soubesse o que eles são. O falar se processa de maneira demasiado rápida para admitir esse tipo de reflexão’ Dito em outras palavras, para falar pensamos não em ‘como’ mas em ‘o quê’. Entretanto, a representação de si como mau falante e o desejo de evitar que isso apareça implica exatamente no contrário. Historicamente, a atenção do indivíduo que manifesta gagueira foi levada a ligar-se no como falar, outro aspecto que reafirma um aumento de tensão associado à atividade da fala” (op. cit., pág 22)

⁶⁰ Explicando esta noção, Pommier (1992) sustenta que, ao falar, o sujeito “(...) recalca sua posição de objeto do Outro. Vale dizer que essa ‘performance’ é correlativa da recondução do *recalque originário*. O recalque primordial não é um acontecimento consumado de uma vez por todas na infância, no momento mesmo do *Hilflosigkeit*, isto é, do desamparo psíquico antes que fisiológico. O recalque primordial se conduz a cada instante, por exemplo, no momento em que faço essa comunicação: se o moedor da fala parar, estarei *Hilfflos*. Faço diante de vocês a experiência que me força a reconduzir o recalque primordial, isto é, o que me força a passar da posição de objeto à de sujeito graças ao moedor significativo” (op. cit., p. 120)

Apesar da brilhante colocação, o que não fica evidente no texto, embora pressuposto, é justamente que “a maneira [*com que a produção fonética é*] precisa, embora haja grande probabilidade de erro” está por trás do “não se deve pensar em fonemas”, pois essa ‘maneira’ *deve* necessariamente ser automatizada, ou, no sentido que estamos postulando, ser esquecida pelo ‘eu’.

Certas experiências da clínica (fonoaudiológica) nos ‘desvios’ da aquisição fonológica explicitam esse dinamismo, quando, na superação de um estágio de experimentação motora para a produção de um som – procurando assentar, no sistema fonológico, aquilo pelo que Saussure inicialmente identificou o “significante” numa “imagem muscular” – são possibilitadas diferenças semânticas⁶¹. Assim, a mesma determinação fundada por Saussure quando diz que “o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem”, que, no dualismo da ciência da língua, separa os ajustes motores para a produção do som (denominados ‘fonéticos’) dos mecanismos de produção de sentido resultantes da categorização desses ajustes (‘fonológicos’), deve ser *suspensa* do ‘eu’ para que a reflexão sobre a produção, ou o que chamamos de investimento sobre o corpo, não transforme o sujeito (‘gago’), pelos ouvidos de seu Outro, no objeto gagueira.

Desse modo, no ato de fala **o corpo não deve ser convocado**⁶², ou, nas palavras de Pommier (1992),

“(…) enquanto falo tento escapar à objetivação pulsional falando [...] metamorfoseio a significação do corpo em significação das frases: esqueço do meu corpo falando. Quando falamos, esquecemos do nosso corpo. Existo ao transferir o ser do corpo ao ser das frases” (op. cit., p. 122).

Concluimos, portanto, que, durante a fala, a atividade simbólica supõe uma *Aufhebung*, uma *suspensão* dos aspectos motores envolvidos em sua dinâmica. Configura-se aí uma primeira tese lacaniana: “o gozo [do corpo] é interdito a quem fala como tal” (LACAN, 1998 [1960], p. 836), pois o enlace discursivo que constitui o sujeito no ato de

⁶¹ Tomemos como exemplo o aprendizado da produção do tepe /r/ na posição de onset complexo (como em ‘prato’), onde a criança pode inicialmente não produzir o fonema (ex. pato) ou preencher seu lugar com algo parecido (plato). Durante a aprendizagem do fonema ou a diferenciação de seu traço específico, a criança vai excluindo as possibilidades motoras que divergentes do alvo: elevação da úvula ao invés de seu rebaixamento, posição côncava da língua ao invés de convexa, bloqueio total a passagem de ar com pouca tensão ao invés de sua passagem contínua e/ou com alta tensão muscular, etc... Nessa apalpação motora a reflexão sobre o som é predominantemente fonética, tendo como escopo a exatidão dos significantes da língua, mas, *nessa reflexão sobre o motor*, não necessariamente de seu significado.

⁶² Nesse sentido de investimento em sua ação motora, tal como expusemos.

fala, o “corporeidade”, implica uma renúncia ao gozo do corpo, já que essa interdição é própria “condição de possibilidade de se haver palavra” (VALAS, 2001)⁶³.

Veremos mais a diante o porquê de não surpreender que numa condição em que o corpo seja demasiadamente convocado no ato de fala [por exemplo, na gagueira, através da imagem de mal falante, como postula Friedman (1986)] a objetivação traga dificuldades para o “ser do corpo” passar a “*ser* das frases”. Portanto, alicerçados nesses pilares teóricos, neste trabalho, pretendemos inscrever, na discussão sobre as dificuldades de linguagem dos sujeitos com DP, para além de operações simbólicas e imaginárias, “a consideração do real do corpo e da língua no escopo dos estudos lingüísticos” (cf. LEITE, 2004).

1.4.3 Lingüística e psicanálise: [a inibição d]o real da língua

Retomemos a questão que deixamos em aberto na seção anterior: perdido o ‘gozo-do-ser’, haveria possibilidade recuperá-lo pela lei? Para responder essa questão, voltemos ao contexto teórico que deixamos suspenso há pouco.

Vimos que (1) o gozo obtido nas primeiras experiências de satisfação, que o Outro proporciona ao *infans* torna-se irrecuperável; no mesmo sentido, (2) para ser aceito socialmente (pelos *outros*) o gozo proporcionado pelas “zonas erógenas” do corpo também deverá ser censurado e, por fim, (3) o próprio Outro deve ser renunciado pela lei do incesto. Assim, (1) o assassinato da coisa (*das Ding*), ou seja, quando o gozo-do-ser se vê limitado pela impossibilidade de satisfação total de prazer (LACAN, 1998 [1960], pág. 836), (2) a permuta do gozo do corpo pela inseminação da vergonha (ética, social) que, assim como o desejo, vem *do outro*, e, finalmente, (3) a necessidade de renunciar às possibilidades de gozar desse outro, pelo mecanismo do recalque, *tornam esse Outro inconsciente*.

Lacan (1998 [1953]) e Freud (em toda a obra) acreditam que esses ‘deveres culturais’ que o outro cobra inscrevem o *infans* no plano da linguagem, já que “a lei do homem é a lei da linguagem” (pág. 273). Só resta a esse “vir-a-ser” buscar gozo através da lei. Na expressão de Braunstein (2007) “o gozo da coisa está perdido, o gozo somente será possível atravessando o campo as palavras” (op. cit., pág. 40) mas já será outro gozo já que, como vimos, as palavras testemunham o assassinato da coisa. Assim, na ambivalência entre

⁶³ A esse respeito é interessante a posição do autor quanto diz que “não se sabe se o homem fala porque seu gozo está em falta ou se é porque ele fala que seu gozo está em falta” (op. cit., p. 37)

possibilidade de recuperação por ser o elo perdido do gozo e, ao mesmo tempo, testemunho de sua perda, é que se inscreve na palavra o *ciframento* do gozo. A palavra é, assim,

“o rastro que corre atrás do barco, o sulco que não pode alcançar o arado que o causa. Mas do arado e do barco é impossível saber senão pelas marcas que deixam no caminho. A terra e o mar, o corpo, em uma palavra, trazem em si a inscrição do irrecuperável. A palavra grava-se na carne e torna essa carne um corpo que é simbolizado nos intercâmbios com o Outro. Falar, pensar, passar pelos significantes da Lei; esses são os efeitos da falta do objeto que toma assim o lugar da coisa (*Ding*). Somos todos náufragos do gozo que perdemos ao entrar na linguagem” (BRAUNSTEIN, 2007, pág. 40)

Mas essa palavra é o que a lingüística tem a conhecer? Para resolvermos essa questão, voltemo-nos primeiramente a Freud.

Vimos que o lapso de sua paciente, envolvendo ‘Geiz’ [avareza] e ‘Geist’ [inteligência], apresenta uma notável contingência favorável do material lingüístico, no caso, a aproximação fonológica (e a homografia). Por outro lado, no caso do Presidente da câmara Baixa do Parlamento Austríaco que abriu uma sessão dizendo “Senhores Deputados; constato a presença dos membros dessa casa em quorum suficiente e, portanto, declaro encerrada a sessão” (op. cit., pág. 22), vemos que é a contingência homonímica que lhe favorece no *deciframento* daquilo que havia sido anteriormente recalcado, no caso, o desejo de encerrar algo que não lhe aprazia⁶⁴.

A lingüística conhece perfeitamente a lei rege esse favorecimento, pois a colocou no eixo paradigmático *da fala*⁶⁵. Desde que Saussure (1979 [1916]) definiu a língua como um sistema que conhece somente sua “ordem própria” (op. cit., pág. 31) o que pertence à fala ficara *excluído* da ciência lingüística, mas nem por isso a esfera individual deixa de *retornar* à lingüística nas possibilidades que Saussure vê no eixo associativo. Assim, seja pelo significante [Geiz/Geist] ou pelo significado [aberta/encerrada], uma palavra pode evocar tudo que lhe seja suscetível associar, pois, como Saussure já dizia,

⁶⁴ Segundo Freud (1996 [1938], pág. 182), “(...) Muitas das sessões anteriores da Câmara tinham sido desagradavelmente tempestuosas e nada haviam produzido, de modo que seria muito natural que o presidente pensasse, no momento de fazer sua declaração de abertura: ‘Se a sessão que está apenas começando estivesse acabada! Preferiria muito mais encerrá-la do que abri-la!’ Quando começou a falar, provavelmente não estava cômico desse desejo - não lhe era consciente -, mas ele achava-se certamente presente e alcançou sucesso em se fazer efetivo, contra a vontade do orador, em seu aparente equívoco (...)”

⁶⁵ Conferir sessão 1.3.2 desse trabalho (“Aspectos lingüístico-discursivos na doença de Parkinson”)

“os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam” (op. cit., pág. 145)

É assim que o inconsciente se vale da língua para cifrar o gozo, pois se trata de “um aparelho que serve para a conversão do gozo em discurso” (LACAN, 1982 [1973], pág. 49). Nesse sentido, a língua pode ser entendida, conforme infere Milner (1987), como “aquilo que o inconsciente pratica”, ou seja, um modo singular de produzir equívoco. Entretanto, embora no próprio seio da lingüística se assumia que o código que rege as associações “permite um número de associações que ultrapassa qualquer cálculo” (BENVENISTE, 1989, pág. 99), por outro lado, como a ciência se sustenta numa suposição de que “o real da língua é da ordem do calculável”, ela *exclui toda a possibilidade de poesia* (MILNER, 1987, pág. 7) justamente por que a poesia viola a cristalização do uso, mediante a qual a língua se produz na oposição saussuriana *langue/parole*⁶⁶.

Mas a exclusão da poesia não se deu, como se supõe, apenas com essa célebre oposição, pois se preservou durante a história da lingüística, a partir da qual temos, por exemplo: (a) a negligência que os lingüistas da época de Jakobson (1975a) sobre os elementos que o autor denominava “emotivos”, intitulando-os como secundários, apesar de o autor se defender dizendo que “uma expulsão dos elementos emotivos ‘da ciência lingüística’ constitui um experimento radical de redução – *reductio ad absurdum*” (op. cit., pág. 122), e; (b) mais atualmente, a suposta preservação da memória de Saussure, argumento para embargo que os responsáveis pelos manuscritos colocaram sobre a publicação do que resta de inédito nos “Anagrammes”⁶⁷ – trabalhos nos quais Saussure demonstra “o papel oportuno da poesia” ao lado dos “princípios da lingüística”, segundo a carta enviada a Meillet, publicada por Jakobson (1990). Para Lemos (1997) isso poderia refletir que tais responsáveis “não tendo recursos teóricos e epistemológicos para ler a descoberta de Saussure como questão para a lingüística” (op. cit. pág. 10) a tomariam *como loucura*.

⁶⁶ Aferimos aqui a seguinte colocação de Lacan (1977), “se a língua – e aqui que Saussure toma seu ponto de partida na distinção língua/fala – é fruto de uma maturação que se cristaliza em uso, a poesia resulta de uma violência feita a esse uso”.

⁶⁷ Nos cadernos de Saussure apresentados por Starobinski (*apud* Lemos, 1997), na presença do que Saussure chamou de “Anagramas” havia uma palavra-tema. Por exemplo, nos versos dos poemas saturninos “o poema deve conter o nome de Deus” disseminado em suas palavras.

Mas, considerando, conforme Milner (1987), que, “em se tratando de língua, a ciência pode faltar”, uma vez que é por uma questão de princípio que, no discurso científico, certas suposições *de língua* (com as de não consistência, incomensurabilidade, não-identidade, substancialidade, possibilidade de cessação de sua estratificação e não isotopia) são descartadas para a finalidade de cálculo (apesar de, segundo o autor, nada na experiência tornar essas proposições impossíveis de serem sustentadas), e, ainda assim, conforme o autor, tais suposições não deixarem de desenhar na própria ordem da língua um registro próprio ao equívoco, denominado *lalangue*⁶⁸, ao mesmo tempo em que a *língua* se dá por uma demanda de univocidade que, persistindo na consumação dos efeitos de laço social, constitui uma realidade (MILNER, 1983), pelo discurso da ciência, ela nunca passaria de uma elucubração de saber sobre o real da língua (lalíngua⁶⁹).

É, pois, no registro de lalíngua que, na atividade lingüística, o sujeito poderia reencontrar seu gozo, ainda que de modo fragmentado. Desse modo, ao mesmo tempo em que, por um lado, o gozo estaria perdido, haveria, portanto, um resto deste gozo que escapa. Configura-se aí uma segunda tese lacaniana “[o gozo] só pode ser dito nas entrelinhas por quem quer que seja sujeito da lei, já que a lei se funda justamente nessa proibição” (LACAN, 1998 [1960], p. 836).

Portanto, considerar esse real, próprio dos equívocos, como fundamento do funcionamento com que, nos lapsos (ou nas correções), se ‘troca uma palavra por outra’, só pode ser concebido no discurso científico através de uma mudança paradigmática que

⁶⁸ Denominação de Lacan ao registro (ou espaço) do equívoco e de tudo aquilo que, na própria língua, escaparia às regras. Esta consagraria, ao mesmo tempo, à língua um real “impossível de ser calculado pela ciência” (op. cit., p. 7) e o inconsciente enquanto seus efeitos – conferir. nota 7 de Leite (2000). Note-se então que, por não haver designação unívoca para este registro, esse nome é, conforme Milner (1987), apenas um semblante.

⁶⁹ Tradução de Haroldo de Campos. O autor explica porque discrepa da tradução corrente (‘alíngua’) dizendo que: “Diferentemente do artigo feminino francês (la), o equivalente (a) em português, quando justaposto a uma palavra, pode confundir-se com o prefixo de negação, de privação (afasia, perda do poder de expressão da fala; afásico, o que sofre dessa perda; [...] aglossia, mutismo, falta de língua[...]). Assim, alíngua, poderia significar carência de língua, de linguagem, [...]. Ora, LALANGUE, pode-se dizer, é o oposto de não-língua, de privação de língua. É antes uma língua enfatizada, uma língua tencionada pela ‘função poética’[...] Então prefiro LALINGUA, com LA prefixado, este LA [...] Lalia, lalação, derivados do grego laléo, têm as acepções de ‘fala’, ‘loquacidade’, e também por via do latim lallare. [...] Toda a área semântica que essa aglutinação convoca (e que está no francês lalangue, mas se perde em alíngua) corresponde aos propósitos da cunhagem lacaniana, servindo a justaposição enfática para frisar que, se ‘a linguagem é feita de lalíngua’, [...] o ‘inconsciente é um saber, um saber-fazer com lalíngua’, sendo certo que esse ‘saber-fazer com lalíngua’ ultrapassa de muito aquilo de que podemos dar conta a título de linguagem” (CAMPOS, 2001) (negrito do autor, sublinhados nossos)

aceite: um sujeito dividido⁷⁰ e um registro simbólico (língua) no qual *a inconsistência seria inerente e fundadora* (ou seja, suportando a língua); ou, nas palavras de Le Gaufey (1996),

“(…) A ciência reduzida a não ser senão um cálculo, eis aí um ideal clássico que implicou, sem qualquer dúvida uma efetiva completude do simbólico. A partir do momento em que o contrário é verdadeiro, esse ideal pode não ter mais o mesmo poder legiferante; e a ciência que resta a ser feita poderia talvez, sem mais tremer por sua tomada racional, interessar-se por um sujeito do qual, no passado ela não tinha idéia, um sujeito que se origina, como ela, sobre uma borda de uma mesma incompletude (…)” (op. cit.)

Essas serão as condições básicas para qualquer estudo que parta do pressuposto que lingüística e a psicanálise podem se articular pontualmente – embora num encontro faltoso (cf. Leite, 2000), e, conseqüentemente, são também as que estamos adotamos em nossas hipóteses sobre as correções e hesitações.

Para tanto, voltemos mais uma vez aos lapsos. Vimos que as condições contingentes do material lingüístico são favoráveis para ocorrência dos lapsos. Por outro lado, ao postular a objeção de que a causa dos lapsos poderia ser relacionada aos distúrbios da circulação e das funções cerebrais em geral, tais como cansaço, Freud explica que, num processo – como esquecimento de nomes ou mesmo em lapsos – pode ou não haver fatores favorecedores deste processo, mas que esses fatores nem por isso constituem o processo. Para exemplificar essa hipótese, Freud se vale da seguinte metáfora:

“(…) suponhamos que eu tenha sido imprudente o bastante para passear de noite num bairro deserto da cidade, onde me hajam assaltado e roubado meu relógio e minha carteira. No posto policial mais próximo, comunico a ocorrência com as seguintes palavras: ‘Eu estava na rua tal e tal, e lá o *isolamento* e a *escuridão* tiraram meu relógio e minha carteira’. Embora, com essa afirmação, eu não dissesse nada de inverídico, o texto de minha comunicação me exporia ao risco de pensarem que não estou muito certo da cabeça. Esse estado de coisas só poderia ser corretamente descrito dizendo que, *favorecidos* pelo isolamento do lugar e *protegidos* pela *escuridão*, *malfeitores desconhecidos* roubaram meus objetos de valor. Ora, a situação no esquecimento de nomes não tem por que ser diferente; favorecida pelo cansaço, por distúrbios circulatórios e por uma intoxicação, uma força psíquica desconhecida rouba-me o acesso aos nomes próprios pertencentes à minha memória - uma força que, em outros casos, pode ocasionar a mesma falha da memória quando se está com saúde e eficiência plenas (…)” (op. cit., pág 38-39)

⁷⁰ Entre o consciente e o inconsciente, entre o ego e o id, para citar algumas das definições de divisão presentes na psicanálise freudiana.

Portanto, o retorno do recalcado, no qual Freud metaforiza a figura dos malfeitores, é que se mostraria nos lapsos de fala quando, à revelia da vontade do indivíduo, uma palavra é enunciada no lugar de outra. Entretanto, além de Freud refutar a teoria de que a motivação do lapso fosse reduzida a distúrbios fisiológicos, também contestava a suposição, defendida por Meringer (*apud* Freud, 1996 [1901]), de que a aproximação de sons seria sua única favorecedora. Assim, Freud se aproxima mais do filósofo Wilhelm Wundt, segundo o qual, na determinação do lapso, haveria uma *positividade*, relacionada a um fluxo desinibido de associações de sons e de palavras evocadas pelos sons falados, e uma *negatividade*, relacionada à supressão dos efeitos inibidores da ‘vontade’ sobre esse fluxo. Assim, num artigo datado de 1900, Wundt (*apud* Freud, 1996 [1901]) diz que

“(…) Quer esse jogo das associações se manifeste pela antecipação de um som vindouro, ou pela reprodução de sons precedentes, ou pela intercalação de um som habitualmente pronunciado ou, por último, pela repercussão de palavras completamente diferentes sobre os sons pronunciados, por terem com eles algum vínculo associativo – tudo isso indica apenas diferenças na direção e, no máximo, no âmbito das associações ocorrentes, e não diferentes em sua natureza geral” (op. cit., pág. 43)

Contudo, em uma visão tanto mais integrada, Freud explica que ambos os fatores, positivo e negativo, fazem parte de um mesmo processo, pois é em consequência do *relaxamento da atenção inibidora* (indiscutivelmente do ‘eu’) que o *fluxo desinibido de associações* pode entrar em atividade, embora, vale lembrar com Freud (1996 [1901]), a motivação se dê por um elemento perturbador, “um pensamento singular que permaneceu inconsciente, que se manifesta no lapso da fala”, (e podemos completar agora) algo que fora excluído da consciência, mas que, mediante a instauração do registro de lalíngua, pôde ser *decifrado* na materialidade lingüística, embora indesejadamente.

Todavia, sabe-se que, na maior parte dos lapsos que Freud descreve, uma minoria é reparada prontamente pelo próprio paciente, como o da paciente que tinha sentimentos de vergonha pela família. Entretanto em lapsos como esses, vemos que, em sua seqüência, prontamente há uma defesa por um mecanismo que, semanticamente, não difere daquele que observamos nas denegações, pois, segundo Lacan (1986 [1954]),

“(…) quando dizemos que o ‘eu’ nada sabe a respeito dos desejos do sujeito, é porque a elaboração da experiência de Freud nos ensina. Essa ignorância não é uma pura e simples ignorância. É o que está expresso concretamente **no processo da denegação** e que se chama [...] desconhecimento. Desconhecimento não é ignorância [... pois] representa certa organização de afirmações e negações a qual o sujeito está apegado. Não podemos, pois, conceber o desconhecimento sem um conhecimento relativo. Se o sujeito pode desconhecer algo [...] por traz de seu desconhecimento tem que haver um certo conhecimento do que tem a desconhecer” (op. cit., pág. 194, grifos nossos)

Assim, o desconhecimento que o eu tem dos desejos do sujeito pode ser observado no próprio lapso da paciente de Freud, já que

“eu tenho que admitir [...] todos têm Geiz... [eu] **quero dizer, Geist**”

demonstra que o ‘eu’ (moi), oculto na segunda oração, busca a anulação semântica do enunciado fonte (EF) “Geiz”, que o sujeito [Je] da primeira oração havia proferido, mediante o enunciado reformulador (ER) “quero dizer, Geist”. O que aqui postulamos ser a correção no prisma psicanalítico envolve, portanto, o lapso como ER e o produto da denegação como ER.

Entretanto a autocorreção lingüística não deve ser confundida com a correção psicanalítica, pois nessa última, por definição, o lapso a ser corrigido se dará pela presença de um elemento perturbador que o causa. Isso, no entanto, não necessariamente proíbe a reinterpretação da autocorreção a partir da correção; entretanto, será necessário partir dos mesmos mecanismos necessários para se entender as correções: a denegação [já que (a tentativa de) anular ou atenuar semanticamente algo que foi enunciado anteriormente, tal como são descritas lingüisticamente as correções, é uma atitude de negativa] e o lapso [já que sua correção testemunha que algo rechaçado pelo eu se inscreveu na enunciação]. Para isso, teremos recuperar traços que indiquem porque a parte relativa ao EF, nas autocorreções, foi rechaçada, de modo que, quando sobreveio a atenção inibitória do ‘eu’, teve de ser *negada* por ER.

Entretanto, desde que supomos o registro de lalíngua como aquilo que, pela fala, possibilita que a busca de um gozo inscreva o Outro naquilo que *se supõe* Um (a dita ‘extimidade’), já não podemos aceitar uma definição lingüística que proponha, pelo contraste de seu antônimo, que a intersubjetividade esteja fora da materialidade da língua. Portanto, embora a separação entre autocorreções e heterocorreções tenha seu valor na análise conversacional, ao tratarmos daquilo que na ótica lingüística é denominado autocorreção, preferimos chamá-la apenas de correção.

Partindo das concepções que descrevemos, como poderíamos, então, entender as *hesitações* que ocorrem durante a fala? Como aconselha Lacan, retornemos mais uma vez aos textos freudianos. Observemos a seguinte passagem do texto “sobre a psicopatologia da vida quotidiana”:

“(...) perturbações da fala que já não podem ser descritas como lapsos, pois o que afetam não é a palavra isolada, mas sim o ritmo e a enunciação do dito inteiro: perturbações como, por exemplo, os balbucios e gaguejos causados pelo embaraço [...] nesse caso [...] a questão [também] é um conflito interno que nos é denunciado pela perturbação da fala (...)”. (FREUD, 1996 [1901], pág 110)

Essa parece ser a descrição feita para aqueles elementos que, embora sejam lingüísticos, indiciando um conflito da divisão subjetiva na materialidade lingüística, não permitem que o equívoco se instaure e, ao contrário do que ocorre nos lapsos, pela atenção do ‘eu’, *inibem* o real da língua. Acreditamos, portanto, que hesitações como alongamentos, pausas, repetições e gaguejamentos que ocorrem na fala apresentem esse funcionamento. Desse modo, enquanto nas hesitações haveria uma inibição do real da língua que inibe efetivamente a materialização do equívoco, nas correções essa contenção se efetiva tardiamente pela denegação.

Podemos, assim, aproximar as medidas ‘euóicas’ de *denegação* e de *inibição* como formas materializadas linguisticamente nas correções e hesitações. Essas formas garantiriam, para o ‘eu’, a estabilidade colocada em risco pela inscrição do Outro em seu dizer.

Mas, como vimos na sessão anterior, o corpo deve ser um Outro esquecido/suspendido para que o ‘eu’, durante o ato de fala, não o invista. Desse modo, cabe ao ‘eu’, portanto, a função de inibir tanto o real da língua quanto ao corpo.

Entretanto, como poderia o sujeito com DP se esquecer de um corpo que não cessa de se fazer convocado? Partindo apenas da descrição neuropsicomotora que fizemos da doença (conferir seção 1.3.1) como o sujeito com DP poderia não investir representação, durante a fala, nisso que o faz tremer em situações de tensão, nisso que o desequilibra com problemas reflexos, que o enrijece numa resistência à movimentação articulatória, nisso que restringe suas possibilidades prosódicas e, principalmente, que não permite o contato necessário dos articuladores envolvidos na fala para a precisão dos sons, isso que é o corpo *que-le* goza?

Cumpramos notar que não abandonamos aqui a base sobre a qual esse trabalho foi possibilitado, a saber, os estudos lingüístico-discursivos que demonstram a importância da esfera simbólica nas questões de linguagem dos sujeitos com DP. Por um lado, nossa posição mantém, como dissemos, relações de aliança ou mesmo de embasamento⁷¹ neles; por outro lado, a posição de nossa pergunta aqui é radicalmente oposta a das respostas biomédicas e neuropsicológicas, e mantém com elas relações de conflito. Isso porque não se trata aqui de entender que os problemas orgânicos impedem a fala dos sujeitos com DP, mas sim de como essas dificuldades motoras demandam parte da esfera simbólica, de modo que essa tenha sua função lingüística necessária na produção de sentidos, que é a de se desprender do significante e em prol dos significados, prejudicada.

Assim, formulamos a hipótese central de nossa pesquisa como sendo a de que a condição de parkinsonianos possivelmente traria, na atividade verbal desses sujeitos, uma específica *convocação do corpo* que submeteria esses sujeitos, progressivamente, a uma maior *inibição frente ao real da língua*, inibição que poderia ser iniciada pelas formas e variações de estruturas lingüísticas como as correções e hesitações.

De acordo com o que foi estabelecido até aqui, o propósito dessa pesquisa é inserir o campo do real do corpo e da língua nos estudos sobre as alterações de linguagem de sujeitos com doença de Parkinson para a produção de conhecimentos que propiciem avanços na compreensão das dificuldades lingüísticas desses sujeitos.

Já dentre os objetivos mais específicos estão:

- Verificar a ocorrência de (auto)correções na fala de dois sujeitos com doença de Parkinson bem como as variações dessas ocorrências num intervalo significativo de tempo;
- Classificá-las de acordo com os estudos de base conversacional, examinando as correlações entre as correções e as hesitações; e, finalmente
- Analisar esses fenômenos à luz de uma concepção que não separe a linguagem (“aspectos” discursivos) do corpo (“aspectos motores”) para a explicação dos efeitos que a condição de sujeito com DP pode trazer (progressivamente) na atividade lingüística da fala.

⁷¹ Como apresentamos na seção 1.3.2, “Aspectos lingüístico-discursivos na doença de Parkinson”, nossas hipóteses também partem tanto da análise que fizemos em Dias & Chacon (2005) sobre Saussure.

III ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Como fonte de dados, utilizaremos parte do material já coletado por Zaniboni (2002) e Oliveira (2003), que consiste em transcrições de dois registros de conversa espontânea de dois sujeitos com Doença de Parkinson (CN e JP), clinicamente diagnosticados por um médico neurologista. Os registros dos sujeitos com DP foram feitos em agosto de 1998 e abril de 2000, portanto, com um intervalo de um ano e oito meses entre cada um deles.

3.1. Das gravações e transcrições

Oliveira (2003) esclarece que, quanto ao primeiro registro de gravação, a sessão de conversação do sujeito CN foi realizada em sua residência, enquanto que a do sujeito JP foi realizada na ex-Clínica de Fonoaudiologia da UNESP/Marília (CEES); já no segundo registro de gravação, as sessões de conversação dos dois sujeitos foram feitas em suas residências. Segundo Oliveira, o objetivo de realizar essas gravações predominantemente na residência dos sujeitos foi de obter maior fidedignidade quanto à espontaneidade de sua fala. Além disto, durante as gravações, a rotina diária desses sujeitos não foi alterada com intuito de deixar o ambiente de gravação o mais próximo de seu dia-a-dia. Portanto, durante o registro foi permitida a participação de netos, esposa, filhos, e outras pessoas do convívio dos sujeitos; não houve interferência em situações em que os sujeitos quisessem fumar, comer, beber água, apresentar um livro ou atender a campainha.

Nossa opção pelo material levantado por Zaniboni (2002) e Oliveira (2003) não se deve, entretanto, apenas ao fato de encontrarmos nele dados de parkinsonianos; deve-se, *sobretudo*, ao fato de esses dados serem coletados em situação de conversação, já que, de acordo com Marcuschi (1999), as correções e hesitações – foco de nossa proposta – são caracterizadas como marcas lingüísticas que colaboram para a organização conversacional e/ou evidenciam o processo de formulação conversacional.

Além disso, na conversa espontânea, ocorre a atividade epilingüística indispensável à construção e reconstrução da linguagem (COUDRY, 1988), procedimento que distancia nossa proposta daquelas calcadas na aplicação de testes padrão, onde predominam tarefas

metalingüísticas, tendência metodológica (ainda) dominante no estudo de sujeitos lesados cerebrais. A esse respeito, concordando com Coudry (1988), para quem

A linguagem, integrando a estrutura dos processos cognitivos, age como meio de regular e mediar a atividade psíquica humana. A interlocução tem se mostrado o lugar apropriado para a emergência de operações epilingüística (hesitações, autocorreções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos, etc) [...]. Tais operações mentais [...] também ocorrem no processo de reconstrução da linguagem pelo sujeito afásico (op. cit., pág. 118),

no registro de conversa de nossos sujeitos, buscou-se maior possibilidade de espontaneidade, por exemplo, gravando-se parte do material na residência dos sujeitos.

Foram gravadas quatro sessões de conversa espontânea, duas com cada sujeito, com duração média de 40 (quarenta) minutos cada uma. Para a coleta desses dados, foram realizadas gravações em um gravador SONY, tipo DAT (Digital Áudio Tape), modelo TCD-D8, acoplado a um microfone SONY, modelo ECM-MS957, localizado a cerca de 30 cm (trinta centímetros) da boca dos sujeitos gravados. Optou-se pelo uso de equipamentos digitais para se garantir melhor qualidade acústica das gravações. Apesar disso as gravações foram tratadas acusticamente passando por um processo de filtragem dos ruídos de fundo e amplificação dos sons da fala dos sujeitos gravados.

Após o período de gravação, realizou-se a transcrição de todo o material, de acordo com as normas propostas por Preti & Urbano (1988) para o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), que investiga o português falado.

Além de as (de)marcações conversacionais serem transcritas com base em normas propostas por esses autores, a própria condução da sessão de conversação foi baseada em suas considerações sobre outros fatos relativos a questões teórico-metodológicas da conversação, tais como o fato de a conversa ser conduzida sob o prisma de uma entrevista gnômica ou instrucional, na qual, “as entrevistas contêm depoimentos de caráter impessoal e genérico sobre alguma atividade, constituindo-se em diálogos fortemente dirigidos⁷² pelo documentador” (PRETTI & URBANO, 1988; p. 1).

⁷² Embora as gravações tivessem o pressuposto de deixar os entrevistados o mais livre possível para a produção espontânea da fala, em vários momentos, o documentador teve que conduzir a atividade conversacional pelo motivo de que, se não houvesse interferências no discurso dos sujeitos CN e JP, raros seriam os momentos de seu desenvolvimento, ou mesmo de inserção de novos tópicos, principalmente em função do elevado número de pausas também no desenvolvimento de cada turno discursivo.

3.2 Da seleção dos dados

De posse do material selecionado das transcrições, identificamos as marcas de correções presentes nas duas sessões de gravação. Inicialmente o critério lingüístico para definir e classificar as marcas de correção foi baseado nos estudos conversacionais (conferir no capítulo I), a saber, Barros (1993), Fávero, Andrade e Aquino (1996) e Fávero (1999). Assim, para a delimitação das correções presentes no corpus, as correções foram entendidas como a produção de um “enunciado reformulador” que reformula um “enunciado fonte”, podendo ou não haver marcadores entre eles (que abordaremos mais a diante), como mostra o exemplo a seguir⁷³:

Sujeito JP (segunda gravação – correção nº 3)

“(...) **CN.** [...] eu fui en entra aqui + atravessar pra ir *no banheiro + não na na cozinha* aí eu perdi o:: equilíbrio e bati na na cadeira (...)”

Enunciado Fonte

ir no banheiro

Marcador

PS-não-RH

Enunciado Reformulador

não na na cozinha

Os apêndices de 5 a 8 demonstram as ocorrências de correção das quatro sessões de gravação seguindo esse critério.

Após a seleção e categorização das correções, elegemos as hesitações como dado comparativo a se analisar. Assim como o projeto MHDP que, estudando especificamente os mecanismos hesitativos, proporcionou condições para reflexões sobre as correções, buscamos aqui estudar as correções com vistas a poder entender melhor as hesitações.

Como se poderá ver a partir da nossa exposição de dados, num segundo momento de análise, buscamos, então, verificar como certas hesitações poderiam indiciar um caráter substitutivo em relação às correções que nossos sujeitos haviam apresentado inicialmente. Devido à importância que os estudos do MHDP têm demonstrado, assim como devido à importante relação que desempenharam entre nossos dados iniciais (como marcadores nas correções), entre as marcas de cunho hesitativo, elegemos as pausas silenciosas, os alongamentos e as pausas preenchidas para averiguar essa hipótese.

⁷³ Neste e nos demais exemplos que se seguirão, o trecho em que ocorre a correção será transcrito *em itálico*. No interior desse trecho, a marca descrita constará **em negrito**.

3.3 Da categorização dos dados

Para a categorização das correções, há que se destacar que:

1. Quanto ao aspecto que Fávero, Andrade e Aquino (1999) chamam de “operacionalização”, distinguindo a iniciativa e o processamento da correção entre os interlocutores, postulamos a possibilidade de ocorrerem correções:

(a) que o locutor faz de seu próprio enunciado (autocorreções auto-iniciadas), como no exemplo a seguir:

Sujeito JP (segunda gravação – correção nº 3)
“(…) **LZ.** que bom mas é + e como é que chama? Percília? quem é essa?
JP.+ é aluna + ela: ela está assumindo a independência *esse mês né* + *esse ano* parece (…”

(b) que o locutor faz a partir de um enunciado de seu interlocutor (autocorreção heteroiniciada):

Sujeito CN (segunda gravação)
“(…) **CN.** + e::: isso aí é *gravadora*?
LZ. é *filmadora*
CN. *filmadora* (…”

(c) que o locutor faz de seu enunciado a partir de uma correção que o interlocutor realizou (heterocorreção auto-iniciada), na qual o falante corrente inicia a correção que é efetivada pelo interlocutor:

Sujeito CN (segunda gravação)
“(…) **CN.** em Campinas + dizem que foi *crime*::: + *como é que é? é::: romântico né?*
LZ. *passional?*
CN. *passional* + exatamente (…”

Cumprе notar que em nosso trabalho deter-nos-emos apenas no que, nessa abordagem, se denomina ‘autocorreções auto-iniciadas’, já que, pelos motivos expostos durante a introdução, pretendemos observar apenas os momentos em que o próprio sujeito se corrige. Entretanto, como já havíamos antecipado, *nos recusamos* a usar uma definição lingüística que suponha, por diferenciação a seu antônimo (heterocorreção), que a intersubjetividade não seja marcada na língua. Pois, para nós, as ditas autocorreções são sempre “hetero” (no sentido do Outro, marcado no ‘erro’) e “auto” (no sentido do Um, marcado na denegação do ‘erro’) ao mesmo tempo. É por isso que utilizaremos apenas a terminação “correção”.

2. Quanto aos “tipos” de correção, consideramos duas possibilidades:

(a) quando há uma anulação semântica do enunciado-fonte temos uma **infirmção** (Fávero, 1999) ou **correção total** (Barros, 1993), como no exemplo que se segue:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 4)
“(...) CN. [...] eu fui en entra aqui + atravessar pra ir *no banheiro* + *não na na cozinha* aí eu perdi o:: equilíbrio e bati na na cadeira (...)”

(b) já quando há uma correção parcial do enunciado-fonte, temos uma **retificação** (Fávero, 1999) ou **correção parcial** (Barros, 1993), como no exemplo:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 7)
“(...) TR. a escola lá dá academia?do Barro Branco?
CN. [é]
CN. Barro Branco + fiz cin + fiz cinco anos + *eu era interno* + *eu era externo na quarta no sábado e no domingo* ++ *eu era semi interno* né? (...)”

3. Quanto aos aspectos que Barros (1993) e Fávero, Andrade e Aquino (1999) consideram “lingüísticos”, destacamos que as correções podem ser de problemas de natureza:

(a) **fonético-fonológica**: quando há “correção de pronúncia ou articulação” (op. cit. pág. 63), como no exemplo abaixo:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 12)
“(...) TR. mas assim quando quando o senhor que comandava era o senhor que tinha que
CN. é:: eu que tinha um s:: tinha status + chama estado maior + *you assenora o:: assessora o:: + o comandante* o comandante então: (intera) a situação (...)”

(b) **lexical** (“substituição do léxico selecionado”, conforme Fávero, (1999)) ou **semântico-pragmática** (Barros, 1993): resultantes de impropriedade de informação ou imprecisões nas expressões de sentimento e opiniões:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 22⁷⁴)
“(...) JP eles não querem que: +++ agora fa/ +++ acharam bom eu inclusive não fazer mais *serviço eh:: exercício* +++ em casa (...)”

⁷⁴ Algumas características das palavras envolvidas nessa correção poderiam indiciar também de natureza fonético-fonológicas. Possibilidades como essas serão descritas nos apêndices de 1 a 4.

(c) **morfossintática**: correção de concordância, regência e/ou má formação da frase.

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 20)

“(...) **TR.** {qual que é esse do nome?

JP {aquele que põe a rolha + aquele que põe a rolha **na + aqui nos lábios (...)**”

4. Quanto à presença do elemento corrigido, conforme Barros (1993), ele pode ser:

(a) Totalmente verbalizado, como no exemplo que se segue:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 16)

“(...) **TR.** uhn +++ seu Célio senhor sempre morou aqui em Marília?

CN. não *eu morei em + eu nasci em Jundiaí + depois com onze anos mudei pra Sorocaba + fui oficial lá no batalhão + depois fui para em Itapetininga + fui pra Botucatu + Assis e aqui (...)*”

(b) Parcialmente verbalizado, como no exemplo que se segue:

Sujeito JP (primeira gravação – correção nº 7)

“(...) **TR.** o senhor não está fazendo mais nada né?

JP não estou porque:: +++++ principalmente *esse ne/ +++ a: fisioterapia +++ eles apertam a gente viu? (...)*”

(c) Projetado, como no exemplo que se segue:

Sujeito CN (segunda gravação – correção nº 2)

“(...) **LZ.** o senhor lê bastante sobre Parkinson num lê?

CN. leio eu eu sou sócio do:: Brasil Parkinson ++ me mandam:: *muito boa: a:: ++ a:: eh:: sã::o boletins ++ muito bem explicativos dá pra gente ter uma idéia ++ sabe que o Parkinso foi detectado + por um médico né? (...)*”

5. Quanto à presença de marcadores entre o enunciado reformulador e o enunciado fonte, as correções podem apresentar:

(a) expressões como “não”, como no exemplo abaixo:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 4)

“(...) **CN.** [...] eu fui en entra aqui + atravessar pra ir *no banheiro + não na na cozinha* aí eu perdi o:: equilíbrio e bati na na cadeira (...)

(b) “interrupções lexicais”, marcadas por uma variação prosódica envolvendo um aumento na intensidade vocal e na velocidade de fala. Nas transcrições de nossos dados, utilizamos o sinal “/” para representar esses momentos, tais como no exemplo abaixo:

Sujeito JP (primeira gravação – correção nº 6)
“(…) **JP** (0.90) ainda bem mesmo + eu *tava***/eu trabalhava** num +++ fazia um serviço extra +++ na melhoramentos + e uma manhã *eu vô***/quando ia** caí um tombo + coisa feia viu + uma calça novinha ficou toda poída aqui no joelho (…)”

(c) Parentéticas, que, conforme Koch (1990) trata-se de inserções (de natureza “autocondicionada”, para o autor), que cumpririam “um propósito definido de comunicação, depois que um fluxo nuclear já se achava em andamento” (op. cit. pág. 153). Em sua interposição, a descida (ou a subida) do tom de voz e “certo aceleração do ritmo elocucional” (op. cit.) seriam, para a autora, traço coerentes com sua natureza de predicação paralela. Assim como nos outros casos, ela é entendida, por autores como Koch, como intencional para fins comunicativos. Vejamos um exemplo de parentética:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 9)
“(…) **TR.** a escola lá dá academia?do Barro Branco?
CN. Barro Branco + fiz cin + fiz cinco anos + *eu era interno* + *eu era externo na quarta no sábado e no domingo* ++ *eu era semi interno né?* (…)”

(d) Observamos, em nossos dados, que, em algumas correções, após o enunciado fonte havia tentativas de reformulação que, frustradas, também eram alvo de uma nova reformulação, na qual ocorria por fim o enunciado reformulador [definitivo]. Não encontrando descrições sobre esse tipo de marcador de correção, preferimos chamá-las de ‘semi-correção’ e, buscando inibir as possíveis atribuições que ela poderia receber, gostaríamos de reiterar que sua denominação é primeira e sujeita, como ela própria, a reformulações. Adotemos o seguinte exemplo:

Sujeito JP (primeira gravação – correção nº 5)
“(…) **TR.** ah mas ainda bem que o senhor não caiu né?
JP (0.90) ainda bem mesmo + *eu tava***/eu trabalhava** *num*:: *fazia um serviço* extra +++ na melhoramentos + e uma manhã eu vo/**quando ia** caí um tombo + coisa feia viu + uma calça:: novinha ficou toda poída aqui no joelho (…)”

No exemplo, a primeira escolha verbal “(es)tava” (trabalhando num...?) é “semicorrigida” por “trabalhava num” (SC), até que seja enfim reformulada pelo enunciado reformulador, “fazia um serviço”.

Cabe, no entanto, observarmos a diferenciação entre as SC e as inserções parentéticas. Tal diferença residirá no seguinte princípio metodológico: “entende-se que houve 'SC' quando uma [semi]correção de um EF é corrigida pelo ER [definitivo]”.

(e) “hesitações”, nas quais, com base nos modelos propostos por Marcuschi (1999 e 2006), nosso princípio de classificação se constituirá em: pausas silenciosas (**PS**), pausas preenchidas (**PP**), alongamentos (**AL**), gaguejamentos (**GA**), repetições hesitativas (**RH**) e falsos inícios (**FI**); Consideremos brevemente cada uma dessas marcas:

Pausas silenciosas (PS): constituem-se em silêncios prolongados que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe (MARCUSCHI, 1999; 2004). As pausas hesitativas, para esse autor, diferem dos silêncios interturno, que seriam manifestações discursivas que podem até mesmo constituir um turno. Diferem, também, das pausas de juntura, já que essas seriam sintaticamente previstas (MARCUSCHI, 2004). Considerando-se que uma pausa respiratória no início dessa alternância de interlocutores possui duração ínfima, menor do que 0,5', entendemos aqueles silêncios com duração superior a esse limite como índices de hesitação de início de atividade responsiva. Portanto, silêncios de caráter hesitativo que (ocorreram durante correções) com essa duração ou superior foram considerados em nossos dados. Na transcrição de nossos dados, utilizamos o sinal “+” para representar esses momentos, como se pode observar no exemplo a seguir:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 14)
“(...) **TR.** [...] seu Célio senhor sempre morou aqui em Marília?
CN. *não eu morei em + eu nasci em Jundiá + depois com onze anos mudei pra Sorocaba (...)*”

Pausas preenchidas (PP): são interrupções da seqüência temporal da fala geralmente marcadas acusticamente por expressões hesitativas. Muitas delas costumam ocorrer precedidas e/ou seguidas de pausas breves (silenciosas). Para a transcrição deste tipo de marca utilizamos as formas “ah”, “eh” e “uh”, tal como convencionadas pelas normas de transcrição do Projeto NURC. Algumas das marcas foram marcadas com “:” ou “::” dependendo de como percebíamos a menor ou maior extensão de seu prolongamento, como no exemplo a seguir:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 17)
“(…) **CN.** eu fiz o:: eu + cursei a a a academia (aí) um tempo + (poli) esporte era pertinente de casa + aí depois quando apareceu o Parkinson + não não + tentei algumas vezes ir *mas num:: ah::* *você fica você num* toma gosto pela coisa num faz bem feito (…)”

Alongamentos hesitativos (AL): trata-se do prolongamento de duração de segmentos da fala, geralmente dos segmentos vocálicos. O alongamento hesitativo costuma ocorrer, segundo Marcuschi, predominantemente em final de palavra, principalmente em palavras monossilábicas ou em sílabas finais átonas. Marcuschi (1999; 2004) destaca que há alongamentos que funcionam como coesão rítmica, freqüentes, sobretudo, na formação de listas, bem como alongamentos (geralmente acompanhados de elevação do tom) que operam como ênfase. Em geral, conforme salienta o autor, quando, no interior de uma palavra, os alongamentos são coesivos ou enfáticos e recaem em sílabas tônicas, não se constituiriam, desse modo, em hesitações.

Na apresentação de nossos dados, representando os alongamentos, utilizamos o sinal “:” ou “::” logo à direita da letra correspondente ao fonema que se encontra alongado. Como fizemos com a marca de pausas preenchidas, também nos alongamentos a menor ou maior quantidade de dois pontos (“:” ou “::”) representa nossa percepção da menor ou da maior duração do prolongamento:

Sujeito JP (primeira gravação – correção nº 17)
“(…) **TR.** ah faz oito dias + pouquinho né?
JP [porque eu fazia/
JP [é pouco + entã::o + no mesm/no-dia eu falei olha e::u faço + realmente + bastante + porque-re é uma meia hora (viu) + aí (eles falaram) não + *abaixa pra vinte mi::/sete minutos* + ficou então eu fiz (esse) não senti absolutamente nada + mas eu tenho que: cumprir a-a-a-a + a ordem deles né? (…)”

Repetições hesitativas (RH): são reduplicações de palavras, de grupos de palavras ou de frases. Essas reduplicações podem incidir tanto sobre itens funcionais quanto sobre itens lexicais. (MARCUSCHI, 1999; 2004). Sua representação nos dados foi feita pela transcrição de os todos elementos repetidos, como pode se observar no exemplo:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 4)
“(...) **CN.** [...] eu fui en entra aqui + atravessar pra ir *no banheiro* + não **na na** *cozinha* aí eu perdi o:: equilíbrio e bati na na cadeira (...)”

Entretanto, cabe notar que repetições inscritas na correção não serão computadas entre nossos dados, quando representarem o retorno do elemento “correto” articulado ao ‘errado”, como no exemplo abaixo:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 13)
“(...) **CN.** depois coronel + eu saí tenente coronel mas no posto de coronel + quando saí tinha um posto a mais ++ achei besteira fazer *curso de:: da carreira de polícia* + porque eu:: não ia me sujeitar sair de casa não o curso é seis meses + é duro né? (...)”

Gaguejamentos (GA): são repetições truncadas de fonemas ou de sílabas, não significativas para a compreensão da mensagem (MARCUSCHI, 1999). Em nossos dados essa marca também foi representada pela transcrição dos segmentos repetidos, como no trecho do exemplo a seguir:

Sujeito JP (primeira gravação – correção nº 10⁷⁵)
“(...) **TR.** senhor não tá tendo assim tosse durante a alimentação?
JP (1.66) não + é interessante que:: +++ dá a tosse + e aí pára + passa um bom período + e torna a dar
TR. ah:: tá
JP (2.32) mas eu vou ++ eu vou *consegui ba:: + combater* a tosse (...)”

Levando em conta a possibilidade de acúmulo de marcas numa só ocorrência de hesitação, como ocorreu neste último exemplo acima (no qual se congregam uma pausa silenciosa e um gaguejamento), com base em Dias & Chacon (2005) propusemos, além da caracterização de Marcuschi, uma outra divisão nos marcadores: ocorrências simples, ocorrências combinadas ou sem ocorrências. Isso porque, algumas vezes, em uma única marca de correção, vários marcadores se mesclam; em outras vezes, a correção aparece mostrada por apenas um dos tipos de marcas (dentre as descritas acima) ou; por nenhum marcador. As marcas combinadas foram transcritas utilizando-se os mesmos critérios das marcas simples, seguindo a ordem de ocorrência de cada marca, como se poderá observar no seguinte exemplo:

⁷⁵ Conferir nossa argumentação a respeito desse gaguejamento no apêndice 3.

Sujeito JP (segunda gravação – correção nº 1)

“(...) **JP.** + eh:: estatística:: + estatística porque *o pessoal* + *o:: informante* na hora que ele quer os dados ele e::le quer como que ele quer + e não como é + e na hora de fornecer ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito:: ++ maçante (...)” (**PS-AL**)

Também levamos em conta a possibilidade de não haver quaisquer marcadores entre o enunciado fonte (EF) e o enunciado reformulador (ER). Para representar essa possibilidade utilizamos (nos anexos de 5 a 8) o símbolo ‘Ø’. Entretanto, não se deve imaginar que aí não haja nada marcando a correção, pois percebemos nessas correções alterações prosódicas entre EF e ER, geralmente como o aumento de intensidade e a subida de tom no enunciado reformulador, como mostra o exemplo que se segue:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 7)

“(...) **CN.** é hoje *não tem perigo não tem PROBLEMA* (...)”

Os apêndices de 5 a 8 apresentam todos eventos de marcadores de correções ocorridas durante as quatro sessões de gravação seguindo o critério de categorização 5, ou seja, conforme a presença de expressões do tipo “não”, interrupções lexicais e/ou hesitações do tipo pausa silenciosa, pausa preenchida, alongamento, repetição hesitativa, e/ou gaguejamento (descritos acima).

Os apêndices de 1 a 4 apresentam todas as marcas de correções ocorridas durante as quatro sessões de gravação seguindo os critérios de categorização 2, 3, 4, e 5 ou seja, conforme o tipo de correção, aspectos lingüísticos e presença do elemento corrigido, (descritos acima).

Os critérios para a seleção das hesitações estão descritos em “considerações sobre os apêndices”. Tais hesitações serão comparadas com as correções apenas quantitativamente. Deixamos as possíveis análises qualitativas para uma outra oportunidade.

Classificadas em função dos princípios que estabelecemos, as marcas de correção serão analisadas quantitativamente com vistas à formalização das tendências que ocorreram na fala de nossos sujeitos, bem como a uma comparação com as marcas de hesitações já que, de acordo com o que foi antecipado, buscamos verificar se existem variações na forma como essas marcas são manifestadas no intervalo entre as duas gravações, bem como averiguar se existem relações no funcionamento desses dois recursos lingüísticos, comparando os dois momentos de gravação.

Contudo, uma vez que as marcas de correção e hesitação são descritas, na literatura conversacional, como atividades relacionadas a um planejamento *intencional* da fala – como postulam Koch et. Al. (1990) –, “além de essenciais para o planejamento da enunciação, podem garantir a atenção do interlocutor (...)” e, portanto, são entendidas como ferramentas que o locutor usa com fins interacionais, cabe expor que, em oposição à noção de sujeito epistêmico que aí entendemos vigorar, nossa proposta se calcará na noção de “sujeito dividido”, possibilitado pelas concepções que expusemos durante a introdução. Assim buscaremos vincular os processos que descrevemos como sendo de correção (de lapso) com os de autocorreção, nos quais baseamos o critério metodológico de seleção.

Num segundo momento de análise, buscaremos averiguar se, conforme nossos dados, as tendências dos sujeitos analisados vão no sentido das definições teóricas que expusemos durante a introdução, principalmente quanto à integração entre atividade simbólica (e) motora.

IV. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Dos apêndices⁷⁶, constam: (a) as descrições e classificações de cada marca de correção encontrada nas sessões de gravação analisadas linguisticamente conforme os critérios que expusemos na metodologia, a saber, “tipo de correção”, “natureza lingüística do erro” e “presença do elemento corrigido”, bem como comentários sobre essa categorização e sobre as especificidades de cada correção (apêndices de 1 a 4); (b) as tabelas relativas às partes de cada uma das correções encontradas (enunciado fonte, marcador e enunciado reformulador), o total de palavras presentes nos turnos em que ocorreram e a média de palavras entre turnos nos quais há correção (apêndices de 5 a 8); (c) a quantificação de cada uma das hesitações (envolvendo aqui pausas silenciosas, alongamentos e pausas preenchidas) que ocorreram em turnos com mais de 20 palavras, o total de ocorrência de cada tipo de hesitação, a porcentagem do total de ocorrências e a média geral das ocorrências (apêndices de 9 a 12). As transcrições de quatro sessões de conversação de nossos dois sujeitos, com a numeração dos turnos com mais de 20 palavras constarão em anexos. No entanto apontaremos, nesta exposição de resultados, o que nos pareceu serem as tendências lingüísticas de funcionamento das marcas de correção em nossos sujeitos, bem como sua relação com a presença de hesitações.

Em primeiro lugar, cumpre assinalar que a diferença numérica entre as ocorrências de correções e hesitações é naturalmente grande. Fávero (1999) já havia demonstrado essa diferença em suas pesquisas sobre o português falado culto, com indivíduos sem qualquer lesão neurológica diagnosticada ou detectada. Comparando dados de três sujeitos, a autora percebeu que as hesitações foram de 488, 386 e 157 enquanto que as de correção foram respectivamente de 13, 07 e 03. Nossos sujeitos (com lesão neurológica) não demonstraram comportamento diferente: enquanto apenas em *hesitações de início de turno* tenham ocorrido 88 hesitações para JP e 71 para CN⁷⁷ (para cada sessão de conversação), no que confere às correções, apenas 80 ocorreram durante as quatro sessões de conversação em quaisquer posições.

Entretanto, a distribuição das correções que ocorreram durante as sessões foi o primeiro dado que nos chamou a atenção dentre os resultados dessa pesquisa. Isso porque, apesar de haver tempos de gravação bastante próximos nas quatro gravações (40 minutos, em média), naquelas em que o registro ocorreu após o intervalo de tempo (segunda

⁷⁶ Para maiores explicações sobre os apêndices, consultar o item “considerações sobre os apêndices”.

⁷⁷ Dados retirados de Dias & Chacon (2005), referentes à segunda gravação.

gravação) houve uma considerável diminuição no número de ocorrência de correções pelos dois sujeitos, conforme esboça a tabela abaixo:

Sujeitos	Primeira Gravação	Segunda Gravação
Sujeito CN (nº de ocorrências)	34	7
Sujeito JP (nº de ocorrências)	34	5

Tabela 1

Conforme a tabela 1, portanto, pode-se observar que, da primeira para a segunda gravação, os sujeitos analisados diminuíram consideravelmente as ocorrências de correção. Buscando verificar se essa redução se daria pelo motivo específico de, na segunda gravação, haver um número relativamente baixo de possibilidades para os sujeitos se corrigirem, atentamo-nos também para a relação entre a média de palavras de cada turno conversacional que apresentava correções e a média geral de palavras por turno dos sujeitos analisados. Para melhor observar tal relação, cabe advertir sobre a baixa quantidade de palavras que cada turno conversacional apresentou em nossas sessões de gravação.

Como se pode observar na tabela 2, a média de palavras por turno dos dois sujeitos foi, além de baixa, relativamente próxima e, embora a quantidade de turnos houvesse diminuído na segunda gravação para ambos, a quantidade de palavras neles teve, pelo contrário, um leve aumento medial:

Gravações	Total de Turnos	Total de Palavras	Palavras por turno (média)
Sujeito CN - 1ª gr.	230	2041	8,87
Sujeito CN - 2ª gr.	170	1548	9,16
Sujeito JP - 1ª gr.	223	1878	8,54
Sujeito JP - 2ª gr.	195	1948	9,99

Tabela 2

Conforme a tabela 2, portanto, embora se tenha diminuído a quantidade de turnos na segunda gravação, a média de palavras em cada um deles aumentou.

Pudemos observar também que, nas quatro gravações, a maior parte desses turnos teve menos de oito palavras em sua extensão, e, por outro lado, poucos tiveram mais de 22 palavras. A tabela abaixo mostra as *percentagens de turnos* em relação à quantidade de palavras apresentadas no interior deles:

Turnos / Gravações	Menos de 5 palavras (%)	Menos de 8 palavras (%)	Mais de 15 palavras (%)	Mais de 22 palavras (%)
Sujeito CN - 1ª gr.	61,74	75,65	12,61	8,26
Sujeito CN - 2ª gr.	54,44	73,37	11,83	7,69
Sujeito JP - 1ª gr.	52,73	70,91	14,09	8,18
Sujeito JP - 2ª gr.	59,49	75,38	14,36	8,72

Tabela 3

Conforme a tabela 3, portanto, os turnos de todas as sessões de conversação se concentraram na faixa de menos de oito palavras, embora alguns tenham passado de 22.

Tendo conjecturado esse contexto, pudemos observar que a quantidade de palavras dos *turnos em que havia correções* (doravante “turnos com correção”) superava consideravelmente, em todas as gravações, a quantidade média geral de palavras por turnos⁷⁸. A tabela abaixo (4) esboça a *média* de palavras presentes nos turnos com correção em relação a *média* (já observada na tabela 2) de palavras por turno em geral.

Gravações	Palavras por turno com correção (média)	Palavras por turno em geral (média)
Sujeito CN - 1ª gr.	50,09	8,87
Sujeito CN - 2ª gr.	48,43	9,16
Sujeito JP - 1ª gr.	23,26	8,54
Sujeito JP - 2ª gr.	37,00	9,99

Tabela 4

Conforme a tabela 4, portanto, os sujeitos tenderam a se corrigir em turnos que tinham uma quantidade de palavras acima da média geral. Tendo essa conjuntura de dados como pano de fundo, passemos aos dados mais específicos das correções ocorridas durante as sessões de conversação.

Quanto ao segundo item de nossas categorias metodológicas, ou seja, aquele que define os *tipos* de correções, pudemos observar que as infirmações superaram numericamente as retificações em todas as sessões de gravação, como mostra a tabela 5:

Gravações	Retificação	Infirmação
Sujeito CN – 1ª gr.	13	21
Sujeito CN – 2ª gr.	3	4
Sujeito JP – 1ª gr.	12	22
Sujeito JP – 2ª gr.	2	3

Tabela 5

⁷⁸ Os apêndices de 5 a 8 indicam a *quantidade numérica* de palavras em cada turno que apresentou correção nas quatro sessões de conversação

Conforme a tabela 5, portanto, os sujeitos tiveram mais correções em que se buscava anular semanticamente o enunciado fonte (infirmação) do que atenuá-lo (retificações).

Quanto ao terceiro item metodológico, que define a forma de *presença do elemento corrigido*, pudemos notar que, em todas as sessões de conversação de nossos sujeitos, as correções se concentravam mais entre as total ou parcialmente verbalizadas do que às projetadas, como mostra a tabela abaixo:

Gravações	Totalmente Verbalizado	Parcialmente Verbalizado	Projetado
Sujeito CN - 1ª gr.	26	7	1
Sujeito CN - 2ª gr.	5	1	1
Sujeito JP - 1ª gr.	13	18	3
Sujeito JP - 2ª gr.	3	2	0

Tabela 6

Conforme a tabela 6, portanto, os sujeitos analisados tenderiam mais à verbalização (total ou parcial) do elemento a ser corrigido do que a sua projeção. Além disso, pode-se notar que CN tendeu mais a verbalizar totalmente seus enunciados-fonte do que JP.

Quanto ao quarto item, que define para as correções seus “aspectos lingüísticos”, pudemos notar que as correções foram predominantemente de “‘erros’ lexicais/semântico-pragmáticos”, seguidos de “‘erros’ morfológicos”, embora tenham ocorrido também correções de “‘erros’ fonético-fonológicos”, como mostra a tabela abaixo:

Gravações	Lexical / Semântico-Pragmático	Morfossintático	Fonético-Fonológico
Sujeito CN - 1ª gr.	26	7	1
Sujeito CN - 2ª gr.	3	3	1
Sujeito JP - 1ª gr.	25	5	4
Sujeito JP - 2ª gr.	5	0	0

Tabela 7

Conforme a tabela 7, portanto, os sujeitos tendem a corrigir seu erro lexical/semântico-pragmático, seguindo por erros que envolvem flexão morfológica ou posicionamento sintático e por erros que envolvem a categorização e produção dos sons da língua.

Quanto ao quinto item metodológico, ou seja, a presença de marcadores nas correções, pudemos notar que eles se concentraram nas pausas silenciosas, seguidas pelos alongamentos, interrupções, ausência de marcadores, repetições hesitativas pausas

preenchidas, “semicorreções”, inserções parentéticas, expressões do tipo “não” e gaguejamentos, como se pode observar na tabela 8:

Marcadores	Sujeito CN 1ª gr.	Sujeito CN 2ª gr.	Sujeito JP 1ª gr.	Sujeito JP - 2ª gr.	Total
PS	10	4	13	3	30
AL	8	7	7	3	25
IT	11	0	11	2	24
Ø	5	0	0	0	5
RH	3	1	0	0	4
PP	2	1	0	0	3
SC	3	0	0	0	3
Parentéticas	2	0	0	0	2
"Não"	1	0	0	1	2
GA	0	0	1	0	1

Tabela 8

Conforme a tabela 8, portanto, os marcadores entre o enunciado fonte e o enunciado reformulador se concentraram em interrupções, pausas silenciosas, alongamentos e pausas preenchidas.

Quanto ao critério de possibilidade de combinação entre os marcadores, pudemos notar que as correções se distribuíram mais ou menos uniformemente entre ocorrências combinadas (combinações entre os elementos da tabela 8) e simples, com uma pequena tendência a ocorrências simples, embora também tenham havido (poucas) correções sem marcadores, como mostra a tabela 9:

Gravações	Ocorrências Combinadas	Ocorrências Simples	Sem ocorrências
Sujeito CN - 1ª gr.	9	20	5
Sujeito CN - 2ª gr.	3	4	0
Sujeito JP - 1ª gr.	16	18	0
Sujeito JP - 2ª gr.	3	2	0

Tabela 9

Conforme a tabela 9, portanto, os sujeitos tenderam mais a empregar marcadores em combinação ao corrigir seus erros entre o enunciado fonte (EF) e o reformulador (ER) do que não empregá-los; (embora) apresentaram mais ocorrências combinadas do que simples.

Dadas as descrições das principais tendências das correções, partimos em busca das possíveis explicações sobre a extinção das correções nas segundas gravações.

Como vimos na discussão em torno da tabela 4, as correções incidiram em turnos nos quais havia uma maior quantidade de palavras do que na média geral, já que a menor média de palavras em turnos com correção foi de 23,26 (JP1) palavras, enquanto que a maior média de turnos em geral foi de 9,99 (JP2). Vimos também, a partir da tabela 3, que as percentagens de turnos com mais de 22 palavras foi relativamente semelhante nas quatro gravações. Questionando-nos, então, sobre a diferença no número de correções entre a primeira e a segunda gravação, levantamos a pergunta: por que não ocorreram correções nos turnos com mais de 20 palavras⁷⁹ na segunda gravação dos sujeitos? Essa questão nos fez passar a buscar, nesses turnos longos, características que possibilitariam entender melhor aquela redução. Elegemos, para tanto, as principais⁸⁰ hesitações – pausas silenciosas, alongamentos e pausas preenchidas – que ocorreram em turnos com mais de 20 palavras em cada uma das gravações. As tabelas abaixo apresentam, assim, os principais dados resultantes das correlações⁸¹ entre hesitações e “turnos longos”.

Da primeira para a segunda gravação, os “turnos longos” tiveram a média de hesitações aumentada para os dois sujeitos analisados, conforme mostra a tabela 10.

<i>Sujeito</i>	<i>Sujeito CN</i>		<i>Sujeito JP</i>	
<i>Gravação</i>	<i>1ª gravação</i>	<i>2ª gravação</i>	<i>1ª gravação</i>	<i>2ª gravação</i>
Média de Hesitações	7,22	10,71	5,83	13,06

Tabela 10

Conforme a tabela 10, portanto, os dois sujeitos aumentaram o recurso às hesitações na segunda gravação.

Coube, no entanto, verificar, para cada tipo de hesitação, como essa mudança média repercutira. Verificamos então a ocorrência numérica de pausas silenciosas, alongamentos e pausas preenchidas nos “turnos longos”, esboçada na tabela 11, que se segue:

⁷⁹ Partimos aqui tanto do arredondamento da menor média de palavras em turnos com correção como da amplitude de turnos envolvidos entre “mais de 22 palavras” e “mais de 15 palavras”, conforme a tabela 3.

⁸⁰ Principais tanto por terem sido as que mais ocorreram como marcadores de correção quanto por terem sido descritas como recursos preferenciais nos trabalhos vinculados ao grupo MHDP (conferir nota 13).

⁸¹ Essas correlações encontram-se nos apêndices de 9 a 12.

<i>Sujeito</i>	<i>Sujeito CN</i>		<i>Sujeito JP</i>	
<i>Gravação</i>	<i>1ª gravação</i>	<i>2ª gravação</i>	<i>1ª gravação</i>	<i>2ª gravação</i>
Pausas Silenciosas	4,13	6,43	4,06	8,06
Alongamentos	2,96	4,00	1,44	3,94
Pausas Preenchidas	0,13	0,29	0,33	1,06

Tabela 11

Conforme a tabela 11, portanto, todas as marcas tiveram um aumento (em torno do dobro) de ocorrência nos “turnos longos” na segunda gravação de cada sujeito.

Desse modo, a título de síntese, os resultados de nossos dados (expostos acima) apontam para as seguintes tendências:

1. Os sujeitos apresentaram consideravelmente menos marcas de correção na segunda gravação do que na primeira;
2. Os sujeitos preencheram seus tempos de conversação aproximadamente parecidos com uma quantidade de turnos menor na primeira gravação do que na segunda, embora esses turnos tenham tido, nessa última, leve aumento na quantidade média de palavras;
3. Os sujeitos tiveram uma concentração média de turnos abaixo de oito palavras;
4. Os sujeitos tiveram uma quantidade de palavras *consideravelmente maior* nos turnos com correções do que nos turnos em geral;
5. Os sujeitos tiveram uma tendência maior a infirmações do que a retificações;
6. Os sujeitos tiveram uma tendência à verbalização (total ou parcial) dos elementos corrigidos do que a sua projeção;
7. Os sujeitos tiveram uma maior tendência a correções de “erros” lexicais/semântico-pragmáticos, seguidos pelos morfossintáticos, e pelos fonético-fonológicos;
8. Os sujeitos tiveram uma maior tendência a *presença* de marcadores tais como as interrupções, a pausa silenciosa, os alongamentos, e as pausas preenchidas –nas formas combinada ou simples – entre suas correções do que a sua ausência;
9. Os sujeitos tiveram sua média de hesitações, em turnos com mais de 20 palavras, aumentada da primeira para a segunda gravação;

V. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme propusemos, analisaremos aqui as principais tendências que destacamos na exposição dos dados. Para tanto, seguiremos as características do que postulamos como sendo o mecanismo das correções e das hesitações e, num segundo momento, faremos uma comparação dessas características entre as amostras de conversação dos sujeitos com doença de Parkinson e entre suas respectivas sessões de gravação. Antecipamos que o critério de categorização e as análises lingüísticas de cada marca encontram-se nos apêndices de 1 a 8.

Como mostra a primeira tendência (1) e, a nosso ver, a mais importante, os sujeitos analisados tiveram suas ocorrências de correções *consideravelmente* diminuídas na segunda gravação. Perguntamo-nos então: haveria alguma alteração no funcionamento lingüístico desses sujeitos que, no intervalo entre as gravações, os tenha feito parar de se corrigir?

Para respondermos a essa questão, voltemos a nossa proposta inicial. Indagamo-nos como a contenção à deriva se efetivaria, nos sujeitos com doença de Parkinson, nos processos em que as perspectivas conversacionais entendem como *retrospectivos*, ou, em termos lingüístico-discursivos, nos processos em que a materialização da deriva, ao contrário das hesitações, não é contida *efetivamente* na fala. Vejamos, na relação entre nossos dados e aqueles colhidos por Barros (1993) – centrados nas autocorreções não vinculadas metodologicamente a qualquer patologia – uma possível resposta para essa questão.

A respeito dos *tipos de correções* – que, conforme nosso segundo critério metodológico poderiam ser infirmações (correções totais) ou retificações (correções parciais) – os dados do *corpus* da autora levaram-na à conclusão de que “a opção pela correção total mostra que o falante procura *assinalar fortemente o ato de correção e o erro a ser corrigido*. No texto, isso só acontece quando o falante corrige seu interlocutor.” (BARROS, 1993, pág. 146, ênfase nossa). Assim, no corpus da autora, as autocorreções se restringiram às retificações, como a do exemplo abaixo:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 9)
“(...) **TR.** a escola lá dá academia?do Barro Branco?
CN. [é]
CN. Barro Branco + fiz cin + fiz cinco anos + *eu era interno* + *eu era externo na quarta no sábado e no domingo* ++ *eu era semi interno né?* (...)”

Em correções como essa, o enunciado reformulador (ER) apenas atenua semanticamente o enunciado fonte (EF). Nesse caso específico, um prefixo atenuador “semi” e uma inserção parentética expressam sentidos em que o ER deveria ser aproximado e, ao mesmo tempo afastado do EF. Entendemos, portanto, que, nesse tipo de construção, pela relação entre o EF e o ER não ser de exclusão, não deve haver uma atitude denegatória propriamente dita, assim como, pelo EF ter um sentido próximo a ‘intenção consciente’ do ‘eu’, não há um rechaço.

Entretanto, os dados de Barros (1993) diferem completamente dos nossos, já que foram na direção oposta. Como mostra a tendência 5 de nossa exposição, a quantidade de *infirmações* no nosso corpus foi bastante superior a de *retificações* em todas as gravações. Observemos um exemplo delas:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 5)
“(...) CN. [...] eu fui en entra aqui + atravessar pra ir **no banheiro** + não na na **cozinha** + aí eu perdi o:: + o equilíbrio e bati na + na cadeira (...)”

Ao contrário da correção anterior, aqui a relação semântica é de exclusão total. O ‘eu’ não tem qualquer controle sobre o EF (no banheiro), pois esse irrompe na cadeia sintagmática por uma seleção paradigmática não representada como fazendo parte daquilo que provém de suas representações, de tal modo que ‘eu’ precisará negá-lo tanto pelo ER (na cozinha) quanto pelo marcador (não). Pelo fato de as *infirmações* constituírem a maior parte das marcas de correções de nosso *corpus*, acreditamos que os parkinsonianos tendem a essas correções em que a deriva se instaura de forma cabal, constituindo o que pode ser representado pela seguinte fórmula:

“‘X’ não é *isso* que *eu* quis dizer, mas sim ‘Y’”

Outra característica das correções de nossos dois sujeitos pode explicitar melhor a descrição acima. A tendência 6 de nossa exposição aponta que os sujeitos tenderam à verbalização (total ou parcial) dos elementos corrigidos. Assim, foram raras as correções como as que se segue, onde o elemento suprimido (provavelmente a palavra *revista*) ou EF não é materializado linguisticamente, apesar de ser negado por um ER (a palavra *boletins*):

Sujeito CN (segunda gravação – correção nº 2)
“(…) LZ. o senhor lê bastante sobre Parkinson num lê?
CN. leio eu eu sou sócio do:: Brasil Parkinson ++ me mandam::: *muito boa: a:: ++ a::
eh:: sã::o boletins ++* muito bem explicativos dá pra gente ter uma idéia ++ sabe que o
Parkinso foi detectado + por um médico né? (...)”

Por outro lado, exemplos como o que se segue, em que o EF é totalmente (ou parcialmente) materializado na fala foram os que mais encontramos entre as correções de nossos sujeitos:

Sujeito CN (primeira gravação – correção nº 10)
“(…) CN. Barro Branco + fiz cin + fiz cinco anos + eu era interno + eu era externo na quarta no sábado e no domingo ++ eu era semi interno né? + *pra fazer uma faculdade/prafazer uma: uma escola* como essa + só (com um) expediente não dá + tem que te uma convivência (...)”

Dado que nossos sujeitos apresentaram mais infirmações *verbalizadas*, podemos propor a seguinte formula expressando essa tendência:

“‘EF’ não é *isso* que *eu* quis dizer, ‘ER’”

Além disso, como mostra a tendência 7 de nossa exposição, os sujeitos analisados tenderam a cometer ‘erros’ lexicais-semântico/pragmáticos, nos quais uma palavra (e não uma opção sintática, morfema, ou fonema) é substituída por outra, tais como o que se segue:

Sujeito JP (primeira gravação – correção nº 15)
“(…)“(…) JP (1.37) é eu falei pro: + Edivar + eu falei ah vamos lá você como meu médico e eu como paciente ((risos) + (e) *ele disse eh:: ele falou* ó Jurandir +++ tem uma amostra aí + mas não veio a bula né? ele falo eu não sei qual +++ é o efeito colateral + muitas vezes pra você não pode (...)”

Dado que nossos sujeitos apresentaram essa tendência a atenuar os intencos lexicais que verbalizam, podemos sintetizar as correções na seguinte formula:

“‘EF’ não é essa *palavra* que *eu* quis dizer, mas sim essa: ‘ER’”

Por fim, quanto à ocorrência de hesitações entre os marcadores, como apontamos na tendência 8, os sujeitos apresentaram predominantemente hesitações do tipo pausa silenciosa, alongamento e pausas preenchidas, assim como nos dados de Barros (1993), segundo a qual

“É fácil perceber que a pausa aparece em quase todos, [...] sozinha ou acompanhada de prolongamentos de vogais, entre o erro e sua correção. O prolongamento de vogais também ocorre sozinho [...]” (op. cit., pág. 149)

Observemos um exemplo dessa tendência:

Sujeito JP (primeira gravação – correção nº 21)
“(...) **JP** é pouco + entã::o + no mesm/no-dia eu falei olha e::u faço + realmente + bastante + porque-re é uma meia hora (viu) + aí (eles falaram) não + *abaixa pra vinte mi:: eh:: sete minutos* + ficou então eu fiz (esse) não senti absolutamente nada + mas eu tenho que: cumprir a-a-a-a + a ordem deles né? (...)”

Portanto, podemos agora estabelecer que as ocorrências de correções nos sujeitos analisados apresentaram o seguinte padrão:

[-----hesitação -----]
“‘EF’ não é essa *palavra* que *eu* quis dizer, mas sim essa: ‘ER’”

Entretanto, como vimos em nossa primeira tendência, as correções que ocorreram nesse padrão não apareceram, na segunda gravação, como um recurso linguístico tão relevante quanto na primeira. Em outras palavras, os momentos no qual o ‘eu’ precisava negar uma palavra verbalizada anteriormente, hesitando e por fim, reformulando-a não ocorriam mais após um intervalo de tempo nas sessões de nossos dois sujeitos.

A primeira hipótese que tivemos a esse respeito partiu de uma possível resposta dos estudos conversacionais sobre o assunto. Barros (1993) já havia analisado autocorreções de seu *corpus* mediante um critério quantitativo de fala: “são dezenove autocorreções de L1 para oito de L2. Como [L1] **fala mais, erra mais**” (op. cit., pág 146, ênfase nossa). Portanto pensamos se, na progressiva debilidade psicofísica característica da DP, nossos sujeitos não teriam suas correções diminuídas por terem também diminuído suas *chances de se corrigir*,

ou seja, por não apresentarem material lingüístico suficiente para poder corrigi-lo. Um dado que sustentaria essa hipótese é que, como vimos na tendência 4, as correções dificilmente ocorriam em turnos com grandes quantidades de palavras (tendência 3). Entretanto, como pode ser visto pela tendência 2, nossos sujeitos apresentaram um *aumento* na média de palavras por turno, num período relativamente próximo entre as gravações. Portanto, ao contrário dos dados de Barros (1993) nossos sujeitos tinham *falado mais e errado menos*.

Semelhantemente, nossos dados discordavam das afirmações de Preti (1991) sobre a fala de idosos. Como vimos, conforme esse autor, fatores naturais e psicofísicos aliados a fatores como a estigmatização **intensificariam** as marcas de repetição, anacolutos, as parentéticas e “sobretudo as pausas, as *hesitações* e *autocorreções*” (op. cit., pág. 49).

Além disso, a concentração de correções em alguns ‘turnos longos’ sustentaram nossa hipótese de que os sujeitos analisados, nas primeiras gravações, tinham a correção como um recurso lingüístico predominantemente nos turnos com mais palavras, como expressa a tendência 4 e nos exemplos a seguir:

“(...) **CN.** uh:: não mas ela adiantou:: + um dia + eu estou com uma *dorzinha di:: na costela né* + achei por bem ela dar uma olhada <não tem problema nenhum> + do:: ah: d/a noite toda a dor incomoda mais né + aí eu vou agüentar a mão + estou muito sujeito a: + fratura *no coisa + no tronco (...)*”

“(...) **JP.** (0.90) ainda bem mesmo + eu *tava/eu trabalhava num:: fazia* um serviço extra +++ na melhoramentos + e uma manhã *eu vô/quando ia* caí um tombo + coisa feia viu + uma calça:: novinha ficou toda poída aqui no joelho (...)”

Com efeito, observemos a seguinte correção:

Sujeito JP (primeira gravação – correção nº 27)

“(...) **TR.** {qual que é esse do nome?

JP. {aquele que põe a rolha + aquele que põe a rolha *na + aqui nos* lábios (...)”

Ainda que não haja aí uma ‘intenção inconsciente’ recuperável na materialidade lingüística (se não forçarmos análises tendenciosas), inequivocamente há um “elemento perturbador” que pode ser recuperado pelas associações que EF tem no contexto e, por ser refutado pelo ‘eu’, é negado com o ER. Nesse caso poderíamos inferir que uma palavra é provavelmente suprimida e a hesitação possivelmente deve ter marcado essa supressão.

Boca?

“**na** + aqui **nos** lábios”

Assim, embora o EF seja “na” e ER seja “nos”, quando partirmos dos mecanismos que expusemos a respeito da correção psicanalítica, o lapso estaria representado tanto pelo EF *quanto pelo elemento suprimido*, enquanto que a denegação se faz tanto pelo ER *quanto pela hesitação*. Vê-se, portanto, que a hesitação poderia aparecer como um recurso para a inibição daquele material que, nas correções, precisa ser negado.

Desse modo, passamos a analisar as hesitações que ocorriam naqueles momentos em que as correções predominavam: nos ‘turnos longos’. Como aponta a tendência 9, os sujeitos analisados apresentaram sua média de hesitações aumentada, da primeira para a segunda gravação, nos turnos com mais de vinte palavras. Observemos a repercussão dessa tendência nos exemplos seguintes:

“(...) **CN.** é:: eu que tinha um s:: tinha status + chama estado maior + você **assenora/assessora** o:: + o comandante o comandante então: (intera) a situação vamos supor tem uma festa de peão de boiadeiro + e o:: comandante p-passa **um + uma** ordem de serviço por escrito <(permite) providenciar policiamento> + tal tal assim assim assim + aí ele reúne o:: **estado maior o chefe de estado maior** + o chefe de estado maior + reúne o pessoal e **decide/ e faz** um relatório + e:: mais de uma + são duas ou três (quer dizer) varia + daí ele fala a linha que eu quero é essa + a linha de comando ele acha que é essa a linha + (vocês) podem executar:: teoricamente a: + aprovado perfeito então pode largar o pau + eles fazem o estado maior organizar o policiamento pra ser o: que tinha que fazer + é que nem o negócio de uma cabeça só + são várias cabeças que:: tomam a decisão né? (...)”

No exemplo acima, um turno com 150 palavras extraído da primeira sessão de gravação (lembremos que a média geral de turnos para a primeira gravação girava em torno de 8 palavras), o recurso lingüístico da correção aparece quatro vezes. Conforme os dados da tabela 4 de nossa exposição e a tendência 4 de nossa síntese, nossos sujeitos *apresentavam*, na primeira gravação, *esse padrão de organização*: “‘turnos longos’ → mais correções”.

Quanto às hesitações, observemos os exemplos seguintes:

“(...) **CN.** é mas o gozado é o seguinte a pessoa fala + eu quero policiamento nas escola + a escola funciona vinte e quatro horas por dia né? então num é um que ele que ele quer quatro + certo? + e tem outros problemas tem viatura + tem armamento tem:: + alimentação que tem que ser arrumada + ir no local dar um comando (...)”

No turno acima, com 57 palavras, extraído da *primeira sessão* de conversação de CN, aparecem apenas quatro pausas silenciosas hesitativas e um alongamento hesitativo.

“(...) **JP.** (1.41) ah: mas lá em casa o barulho é:: + mas nossa + porque a Pedro de Toledo é muito movimento + com essa mudança de mão aí ainda + mas eu tenho uma sala lá que não faz barulho não (...)”

No turno acima, com 35 palavras, extraído da *primeira sessão* de conversação de JP, aparecem apenas três pausas silenciosas hesitativas.

Conforme os dados das tabelas 10 e 11 de nossa exposição e a tendência 9 de nossa síntese, nossos sujeitos *apresentavam, na primeira gravação, esse padrão de organização*: “‘turnos longos’ → poucas hesitações”. Aliando essa tendência com a anterior, podemos sintetizar da seguinte forma:

→ muitas correções

‘turnos longos’

→ poucas hesitações

Observemos agora os turnos da segunda gravação:

“(...) **CN.** + é:: conhecer ela ++ mas eu sei eu tenho uma idéia muito bem:: + bem formada ++ porque:: ++ num é tão:: difícil num é complicado num é: ++ difícil::uh: a informação é:: simples ++ é uma enzima + que faz falta no cérebro ++ e:: essa enzima:: dizem que:: treme né? + num sei eu tô tomando um remédio muito bom ++ e:: num tenho tremido muito (...)”

No turno acima, com 58 palavras, extraído da *segunda sessão* de conversação de CN, aparecem nove pausas silenciosas (hesitativas), nove alongamentos (hesitativos) e uma pausa preenchida E NENHUMA CORREÇÃO.

“(...) **JP.** ((risos)) porque eu disse que:: es - estatística + a gente falava que era sinônimo de mentira + agora eu não menti + era uh:: uma parte da:: da estatística + porque o:: + o meu maior sofrimento no no IBGE foi + não mentir ++ isso me esgotou muito + então:: uh: lutava contra o informante + terminava recenseamento + o pessoal ficava brigando <porque Bauru uh: deu mais + maior população que Marília? ++ porque uh:: + Rio Preto é maior que Marília?> falava <porque? + vai lá contar + eu não sou obrigado a saber porque + foi feito o recenseamento com o maior rigor + deu maior população + agora + porque que é maior?> então era uma guerra viu + a gente tinha atrito aí + principalmente com autoridade + na câmara municipal + porque n::a época os vereadores não eram remunerados + e eles eh:: vinham:: + me procuravam + para atestar maior população + e eu lá:: vou fazer isso né + então a gente tinha muito atrito + entende entende eh:: o que:: o que eu falava? estatística + só é boa pra eles quando favorece + na hora de fornecer os dados + uh:: corretos + eles n::um fornece + no fim uh:: depois de muita briga ele chegava a um acordo né + porque:: + quem mente no fim sempre aparece né ++ chegava um lá <ah eu queria o número de veículos de Marília? + ah tem:: sessenta mil + ah o senhor está louco tem mais tem cento e vinte mil + mas como assim? ah quem é que não vê? mas isso não serve de base + qual foi o levantamento que vocês fizeram? + Marília tem s/ quarenta e cinco mil prédios + como é que pode ter:: cem cento e cinqüenta mil veículos? eh:: ++ mas era era cho - chocante viu ++ mas eu ch:: cheguei lá + hoje eu não tenho (nenhuma vontade de:: vontade de) (ir naquela parte) + não vou mesmo (...)”

No turno acima, com 150 palavras, extraído da *segunda sessão* de conversação de JP, aparecem trinta e seis pausas silenciosas (hesitativas), dez alongamentos (hesitativos) e nove pausas preenchidas E NENHUMA CORREÇÃO.

Conforme os dados das tabelas 10 e 11 de nossa exposição e a tendência 9 de nossa síntese, nossos sujeitos *apresentavam*, na **segunda gravação**, *esse padrão de organização*: “‘turnos longos’ → muitas hesitações”. Na **segunda gravação**, como vimos, apesar de o número de palavras por turno ter aumentado, as *correções* foram raras. Aliando essa tendência com a anterior, podemos sintetizar da seguinte forma:

→ raras correções

‘turnos longos’

→ muitas hesitações

Dessa forma, sintetizamos os dados gerais de nosso trabalho da seguinte forma:

PRIMEIRA GRAVAÇÃO

→ muitas correções

‘turnos longos’

→ poucas hesitações

SEGUNDA GRAVAÇÃO

→ raras correções

‘turnos longos’

→ muitas hesitações

Nesse contexto, vê-se que esses sujeitos, da primeira para a segunda gravação, buscaram organizar linguisticamente os turnos longos substituindo as correções pelas hesitações. Retomemos aqui o que isso representa conforme as teorizações que construímos para as correções e hesitações:

- Nas correções, o ‘eu’ tende a negar, por um enunciado reformulador, a emergência do ‘elemento perturbador’ manifestado anteriormente, justamente por desconhecer que esse elemento deriva do ‘sujeito’ que ele representa.
- Nas hesitações, o “elemento perturbador” é negado antecipadamente pelo ‘eu’, antes que insurja na materialidade lingüística, numa inibição àquilo que ele tem de desconhecer (mas que também deriva do ‘sujeito’).

Dada essa tendência geral de nossos, acreditamos que a progressiva mudança na organização lingüística desses sujeitos, ou seja, a substituição das correções pelas hesitações, manifesta a maior inibição frente os conteúdos não representados pelo ‘eu’ – uma inibição frente aos conteúdos derivados do registro real da língua que, na busca de um gozo-do-corpo perdido, o propiciam quando o ‘eu’ vacila, ou seja, nos EF.

Desse modo, como uma doença que, conforme descreve a literatura médica, tem a perda de capacidades psicofísicas como característica, pode ter ocasionado, nos sujeitos que analisamos, essa tendência a inibir conteúdos indesejados pelo ‘eu’? Por princípio, como definimos durante nossa introdução, não atribuímos essa peculiaridade ao que a literatura neuropsicológica tem chamado de ‘problemas cognitivos’, já que os trabalhos lingüísticos discursivos que nos antecederam já haviam abandonado essa hipótese.

Como vimos na nossa introdução, os significantes não devem ser convocados no ‘eu’ para que haja produção de sentido no ato de fala. Dito de outro modo, para se falar, não se deve investir em como o corpo produzirá essa fala, mas sim no que será produzido nessa fala, ou seja, em significados. Vimos também que um aumento de tensão sobre o corpo, ainda que decorrente de uma imagem negativa de si, pode trazer esse aumento de investimento sobre significantes, ampliando as hesitações. Assim, embora as hesitações impeçam o fluxo sintagmático, elas garantem a exclusão de significados indesejados. Provavelmente esse seja um dos motivos pelos quais não se fala sobre correções nas discussões sobre a gagueira, mas sim sobre hesitações.

E, uma imagem negativa sobre si é bem o que nossos sujeitos analisados apresentavam. Vejamos uma breve compilação de exemplos disso:

Sujeito CN, primeira gravação:

“(...) **TR.** o senhor também podia fazer umas caminhada seu Célio?
CN. *o Parkinson num num num dá opção pra gente (...)*”

Sujeito CN, segunda gravação:

“(...) **CN.** eu fui::: pra reserva como coronel ++ eu sou coronel ++ da reserva
LZ. da reserva?

CN. da reserva eu f/ f/ eh:: depois eu resolvi ++ passar pra reserva com um + um posto a mais ++ eu saí coronel ++ mas *o o: problema meu + problema grave é::: é Parkinson ++* tive Parkinson há::: ++ dez anos + é bem do::: é bem difícil + *tem que tá com a cab/ com a cabeça boa + se não eu não agüenta não*

LZ. não?

CN. não ((murmúrio)) se não estiver bem::: ++ bem::: orientado ++ *o Parkinson é uma doença doença::: ++ implacável ++ não deixa e:::le nã:::o dixa deixar de pensar + incrível (...)*”

Sujeito JP, primeira gravação:

“(...) **JP.** (0.68) to muito suaje/ muito sujeito a t/tropeçar + o meu caminhar que não é + perfeito como era né?

TR. ah mais

JP. *e nem volta a se* ((risos)) (...)”

Sujeito JP, segunda gravação:

“(...) **JP.** (...) ela nos convidou eu e a **EP.** pra vir para cá + aí eu fale::i que estava indo no asilo + a Percília olhou + <nossa + mas o senhor é muito novo pra tar no asilo> ((risos)) ela pensou que eu estava internado no asilo + ah mas foi:: dei:: risada não foi **EP.** com ela viu <ai desculpa seu **JP.**> ((risos)) não que eu estou velho eu sei disso + **JN.** mas que nada ela disse que o senhor está novo seu **JP.** e está mesmo **JP.** é depois ela:: falou que eu estava + *eu quase acreditei* (...)”

“(...) **LZ.** o senhor é brincalhão né? +++ que (...)

JP. [é:: deveria se::r como antes]

LZ. como assim?

JP. + ah o Parkinson tira muito a:: + a alegria da gente (...)”

Como podemos ver nos trechos acima, há uma representação que os sujeitos analisados têm da sua dificuldade. Essa representação, aliada àquelas trazidas pelas dificuldades orgânicas (tremor, problemas reflexos, enrijecimento, redução de prosódia e dificuldades articulatórias para a precisão dos sons) tenderiam, durante a fala, a *suspender* o significado em proveito do significante, ou seja, a fazer com que o sujeito invista apenas na sua atividade motora. Mas, como aspectos motores e simbólicos não devem ser desvinculados, ao se eleger hesitações como recurso preferencial, ao mesmo tempo em que esses sujeitos poderiam denegar a equivocidade latente na cadeia associativa (Efs) antes de sua manifestação, também poderiam evitar a suspensão do significado, já que elas representariam um tempo (silencioso, ou preenchido) para que os significantes sejam suspensos, um tempo para se esquecer do corpo.

Isso porque, conforme expusemos, aquilo que Goldman-Eisler (1958), postula como um planejamento antecipatório de que as hesitações são sintomas, dizendo que as pausas estariam relacionadas a quanto os enunciados são organizados para os sujeitos de forma que estejam mais automatizados ou, pelo contrário, sejam organizados no momento, bem como aquilo que as teorias conversacionais entendem como caráter prospectivo das hesitações pode estar relacionado, ao contrário de categorias cognitivas, com o automatismo da execução motora da fala. Assim as hesitações poderiam tanto inibir o que o investimento do ‘eu’ sobre o corpo pode prejudicar o ato de fala, quanto inibir aquilo que ele denegaria.

Portanto, acreditamos que a substituição das correções pelas hesitações em nossos sujeitos analisados se deu tanto por as hesitações evitarem que a *convocação do corpo*, que a progressão da doença poderia implicar, impeça a fala – dando condições para que esses sujeitos pudessem evitar que a atividade motora fosse investida ao invés do sentido – como por uma maior *inibição frente ao real da língua* que elas proporcionam ao impedir a equivocidade.

VI CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, destacamos as contribuições dos estudos sobre as marcas lingüísticas de correção e de hesitação na literatura internacional e na literatura que, a nosso ver, tem se dedicado mais ao estudo dessas estruturas: aquelas que remetemos ao enfoque conversacional. Observamos que, na literatura internacional essas marcas são analisadas quanto a critérios cognitivos ou de codificação lingüística, enquanto que na literatura conversacional (nacional), foram destacados aspectos interacionais e cognitivos, além da relação entre as marcas também ser postulada (como contrária: prospectiva no caso da hesitação; retrospectiva no caso das correções).

Destacamos também, como contraponto a essas concepções, os estudos desenvolvidos a respeito da doença de Parkinson na literatura lingüístico-discursiva do projeto MHDP. Vimos que esses estudos, ao contrário do que prega a literatura sobre a doença, entenderam as hesitações que ocorrem na fala dos parkinsonianos como provenientes também da esfera simbólica, ao invés de serem efeitos simplesmente de problemas motores ligados à doença. Nesse contexto, vimos que as hesitações foram entendidas como estruturas lingüísticas próprias de uma tensão entre elementos lingüístico-discursivos que, no fio do discurso, marca controlar a instauração da deriva ao invés de resultantes de dificuldades motoras ou dificuldades cognitivas.

Outra importante colocação foi que aquilo que a psicanálise entende como lapso e denegação poderia ser relacionado com as hesitações e correções dos sujeitos com DP, de modo que o lapso poderia ser representado pelos enunciados fonte e a denegação com os enunciados reformuladores, do mesmo modo que a hesitação poderia ser entendida como uma inibição denegatória a ocorrência de enunciados que precisariam ser negados. Atribuímos essa *emergência* àquilo que na psicanálise se entende como sujeito do desejo, que busca recuperar um gozo perdido através de palavras, assim como a *contenção/inibição* aquilo que, na psicanálise se entende como 'eu', enquanto instância representativa de defesa.

Quanto às correções dos sujeitos que analisamos, pudemos perceber que se concentraram em correções lexicais de enunciados-fonte verbalizados, marcadas por hesitações entre esses e os enunciados reformuladores.

Também observamos que, no que diz respeito às correções dos sujeitos com doença de Parkinson analisados, as correções (no contexto em que predominantemente ocorriam, ou seja, em turnos longos) foram substituídas, após um intervalo de tempo, pelas hesitações. Assim, vinculamos a mudança no funcionamento lingüístico desses sujeitos à inibição que tínhamos atribuído às correções. Por fim, vimos como podem ser profficuas as aproximações de teorias como a psicanálise e a lingüística.

Embora nossa contribuição possa ser entendida como significativa, destacamos aqui a necessidade de maiores estudos para o embasamento dos conceitos e análises de correções e hesitações, já que não há pesquisas similares sobre esse assunto. Além disso, como nosso estudo se centrou em características predominantemente quantitativas, faz-se necessário um estudo de natureza mais qualitativa para um maior entendimento do funcionamento dessas marcas. Também poderíamos questionar se a análise entre dois sujeitos com lesão neurológica pode ou não diferir ou não de uma comparação com sujeitos com e sem lesão.

Vê-se, portanto, a necessidade de se empreenderem outras pesquisas sobre o funcionamento dessas marcas.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARSLAND, D. *et al.* - Risk of dementia in Parkinson's disease: a community-based, prospective study. **Neurology** nº 56, pág 730-736, 2001.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990.

_____. Duas ou três coisas sobre as relações da língua com o que não é ela. In: **Palavras Incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: Ed. da Unicamp, p. 165-173, 1998.

BARBOSA, Egberto Reis. Parkinsonismo. **Revista Brasileira de Neurologia**, [São Paulo], v.25, n. 1, p. 27-32, 1989.

BARBOSA, E.R. *et al.* Disfunções neuropsicológicas na doença de Parkinson. **Arq. Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 45, n. 2, p.109-118, 1987.

BARBOSA, E. R. ; HADDAD, M. S. ; GONÇALVES, M. R. R. . Distúrbios do Movimento. In: Ricardo Nitrini & Luiz Alberto Bacheschi. (Org.). **A Neurologia que todo médico deve saber**. 2a. ed., São Paulo, v. 1, p. 297-322, 2002.

BARBOSA, E. R. MELO, L.M. CARAMELLI, P. Declínio cognitivo e demência associados à doença de Parkinson: características clínicas e tratamento. **Revista de psiquiatria clínica**, v. 34, nº 4, São Paulo, 2007

BARROS, D.L.P. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**, São Paulo: FFLCH/USP, p. 129-156, 1993.

BARROS, D. L. P. Procedimentos e recursos discursivos da conversação. In: PRETI, D. (Org.) **Estudos de Língua Falada: variações e confrontos**. 2ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.

BAYLES, K.A. *et al.* - Change in cognitive function in idiopathic Parkinson's disease. **Arch Neurol** nº53, pág 1140-1146, 1996.

BENVENISTE, E. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, cap. 6, p. 93-104, 1989.

BRAUNSTEIN, N. **Gozo**. Tradução de Mônica Seimeman, São Paulo: Escuta, 2007.

BRÜCK, A. *et al.* Cortical 6-[¹⁸F] fluoro-L-dopa uptake and frontal and cognitive functions in early Parkinson's disease. **Neurobiology of Aging** v. 26, p. 891-896, 2004.

CAHN, D. A. et. al. Differential Contributions of cognitive and motor component processes to physical and instrumental activities of daily living in Parkinson Disease. **Articles of Clinical Neuropsychology**, nº 7, v. 13, pág 575-583, 1998.

CAMPOS, H. “O afreudisiáco Lacan na galáxia de lalíngua”. In: **Idéias de Lacan**. São Paulo: Ed. Iluminuras, p.175-195, 2001.

CHACON, L. Relação entre aspectos motores e cognitivos nas dificuldades de linguagem de Parkinsonianos. **Veredas**, Juiz de fora: UFJF, v. 6, n. 1, p. 141-152, 2002.

CHACON, L.; SCHULZ, G. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, v. 39, p. 51-70, 2000.

COOPER, J.A. *et al* Slowed central processing in simple and go/no-go reaction time tasks in Parkinson's disease. **Brain**, v. 117, nº 3, p. 517-529, 1994.

CORRÊA, M.L.G. Lingüística, Lingüística Aplicada e Análise do Discurso em um estudo na fronteira com a História e as Ciências Sociais. In: Carrara, K. (org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**, Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, p. 91-111, 2001.

COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Clássico é clássico e vice-versa**. Texto-base de aula para Concurso de Livre-Docência. Campinas, IEL/UNICAMP, 2002. Inédito.

CRITCHLEY, E.M.R. Speech disorders of Parkinsonism: a review. **Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry**, v. 44, n. 9, p. 751-758, 1981.

DARKINS, A.W.; FROMKIN, V.A. & BENSON, D.F. A characterization of the prosodic loss in Parkinson's disease. **Brain and Language**, v. 34, p. 315-327, 1988.

DIAS, C.E.B. & CHACON, L. **Integração cognitivo-motora em hesitações na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos**. Relatório FAPESP, processo nº 04/02349-1, 2005.

FÁVERO, L. L. Processos de formulação do texto falado: a correção e a hesitação nas elocuições formais. In: PRETI, D. (org.) **O discurso oral Culto**. São Paulo: FFLCH/USP-Humanitas Publicações, p. 141-159, 1999.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. In: CASTILHO, A. T. & BASILIO, M. (Org.) **Gramática do Português falado**: estudos descritivos. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, v. 4, p. 473-508, 1996.

_____. A correção no texto falado: tipos funções e marcas. In: NEVES, M.H.M. (org.) **Gramática do português falado**. Ed. Da Unicamp- FFLCH/USP- Humanitas Publicações, p. 53-76, 1999.

FREUD, S. **A interpretação das afasias: um estudo crítico**. Lisboa, Edições 70, 1977.

_____. (1893) Estudos sobre a histeria. In: **Obras Completas**, Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro, Imago. 1996.

_____. (1901) Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: **Obras Completas**, Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro, Imago. 1996.

_____. (1905) Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: **Obras Completas**, Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro, Imago. 1996.

_____. (1909) Cinco lições de psicanálise In: **Obras Completas**, Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro, Imago. 1996.

_____. (1925) O ego e o ID. In: **Obras Completas**, Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro, Imago. 1996.

_____. (1920) Além do princípio do prazer. In: **Obras Completas**, Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro, Imago. 1996.

_____. (1926) A questão da análise leiga. In: **Obras Completas**, Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro, Imago. 1996.

_____. (1938) Moises e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos. In: **Obras Completas**, Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro, Imago. 1996.

FRIEDMAN, S. **Gagueira: origem e tratamento**. 2ªed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

GARRON, D. C., KLAWANS, H. L. and NARIN, F. Intellectual functioning of persons with idiopathic Parkinsonism. **Journal of Nervous and Mental Disease** v. 154, p. 445-452, 1972.

GOLDMAN-EISLER, F.. Speech production and the predictability of words in context. **Quarterly Journal of Experimental Psychology**, v. 10:2, 96-106, 1958.

GOODIN, D.S. & AMINOFF, M.J. Electrophysiological differences between demented and nondemented patients with Parkinson's disease. **Ann. Neurol**, v. 21, p.90-94, 1987.

GROSSMAN, M. Sentence Processing in Parkinson's Disease. **Brain and Cognition** nº 40, pág 387-413, 1999.

GROWDON, J.H.; CORKIN, S.; ROSEN, T.J. Distinctive aspects of cognitive dysfunction in Parkinson's disease. In: STREIFLER, M.B. *et al* (Eds.), **Parkinson's Disease: Anatomy, Pathology, and Therapy** (Adv. Neurol., v. 53). Raven Press, New York, p. 365-376, 1990.

GURD, J. M. Verbal fluency deficits in Parkinson's disease: individual differences in underlying cognitive mechanisms. **Journal of Neurolinguistics**, v. 13, p. 47-55, Jan. 2000.

GURD, J. M.; OLIVEIRA, R. M. Competitive Inhibition Models of Lexical–Semantic Processing: Experimental Evidence. **Brain and Language**, v. 54:3, p. 414-433, Set. 1996.

HAVELOCK, E. (1965) **Prefácio a Platão**. Campinas: Papirus, 1996.

HAYASHI, R. *Et al*. Event-related potentials, reaction time, and cognitive state in Parkinson's disease. In: NARABAYASHI, H. *et al* (Eds.), **Parkinson's disease: From basic research to treatment**. (Adv. Neural., v. 60). Raven Press, New York, p. 429-433, 1993.

HILGERT, J.G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**, São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

HIRD, K. & KIRSNER, K. Dysprosody following acquire neurogenic impairment. **Brain and Language**, v.45, p.46-60, 1993.

HOEHN, M. AND YAHR, M. Parkinsonism: onset, progression, and mortality. **Neurology**, v. 17, p. 427-442, 1967.

HOFMAN, S. Aspects of language in Parkinsonism. **Advances in Neurology**, v. 53, p. 327-333, 1990.

HYPOLITE, J. (1954) Comentário sobre a “Verneinung”. In: Lacan, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ILIOVITZ, E. R. **Uma análise prosódica dos lapsos da língua**. Campinas: Unicamp Dissertação (mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, 2001.

JAKOBSON, R. Lingüística e Poética. In: JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação**. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, , p. 118-162, 1975a

_____. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação**. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, pág. 34-62, 1975b.

KOCH, I. G. V. *et al*. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso. In: CASTILHO, A.T. (org.) **Gramática do Português Falado: a ordem**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, p.143-184, 1990.

LACAN, J. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1951) Intervenção sobre a transferência. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1954) **O seminário, livro 1**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

_____. (1954a) Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1954b) Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1955) **O seminário, livro 2**: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. (1956) **O seminário, livro 4**: A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. (1957) A instância da letra no inconsciente. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1957) **O seminário, livro 5**: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. (1960) **O seminário, livro 7**: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

_____. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1970) Radiofonia. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. (1973) **O seminário, livro 20**: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.

_____. Vers un signifiant nouveau. **Ornicar?**, Paris, n. 19, p. 7-23, 1977.

LACHAUD, D. A língua materna ou a divisão do sujeito. In: SOUZA, A.M. (org.) **Psicanálise de crianças**. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1, p. 13-23, 1989.

LE GAUFEY, G. **A incompletude do simbólico**: de René Descartes a Jacques Lacan. (Tradução para estudo realizada por Nina Virgínia de Araújo Leite) Paris: EPEL, 1996.

LEITE, M.P.S. A teoria dos gozos em Lacan. In: **Carta de São Paulo** (boletim da Escola Brasileira de Psicanálise e do Instituto de Pesquisas em Psicanálise de São Paulo). n. 3, ano 8, maio, 2001.

LEITE, N.V.A. Sobre a singularidade. **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Campinas, v. 38. p. 39-49, 2000.

_____. Sema-soma. In: ROHENKOHL, C.M.F. (org.) **O bebê e a modernidade**: abordagens teórico-clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 85-90, 2002.

_____. Riso e rubor: para falar do corpolingüagem. In: LEITE, N.V.A. (org.) **Corpolingüagem**: gestos e afetos. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

LEITE, N. V. A. . Corpolingüagem. In: Angela Vorcaro. (Org.). **Quem fala na língua?** Sobre as psicopatologias da fala. Salvador: Ágalma, p. 180-188, 2004.

LEMOS, C.T.G. Corpo e linguagem. In: Uchoa, L.C.J.F. (org.) **Corpo-mente**: uma fronteira móvel. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 235-247, 1995a.

_____. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.30, nº4, p. 9-28, 1995b.

_____. **Entre a escrita dos anagramas e as aulas do curso**: uma leitura de Saussure. CELSUL: Florianópolis (mesa redonda: 80 anos de publicação do Curso de Lingüística Geral: homenagem a Saussure) inédito, 1997.

_____. O erro como desafio empírico a abordagens cognitivistas do uso da linguagem: o caso da aquisição da linguagem. In: ALBANO, E. *et al* (Org.). **Saudades da Língua**. Campinas: Mercado de Letras, p. 515-534, 2004.

LIER-DE-VITTO, M.F. Patologias da linguagem: subversão posta em ato. In: LEITE, N.V.A. (org.) **Corpolingüagem**: gestos e afetos. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

LIMONGI, J.C.P. **Conhecendo melhor a Doença de Parkinson**: uma abordagem multidisciplinar com orientações práticas para o dia-a-dia. São Paulo: Plexus, 2001.

LIMONGI, J.C.P.; DIAS, A.C. Tratamento dos distúrbios da voz na doença de Parkinson: O método Lee Silverman. **Arq. Neuro-PsiquiaTR**. v.61, nº 1, São Paulo, Março, 2003.

LOGEMANN, J. A. *et. al*. Frequency and co-occurrence of vocal tract dysfunction in the speech of a large sample of Parkinson patients. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 43, p. 47-57, 1978.

MACHADO, A. B. M. **Neuroanatomia funcional**. 2^a ed., São Paulo/Rio/Belo Horizonte: Atheneu, 1993.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 3^a ed., São Paulo: Ática, 1986.

_____. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (org.) **Gramática do Português Falado: novos estudos**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, p. 159-194, 1999.

_____. Fenômenos Intrínsecos da Oralidade: a hesitação. In: KOCH, I.G.V.; JUBRAN, C.C.A.S. (orgs.) **Gramática do português culto falado no brasil: construção do texto falado**. 1^a ed., Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2006.

MARSHALL, R.C.; TOMPKINS, C.A. verbal self-correction behaviors of fluent and nonfluent aphasic subjects. **Brain and language**, v. 15, n. 2, p. 292-306, 1982

MAYEUX, R. *et al.* Depression, intellectual impairments, and Parkinson Disease. **Neurology**, v. 31, p. 645-650, 1981.

MILLER, J-A. Teoria d'alíngua. (rudimento) In: **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

_____. Los seis paradigmas del goce. In: **El language: aparato del goce**. 1ed. Buenos Aires: Coleccion Diva, 2000.

MILNER, J-C. **Les noms indistincts**. Paris: Seul, 1983.

_____. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **A obra clara**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995a.

_____. Linguistique et psychanalyse In: **Encyclopædia Universalis France**, 1995b.

MOHR, E. *et al.* Selective deficits in cognition and memory in high-functioning Parkinsonian patients. **J. Neural. Neurosurg. Psychiatry**, v. 53, p. 603-606, 1990.

MURDOCH, B. E. *et al.* Respiratory function in Parkinson's disease subjects exhibiting a perceptible speech deficits: a kinematic and spirometric analysis. **Journal of Speech and Hearing Disorder**, v.54, p.610-626, November, 1989.

NASCIMENTO, J.C. **Hesitação na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos**. Relatório FAPESP, Processo 99/12850-0, 2000.

_____. **Fenômeno Hesitativo na Linguagem: um olhar para a doença de Parkinson**. São José do Rio Preto. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Instituto de Bociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 158p., 2005.

NIEOULLON, A. Dopamine and the regulation of cognition and attention. **Progress in Neurobiology**, nº 67, pág 53-83, 2002.

NOOTEBOOM, S.G. Speaking and unspeaking: detection and correction of phonological and lexical errors in spontaneous speech. In: FRONKIM, V.A. (org.) **Errors in linguistic performance**. New York: [s.n.] cap. 6., 1980.

OLIVEIRA, E. C.; CHACON, L. Aspectos prosódicos da fala de sujeitos parkinsonianos. **Alfa - Revista de Lingüística**, São Paulo, v. 43, p. 203-228, 1999.

OLIVEIRA, E.C. **Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos**. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2003.

OWEN, A.M. *et al.* Fronto-striatal cognitive deficits at different stages of Parkinson's disease. **Brain**, v. 115, p. 1727-1751, 1992.

PANG, S. *Et al.* The auditory P300 correlates with specific cognitive deficits in Parkinson's disease. **J. Neural. Transm.**, v. 2, p. 249-264, 1990.

PARKINSON, J. **An essay on the shaking palsy**. Whittingham and Rowland for Sherwood, Neely and Jones, London, 1817.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, p. 61-162, 1990a.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990b.

PEREIRA-DE-CASTRO, M.F. Apontamentos sobre o corpo da linguagem. In: LEITE, N.V.A. (org.) **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

PITCAIRN, T.K. *et. al.* Impressions of parkinsonian patients from their recorded voices. **British Journal of Disorders of Communication**, v. 25, p. 85-92, 1990.

POMMIER, G. A ordenação dos gozos. In: **A ordem sexual: perversão, desejo e gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 209-218, 1992.

_____. Da passagem literal do objeto ao moedor do significante. In: MELMAN, C. **O significante, a letra e o objeto**. Rio de Janeiro: companhia de Freud, p. 119-126, 2004.

PRETI, D. & URBANO, H. **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor-FAPESP, 1988.

PRETI, D. A fluência na linguagem dos idosos. In: Preti, D. **A linguagem dos idosos: um estudo da Análise da Conversação**. São Paulo: Contexto, p. 31-52, 1991.

RIKLAN, M., ZAHN, T. P.; DILLER, L. Human figure drawings before and after chemosurgery of the basal ganglia in Parkinsonism. **Journal of Nervous and Mental Disease** v. 135, p. 500-506, 1962.

SALOMON, N. P. & HIXON, T. J. Speech breathing in Parkinson's disease. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 36, p. 294-310, abril, 1993.

SAUSSURE, F. (1916) **Curso de Lingüística Geral**. 7ª ed., São Paulo: Cultrix, 1979.

SCHULZ, G. & GRANT, M. K. Effects of speech therapy and pharmacological and surgical treatments on voice and speech in Parkinson's disease: a review of the literature. **Journal of Communication Disorders**, v. 33, p. 59-88, 2000.

SCOTT, S. & CAIRD, F. Speech therapy for Parkinson's disease. **Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry**, v. 46, p. 140-144, 1983.

SHULMAN, L.M. *et al.* Non-recognition of depression and other non-motor symptoms in Parkinson's disease. **Parkinsonism and Related Disorders**, nº 8, pág. 193-197, 2002.

SILBERMAN, C.D. *et al* Uma revisão sobre depressão como fator de risco na Doença de Parkinson e seu impacto na cognição. **Revista de Psiquiatria**, [RS], nº 26, v. 1, pág. 52-60, jan-abr. 2004.

SOLER, C. A hipótese lacaniana. In: **Percurso**. n. 29, p. 5-13, 2002.

SOUZA E SILVA, M.C.P.; CRESCITELLI, M.F.C. Retomando a Interrupção... **DELTA** v. 14, publicação especial, São Paulo, 1998.

STARKSTEIN, S.E. *et al* Cognitive impairments and depression in Parkinson's disease: a followup study. **J. Neurol. Neurosurg. Psychiatry**, v. 53, p. 597-602, 1990.

TALLAND, G. A. Cognitive functions in Parkinson's disease. **Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 135, p. 196-205, 1962.

TANNENBAUM. P.H., WILLIAMS, F., HILLIER, C.S. Word predictability in the environments of hesitation **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, v. 4, 134-40, 1965.

UZIEL, A. *et al.* Les troubles de la voix et de la parole dans les syndromes parkinsoniens. **Folia Phoniatica**, v. 27, p.166-176, 1975.

VALAS, P. **As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

VERAS, V. O chiste como repasto totêmico. In: In: LEITE, N.V.A. (org.) **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

VOLKMANN, J. et. Al. Impairment of temporal organization of speech in basal ganglia diseases. **Brain and Language**, v. 43, p.386-399, 1992.

WATTERS, P.A. PATEL, M. Competition, Inhibition, and Semantic Judgment Errors in Parkinson's Disease. **Brain and Language** v. 8:3, p. 328-339, Mar. 2002.

WILSON, R. S. *Et al.* High speed memory scanning in Parkinsonism. **Conex**, v. 16, p.67-72, 1980.

WITT, M. **Duração de pausas iniciais e extensão de turnos na atividade conversacional de parkinsonianos**. Relatório FAPESP, Processo 02/09715-8, 2003.

WOLTERS, E. Ch. & FRANCO, C.M.J.E. Mental dysfunction in Parkinson's disease. **Parkinsonism and Related Disorders**, nº4, pág 107-112, 1998.

ZANIBONI, L. F. **O funcionamento das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson**. São José do Rio Preto. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2002.

VIII - APÊNDICES

Considerações sobre os apêndices

Descreveremos aqui o modo como construímos cada um dos 12 apêndices que contém aos dados expostos e discutidos durante os capítulos precedentes desse trabalho. Procuramos não nos deter na quantidade de anexos já que eles servirão necessariamente para o melhor entendimento dos dados sintetizados que expusemos nas tabelas presentes na exposição de resultados.

(a) Descrição e classificação das marcas (apêndices de 1 a 4):

Buscamos nos centrar na seleção das correções, recuperando seu contexto pragmático. Entretanto, como todo recorte, algumas vezes esse contexto só poderá ser recuperado mais integralmente nas transcrições (anexos). Para que nossa seleção fosse mais especificamente calcada nas correções, eliminamos os marcadores conversacionais ‘ahn’, ‘uhn’, ‘ahn-ahn’ e ‘uhn-uhn’ – dos outros sujeitos presentes nas sessões – que pareceram não se relacionar com as correções (ou seus marcadores) de CN e **JP**. Portanto, o ‘contexto’ delimitado nesses anexos não reflete necessariamente aquele presente nas transcrições.

Selecionados os trechos, eles foram enumerados conforme a ordem em que ocorreram durante as sessões. Essa ordem foi seguida em todos outros anexos e tabelas presentes na dissertação. Após cada correção, seguimos com a análise lingüística baseada nas características descritas durante a metodologia. Essas análises são seguidas de comentários sobre a categorização ou sobre o funcionamento lingüístico que denotam.

(b) Tabelas de seleção das correções (apêndices de 5 a 8)

As tabelas foram baseadas na delimitação das correções seguindo sua os padrões formulados pela “lingüística conversacional”. Assim, as marcas são diferenciadas quanto às suas partes: ‘enunciado fonte’, ‘marcador’ e ‘enunciado reformulador’. Ao lado direito dessa descrição encontram-se a quantidade de palavras do turno em que ocorreu a respectiva correção, assim como, ao fim da tabela, encontram-se a média geral de palavras por turno (com correção).

(c) Tabelas de seleção das correções (apêndices de 9 a 12)

Foram calculados o número de pausas silenciosas, alongamentos e pausas preenchidas, de caráter hesitativo, ocorridas nos ‘turnos longos’ (com mais de 20 palavras) de cada sessão de conversação. Por procurarmos apenas marcas de caráter hesitativo, as pausas silenciosas foram diferenciadas das pausas de juntura (conferir p. 69), assim como os alongamentos hesitativos o foram dos alongamentos de caráter expressivo (conferir p. 70) e as pausas preenchidas dos marcadores conversacionais (como ‘ah’ em “ah, que pena...”). À direita dessa contagem, expusemos o total de marcas presentes nesses turnos longos (entre PS, AL e PP).

Abaixo dessa parte da tabela há um segundo componente, os “resultados globais”, na qual:

- a primeira grandeza mensurada refere-se à soma do número de cada marca, ou seja, o total de PS, AL e PPs de todos os ‘turnos longos’;
- a segunda grandeza, refere-se à percentagem que os dados da primeira grandeza (total) representam em relação ao total de marcas (quaisquer sejam, PS, AL ou AL) que ocorreram nos ‘turnos longos’;
- a terceira grandeza, tida por nós como mais importante entre os dados expostos e discutidos no decorrer do trabalho, refere-se à média em que cada uma das hesitações ocorreu em relação ao total de turnos (longos). Assim, por exemplo, CN1 teve 23 turnos longos, dentre os quais ocorrera 95 pausas silenciosas: a média de PS por turno longo foi, portanto, de 4,13 (o resumo desses resultados encontra-se na tabela 11 da exposição de resultados). Ao lado direito encontra-se a média do total de marcas, calculada pela soma do total as marcas ocorridas em cada sessão divididas pelo número de turnos longos. Assim, por exemplo, CN1 teve 166 ocorrências entre PS, AL e PPs em 23 turnos longos: sua média total foi, portanto, de 7,22 (o resumo desses resultados encontra-se na tabela 1a da exposição de resultados).

APÊNDICES de 01 a 04:

**DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO
DAS MARCAS DE CORREÇÃO**

Sujeito CN - Correções classificação – Primeira Gravação (APÊNDICE 01)

1.

“(...) **TR.** [...] senhor já foi na fisioterapia hoje seu Célio?

CN. fui

TR. não é/ senhor não vai/ não faz mais à tarde?

CN. uh:: não mas ela adiantou:: + um dia + *eu estou com uma dorzinha di:: na costela né* + achei por bem ela dar uma olhada <não tem problema nenhum> (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Observe-se aqui que como o fragmento corrigido restringe-se a preposição “de”, ele foi entendido como totalmente verbalizado; pela negação dele através da partícula “na” (não é “**de** costela” e sim “**na** costela”) foi entendido como infirmação.

2.

“(...) **CN.** [...] a noite toda a dor incomoda mais né + aí eu vou agüentar a mão + estou muito sujeito *a + fratura no coisa + no tronco*

TR. [uhn uhn]

TR. mas é porque senhor caiu será seu Célio? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

3.

“(...) **TR.** mas é porque senhor caiu será seu Célio?

CN. *foi eu caí/bati* a:: + as costelas + na cadeira (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Através de nossa impressão perceptual definimos essa construção como correção devido à alteração prosódica entre os verbos próprias do que caracterizamos como interrupções lexicais entre o enunciado reformulador e o enunciado fonte (aspecto 5 da seleção de dados).

4.

“(…)TR. mas é porque senhor caiu será seu Célio?

CN. foi eu caí *bati a:: + as costelas* + na cadeira (…)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Embora caracterizemos a natureza do erro como morfossintática, as correções de flexão se caracterizam por erros morfológicos e não sintáticos. Observe-se aqui que como o “erro” morfossintático é relativo ao número em que o artigo se encontra (no caso, do singular).

5.

“(…) CN. [...] eu fui en entra aqui + atravessar pra ir *no banheiro + não na na cozinha* + aí eu perdi o:: + o equilíbrio e bati na + na cadeira (…)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Observe-se aqui a presença literal do advérbio de negação, que, na maioria das infirmações apenas é relevado numa proximidade semântica.

6.

“(…) CN. eu perdi o:: + o equilíbrio e *bati na na + cadeira naquele/nos pau que tava na cadeira* + não doeu muito (…)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

7.

“(…) TR. é tinha que colocar /deixar /ficar na cama só numa posição né?

CN. é hoje *não tem perigo não tem problema* (…)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

A acentuação prosódica com ascendência de tessitura no enunciado reformulador nos permitiu caracterizar essa construção como correção, e a proximidade semântica adquirida no contexto sustentou nossa categorização como retificação.

8.

“(…) CN. (2.98) quer dizer *que esse:: a nossa* entrevista vai pro States?

TR. *essa entrevista?*

CN. *é (...)*”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: projetado.

9.

“(…) **TR.** a escola lá dá academia?do Barro Branco?

CN. [é]

CN. Barro Branco + fiz cin + fiz cinco anos + *eu era interno* + *eu era externo na quarta no sábado e no domingo* ++ *eu era semi interno né?* (...)

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Observe-se aqui que entre o enunciado fonte e o reformulador há uma oração parentética explicativa, que, contudo, não caracterizaremos entre os marcadores, embora seja possível tal categorização.

10.

“(…) CN. Barro Branco + fiz cin + fiz cinco anos + eu era interno + eu era externo na quarta no sábado e no domingo ++ eu era semi interno né? + *pra fazer uma faculdade/prafazer uma: uma escola* como essa + só (com um) expediente não dá + tem que te uma convivência (...)

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

11.

“(…) **TR.** *é né?* quanto tempo senhor estudo seu Célio pra:: chega até comandante?

CN. [eu fiz cinco]

CN. (0.85) ah eu fiz cinco + e:: (quando) eu era capitão + eu devia ser promovido a major mas *pra poder ser* + *pra faze::r pra ser major* eu tinha que:: fazer o curso (...)

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Note-se aqui a presença de uma oração entre o enunciado fonte e o reformulador, que caracterizamos como SC.

12.

“(...) **CN.** [...] + eu devia ser promovido a major mas pra poder ser + pra faze::r pra ser major eu tinha que::: fazer o curso + um curso assim tipo:: é:: + como é que chama o curso? + (fazer) *mestrado* + *equivale ao mestrado* na PM né? depois tem o doutorado que é::: + é::: curso de:: superior e::: po polícia esse equivale assim ao + ao +++ ao doutorado (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Note-se aqui que a reformulação, apesar de não anular semanticamente o sentido de mestrado, o atenua, caracterizando, portanto, uma correção. A retificação não é lexical mais sim semântica.

13.

“(...) **TR.** [...] depois de é capitão major depois de major que é comandante seu Célio?

CN. tenente coronel (aí:: tem comam/)

TR. [ah tenente coronel

CN. depois coronel + eu saí tenente coronel mas no posto de coronel + quando saí tinha um posto a mais ++ achei besteira fazer *curso de:: da carreira de polícia* + porque eu:: não ia me sujeitar sair de casa não o curso é seis meses + é duro né? (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

A retificação se dá no ganho semântico entre “curso de polícia”, enunciado fonte (EF), e “curso da carreira de polícia”, enunciado reformulador (ER), daí a caracterização parcial da presença de EF.

14.

“(...) **TR.** essa academia Barro Branco é muito conhecida né seu Célio?

CN. é + conhecida sim

TR. tem uma fama muito boa

CN. mas agora parece *que é/são: seis* anos

TR. nossa seis anos é o tempo que leva pra:: + medicina + né? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

A infirmação se dá pela correção quanto à flexão verbal (conferir comentário da correção 4). Observe-se aqui que o alongamento não é marcador de correção, já que se relaciona a busca do léxico que se segue.

15.

“(...) **TR.** e o senhor que tinha que se responsabilizar por todos os + os soldados ou não

CN. no curso?

TR. é

CN. não no curso não

TR. mas assim quando quando o senhor que comandava era o senhor que tinha que

CN. é:: eu que tinha um s:: tinha status + chama estado maior + *you assenora o:: assessora o::* + *o comandante* o comandante então: (intera) a situação (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: fonético-fonológica;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Observe-se aqui que o “erro” fonético não traz a mudança lexical que o “erro” fonológico poderia acarretar. Como a correção nega apenas o “erro” fonético – não sendo, portanto, uma relação de anulação semântica – o consideramos como uma retificação.

16.

“(...) **CN.** é:: eu que tinha um s:: tinha status + chama estado maior + *you assenora o:: assessora o::* + *o comandante* o comandante então: (intera) a situação + vamos supor tem uma festa de peão de boiadeiro + e o::: comandante *passa um + uma ordem* de serviço por escrito (permito) providenciar policiamento + tal tal assim assim assim assim + aí ele reúne o:: estado maior o chefe de estado maior + o chefe de estado maior + reúne o pessoal e decide e faz um relatório + e:: mais de uma + são duas ou três (quer dizer) varia (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Conferir comentário da correção 4

17.

“(...) **CN.** é:: eu que tinha um s:: tinha status + chama estado maior + *you assenora o:: assessora o::* + *o comandante* o comandante então: (intera) a situação + vamos supor tem uma festa de peão de boiadeiro + e o::: comandante *passa um + uma ordem* de serviço por escrito (permito) providenciar policiamento + tal tal assim assim assim assim + aí ele reúne *o:: estado maior o chefe de estado maior* + o chefe de estado maior + reúne o pessoal e decide e faz um relatório + e:: mais de uma + são duas ou três (quer dizer) varia (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Note-se aqui a ausência de marcadores quaisquer entre o enunciado fonte e o reformulador, como na correção que se segue.

18.

“(…) **CN.** é:: eu que tinha um s:: tinha status + chama estado maior + você assenora o:: assessora o:: + o comandante o comandante então: (intera) a situação + vamos supor tem uma festa de peão de boiadeiro + e o::: comandante passa um + uma ordem de serviço por escrito (permito) providenciar policiamento + tal tal assim assim assim assim + aí ele reúne o:: estado maior o chefe de estado maior + o chefe de estado maior + reúne o pessoal e *decide e faz um relatório* + e:: mais de uma + são duas ou três (quer dizer) varia (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

19.

“(…) **TR.** tinha tem alguém na família do senhor que também é?

CN. meu pai chegou a tenente na revolução + revolução de trinta e dois ++ ele chegou a: + a tenente (comissionado) + *ele num era ele num era de carreira + ele num era oficial de*

TR. [uhn uhn]

carreira era oficial revolucionário (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Note-se que aqui se trata de uma retificação por adição léxica. Além disso, a sentença na qual o léxico adicionado não estava presente foi totalmente enunciada, caracterizando o elemento corrigido como totalmente verbalizado.

20.

“(…) **TR.** no:: ssa mas ele era novo não era seu Célio?

CN. sessenta e cinco anos (por aí)

TR. novo né?

CN. (3.12) u:: uma figura cheia de:: mania sabe + ele tinha muita mania negócio de

TR. [ahn]

dinheiro + um tostão pra ele era um milhão + *ele vai todo dia ao banco/ele ia todo dia ao*

TR. [uhn]

banco

TR. todo dia? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintática;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Note-se que a infirmação se deu pelo contraste flexional dos verbos do enunciado fonte e reformulador (conferir comentário da correção 4). Além disso, a mudança de tempo verbal foi considerada como morfossintática de acordo com Barros (1993, pág. 147).

21.

“(...) **TR.** todo dia?

CN. todo dia ia ao banco

TR. o loco

CN. conferir o dinheiro ++ aque::aquele num apre::nde nunca + *ele tira ele tirava* + dois reais pra viajar + de carro + andava com dois reais no bolso (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintática;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Conferir comentário das correções 4 e 20.

22.

“(...) **TR.** uhn +++ seu Célio senhor sempre morou aqui em Marília?

CN. *não eu morei em + eu nasci em Jundiá* + depois com onze anos mudei pra Sorocaba + fui oficial lá no batalhão + depois fui pra:: Itapetininga + fui pra Botucatu + Assis e aqui (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

23.

“(...) **TR.** é fazer o que cada um tem sua + sua cruz pra carregar né seu Célio?

CN. [(incompreensível)]

CN. é

TR. fazer o que né?

CN. (2.88) *ela tá re/ se recuperando* bem +++ ela tem três filhas

TR. mas é que idade? (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

24.

“(…) **CN.** + a:: Vânia minha filha + foi com a mais velha deles pra pra pra ((incompreensível)) + é:: + funcionária de um hotel em Campinas + hotel quatro estrelas + e soube desse pacote + convidou a Vânia a Vânia topou +++ *arrumei um: uns cascalhos* pra ela

TR. ((risos)) + daí deu certo pra elas viajarem junto então? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Conferir comentário da correção 4

25.

“(…) **TR.** [...] esse menino essa foto que está aqui seu Célio é tudo neto do senhor?

CN. (0.50) são os três netos

TR. Três □E/os três?

CN. (0.93) é

TR. São bonitos □E seu Célio?

CN. *Saiu ao f/ tio/avô*

TR. ((risos)) os avós são tudo convencido mesmo □E?

CN. É são tudo coruja (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Optamos por caracterizar a correção como parcialmente verbalizada dada a possibilidade que o fonema /f/ em “*ao f/ tio/avô*” abre para a interpretação do enunciado fonte (filho?), antes da SC “tio”.

26.

“(…) **TR.** É □E +++ e a Eliana já foi falar com o senhor seu Célio?

CN. (0.96) sobre o que?

TR. Conversar foi lá visitar o senhor já?

CN. (0.76) ela foi *mas num falô num deu tempo*

TR. É ? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

27.

“(…) **TR.** Acho que não +++ dona Gersei é bastante ocupada □E seu Célio?

CN. *Ela assumiu/ ela assume* muitas muitas atividades

TR. É □E? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Conferir comentário da correção 4.

28.

“(…) **CN.** Não tem uma que está fazendo fisioterapia +++ ela está morando em casa aqui até o fim do ano

TR. Ah ela vai ficar morando aqui com senhor?

CN. Ela já moro □E esteve até agora *começou + começou quando começou* o curso (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Observe-se aqui que o primeiro “começar” se refere a morar e o segundo, que retifica o primeiro, se refere a cursar. Mais uma vez, portanto, ao invés de léxica a correção é semântica.

29.

“(…) **TR.** [...] pra:: pra Assis eu nunca fui + é uma cidade muito bonita não □E seu Célio?

CN. Não (é uma cidade vagabunda)

TR. É?

CN. (0.60) *tem nem prédio lá tem nem tem um ou dois prédio*

TR. Ahn + então é pequena mesmo a cidade □E?

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Note-se aqui que a natureza da infirmação é a oposição semântica entre não ter (“tem nem”) e ter (“tem um ou dois”)

30.

“(…)CN. Tem os parentes dá minha mulher □E?

TR. Uhn

CN. (0.68) tem:: + Gersi o (Jérsio Papu) + Pavãozinho e o (Bigode) cinco

TR. No::ssa tudo irmão dela seu Célio?

CN. *É tu/eles são em oito*

TR. No::ssa + bastante □E +++ mas ainda bem que é perto porque dá pra ela ir pra lá □E?

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Note-se aqui que o fragmento “parcialmente verbalizado” (“é **tu/**”) indicia um envolvimento com a pergunta anterior (“**tudo** irmão dela?”) e, portanto, a infirmação o faz contrastar com a resposta que apenas os cinco citados completassem o total de irmãos, representado por “**tudo**”, o que possivelmente provocou o enunciado reformulador “são em oito”.

31.

TR. Nossa ser muito magra é ruim mas ser muito gorda

CN. [mas ali todo mundo gordo *por que eh: por causa* da comida + porque a menina também filha deles também é gordu/gorducha

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

32.

“(…) TR. O senhor também podia fazer umas caminhada seu Célio?

CN. O Parkinson num num num dá opção pra gente

TR. Mas a fisioterapeuta não recomenda + que é bom

CN. [recomenda mas eu não tenho vontade + fazer uma coisa contra a vontade

TR. A mas um pouquinho só por dia + num dá?

CN. Num dá + sinceramente não vejo graça nenhuma em fazer::

TR. É

CN. (0.70) *eu fi::z o:: eu + cursei a::: academia (aí) um tempo + (poli) esporte era pertinho de casa + aí depois quando apareceu o Parkinson + não não + tentei algumas vezes ir mas num:: (...)*”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Observe-se aqui que anulação semântica do elemento corrigido se dá indicialmente pelo gênero do artigo (“eu fiz **o**” por “**cursei a**”), cujo substantivo fica ocultado na parcialidade do enunciado fonte.

33.

“(...) **CN.** Eu fiz o:: eu + cursei a a a academia (aí) um tempo + (poli) esporte era pertinho de casa + aí depois quando apareceu o Parkinson + não não + tentei algumas vezes ir **mas num:: ah:: você fica/você num** toma gosto pela coisa num faz bem feito (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

O enunciado fonte foi considerado como parcialmente verbalizado dada a abertura semântica que “você fica...” da margem (“...sem gostoso pela coisa?”). Note a SC entre EF e ER.

34.

“(...) **TR.** O problema é se agora ter que tirar tudo o resto fica sem a língua □E daí + é muito complicado seu Célio?

CN. (+) *ah é fala aí não resiste aí:: não é fácil não* + vai pro esôfago □E?

TR. (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado

Sujeito CN – Correções classificação – Segunda Gravação (APÊNDICE 02)

1.

“(...) **CN.** da reserva eu f/ f/ eh:: depois eu resolvi ++ passar pra reserva com um + um posto a mais ++ eu saí coronel ++ mas o o: problema meu + problema grave é:: é ++ Parkinson ++ tive Parkinson há:: ++ dez anos + *é bem do:: é bem difícil* + (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado

Exemplo comentado durante a discussão dos resultados. Optou-se por classificá-lo como parcialmente verbalizado pela impressão acústica que tivemos da partícula “do:” como *parte* de palavra. Caso entendêssemos-la como “preposição + artigo”, seria entendida como totalmente verbalizado.

2.

“(...) **LZ.** o senhor lê bastante sobre Parkinson num lê?

CN. leio eu eu sou sócio do:: Brasil Parkinson ++ me mandam:: *muito boa: a:: ++ a:: eh:: sã::o boletins* ++ muito bem explicativos dá pra gente ter uma idéia ++ sabe que o Parkinson foi detectado + por um médico né? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: projetado.

Observe-se aqui que o artigo a, repetido, indicia a opção léxica rejeitada como de gênero diferente da optada (“muito boa **a**” – revista? – por “são [os] boletins”), motivo pelo qual classificamos como infirmação projetada.

3.

“(...) **LZ.** ela dá aula na faculdade de fono lá em Rio Preto

CN. + eh:: esqueci o lugar aqui ++ pertence a uma:: + coligação chamada **IPAS + IAPAS**

LZ. ah: o IAPAS? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: fonético-fonológico;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

4.

“(...) **CN.** eu tenho problema de:: visão dupla por causa dos problema ++ eu tenho visão dupla ++ o lado de cá tá perfeito mas quando eu vô assisti televisão ++ pega esse lado aqui + dá:: visão dupla ++ a visão dupla pelo que eu fiquei sabendo *num é num faz parte* do Parkinson (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

5.

“(...) **LZ.** e o senhor quando criança? o senhor se lembra das coisas que o senhor fazia o não?
CN. + eu:: eu morei ++ eu morei *eu morei na:: ++ numa casa* ++ que era em frente um clube esportivo em Jundiaí ++ (...) isso::: provocou + minha aptidão para o ginásio de **LZ.** [em Jundiaí?]”

esporte não que eu seja craque + eu era estrela um pouco estrela + e essa casa era de frente um clube a gente passava o dia inteiro de calção ++ nadando jogando basquete jogando vôlei ++ e::: me dei bem em alguns esportes né? ++ depois fui para escola mi: militar ++ e::: me dei bem no esporte ++ (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

6.

“(...) **CN.** [...] ++ ela chegou aqui um dia que uma médica veio me visitar e eu tava com a médica na outra sala ++ aí ela::: chegou e falou + você é *médica?* ++ *médico?* *você é médico?* ela falou sou sou médico sou do seu avô ++ quantos anos você tem? aí ela olhou pra mim eu falei vai lá falou quarenta ++ aí ela olhou falou quarenta e quatro ano pu:::xa ++ mas é artera demais viu? (incompreensível) imagina a situação da médica ãh? (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Note-se aqui que o elemento corrigido não é anulado semanticamente com a aparente mudança de gênero; já que se tratava de uma médica, acreditamos que a correção seja apenas uma retificação metonímica do tipo específico/geral (médica/médico como homens e mulheres são “homens”).

7.

“(...) **CN.** cantado mal cantado é uma grande porcaria

LZ. *por quê?*

CN. + ah porque:: tem a:: questão da::: afinação tem:: + *a questão da:: do volume*

LZ. não mas tá bonito ficô bonito o senhor cantando (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Sujeito JP - Correções classificação – Primeira Gravação
(APÊNDICE 03)

1.

“(...) **TR.** É? O senhor ficou em casa?

JP. (1.05) fiquei + mesmo porque eu não saio s::e a Ermínia não estiver junto

TR. Ah é? S::/

JP. (0.68) *to muito suaj/ muito sujeito a t/tropear* + o meu caminhar que não é + perfeito como era □a?

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: fonético-fonológica;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Conferir correção 15 de CN1. Ao contrário, a parcialidade aliada ao contexto em que o enunciado fonte se encontra fazem com que outra palavra possa ter sido evitada (suado, por exemplo, que se relaciona ao contexto “caminhar”), ao invés de apenas um erro fonológico. Assim, apesar de caracterizarmos o erro como fonológico preferimos entendê-lo como uma infirmação.

2.

“(...) **TR.** Eles moram aonde?

JP uma mora no Paraná + ela veio aí ficou só uma noite ++ é muito longe + **a:: o outro**

TR. [ahn:::]

mora em Santos + e o outro em São Paulo (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

3.

“(...) **JP** na igreja?

TR. É canta uns salmos lá

JP ((risos)) não eu não tenho ido + ultimamente

TR. Não?

JP (0.87) não porque: + começou esse problema de:: +++ *Parkinson + Síndrome de Parkinson diz que é o nome correto* +++ e:: desde de então eu não uh:: não gosto de as/sai na rua (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Observe-se aqui que a oração parentética que indica a correção está localizada após o enunciado reformulador (conferir correção 9 de CN).

4.

“(...) **TR.** Ahn +++ desde então senhor não sai?

JP (0.56) na Coronel Galdino u-uma vez +++ era nove horas da manhã fui eh:: sempre tinha um amigo lá + que falava pra mim ir até lá e eu fui + e por pouco não caio um tombo feio viu?+ tropecei + não cheguei a cair + ah:: *então peguei não sai/não tenho saído mais (...)*”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente (SC parcial) verbalizado.

Observe-se aqui que se trata de **duas correções**: a primeira quanto ao enunciado fonte “então peguei” (desgosto?) reformulada pelo segmento parcialmente verbalizado “não sai” (estrutura que determinamos como SC), que também é corrigido pelo enunciado reformulador “não tenho saído”. Note-se que, apesar de a segunda correção incluir a função do particípio verbal, e *retificar* um possível “não saio”, já que não se nega o tempo do verbo, quanto a primeira há infirmação.

5.

“(...) **TR.** Ah mais ainda bem que o senhor não caiu □a?

JP (0.90) ainda bem mesmo + *eu tava/eu trabalhava num:: fazia um serviço* extra +++ na melhoramentos + e uma manhã eu vo/quando ia caí um tombo + coisa feia viu + uma calça:: novinha ficou toda poída aqui no joelho (...)

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Observe-se aqui que, como na correção anterior, trata-se, na verdade, de duas correções, sendo a primeira em relação à escolha verbal “(□a)tava” (trabalhando num...?) por “trabalhava num” (SC), que também é reformulada, chegando por fim a “fazia um serviço”.

6.

“(...) **TR.** Ah mais ainda bem que o senhor não caiu □a?

JP (0.90) ainda bem mesmo + eu tava/eu trabalhava num +++ fazia um serviço extra +++ na melhoramentos + e uma manhã *eu vô/quando ia* caí um tombo + coisa feia viu + uma calça novinha ficou toda poída aqui no joelho (...)

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Observe-se aqui que, ao contrário da correção 4, a reformulação aqui se dá justamente entre tempos verbais, caracterizando portanto a infirmação pela negação do tempo do verbo do enunciado fonte.

7.

“(…) **TR.** O senhor não está fazendo mais nada □a?

JP não estou porque:: +++++ principalmente *esse nego/ uh:: a fisioterapia* +++ eles apertam a gente viu? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

8.

“(…) **JP** eles não querem *que: ++ agora fa:: acharam bom eu inclusive + não fazer* mais serviço eh:: exercício +++ em casa

TR. [a (pra) não fazer nenhum exercício? (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Embora caracterizemos essa correção como lexical, é notável a possibilidade de ser encarada como sintática, visto que as construções possíveis a partir do enunciado fonte (não querem que...[eu faça?]) sugerem uma correção sintática em relação ao enunciado reformulador (acharam bom eu inclusive + não fazer), e uma SC (“agora fa:”).

9.

“(…) **JP** eles não querem que: +++ agora fa/ +++ acharam bom eu inclusive não fazer mais *serviço eh:: exercício* +++ em casa

TR. [a (pra) não fazer nenhum exercício? (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

10.

“(…) **JP** é (que eles) +++ (acho que o) serviço lá em casa +++ é:: atrapalhava ++ <é seu Jurandir não é questão de e-e-exigência mas +++ muitas vez(□a) você faz o-o exercício lá choca com outro +++ o exercício> +++ quarta-feira eu m/avisei que não ia mais □a na quarta-feira +++ e o:: +++ coordenador +++ foi na sala que eu estava e falou Jurandir +++ não concordo em hipótese alguma que você saia + (vai lá) cancela agora +++ *você preci/ não pode* + deixar de vim aqui (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Note-se aqui que “você não pode deixar de vir” não anula semanticamente “você precisa vir”, caracterizando, portanto a retificação.

11.

“(…) **TR.** Senhor não □a tendo assim tosse durante a alimentação?”

JP (1.66) não + é interessante que:: +++ dá a tosse + e aí para *dep/ passa um bom período* + e torna a dar (…)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

O segmento parcialmente verbalizado, provavelmente envolvendo a palavra “depois”, é corrigido pela construção “passa um bom período e torna a dar”.

12.

“(…) **TR.** Senhor não □a tendo assim tosse durante a alimentação?”

JP (1.66) não + é interessante que:: +++ dá a tosse + e aí para *dep/ passa um bom período* + e torna a dar

TR. Ah:: □a

JP (2.32) mas eu vou ++ eu vou *consegui* □a:: *combater* a tosse (…)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: fonético-fonológica;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

A caracterização fonético-fonológica foi a mais próxima que encontramos em nosso princípio de classificação e. Tal aproximação se sustenta na medida em que as sílabas são justamente organizadas a por padrões fonológicos segmentais (ex: CV, CCV...) e prosódicos (por exemplo na divisão silábica em onset – ou ataque – e rima – podendo ainda ser subdividida em núcleo e coda).

13.

“(…) **JP** e *ele falô que:: falô eu vou* + arrumar vitamina pra você

TR. É bom toma vitamina (…)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: projetado.

Nossa opção por assim caracterizar essa correção se deu pelos seguintes motivos: no enunciado fonte, JP elegia o discurso indireto, sendo na seqüência reformulado pela construção direta. Portanto atribuímos que o conteúdo projetado (falou que...) seja de ordem semelhante ao manifesto na reformulação (falou: eu vou arrumar vitamina para você), o que, dessa forma não poderia caracterizar uma infirmação.

14.

“(...) **JP** e ele falô que:: falô eu vou + arrumar vitamina pra você

TR. É bom toma vitamina

JP [é + e:: □a:: *de telefo/ele precisa agora telefonar* lá em casa quando chegar + o remédio + lançamento + pelo menos o convite é muito bonito + o laboratório que vai vende esse remédio é + (assim) de São Paulo + e fez um convite bonito co-convidando +++ as pessoas ligada à saúde □a + pra comparece lá (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Note-se que aqui, apesar da proximidade léxica das duas sentenças, a corrigida vai numa direção totalmente diferente da sentença “correta”, caracterizando a infirmação. É por esse mesmo motivo que preferimos caracteriza-la como semântica a sintática.

15.

“(...) **JP** (1.37) é eu falei pro: + Edivar + eu falei ah vamos lá você como meu médico e eu como paciente ((risos) + (e) *ele disse eh:: ele falou* ó Jurandir +++ tem uma amostra aí + mas não veio a bula □a? Ele falo eu não sei qual +++ é o efeito colateral + muitas vezes pra você não pode (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Conferir comentário da correção 10.

16.

“(...) **JP.** É + ele falou olha eu:: tão logo chega eu te telefono □a? Eh:: você vem aqui + to: □a □ □ que dê certo viu?

TR. Tomara que dê

JP. [*encaminhando* + q/ eh:: *que eu possa caminhar melhor* + já □a bom

TR. O que □a mais difícil pro senhor é caminhar □a seu Jurandir?

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Apesar da diferença léxica entre os enunciado fonte e reformulador, uma proximidade fonológica poderia ser caracterizada pela relação entre “eu...caminhar” e “encaminhar”.

17.

“(...) **TR.** Faz?

JP. Faço

TR. A então □ a bom

JP. (2.04) eu não +++ eu □ a/não descuido *do uh:: uh:: desse assunto (...)*”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

18.

“(...) **TR.** A então □ a bom

JP. (2.04) eu não +++ eu □ a/não descuido do uh:: uh:: desse assunto porque + afinal o:: *respon/ o:: + beneficiado* sou eu (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

19.

“(...) **JP** (0.57) de manhã eu + pego já a prancheta e faço + esses exercícios facial □ a + e faço +++ *desd/principalmente nesse horário* a voz parece que é melhor + □ a descansado ++ (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

20.

TR. Foi os/o fisioterapeutas que pediram pro senhor parar?

JP. (1.35) foi

TR. Que que eles falaram + [(era pior?)

JP. [experimentar + (falaram pra mim) vamos cancel: + cancelar todos os exercícios em casa + e: um período aí mais ou menos + de quinze vinte dias + (e) ver se + houve prejuízo nisso ++ a gente faz uma:: + avaliação + *mas e-eu acho que eu n:: + não me/ não me incomodava não*

TR. Não? E o senhor □ a□□ + que melhorou piorou depois que parou?

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Trata-se aqui de uma correção entre as posições sintáticas que definem a colocação pronominal reta e oblíqua, o que, portanto, não traz anulação semântica do enunciado fonte e, portanto, caracteriza a retificação.

21.

“(…) **TR.** Ah faz oito dias + pouquinho □a?

JP [porque eu fazia/]

JP [é pouco + entã::o + e:: no dia eu falei olha e::u faço + realmente + bastante + porque-re é uma meia hora (viu) + aí (eles falaram) não + *abaixa pra vinte mi:: eh:: sete minutos* + ficou então eu fiz (esse) não senti absolutamente nada + mas eu tenho que: cumprir a-a-a-a + a ordem deles □a? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

22.

“(…) **TR.** Ah faz oito dias + pouquinho □a?

JP [porque eu fazia/]

JP [é pouco + entã::o + no e:: no dia eu falei olha e::u faço + realmente + bastante + porque-re é uma meia hora (viu) + aí (eles falaram) não + abaixa pra vinte mi:/sete minutos + *ficou então eu fiz (esse) não senti absolutamente nada* + mas eu tenho que: cumprir a::: + a ordem deles □a? (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Note-se aqui que as construções “ficou então (bem?)” e “eu fiz esse (tipo de dosagem diária?)” ficam implícitas no enunciado reformulador “não senti absolutamente nada”, caracterizando a retificação. Além disso, note-se a SC entre EF e ER (“eu fiz (esse)”).

23.

“(…) **TR.** □a bom + depois a gente faz outros tipos de exercícios

JP. {caramba

TR. {vamos fazer um outro seu Jurandir? +++ fazer assim ó ((exemplo do exercício)) o joga tudo o ar assim + entre o nariz e a boca

JP. [ahn]

TR. ((exemplo do exercício))

JP. ((exercício) hu:::m a::: + hu:::m e::: + hu:::m i::: + hu:::m o::: + *hu:::m i/ eh: u:::☺*

JP. (1.73) errei □a? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: fonético-fonológico;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Durante a execução do exercício JP deveria realizar vozeamento nasal com o prolongamento do fonema /m/ e, na sua seqüência, produzir **em ordem** cada uma das vogais do alfabeto. Na última delas (“u”) JP produz novamente a antepenúltima (“i”), hesita (eh☺) e produz, enfim, a vogal “correta” (“u”).

24.

“(…)JP. Ela é essa do Paraná + ela □a fazendo Fono lá

TR. Ah ela □a fazendo lá?

JP. □a

TR. Em que faculdade lá?

JP. (2.32) *ela mo/ ela eh::* + *trabalha* na Tevê Bandeirantes

TR. A::h (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

JP produz o segmento parcialmente verbalizado “mo” (provavelmente no sentido de morar, já que o sujeito desse possível verbo é a filha que estuda no Paraná, probabilidade ressaltada nas duas perguntas de TR, terminadas em “lá”), hesita e na seqüência se corrige com o verbo “trabalha” (numa possível “progressão temática” entre mora lá e, lá, trabalha numa televisão), o que caracteriza a infirmação.

25.

“(…)TR. É:? + e ela deu exercício pro senhor fazer?

JP. (0.83) na hora do almoço *se::* + *apareceu* o papel lá + que nós (ta) fazendo (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Duas possibilidades ficam mais notáveis nessa correção: a primeira seria de uma antecipação da sílaba do verbo em que ocorre reformulação (*apareceu*), o que caracterizaria uma correção fonético-fonológica; já na segunda haveria uma hesitação incidindo sobre o advérbio que abre para uma condicional (“se”) que fica projetada, e, em seqüência, uma reformulação dessa possível oração. Na nossa percepção, na produção da palavra “se” JP se aproximou mais da vogal /i/ do que /e/ (/si/ ao invés de /se/) algo comum na produção falada desse advérbio (ao contrário da escrita). É por esse motivo que preferimos optar pela segunda possibilidade.

26.

“(…) TR. É: + qual o tipo de exercício que ela deu pro senhor fazer?

JP (1.26) o minimini + o □a□ + *aquele das: + dos nomes* (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizada.

Observe-se aqui que anulação semântica do elemento corrigido se dá inicialmente pelo gênero do artigo (“aquele das...” por “**dos nomes**”).

27.

“(...) **TR.** {qual que é esse do nome?

JP {aquele que põe a rolha + aquele que põe a rolha *na + aqui nos lábios (...)*”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizada.

Observe-se aqui que anulação semântica do elemento corrigido se dá inicialmente pelo gênero do artigo (“rolha *na...*” por “*nos lábios*”).

28.

“(...) **TR.** A mais saiu bem aquela hora

JP é já tinha melhorado ((incompreensível)) +++ tem outro que eu faço +++ *aquele da:: + cardeais*

TR. A sei (...)

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: projetado.

Observe-se aqui que anulação semântica do elemento corrigido se dá inicialmente pelo gênero do artigo (“aquele *da...*” por “[os] *cardeais*”). A natureza do erro só se dá pelo que foi produzido.

29.

“(...) **JP.** É já tinha melhorado ((incompreensível)) +++ tem outro que eu faço +++ *aquele da:: uh:: cardeais*

TR. A sei

JP. (0.70) *aquele primeiro que eu fiz uh:: fui muito bem + a Lis falou <ai eu não consigo fazer seu Jurandir senhor fez **prime/ o primeiro**> + (falei a) não sei porque viu*

TR. A sua filha é casada? (...)

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

Note-se aqui que o fragmento parcialmente verbalizado “prime” indicia a palavra “primeiro”, mas essa tem referência totalmente diversa daquele “primeiro” da reformulação. Isso porque, o enunciado fonte se referiria a fazer o exercício antes de “Lis”, e o enunciado reformulador a fazer o exercício inicial. Por esse motivo preferimos caracterizar tal correção como uma infirmação semântico/pragmática.

30.

“(…)TR. Ahn ela faz o que?

JP. (2.83) é:: + programação

TR. De computação computador?

JP. [de computação é

TR. Uhn

JP. *Ganha mui/ ganha só o dobro dele*

TR. No::ssa (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

31.

“(…) TR. Vamos tentar falar com a espátula seu Jurandir? + ó é essa aqui que é a nova a

JP. [ahn:::]

baleia

TR. {ó bem fininha + □a essa

JP. {é a altura da::

TR. É a altura da rolha

JP. (1.33) *da □a/ a rolha é um pouco mais alta*

TR. É?

JP. Bom mas não tem importância você que □a

TR. Senhor quer que eu que eu ponha mais uma? (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

32.

“(…) TR. A só a primeira parte eu também não tenho boa memória não + é mais bonita que essa

JP. [((risos))] [é]

□a eu acho + mas essa aqui + depois se o senhor quiser eu trago a semana que vem + esqueci hoje de novo de fazer duas

JP. (0.75) eu vou ah:: você *tem □a□/ uh:: o original* daquela que:: + que você me arrumou?

TR. [qual?]

TR. {tenho (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: fonético-fonológico;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

33.

JP. { do passarinho

TR. Senhor queria o autor?

JP. (2.02) não

TR. Não?

JP. (1.62) aquela outra uma que *eu te:: que era daqui* também era o Drumond de Andrade
□a?

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

34.

“(...) **TR.** Então vamos ler esse daqui

JP. (2.90) o doutor Edivar *mandou eu::: + que eu vá lá* no oculista

TR. É: □a difícil do senhor ler?

JP. (3.13) *é::: + o Parkinson ele já/já a-atinge a v/ ++ vista + a visão (...)*”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: morfossintático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

Aqui a sentença parcialmente verbalizada “... eu (ir?)” foi possivelmente reformulada por “que eu vá”, caracterizando assim a correção sintática.

Sujeito JP – Correções classificação – Segunda Gravação
(APÊNDICE 04)

1.

“(...) **LZ.** e o que que o senhor fazia lá? o que que é isso?

JP. + IBGE::: + é o que se fala sinônimo de mentira + é:: estatística

JN./EP. ((risos))

LZ. cuidado que está gravando hein

JN./EP. ((risos))

JP. está? então limpa aí ((risos))

JN. nã::o agora vai deixar ((risos))

JP. + eh:: estatística:: + estatística porque *o pessoal + o:: informante* na hora que ele quer os dados ele e::le quer como que ele quer + e não como é + e na hora de fornecer ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito:: ++ massante (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

2.

“(...) **LZ.** e o senhor chegou fazer alguma coisa assim ou não? + na oficina do senhor?

JP. + conserto de:: principalmente de casa eu faço tudo ++ *conse::/ um pouco de eletrecidade* + um pouco de encanamento (...)”

Tipo de correção: retificação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

3.

“(...) **LZ.** que bom mas é + e como é que chama? Percília? quem é essa?

JP. + é aluna + ela:: ela está assumindo a independência *esse mês né + esse ano parece* + mas então quando ela foi me atender + ela falou <seu **JP.** onde que o senhor está fazendo: fisioterapia?> + (trecho incompreensível) na:: unimar (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

4.

“(...) **JP.** + é aluna + ela:: uh:: ela tá assumindo a independência esse mês né + esse ano parece + mas então quando ela foi me atender + ela falou <seu **JP.** onde que o senhor está fazendo:: fisioterapia?> + (trecho incompreensível) na unimar:: + s::eis anos né **EP.**? + seis anos + depois a dona Virgínia que *é d/ a supervisora* aqui (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: parcialmente verbalizado.

5.

“(...) **LZ.** qual?

EP. aquele vidrinho pequenininho

LZ. aquele ali?

EP. é

JP. (incompreensível) + aí uh:: acho que *foi a Ana* + *não não foi não* + *foi a:: Élis* + eu já falei dela pra você (...)”

Tipo de correção: infirmação;

Natureza lingüística do “erro”: lexical/semântico-pragmático;

Presença do elemento corrigido: totalmente verbalizado.

APÊNDICES de 05 a 08:

**TABELAS DE DESCRIÇÃO
DAS MARCAS DE CORREÇÃO**

Sujeito CN - Primeira Gravação – Autocorreções (APÊNDICE 05)				Palavras no turno
1	Enunciado Fonte uma dorzinha di::	Marcador AL	Enunciado Reformulador na costela	48
2	Enunciado Fonte fratura no coisa +	Marcador PS	Enunciado Reformulador no tronco	48
3	Enunciado Fonte foi eu caí	Marcador IT	Enunciado Reformulador bati	79
4	Enunciado Fonte bati a:: +	Marcador AL-PS	Enunciado Reformulador as costelas	79
5	Enunciado Fonte ir no banheiro +	Marcador PS-não-RH	Enunciado Reformulador Não na na cozinha	79
6	Enunciado Fonte cadeira naque/	Marcador IT	Enunciado Reformulador nos pau que tava na cadeira	79
7	Enunciado Fonte não tem perigo	Marcador ∅	Enunciado Reformulador não tem problema	8
8	Enunciado Fonte que esse::	Marcador AL	Enunciado Reformulador a nossa entrevista	10
9	Enunciado Fonte eu era interno	Marcador PS- parentética	Enunciado Reformulador eu era semi interno	46
10	Enunciado Fonte pra fazer uma fauldade/prá fazer uma:	Marcador IT-RH-AL	Enunciado Reformulador pra fazer uma escola	46
11	Enunciado Fonte pra poder ser/prá fazer	Marcador IT-SC	Enunciado Reformulador pra ser major	91
12	Enunciado Fonte pra fazer mestrado	Marcador PS	Enunciado Reformulador equivale ao mestrado na PM	91
13	Enunciado Fonte curso de::	Marcador AL	Enunciado Reformulador da carreira de polícia	51
14	Enunciado Fonte que é	Marcador IT	Enunciado Reformulador são: seis	8
15	Enunciado Fonte você assenora o::	Marcador IT	Enunciado Reformulador assessora o::	150

16	Enunciado Fonte passa um +	Marcador PS	Enunciado Reformulador uma ordem	150
17	Enunciado Fonte o:: estado maior	Marcador ∅	Enunciado Reformulador o chefe de estado maior	150
18	Enunciado Fonte reune o pessoal e decide	Marcador ∅	Enunciado Reformulador e faz um relatório	150
19	Enunciado Fonte ele num era de carreira	Marcador PS	Enunciado Reformulador ele num era oficial de carreira	35
20	Enunciado Fonte ele vai todo dia ao banco	Marcador IT	Enunciado Reformulador ele ia todo dia ao banco	32
21	Enunciado Fonte ele tira	Marcador ∅	Enunciado Reformulador ele tirava	23
22	Enunciado Fonte eu morei em	Marcador PS	Enunciado Reformulador eu nasci em Jundiáí	31
23	Enunciado Fonte ela tá re/	Marcador IT	Enunciado Reformulador se recuperando bem	9
24	Enunciado Fonte arrumei um:	Marcador AL	Enunciado Reformulador uns cascalhos	40
25	Enunciado Fonte saiu ao f/ tio	Marcador IT-SC	Enunciado Reformulador avô	4
26	Enunciado Fonte mas num falô	Marcador ∅	Enunciado Reformulador num deu	8
27	Enunciado Fonte ela assumiu/	Marcador IT	Enunciado Reformulador ela assume	7
28	Enunciado Fonte começou + começou	Marcador PS- parentética	Enunciado Reformulador quando começou o curso	13
29	Enunciado Fonte tem nem prédio lá tem nem	Marcador RH	Enunciado Reformulador tem um ou dois prédio	11
30	Enunciado Fonte é t/	Marcador IT	Enunciado Reformulador eles são em oito	5

31	Enunciado Fonte por que eh:	Marcador PP	Enunciado Reformulador por causa da comida	19
32	Enunciado Fonte eu fi::z o::	Marcador AL-AL-PS	Enunciado Reformulador eu + cursei	44
33	Enunciado Fonte mas num:: ah:: você fica	Marcador AL-PP-SC	Enunciado Reformulador você num toma gosto pela coisa	44
34	Enunciado Fonte aí não resiste aí::	Marcador AL	Enunciado Reformulador não é fácil não	15
Média de palavras por turno >>				50,1

**Sujeito CN - Segunda Gravação – Autocorreções
(APÊNDICE 06)**

				Palavras no turno
1	Enunciado Fonte é bem do::	Marcador AL-RH	Enunciado Reformulador é bem difícil	46
2	Enunciado Fonte muito boa a:: ++ a:: eh::	Marcador AL-PS-AL-PP-AL	Enunciado Reformulador são boletins	35
3	Enunciado Fonte coligação chamada IPAS	Marcador PS	Enunciado Reformulador IAPAS	12
4	Enunciado Fonte num é	Marcador AL	Enunciado Reformulador nu::m faz parte	54
5	Enunciado Fonte eu morei na	Marcador AL-PS	Enunciado Reformulador numa casa	79
6	Enunciado Fonte você é médica	Marcador PS	Enunciado Reformulador Médico? Você é médico?	100
7	Enunciado Fonte a questão da::	Marcador AL	Enunciado Reformulador do volume	13
Média de palavras por turno				48,43

Sujeito JP - Primeira Gravação – Autocorreções (APÊNDICE 07)				Palavras no turno
1	Enunciado Fonte to muito suaj	Marcador IT	Enunciado Reformulador muito sujeito a t/tropear	16
2	Enunciado Fonte a::	Marcador AL	Enunciado Reformulador o outro...	26
3	Enunciado Fonte Parkinson +	Marcador PS-parentética	Enunciado Reformulador Síndrome de Parkinson diz que o correto	28
4	Enunciado Fonte então peguei não sai/	Marcador IT	Enunciado Reformulador não tenho saído mais	48
5	Enunciado Fonte eu tava/ eu trabalhava num::	Marcador IT-AL-SC	Enunciado Reformulador fazia um serviço extra	36
6	Enunciado Fonte uma manhã quando eu vo	Marcador IT	Enunciado Reformulador quando eu ia	36
7	Enunciado Fonte esse nego/ uh::	Marcador IT-PP	Enunciado Reformulador a fisioterapia	12
8	Enunciado Fonte não querem que: ++ agora fa::	Marcador AL-PS-SC-AL- PS	Enunciado Reformulador acharam bom eu inclusive + não fazer...	16
9	Enunciado Fonte não fazer mais serviço eh::	Marcador PP	Enunciado Reformulador exercício	16
10	Enunciado Fonte você preci/	Marcador IT	Enunciado Reformulador não pode	76
11	Enunciado Fonte e aí para dep/	Marcador IT	Enunciado Reformulador passa um bom período	18
12	Enunciado Fonte eu vou conseguir ba::	Marcador GA-AL	Enunciado Reformulador combater a tosse	10
13	Enunciado Fonte falô que::	Marcador AL	Enunciado Reformulador falô eu vou	11
14	Enunciado Fonte e:: tá:: de telefo/	Marcador AL-IT	Enunciado Reformulador ele precisa agora telefonar	52
15	Enunciado Fonte e ele disse eh::	Marcador PP	Enunciado Reformulador ele falou...	51

16	Enunciado Fonte encaminhando + q/ eh::	Marcador PS	Enunciado Reformulador que eu possa caminhar melhor	12
17	Enunciado Fonte eu nã/não descuido do uh:: uh::	Marcador PP-PP	Enunciado Reformulador desse assunto	15
18	Enunciado Fonte o respon/	Marcador IT-AL-PS	Enunciado Reformulador o:: + beneficiado	15
19	Enunciado Fonte e faço +++ desd/	Marcador IT	Enunciado Reformulador principalmente nesse horário	27
20	Enunciado Fonte mas e-eu acho que eu n::	Marcador AL-PS-RH	Enunciado Reformulador + não me/ não me incomodava não	46
21	Enunciado Fonte abaixa pra vinte mi:: eh::	Marcador AL-AL	Enunciado Reformulador sete minutos	49
22	Enunciado Fonte ficou então	Marcador SC	Enunciado Reformulador não senti	49
23	Enunciado Fonte i/ eh:	Marcador PP	Enunciado Reformulador u:::	6
24	Enunciado Fonte ela mo/ ela eh:: +	Marcador IT-RH-PP-PS	Enunciado Reformulador trabalha na	9
25	Enunciado Fonte almoço se::: +	Marcador AL-PS	Enunciado Reformulador apareceu o papel	13
26	Enunciado Fonte aquele das: +	Marcador AL-PS	Enunciado Reformulador nomes	8
27	Enunciado Fonte põe a rolha na	Marcador PS	Enunciado Reformulador aqui nos lábios	14
28	Enunciado Fonte aquele da:: +	Marcador AL-PS	Enunciado Reformulador cardeais	15
29	Enunciado Fonte seu Jurandir senhor fez prime/	Marcador IT	Enunciado Reformulador o primeiro	30
30	Enunciado Fonte ganha mui/	Marcador IT	Enunciado Reformulador ganha só o dobro dele	5
31	Enunciado Fonte da ro/	Marcador IT	Enunciado Reformulador a rolha	9

32	Enunciado Fonte você tem coa/ uh::	Marcador IT-PP	Enunciado Reformulador o original daquela	15
33	Enunciado Fonte uma que eu te::	Marcador AL	Enunciado Reformulador que era daqui	15
34	Enunciado Fonte Edivar mandou eu::: +	Marcador AL-PS	Enunciado Reformulador que eu vá lá	10
Média de palavras por turno				23,3

**Sujeito JP - Segunda Gravação – Autocorreções
(APÊNDICE 08)**

				Palavras no turno
1	Enunciado Fonte porque o pessoal	Marcador PS-AL	Enunciado Reformulador o:: informante	45
2	Enunciado Fonte conse::	Marcador AL-IT	Enunciado Reformulador um pouco de eletricidade	17
3	Enunciado Fonte esse mês né	Marcador PS	Enunciado Reformulador esse ano	50
4	Enunciado Fonte Virgínia que é d/	Marcador IT	Enunciado Reformulador a supervisora aqui	50
5	Enunciado Fonte foi a Ana	Marcador PS-não-PS-AL	Enunciado Reformulador foi a:: Élis	23
Média de palavras por turno				37,00

APÊNDICES de 09 a 12:

**TABELAS DE DESCRIÇÃO
DAS MARCAS DAS HESITAÇÕES**

**Sujeito CN - Primeira Gravação - Hesitações em turnos de mais de 20 palavras
(APÊNDICE 09)**

Nº do Turno	Pausas Silenciosas	Alongamentos	Pausas Preenchidas	Total de Marcas
1	3	4	0	7
2	5	4	1	10
3	8	6	1	15
4	7	7	0	14
5	2	2	0	4
6	4	1	0	5
7	4	1	0	5
8	4	0	0	4
9	11	9	0	20
10	2	2	0	4
11	10	11	0	21
12	2	1	0	3
13	5	1	0	6
14	2	1	0	3
15	3	2	0	5
16	3	2	1	6
17	3	2	0	5
18	3	0	0	3
19	4	3	0	7
20	2	1	0	3
21	4	2	0	6
22	1	2	0	3
23	3	4	0	7
Resultados Globais				
Grandeza	Pausas Silenciosas	Alongamentos	Pausas Preenchidas	Total
Total	95	68	3	166
Porcentagem	57,23	40,96	1,81	100
Média	4,13	2,96	0,13	7,22

**Sujeito CN - Segunda Gravação - Hesitações em turnos de mais de 20 palavras
(APÊNDICE 10)**

Nº de Turnos	Pausas Silenciosas	Alongamentos	Pausas Preenchidas	Total de Marcas
1	10	4	1	15
2	5	5	0	10
3	5	8	0	13
4	9	9	1	19
5	4	1	0	5
6	3	3	0	6
7	4	0	0	4
8	3	2	0	5
9	6	4	0	10
10	9	5	1	15
11	14	4	0	18
12	10	3	0	13
13	6	3	0	9
14	2	5	1	8
Resultados Globais				
Grandeza	Pausas Silenciosas	Alongamentos	Pausas Preenchidas	Total
Total	90	56	4	150
Porcentagem	60,00	37,33	2,67	100,00
Média	6,43	4,00	0,29	10,71

**Sujeito JP - Primeira Gravação - Hesitações em turnos de mais de 20 palavras
(APÊNDICE 11)**

Nº do Turno	Pausas Silenciosas	Alongamentos	Pausas Preenchidas	Total de marcas
1	4	0	0	4
2	4	3	1	8
3	4	1	1	6
4	3	2	0	5
5	4	0	0	4
6	12	2	0	14
7	5	2	0	7
8	4	1	1	6
9	1	1	1	3
10	4	0	0	4
11	5	0	0	5
12	3	2	0	5
13	7	4	0	11
14	4	6	1	11
15	2	0	1	3
16	2	0	0	2
17	2	0	0	2
18	3	2	0	5
Resultados Globais				
<i>Grandeza</i>	Pausas Silenciosas	Alongamentos	Pausas Preenchidas	Total
Total	73	26	6	105
Porcentagem	69,52	24,76	5,71	100
Média	4,06	1,44	0,33	5,83

**Sujeito CN - Segunda Gravação - Hesitações em turnos de mais de 20 palavras
(APÊNDICE 12)**

Nº do Turno	Pausas Silenciosas	Alongamentos	Pausas Preenchidas	Total de Marcas
1	6	2	0	8
2	7	3	2	12
3	5	2	0	7
4	14	8	1	23
5	4	3	0	7
6	4	4	1	9
7	7	1	1	9
8	11	9	0	20
9	4	3	0	7
10	36	10	9	55
11	6	4	1	11
12	5	4	0	9
13	3	3	0	6
14	4	1	1	6
15	4	1	0	5
16	9	5	1	15
Resultados Globais				
Grandeza	Pausas Silenciosas	Alongamentos	Pausas Preenchidas	Total
Total	129	63	17	209
Porcentagem	61,72	30,14	8,13	100,00
Média	8,06	3,94	1,06	13,06

IX - ANEXOS de 01 a 04:

**TRANSCRIÇÕES DAS
SESSÕES DE CONVERSACÃO**

Sujeito CN – Primeira Gravação (Anexo 01)

Legenda:

CN. é o sujeito com lesão neurológica que integra nossa análise;

TR. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com **CN**;

Transcrição:

TR. boa tarde seu Célio

CN. [olá + boa tarde tudo bem?

TR. tudo bem? ((risos))

CN. começa você

TR. não + começa o senhor + nós já começamos então + seu Célio essa aqui é a poltrona que o senhor me falou que o senhor tinha comprado?

CN. + uh:: não:: compre::i

TR. aquela + que é adaptada?

1CN. + não não tem adaptada nenhuma não + antes era essa era a minha ++ depois +

TR. [a ta]

comparamos essa pra + substituir essa aqui + mas essa aqui:: ainda me::: dei bem + e agora ultimamente voltei pra essa que estou me dando melhor um pouquinho + e:: poltrona tem que

TR. [uhn uhn]

se:: + confortável né?

TR. tem

CN. + pra ver programa e tal + e você o que você conta de novo?

TR. não tem nada de novo né? + mesma correria de sempre né seu Célio?

CN. é + hoje você não atende lá:: na fono?

TR. hoje?

CN. é

TR. atendo

CN. todo dia você (atende)?

TR. todo dia

CN. + é barra não?

TR. todo dia + eu sai era meio dia daí nós almoçamos + depois nós viemos pra cá +

CN. [ahn]

TR. porque é duas horas eu tenho que volta né? tem atendimento senhor já foi na

CN. [ahn]

TR. fisioterapia hoje seu Célio?

CN. fui

TR. não é/ senhor não vai/ não faz mais a tarde?

2CN. uh:: não mas ela adiantou:: + um dia + eu estou com uma dorzinha di:: na costela né +

TR. [ahn] [uhn]

achei por bem ela dar uma olhada <não tem problema nenhum> + do:: ah: d/a noite toda a dor incomoda mais né + aí eu vou agüentar a mão + estou muito sujeito a: + fratura no

TR. [uhn uhn]

coisa + no tronco

TR. mas é porque senhor caiu será seu Célio?

3CN. foi eu caí bati a:: + as costelas + na cadeira + eu fui en entra aqui + atravessar pra ir no

TR. [unh]

banheiro + não na na cozinha + aí eu perdi o:: + o equilíbrio e bati na + na cadeira naque/nos

TR. [ahn]

pau que tava na cadeira + não doeu muito não mas essa noite doeu essa noite:: doeu vamos::

TR. [uhn:::]

eh:: vamos ver se + piora aí eu vou lá no médico + é:: fratura de: costela não faz mais nada

TR. [uhn uhn]

mais nada hoje em dia + antigamente enfaixava e tal::

TR. é tinha que colocar /deixar /ficar na cama só numa posição né?

CN. é hoje não tem perigo não tem problema

TR. ahn ahn + hoje acho que eles nem será que eles enfa?/ acho que nem passa mais + faixa

CN. [nada]

nada né?

CN. + (não mas está me parecendo) que não é + fratura ++ se for a gente da um jeito depois

TR. [ahn ahn]

TR. é às vezes é mal jeito né seu Célio dependendo do jeito que o senhor bateu né?

CN. [é:::]

CN. + é exatamente onde está minha mão + pega as costelas móveis + tem costela que é

TR. [uhn] [uhn]

móvel né? + um ponto só né?

TR. [uhn uhn]

TR. é + mas tem que tomar cuidado esse esse piso ele é liso né seu Célio?

CN. + uh:: e:: e::u uso sapato especial né? com bolinha

TR. [uhn]

TR. pra não escorregar né?

CN. + é descalço é perigoso

TR. é

CN. é

TR. é perigoso

CN. + quer dizer que esse:: a nossa entrevista vai pro States?

TR. essa entrevista?

CN. é

TR. vai

CN. + nós somos artista ein?

TR. precisa de/a gente precisava dum:::/ + dum cachê senhor num acha?

CN. [cachê né?]

CN. + cascalho

TR. vai ficar ouvindo a nossa voz lá né seu Célio? + a gente podia cobrar:: uns deixa eu ver

CN. [a é]

uns dez mil a hora + estava bom + estava bom né? + pra começar né?

CN. [a hora né?] [tava bom]

CN. + é
TR. ((risos))
TR. senhor já foi seu Célio pros Estados Unidos?
CN. Ah:: num fui + a Vânia foi + essa que:: ve::io aí agora + ficô dez dias lá: eh:: + em Nova
TR. [uhn] [ahn?]
 Yorque
TR. é né + lá o pessoal vai bastante pra fazer compra num é seu Célio?
CN. [ehn]
CN. é: essa camisa é de lá
TR. bonita né mas o pessoal vai mais mesmo pra comp/ tem bastante loja brasileira lá loja
CN. [tem bastante]
 brasileira tem ela foi ao teatro duas vezes também na Brodway + ((incompreensível)) né?
TR. [ahn] [uhn uhn]
 (ela foi teve) duas peças lá ela assistiu as duas + comprou alguma coisinha ++ também
 comprar a porcaria que tem aqui é besteira né?
TR. é
CN. + eh:: uma camisa da Itália é diferente
TR. seu Célio o que tem hoje bastante onde a gente passa na rua tem é aquelas loja um e
 noventa e nove né?
CN. é
TR. senhor viu quanta loja daquela tem?
CN. + não
TR. tudo é: aqui em Marília tem::
CN. tudo um e noventa e nove o preço?
TR. é + aqui em Marília tem cinco lojas seu Célio
CN. de um e noventa e nove?
TR. é mas é só porcaria o pessoal que trás aquelas bugiganga do Paraguai né?
CN. é
TR. e pro Paraguai senhor já foi?
CN. fui + fu/ fui até/
TR. [tinha bastante bugiganga lá seu Célio?
4CN. no::ssa + eu fui a::: a::: + como é que chama? a:: + Assunção + fui em Assunção + fui
 a:: a:: + como era que é o nome da cidade? + cidade que a gente vai primeiro::
 ((incompreensível)) é:: é a Argentina + San (Ruan Ran) + não me lembro mais
TR. San Ruan?
5CN. + San Ruan num é + mas pra lá só tem só tem mato em volta e:: e:: + loja + tem loja
TR. [nossa]
 pra burro viu
TR. é né + também é muita bugiganga muita porcaria né seu Célio?
CN. [eh] [porcaria é + muita porcaria
TR. e essas loja um e noventa e nove é tudo porcaria tudo coisa do Paraguai: + tudo ++ hoje
CN. [ahn]
 em dia cada um se vira como pode né seu Célio? que nem a gente vê
CN. [é]
TR. essas barraquinha de camelô de:: vai na rua todo mundo que der pra vender vende né?
CN. vende
TR. (mas:::)

- 6CN.** + mas não deixa de ser u::ma concorrência desleal né? + o cara + paga imposto +
TR. [é]
 paga uma porção de coisa e a loja dele fica + a frente dum camelô + num pode né? é
TR. [é]
 concorrência desleal né?
TR. é verdade em São Paulo que acontece muito isso né?
CN. + a é?
TR. tem bastante camelô assim + já deu muita briga tudo né seu Célio? + em São seu Célio
 em São Paulo senhor já chegou a morar ou não?
CN. não + eu:: freqüentava a escola + fiquei cinco anos
TR. [a escola lá dá academia?do Barro Branco?
CN. [é]
- 7CN.** Barro Branco + fiz cin + fiz cinco anos + eu era interno + eu era externo na quarta no
 sábado e no domingo ++ eu era semi interno né? + pra fazer uma faculdade/prá fazer uma:
TR. [uhn]
 uma escola como essa + só (com um) expediente não dá + tem que tê uma convivência
TR. [ahn] [é]
TR. seu Célio na-na academia do Barro Branco vai tendo assim etapas que nem o senhor
CN. [ah:::]
 entra::/
CN. + ah::: (ruído gutural) primeiro tem primeiro e segundo ano do curso preparatório
TR. [é:::]
TR. curso preparatório mas pra que pra que: que função assim qui/?
CN. + ah (ruído gutural) não tem especialização
TR. num tem?
- 8CN.** + depois do terceiro ano ao quinto + é outro curso é primeiro e segundo + terceiro
 parece que agora tem o quarto + é seis anos + mas num tem faz cavalaria bombeiro +
 educação física + mas não sai especialista em nada né? + primeiro ano aprende direito + (a
TR. [uhn]
 escola a escola é ajeitadinha) né?
TR. é né? quanto tempo senhor estudo seu Célio pra:: chega até comandante?
CN. [eu fiz cinco]
- 9CN.** + ah eu fiz cinco + e:: (quando) eu era capitão + eu devia ser promovido a major mas pra
 poder ser + pra faze::r pra ser major eu tinha que::: fazer o curso + um curso assim tipo:: é:: +
 como é que chama o curso? ++ (fazer) mestrado + equivale ao mestrado na PM né?
TR. [ahn]
 depois tem o doutorado que é::: + é::: curso de:: superior e:: po polícia esse equivale assim ao
TR. [uhn uhn]
 + ao +++ ao doutorado + não faz dois curso faz de mestrado do curso propriamente dito +
 mestrado e + doutorado + eu não fiz doutorado + eu não fiz só fiz (incompreensível)
TR. [senhor fez o mestrado?
CN. é equivale né?
TR. uhn uhn
CN. + pra explicar pras pessoas que: tão de fora a melhor forma é essa
TR. ahn ahn
CN. + e você vai fazer o que depois de:: tem idéia?

TR. eu não sei eu penso em fazer pós graduação né mestrado tudo mais + mas mais pra frente não já que me formar não + fazer uma especialização primeiro + trabalhar pra escolher a área

CN. [é] [é]

direitinho né seu Célio? + porque tem várias áreas né que a gente trabalha e eu preciso

CN. [(incompreensível)]

escolher uma + trabalhar mais com aquilo né porque hoje em dia não dá pra gente saber tudo né seu Célio?

CN. + não não dá

TR. é muita coisa né?

CN. + muita coisa na cabeça da gente né?

TR. a muita coisa

CN. + não pode isso + e:::xagerar não pode né?

TR. não pode ++ se não fica complicado mas depois de é capitão major depois de major que é comandante seu Célio?

CN. tenente coronel (aí:: tem comam/)

TR. [ah tenente coronel]

10 CN. depois coronel + eu saí tenente coronel mas no posto de coronel + quando saí tinha um

TR. [ahn]

posto a mais ++ achei besteira fazer curso de:: da carreira de polícia + porque eu:: não ia me

TR. [uhn uhn] [ahn]

sujeitá sair de casa não o curso é seis meses + é duro né? (mas) dá uma saudade (da academia)

TR. [ahn]

TR. essa academia Barro Branco é muito conhecida né seu Célio?

CN. é + conhecida sim

TR. tem uma fama muito boa

CN. mas agora parece que é são: seis anos

TR. nossa seis anos é o tempo que leva pra:: + medicina + né? seis anos é tempo ein senhor

CN. [ah:] ((ruído de C acendendo o isqueiro))

sente falta seu Célio?

CN. + não

TR. não né

CN. + vida muito dura

TR. era muito cansativo eu acho né?

CN. + é + tinha dia que eu não dormia de cansado

TR. no::ssa e o senhor que tinha que se responsabilizar por todos os + os soldados ou não

CN. no curso?

TR. é

CN. não no curso não

TR. mas assim quando quando o senhor que comandava era o senhor que tinha que

11 CN. é:: eu que tinha um s:: tinha status + chama estado maior + você assenora/assessora o:: +

TR. [uhn]

o comandante o comandante então: (intera) a situação vamos supor tem uma festa de peão de boiadeiro + e o:: comandante p-passa um + uma ordem de serviço por escrito <(permite)

TR. [uhn uhn]

providenciar policiamento> + tal tal assim assim assim + aí ele reúne o:: estado maior o

TR. [uhn]

chefe de estado maior + o chefe de estado maior + reúne o pessoal e (decide) e faz um relatório + e:: mais de uma + são duas ou três (quer dizer) varia + daí ele fala a linha que eu

TR. [uhn uhn]

quero é essa + a linha de comando ele acha que é essa a linha + (vocês) podem executar:: teoricamente a: + aprovado perfeito então pode largar o pau + eles fazem o estado maior organizar o policiamento pra ser o: que tinha que fazer + é que nem o negócio de uma cabeça

TR. [uhn uhn]

só + são várias cabeças que:: tomam a decisão né?

TR. é e também é muita responsabilidade pra deixar pra uma uma cabeça só né seu Célio?

12 CN. é mas o gozado é o seguinte a pessoa fala + eu quero policiamento nas escola + a escola

TR. [uhn]

funciona vinte e quatro horas por dia né? então num é um que ele que ele quer quatro + certo? + e tem outros problemas tem viatura + tem armamento tem:: + alimentação que tem que ser

TR. [é]

arrumada + ir no local dar um comando

TR. é falam mas num pensam em em tudo que está envolvido né seu Célio?

CN. é:: envolve muita coisa exatamente

TR. muita coisa

CN. + mas + é gostoso + é bom e fazer o que é bom é:

TR. [tinha tem alguém na família do senhor que também é

13 CN. meu pai chegou a tenente na revolução + revolução de trinta e dois ++ ele chegou a: + a

TR. [no::ssa]

tenente (comissionado) + ele num era ele num era de carreira + ele num era oficial de carreira

TR. [uhn uhn]

era oficial revolucionário +++ ((incompreensível))

TR. [uhn uhn]

TR. o pai do senhor faleceu faz tempo seu Célio?

CN. não foi em:: + sessenta e quatro

TR. sessenta e quatro?

CN. é:: + (sessenta e quatro)

TR. [ele que é:: é marido da da sua mãe aquela que está em Sorocaba seu Célio?

14 CN. é +++ é:: (mamãe) mora lá + noventa e cinco anos + tem oitenta e cinco anos + ela vive

TR. [é né?]

bem sozinha né? não tem problema

TR. [(vivia né?)] [uhn uhn]

TR. é isso aí + senhor não assiste ó propaganda eleitoral seu Célio?

CN. não: de vez em quando eu assisto

TR. é né + passa três vezes seu Célio + por dia?

CN. [acho que duas né?

TR. duas né? sei que passa uma agora na hora do almoço né?

CN. + a mais tenha dó né enche o saco po

TR. po nem me fala

CN. a tenha dó isso aí tira voto do cara ((incompreensível))

TR. é né +++ é fogo viu

CN. + que que o Lourenço está fazendo?

- TR.** não sei deve (estar) sentado + esperando
CN. ele é professor seu?
TR. é meu professor + tive aula com ele no primeiro
CN. + ele parece ser bom né?
TR. é bom muito bom no primeiro e no segundo ano eu tive aula com ele + muito competente
CN. [e a matéria/a matéria que ele dá qual é lingüística?
TR. Lingüística + lingüística fonética + ele é muito competente né seu Célio
- 15 CN.** [viu minha:: + minha (esforçado) cunhada que ele falou também é + professora de lingüística + só que ela fez mestrado lá na França + ela está vendo se faz o:: + doutorado dela?
TR. [é né] [seu Célio do que que morreu o marido
CN. + câncer na:: + próstata
TR. no:: ssa mas ele era novo não era seu Célio?
CN. sessenta e cinco anos (por aí)
TR. novo né?
- 16 CN.** + uma f::/ uma figura cheia de:: mania sabe + ele tinha muita mania negócio de
TR. [ahn]
dinheiro eh:: + um tostão pra ele era um milhão + ele vai todo dia ao banc/ele ia todo dia ao
TR. [uhn]
banco
TR. todo dia?
CN. todo dia ia ao banco
TR. o loco
- 17 CN.** conferir o dinheiro ++ aque::aquele num apre::nde nunca + ele tira ele tirava + dois reais
TR. [(então)] [((risos))]
pra viajar + de carro + andava com dois reais no bolso
TR. não acredito que (ficava) com dois reais sério seu Célio?
- 18 CN.** dois reais + aí se ele precisasse de dinheiro ele ia no banco e + (por exemplo) ele precisava de dezessete + reais ele tirava dezessete reais ++ ele era muito +++ sistemático
TR. [no::ssa] [como pode né seu Célio?]
CN. + ah não
TR. a gente tem que controlar o que a gente gasta
- 19 CN.** [e pra comprar e pra comprar as outras coisas + uma vez eu passei uma temporada com ele em:: Lindóia + ele:: + ficou namorando um sapato + oito dias + ia de
TR. [ahn] [no::ssa]
manhã e a tarde na loja conversar com o cara <a dá pra fazer no cartão + não num dá a dá um jeito> (um dia ele falo pra mim) + vamos lá conhecer o meu sapato que e::u tô querendo + eu fui lá falei + num me mete nunca mais nessas gelada + morri de vergonha
TR. [uhn]
TR. ((risos)) e o senhor falo pra ele nunca mais levar?
CN. é
TR. mas comprou ou num comprou?
CN. comprou nada
TR. ischi + o cara é enrolado
CN. é
TR. ele é enrolado + ele ele estudava lá na Unicamp também seu Célio?
CN. ele era professor né?

TR. ah professor

CN. + na Unicamp não + ele era professor na Unesp

TR. ah na Unesp?

CN. é

TR. uhn +++ seu Célio senhor sempre morou aqui em Marília?

20 CN. não eu morei em + eu nasci em Jundiaí + depois com onze anos mudei pra Sorocaba +

TR. [uhn]

fui oficial lá no batalhão + depois fui pra:: Itapetininga + fui pra Botucatu + Assis e aqui

TR. uhn::: + Campinas o senhor também nunca morou?

CN. não

TR. ela ela é irmã da Dona Gessei né seu Célio?

CN. ela é irmã

TR. uhn + faz pouco tempo né que morreu o marido dela?

CN. faz + coitada né? ela está agüentando

TR. [senhor quer que eu ajudo seu Célio?

CN. não obrigado + pode deixar que::

TR. é fazer o que cada um tem sua + sua cruz pra carregar né seu Célio?

CN. [(incompreensível)]

CN. é

TR. fazer o que né?

CN. + ela tá re/ se recuperando bem +++ ela tem três filhas

TR. mas é que idade?

CN. + vinte e um +++ dezoito e quinze

TR. ahn:::

21 CN. + a:: Vânia minha filha + foi com a mais velha deles pra pra pra ((incompreensível))

TR. [ahn]

+ é::: + funcionária de um hotel em Campinas + hotel quatro estrelas + e soube desse pacote + convidou a Vânia a Vânia topou +++ arrumei um uns cascalhos pra ela

TR. ((risos)) + daí deu certo pra elas viajarem junto então?

CN. é e ela é boa porque ela fala inglês fluentemente

TR. uhn? mas daí ela o pai dela tinha morrido já ou morreu depois

CN. tinha morrido já

TR. tinha? é duro né?

CN. é +++ (eu pensei) que você não ia ter aula hoje

TR. não eu tenho seu Célio + eu tenho sempre tenho + todo dia + a noite

CN. [criança?

CN. + criança?

TR. é tem criança tem adolescente tem: + adulto tem toda idade

CN. + e o: tratamento pras::: pras crianças é mesma coisa? + mesmo que adulto?

TR. é mais ou menos algumas coisas a gente faz igual algumas coisas diferente é que criança seu Célio tem que ter + coisa assim mais lúdica né? mais brinquedo mais jogo pra motivar mais a criança né? adulto a gente já entra direto na: terapia mesmo faz + tudo que tem que

CN. [ahn]

fazer agora criança tem que: + é conquistar um pouco a criança né? pra depois + pra depois

CN. [é]

poder começar trabalhar + esse menino essa foto que está aqui seu Célio é tudo neto do senhor?

CN. + são os três netos
TR. três ne/os três?
CN. + é
TR. são bonitos né seu Célio?
CN. saiu ao f/ tio/avô
TR. ((risos)) os avós são tudo convencido mesmo né?
CN. é são tudo coruja
TR. ahn tudo coruja
CN. quem sai aos seus não degenera
TR. ahn:: + tem bastante foto aqui na casa do senhor né?
CN. tem + no meu escritório tem também bastante
TR. é né + mas é sossegado aqui né seu Célio?
CN. é quieto não tem muito barulho não +++ morar em lugar barulhento é fogo viu
TR. [é quieto é gostoso]
TR. é né + senhor assistiu ratinho ontem?
CN. + assisti
TR. assistiu?
CN. assisti
TR. que que passo lá de interessante?
CN. não lembro direitinho
TR. agora ele está colocando uns shows junto com o programa num está seu Célio?
CN. está + esculhambando o programa
TR. uhn::: + apesar que pararam de falar um pouco dele né seu Célio?
CN. é (incompreensível)
TR. o pessoal esqueceu né?
CN. + é
TR. uma coisa também que pararam de falar mas que já estava enchendo o saco era da filha da Xuxa né seu Célio?
CN. ahn::: eu não gosto da Xuxa
TR. senhor não gosta?
CN. não gosto da Xuxa
TR. ah eu também não gosto não + ela estava usando a própria filha né pra fazer
CN. + promoção
TR. promoção + e o nome então Sacha
CN. Sacha
TR. nome feio né?
CN. feio
TR. eu vi no jornal eu estava lendo o jornal outro dia estava vendo + tem uma cidade seu Célio interior de Minas + é: no mesmo dia que a menina nasceu já (tinha) cinco nomes na cidade de criança com esse nome
CN. + é?
TR. é + me parece que esse nome significa + cachorro
CN. + o louco
TR. cachorro cadela não sei
CN. + o louco é?
TR. é uma língua eu não sei que língua que é + mas aí foram pesquisar de qual a origem tudo e o que que significa porque cada nome tem um significado né?

CN. tem
TR. e esse nome Sacha o significado é cachorro ((risos))
CN. + é fogo não
TR. aí credo que nome feio né? + mas ela usou mesmo pra fazer promoção né? não
CN. [ahn]
 teve nem:: foi na cara dura né seu Célio?
CN. na cara dura
TR. foi na cara dura nossa + é fogo viu + complicado
22 CN. e o:: + e o:: professor como é que está? (se quiser ver) se tem uma revista pra ele ler qualquer coisa
TR. ele deve está (lendo) + a gente já está:: mais um pouco a gente já termina seu Célio + mais uns cinco dez minutos + que a gente tem que ir embora também
CN. [pra mim não tem problema + {(incompreensível)}
TR. {senhor dormiu ontem hora que nós fomos embora seu Célio?
CN. dormi
TR. dormiu né? + é bom descansar depois do almoço né seu Célio?
CN. eu gosto
TR. de domingo né que eu não tenho nada assim pra fazer a: almoço e já vou descansar dormir um sono + faz bem né? +++ amanhã senhor vai lá né seu Célio?
CN. + amanhã vou
TR. na clínica
CN. + as duas né?
TR. é amanhã senhor encontra com + seu Jura ((risos))
CN. é + Jurandir é uma figura viu
TR. vocês estão dando muito trabalho pra Daniela? conversando?
CN. conversando pouco ela não é de dar muita folga não
TR. ((risos)) é bom assim vocês/
CN. ela é baixinha né?
TR. ((risos)) senhor invocou com o tamanho dela ein?
CN. ela é baixinha né?
TR. ela é pequena + é pequeninha + baixinha + a filha dela nossa é desse tamanho seu Célio
CN. é?
TR. é
CN. + e o pai é alto?
TR. o pai é alto
CN. + é
TR. é a cara/a filha dela é a cara dela +++ igualzinha ela +++ mas isso aí +++ é bom que ela não conversa muito que daí dá tempo de vocês fazerem bastante exercício
CN. + ela deixa conversar um pouco
TR. é né +++ e a Eliana já foi falar com o senhor seu Célio?
CN. + sobre o que?
TR. conversar foi lá visitar o senhor já?
CN. + ela foi mas num falo num deu tempo
TR. é ?
CN. + (incompreensível) é boa?
TR. {num sei

CN. {acho que não
TR. acho que não +++ dona Gersei é bastante ocupada né seu Célio?
CN. ela assumiu/ ela assume muitas muitas atividades
TR. é né?
CN. mas ela tem que fazer alguma coisa se não ela fica + chateada tem que estar sempre em atividade
TR. ah mais é bom né seu Célio?
CN. é bom
TR. quanto mais a gente tem coisa pra fazer né + melhor
CN. [é]
TR. e ela gosta né seu Célio?
CN. gosta né (o que é de gosto né?)
TR. [é então] [uhn uhn]
TR. e a sobrinha do senhor já foi embora seu Célio?
CN. + sobrinha que ia pros Estados Unidos?
TR. é que estava aqui
CN. + não t-te::m tem uma que está fazendo fisioterapia +++ ela está morando em casa aqui até o fim do ano
TR. ah ela vai ficar morando aqui com senhor?
CN. ela já moro né esteve até agora começou + começou quando começou o curso
TR. [ah]
TR. que ano que ela está seu Célio?
CN. tá no quarto sai agora
TR. ah vai saí já então + daí ela vai fica aqui em Marília ou vai embora?
CN. não sei eu tenho impressão que não em Marília ela não vai ficar não
TR. Marília já tem muito campo muita muita gente né seu Célio?
CN. é tem
TR. tem muita faculdade tudo né? + ela é de onde seu Célio?
CN. Assis
TR. ahn Assis é aqui pertinho né?
CN. é
TR. eu nunca fui pra Assis num é Assis a cidade é bem menor do que Marília num é seu Célio?
CN. + é bem menor
TR. bem menor?
CN. bem menor
TR. é né + eu fui pra Tupã já uma vez + mas:: + pra:: pra Assis eu nunca fui + é uma cidade muito bonita não né seu Célio?
CN. não (é uma cidade vagabunda)
TR. é?
CN. + tem nem prédio lá tem nem tem um ou dois prédio
TR. ahn + então é pequena mesmo a cidade né?
CN. é pequena
TR. quanto tempo dá daqui até lá seu Célio?
CN. cinqüenta minutos
TR. cinqüenta? mais ou menos uns:: cem quilômetros
CN. setenta

TR. setenta quilômetros?
CN. é
TR. no::ssa + é perto né?
CN. + é perto
TR. senhor tem parente lá seu Célio?
CN. tem os parentes dá minha mulher né?
TR. uhn
CN. + tem:: + Gersi o (Jérsio Papu) + Pavãozinho e o (Bigode) cinco
TR. no::ssa tudo irmão dela seu Célio?
CN. é t/eles são em oito
TR. no::ssa + bastante né +++ mas ainda bem que é perto porque dá pra ela ir pra lá né?
CN. {é
TR. {e Londrina seu Célio?
CN. que que tem?
TR. senhor tem alguém algum parente em Londrina?
CN. tem o:: meu genro né + casado com a minha filha mais nova
TR. uhn + seu Célio não é seu Jurandir que tem um filho + uma filha que mora em Londrina?
CN. + não sei
TR. até que uma vez o senhor falou que:::
CN. encontrei com ela (lá)?
TR. é + que o senhor encontrou com ela
CN. é a Carmem
TR. ela mora lá?
CN. acho que mora
TR. ahn + seu Jurandir uma vez que falou que tava com muita saudade dela que ela não aparecia + acho que é dela + é ela que é gorda não é seu Célio?
CN. o marido também é gordo + e dos bons
TR. é::
CN. tipo cento e quarenta cento e cinqüenta quilos + ele né ela (era) menos um pouco
TR. [no::ssa]
TR. nossa ser muito magra é ruim mas ser muito gorda
CN. [mas ali todo mundo gordo por que eh: por causa da comida + porque a menina também filha deles também é gordu/gorducha
TR. alimentação errada né seu Célio? +++ hoje em dia o povo come muita porcaria né? (em
CN. [é]
 outro tempo) não tinha tanta porcaria assim
CN. não tinha não
TR. hoje em dia + ah eu só o que eu como de porcaria
CN. + se não é boa de engorda não
TR. é ainda bem que: na minha casa todo mundo é magro né senão + senão eu já tinha que entrar na hidroginástica fazer umas caminha:da né seu Célio? é a dona Gessei caminha lá no
CN. [ahn]
 Tangará?
CN. caminha aqui
TR. aqui na + aqui por perto?

CN. ela (incompreensível) (vai lá)
TR. é né?
CN. + (incompreensível) dá uma boa caminhada
TR. o senhor também podia fazer umas caminhada seu Célio?
CN. o Parkinson num num dá opção pra gente
TR. mas a fisioterapeuta não recomenda + que é bom
CN. [recomenda mas eu não tenho vontade +
fazer uma coisa contra a vontade
TR. ah mas um pouquinho só por dia + num dá?
CN. uh:: num dá + sinceramente não vejo graça nenhuma em fazer::
TR. é
23 CN. + eu fi::z o:: eu + cursei a a a academia (aí) um tempo + (poli) esporte era pertinho de
casa + aí depois quando apareceu o Parkinson + não não + tentei algumas vezes ir mas
TR. [ahn]
num:: ah::você fica/você num toma gosto pela coisa num faz bem feito
TR. [é né]
TR. é se o senhor não tem vontade né seu Célio? + fazer o que né? +++ seu Célio quantos
CN. [uhn]
remédios o senhor toma?
CN. + nove
TR. nove? e é tudo pro Parkinson + não porque tem pro diabetes né?
CN. diabetes
TR. é pro Parkinson e pro dia/
CN. [Parkinson e diabetes + e:: circulação do sangue
TR. ahn +++ acaba acostumando né seu Célio?
CN. acaba
TR. acaba acostumando +++ eh::
CN. uh:: a caminhada é muito bom mas precisa ter disposição né?
TR. é +++ de vez em quando quando eu caminho assim minha mão fica toda inchada (nem)
+ não posso ficar andando muito que a mão incha acho que é na circulação não sei porque +
CN. [é?] [é::]
às vezes uma posição só né na mão + de vez em quando eu ando bastante a mão fica inchada
CN. [é]
CN. + o esse esse pé aqui incha ++ pé esquerdo
TR. [uhn:::]
TR. seu Célio aquela ferida que o senhor tinha sarou né? no no pé né? fechou né?
CN. [secou né?
CN. secou
TR. o problema do diabetes é esse né seu Célio?
CN. é não tem (cicatrização) boa
TR. é mas aquela ferida que o senhor estava secou né? seu Jurandir que estava ruim com a
perna
CN. é né
TR. ainda está usando aquelas meias Kendal + grossa + porque a perna dele ficou muito
inchada ele falou que não conseguia nem andar
CN. a é ?

TR. uhn uhn + mas o Parkinson é assim né seu Célio um dia está melhor outro dia está pior?

CN. um dia está ruim um dia está bom pra dormir outro dia não está

TR. senhor está dormindo bem a noite?

CN. estou + hoje eu levantei dez e pouco

TR. uhn

CN. amanhã é quinta né?

TR. amanhã é quinta

CN. as duas horas eu tenho +++ fono

TR. é +++ das duas as três né seu Célio?

CN. das duas as três

TR. antes o senhor ia na segunda feira e na terça daí agora mudou segunda e quinta né?

CN. é

TR. pro senhor ficou melhor ou pior?

CN. ah é indiferente

TR. indiferente +++ é porque teve que mudar o horário de uma professora daí:: + trocou

CN. ahn

TR. trocou +++ seu Célio senhor lembra aquele senhor que ia lá na clínica + que teve câncer de de língua? + seu Salvador? senhor estava sempre conversando com ele lá na sala de espera + senhor lembra dele?

CN. [ahn]

CN. lembro

TR. que ele estava fazendo terapia com a Raquel? + lembra que ele cortou um pedaço da

CN. [ahn]

língua? + por que tinha tido câncer

CN. [ahn]

CN. um cara bem:: bem apessoado né?

TR. é::

CN. bem vestido num é?

TR. bem vestido tinha o cabelo bem cortadinho sempre estava de camisa + ele sempre chegava cedo lá+ senhor lembra seu Salvador o nome dele?

CN. morreu?

TR. não voltou o câncer seu Célio

CN. ahn:: Jesus +++ voltou o câncer?

TR. voltou ontem ele foi lá de novo + pra:: + pra Eliana dar uma olhada né? mas num sei como que vai fazer + porque tinha né? daí cortou um pedaço da:: + da língua daí ele foi lá a Raquel ensinou de novo né onde coloca a língua como falar com aquele pedaço de língua

CN. [a língua]

que sobrou né só que agora voltou de novo seu Célio

CN. puxa vida + (a gente não quer falar mas o fim num é bom não)

TR. essa doença é fogo né seu Célio?

CN. é fogo viu

TR. ele ligou lá pra gente pra avisar que: ele tinha recebido alta seu Célio

CN. é né

TR. porque ele foi lá ele ficou:: + quatro meses mas já foi o suficiente pra ele aprender de novo né comer a fala aquele pedaço de língua que sobrou já dava pra fazer tudo isso né? então deram alta pra ele + só que: ele pegou ligou de novo falando que + voltou a doença

CN. (que coisa horrível não?)

TR. o problema é se agora ter que tirar tudo o resto fica sem a língua né daí + é muito complicado seu Célio?

CN. (+) ah é fala aí não resiste aí:: não é fácil não + vai pro esôfago né?

TR. é

CN. quando (+) esôfago + sai o som

TR. uhn uhn + é fazer o que cada um tem sua cruz né? seus problema às vezes a gente reclama de tão pouco né seu Célio?

CN. pois é

TR. e tem tanta coisa por aí +++ e ele era muito muito boa pessoa

CN. educado né?

TR. no:ssa muito educado + e a gente vê cada coisa né seu Célio que

CN. é

TR. deixa a gente +++ essa filha do senhor que estava aqui que é a Vânia seu Célio?

CN. é a Vânia dentista

TR. uhn +++ ela que é a mais nova?

CN. mais velha

TR. mais velha

CN. a Cláudia tem três filhos

TR. a outra chama Cláudia?

CN. chama

TR. uhn

CN. tem três filhos

TR. ela é mais nova o mais velha

CN. mais nova que a Vânia

TR. mais nova né? + senhor tem a Vânia e a Cláudia seu Célio?

CN. só

TR. só né +++ então está bom +++ deixa eu ver com Lourenço aqui + se já está bom + só um minutinho

Sujeito CN – Segunda Gravação (Anexo 02)

Legenda:

CN. é o sujeito parkinsoniano que integra nossa análise;

LZ. é o documentador que está direcionando a entrevista com CN.;

GN. é a esposa de CN. que participa da gravação da entrevista;

AS. é o ajudante de **LZ.** para a realização da gravação entrevista;

NJ. é a neta de CN. que participa da gravação da entrevista;

NV. é o neto de CN. que participa da gravação da entrevista;

FN. é a filha de CN. que participa da gravação da entrevista.

Transcrição:

CN. eu fui:: pra reserva como coronel ++ eu sou coronel ++ da reserva

LZ. da reserva?

1CN. da reserva eu f/ f/ eh:: depois eu resolvi ++ passar pra reserva com um + um posto a mais ++ eu saí coronel ++ mas o o: problema meu + problema grave é:: é

LZ. [ah:: tá]

Parkinson ++ tive Parkinson há:: ++ dez anos + é bem do:: é bem difícil + tem que tá com a cab/ com a cabeça boa + se não eu não agüenta não

LZ. não?

2CN. não ((murmúrio)) se não estiver bem:: ++ bem:: orientado ++ o Parkinson é uma doença doença:: ++ implacável ++ não deixa e::le nã::o dexa deixar de pensar + incrível

LZ. não deixa?

CN. não deixa + a gente pensar só fica pensando na doença

LZ. o senhor lê bastante sobre Parkinson num lê?

3CN. leio eu eu sou sócio do:: Brasil Parkinson ++ me mandam::: muito boa: a:: ++ ah:: e: sã::o boletins ++ muito bem explicativos dá pra gente ter uma idéia ++ sabe que o Parkinso foi detectado + por um médico né?

LZ. por um médico? (...)

CN. por um médico + mas (ele que) detectou a:: + doença nele mesmo

LZ. como ele chama?

CN. Parkinson

LZ. a pessoa que descobriu? o próprio médico?

CN. [que descobriu o próprio médico +

LZ. da onde ele é?

CN. + aí:: acho que é da Inglaterra se eu num me engano

LZ. o senhor já o senhor já conseguiu vê nesses boletins quanto tempo faz que descobriram a + a doença?

CN. ah: foi em mil oitocentos e pouco

LZ. quantas revistas o senhor já leu?

CN. + ah sobre o assunto?

LZ. é

CN. + ah várias ++ assunto trabalho de:: parkisoniano ++ tem parkisoniano que::: se aprofunda:: ahn:: no assunto né?

LZ. dizem que é a melhor maneira de:: + de lidar com a doença é estudar sobre ela

4CN. + é:: conhecer ela ++ mas eu sei eu tenho uma idéia muito bem:: + bem formada ++ porque:: ++ num é tão:: difícil num é complicado num é: ++ difícil::uh: a informação é:: simples ++ é uma enzima + que faz falta no cérebro ++ e:: essa enzima:: dizem que:: treme né? + num sei eu tô tomando um remédio muito bom ++ e:: num tenho tremido muito

LZ. o senhor toma algum medicamento?

CN. + tomo:: seis medicamento pro Parkinson

LZ. [seis medicamento?]

CN. + (e misturado com a) diabete ++ tenho diabete também pra acompanhar

LZ. nossa + mas faz o regime certinho?

5CN. faz ++ tem que fazê né? ++ há uns anos atrás essa mão tremia que:: num podia parar ++ de jeito nenhum ++ mas vamos tocando devagar (...)

LZ. depois do medicamento que parou o tremor?

6CN. + é:: um dete:: determinado medicamento eu tenho um:: médico que me acompanha ++ de vez em quando vai lá ele faz a verificação e o remédio ++ é muito bom o (tratamento do médico)

LZ. [ah tá]

LZ. qual o nome do médico?

CN. + Melgis

LZ. ah o dotor Melgis? ((ruído de cadeira arrastando)) ele é muito::+ ele foi meu professor

CN. foi seu professor?

LZ. foi + enquanto professor ele era muito bom + agora médico:: atuação clínica eu num:: + num pude conhecer

CN. é bom ++ é bom (se ele se ele) trata com + com amizade o médico tem que ser amigo: ++ do cliente +++ (...)

LZ. e hoje em dia é (...)

CN. paciente

LZ. hoje em dia é difícil

7CN. + é difícil mas tem que ser assim ++ a gente pegou amizade ++ (incompreensível) ++ ele estava do outro lado da rua falou <oh seu Nabuco como é que é que tá aquela força que num sei o que> ++ (incompreensível) +++ Fernanda +

LZ. Fernanda ela é?

CN. você é Fernanda não?

LZ. não eu sou Lilian

C. eu preciso falar umas duas três vezes pra lembrar

LZ. Li-lian

CN. + (vocês::) mora aqui em Marília?

LZ. não seu Célio eu moro em São José do Rio Preto ++ lembra que eu falei pro senhor? + eu

CN. [ah:]
moro em São José do Rio Preto

CN. eu tenho uma memória horrível viu?
LZ. tem?
8CN. + uh pra certas coisas eu sou bom ma::s outras coisas ++ passado da família isso aí eu sô bom ++ às vezes coisas recente num:: num acerto não
LZ. não?
CN. não
LZ. lembra eu sou de São José do Rio Preto e estudei aqui em Marília ++ mas eu voltei pra lá o senhor conhece lá ou não?
CN. conheço
LZ. conhece?
CN. conheço
LZ. + que que o senhor foi fazer por lá?
CN. + n:ós falamos de que cidade mesmo?
LZ. São José do Rio Preto
CN. eu fui eu fui jogar uma vez lá jogar vôlei
LZ. o senhor jogava volei?
CN. jogava vôlei basquete ++ nadava ++ era:: seleção da academia
LZ. + da academia militar?
CN. academia do Barro Branco ++
LZ. [ah:]
CN. Gersseí +++ (incompreensível)++
((C. faz pausa para ascender o cigarro))
CN. São José do Rio Preto é uma cidade boa hein?
LZ. quente
CN. quente (murmúrio)
LZ. bem mais quente que Marília
CN. + bem mais quente que Marília?
LZ. mais quente ++ lá em Rio Preto a gente saiu + tava: tava mormaço cerca de vinte e oito trinta graus + aqui em Maríla deve tá: com quanto?
CN. + num sei num tenho idéia
LZ. não? + quanto tempo faz que o senhor num num faz uma atividade física um esporte?
CN. + ah:: faz uns dez anos
LZ. num quis fazer mais?
CN. ah não num tinha condições né?
LZ. por quê?
CN. + por causa do Parkinson
LZ. mas aí que o senhor deveria fazer
CN. (mas aí é) outro tipo de (incompreensível) é recomendado
LZ. ah: tá o senhor faz fisioterapia?
CN. [faço fisioterapia faço fono aqui em casa
LZ. a fono vem aqui?
CN. vem aqui
LZ. quem que é a fono do senhor agora?
CN. a fono é:: a Gisele
LZ. ah é a Gisele ? ++ ela trabalha em Rio Preto também
CN. trabalha?
LZ. ela dá aula na faculdade de fono lá em Rio Preto

CN. + eh::: esqueci o lugar aqui ++ pertence a uma:: + (coligação chamada IPAS) + IAPAS
LZ. ah: o IAPAS?
 ((filha de C. passa pela sala))
CN. minha filha + mais nova
FN. pai o senhor num apagou o cigarro
CN. + chegou a polícia já +++
LZ. ((risos)) + porque polícia?
CN. + fica (policiando o passo) da gente
LZ. não ela só orientou o senhor
CN. + ela tá com a nenem no hospital
LZ. ah: é filhinha dela?
CN. filhinha dela ++
LZ. + como que ela chama essa filha do senhor?
CN. + a filha Cláudia
LZ. Cláudia?
CN. Cláudia
LZ. e a netinha?
CN. + a netinha:: eh: chama:: eh:: Estela
LZ. como?
CN. Estela
LZ. Estela?
CN. e essa que tava rondando aqui que eu chamei ++ é:: Júlia
LZ. Júlia? e o menino?
CN. + o menino é:: ++ Vitor
LZ. Vitor? ++ qual que é o mais arteiro?
CN. o mais arteiro acho que é a:: Júlia
LZ. é a Júlia? é a mais nova?
CN. mais nova não é a do meio
LZ. a do meio? ++ então é o Vitor ++ é o mais velho?
CN. é o mais velho
LZ. a Júlia
CN. [Júlia ++ e a Estela
LZ. e a Estela ++ eles já vão na escolinha?
CN. já vão
LZ. já?
CN. já
LZ. o senhor ajuda eles fazerem a lição de casa?
CN. eu num ajudo nada
LZ. por quê?
CN. + porque eu num tenho jeito pra coisa ++
LZ. e que que é ter jeito pra coisa?
CN. + pra mim num complicar ++ primeiro lugar né?
LZ. não complicar?
CN. cê gosta né? (voltando-se para AS.)
LZ. ((risos)) +++ é uma boa resposta do senhor
CN. + ah::: (...)

LZ. o seu Célio + além da revista de Parkinson que o senhor lê + o senhor gosta de ler alguma outra coisa?

9CN. eu tenho problema de:: visão dupla por causa dos problema ++ eu tenho visão dupla ++ o lado de cá tá perfeito mas eu:: vô assisti televisão ++ pega esse lado aqui + dá:: visão dupla ++ a visão dupla pelo que eu fiquei sabendo nu::m é num faz parte do Parkinson ++

LZ. [ah tá]

mas é desagradável a visão dupla

LZ. é por causa da diabete num é?

CN. da diabete ++ acho

((a neta passa correndo e gargalhando))

LZ. dizem que é::: que é por causa da diabete que acontece essa alteração ++ na visão mas eu também sô leiga eu num ++ num sei dizer + pode vim aqui Vitor + chama o Vitor pra vim aqui

CN. Vitor

FN. Vi

CN. vem co vovô aqui

FN. num tá filmano ainda filho ((riso))

CN. a moça qué sabê ++ (de você na escola) ++ vem aqui com o vovô ++ ele é muito tímido +++

LZ. ele é tímido?

CN. tímido

LZ. ele tem cara que é arteiro

CN. + a:: arteiro pode ser tímido né?

LZ. pode?

CN. pode

LZ. faz a arte debaixo de um quieto

CN. isso é isso mesmo

LZ. e o senhor quando criança? o senhor se lembra das coisas que o senhor fazia o não?

NJ.

[o vô o Vi já

foi troca de ropa já]

10CN. + eu:: eu morei ++ eu morei eu morei na:: ++ numa casa ++ que era em frente um clube esportivo em Jundiaí ++ (...) isso::: provocou + minha aptidão para o ginásio de

LZ. [em Jundiaí?]

esporte não que eu seja craque + eu era estrela um poco estrela + e essa casa era de frente um clube a gente passava o dia inteiro de calção ++ nadando jogando basquete jogando vôlei ++ e::: me dei bem em alguns esportes né? ++ depois fui para escola mi:::litar ++ eh:: e me dei bem no esporte ++

LZ. + e quando o senhor decidiu entrar pra academia?

11CN. + ah:: eu tive um amigo ++ coronel (Futhi) era capitão (Futhi) ++ meu pai um dia foi fazer um serviço na casa dele ele falou pó:: se tá fazendo o que? ++ tô no ginásio ++ num qué entrar pra aca/academia da força pública? era força pública ++ eu vou pensar em casa meu pai + quer que seja militar mas militar profissional + (eu fui lá) eles pagam pra trabalha::r + por

LZ. [ãhã]

mês + tem vencimento ++ todo o o:: material ++ uniforme tudo ganha tudo de graça ++ eu

LZ. [ah:::]

prestei a primeira vez fui reprovado + na segunda vez eu falei agora eu vou pra entrar + de noite de dia ++ (incompreensível) é o vestibular era bem ri-rigoroso (...)

LZ. até hoje né?

CN. + é:: muito procurado né?

LZ. ãhã

CN. + eu fui lá e faturei

LZ. olha só

CN. + lá:: em Sorocaba: ++ três é:: foi + aprovado ++ e aí eu comecei carreira

LZ. e gostou da carreira que o senhor escolheu?

CN. ah:: eu:: podia escolher melhor ++ eu queria coisa melhor +++ minha voz tá melhorando

LZ. tá? + o senhor que fazê algum exercício pra melhorá a voz o não?

CN. não agora não

LZ. não?

CN. não não

LZ. a pequenininha ta aí atrás ó

12CN. + a Júlia? ++ Júlia vem cá conversa com o vovô ++ essa aqui é a menina mais artera do Brasil porque eu num conheço outros países ++ ela chegou aqui um dia que

NJ. [((risos))]

uma médica veio me visitar + e eu tava com a médica na outra sala ++ aí ela:: chegou e falou + você é médica? ++ médico? você é médico? ela falou sou sou médico so::u do seu avô ++ quantos anos

FN. [Vi (incompreensível)]

você tem? + aí ela olhou pra mim aí eu falei va::i falou quarenta ++ aí ela olhou falou quarenta e quatro ano pu:::xa ++ mas é artera demais viu? (incompreensível) + imagina a situação da médica ãh?

LZ. deve te ficado constrangida

CN. ah:: + não pode menti quarenta e quatro

FN. pronto agora ele diz que já lavou o rosto

LZ. então fala um bom dia pra todo mundo + pro seu avô

NV. [bom dia]

CN. {bom dia ++ ele é amigão do vovô

AS. {bom dia

LZ. amigão do vô? ++ cê cuida bem dele?

CN. + ontem quase que derrubou o vovô hein?

FN. ceis quase caíram né?

13CN. + ontem ele chegou:: + toda vez que chega ele pega na mão né? + pega no braço ++ eu

LZ. [ãh]

((toca o telefone))

tava na copa:: + ele pegou na minha mão puxou eu caí + logo tava a:: Júlia ++ e:: por trás veio a mãe né? ++ foi assim Vitor? a mamãe veio por trás né? +

NV. [ãhã]

LZ. mas o senhor machucou?

CN. não mas quase caí (encostei a::)

LZ. ah quase caiu

CN. também eu eu um um ou ou dois tombo por semana

LZ. minha nossa

CN. ah::: num tem jeito

LZ. mas o senhor tropeça?

CN. + perde o perde o:: sentido perde o::: prumo ++ dá um desequilíbrio (...)
LZ. [ah::] [ah tá] + mais tem
 que + vai sempre segurando na parede num é melhor?
14CN. é:: e no quarto ali tem túbulos e:: uh:: aqui o::nde nós estamos ++ eu ando aqui em último
 caso que a:::qui num tem ++ pegador + num tem eu:: eu:: num dá num sei o que que eu faço
LZ. [ãhã]
LZ. se o senhor usasse uma bengala alguma coisa assim
CN. eu tenho:: andador
NJ. [ele tem uma bengala
LZ. tem?
CN. ++ eu tenho eu tenho uma bengala mas bengala eu num gosto
LZ. não?
CN. de:: andador: +++ ((olha em direção à esposa que está ao seu lado))
GN. abomina
LZ./NJ.((risos))
CN. (incompreensível)
GN. deixa eu só falar uma coisa pra você a voz dele quando ele canta + parece outra pessoa
LZ. jura? + que música o senhor gosta de cantar seu Célio?
CN. música:: ah:: ++ música:: ++ que música que eu gosto? ((voltando-se novamente à
 esposa))
 ((enquanto GN., LZ. e FN. continuam conversando, C. faz uma pausa longa, sem atenção
 ao que está sendo dialogado, como que buscando recordar alguma música para cantar))
GN. é ele ele gosta de música popular algumas músicas antigas e ele canta hino de igreja
LZ. ah:: que legal
CN. + ah:::
GN. e a hora que ele canta sabe igual gago que a pessoa gaga quando tá cantando num
 gagueja nada ? + e a voz dele fica super forte
LZ. o senhor num qué cantar alguma coisa pra gente ouvi?
CN. acho que não
LZ. por quê?
GN. depois cê canta mais tarde num é melhor eu sai com as crianças?
LZ. não fica a vontade num precisa + se preocupar
GN. canta o pendão real ++ canta
LZ. nem que for um trecho
GN. é importante pra eles ++ vem aqui Vitor
 [((toca o telefone))]
LZ. vai que o senhor fica famoso tá sendo filmado e tudo ++ já pensou?
CN. [ah:] ((som de criança tossindo))
CN. ++ vamos lá vai
LZ. então vai eu num num sei como é que é a música
CN. ah cê num vai saber ((CN. pigarreia antes de cantar)) ++ “um pendão real
 (incompreensível) retornou ao rei a vós soldados te::us ++ (Resp.) corajoso pois em tudo
 defendei marchando para o ++ epa + o valor + sem temor conquista o pão
 (incompreensível) + (Resp.) bem alto erguei:: o seu pendão firme sempre até morrer” fim
LZ. que bonito ++ e o senhor treina sempre a cantar ou não?
CN. + eh:: (quando::) fazia:: fono: (incompreensível) (...)
LZ. viu só depois que o senhor que o senhor cantou a voz ficou mais limpa

((NJ. mexe no microfone da gravação))

GN. ele tirou muito alto né mas canta otimamente [(incompreensível) tanto é que eu dei

NJ. [já canto]

esse aparelhinho pra ele de presente de natal

LZ. [NÃO num faz isso ((voltando-se para NJ. que mexia nos equipamentos de gravação))

GN. eu dei esse aparelho de na eh:: de natal de presente pra ele pra ele ouvi e cantar junto + mas ele tem cantado pouco quer que eu tire as crianças daqui?

LZ. [que bacana]

LZ. não deixa eles aqui deixa a vontade num precisa se preocupar

GN. vamos a vovó vai saí vamos com a vovó da uma volta? + vamos? + vamos sim pega a bolsa da vovó

NJ. [você também + mãe o Vitor num quer ir mãe vai (incompreensível) a pé então ((NJ. fala gritando))

GN. então vamos nós dois nós duas vamos?

CN. bom vocês tiveram uma amostra da:: da porcaria que eu faço

LZ. como?

CN. cantado mal cantado é uma grande porcaria

LZ. por quê?

CN. + ah porque:: tem a:: questão da::: afinação tem:: + a questão da::: do volume

LZ. não mas tá bonito ficô bonito o senhor cantando

CN. + acha?

LZ. eu achei

CN. vê se:: arranja uma: uma um:: contrato pra mim

LZ. ((risos)) só se eu for a empresária se não não

CN. + ela parece a Maitê Proença né? (...)

LZ. acha que eu sou bonita daquele jeito?

CN. + é bonita

LZ. nã::o:: (...)

CN. cê sabe que eh::: o pai dela matou a mãe na faca?

LZ. que horror

CN. + é::: faz muito tempo isso ele era promotor ++ tô tô:: meio cansado (...)

LZ. o senhor quer parar? se o senhor quiser parar a gente para

CN. [não não não não]

CN. é::: o pai era promotor e matou a::: ela era menina + o pai matô a faca

LZ. [que horror]

LZ. a troco de quê?

CN. em Campinas ++ dizem que foi crime:: ++como é que é? é::: romântico né?

LZ. passional?

CN. passional + exatamente

LZ. acha: que paixão é essa?

CN. {(incompreensível)}

LZ. { paixão qui ++ paixão que mata num é paixão é?

CN. de jeito nenhum (não é sadio)

LZ. ex: exatamente (sai do juízo) ++ que horror

CN. mas você parece com ela ++ num parece? ((voltando-se a A))

LZ. a Maitê Proença? (...)

CN. num parece? ((voltando-se para AS.))
AS. oi ? parece com quem?
LZ. com a Maitê Proença
CN. { com a Maitê Proença
AS. é por causa do cabelo que ela cortou
LZ. + eu cortei o cabelo igual o dela
CN. ah é?
LZ. meu cabelo era maior que o da Gisele ++ aí eu cortei ++ igual o da Maitê Proença + quer ver? ((**LZ.** solta o cabelo))
CN. [ah:] +++ tá igualzinho
LZ. ((risos)) a Maitê Proença é uma das mulheres mais bonitas do Brasil
CN. e daí?
LZ. imagina que eu chego aos ++ num passo nem perto
CN. + num acho isso não
LZ. num acha não? ((risos))
CN. + eu acho você muito bonita
LZ. obrigada seu Célio +++ escuta o senhor já tá cansado o senhor quer parar?
CN. absolutamente
LZ. o senhor quer lembrar uma outra música e cantar? +++ pode ser uma:: ++ uma música popular ++ então algum hino da igreja mesmo ++ é igreja que diz?
CN. é igreja ++ congregação
LZ. congregação
CN. +++
LZ. nenhuma mais?
CN. não (já já dei) vexame já
LZ. que vexame nada ++ isso quem vai ver sô eu + o Lourenço + provavelmente a Juliana + e mais + ninguém ++ então:: o senhor fica a vontade + o Lourenço o senhor conhece num conhece?
CN. conheço bem
LZ. a Juliana é lá da clínica + é aluna da faculdade ++ o senhor conhece?
CN. conheço
LZ. eu o senhor tá conhecendo agora + então:: + canta mais uma
CN. ++ “only you::” (...) (só pode ser compreendido o “only you”) ô ô only you::
LZ. [quero ver agora]
LZ. ((palmas)) bravo
and make e você me atrapalhou
LZ. ((risos)) essa o senhor me passou o tapete
CN. cê você:: bateu palma então:: ++ me atrapalhou
LZ. ((risos)) desculpa é que eu fiquei emocionada
CN. ah:: brio-brincadeira tem limite hein?
LZ. não eu num imaginei que o senhor fosse cantar essa música ++ é uma das músicas que eu mais gosto + te juro + tô:: tô arrepiada ++ muito bonita
CN. [a é?]
CN. (os Platers)
LZ. ãh?
CN. os Platers + os cantores é os Platers
LZ. [não é] [não achei fiquei emocionada foi isso ++ desculpa

LZ. escuta conta pra mim o senhor é amigo do seu Jurandir?
CN. + demais
LZ. é?
CN. + quero ele muito bem
LZ. ele vem sempre aqui ou não?
CN. + e::u e::le vem pouco aqui ++ ele tem dificuldade também de locomoção né
LZ. como?
CN. ele tem dificuldade de locomoção também
LZ. ah:: tá
CN. + ele veio aqui um dia pegou no no andador fico andando na casa inteira ++
LZ. [((risos))]
 (gozado) + eu num suporte aquele andador viu
LZ. por que não?
CN. + ah:: é chato num tem resistência pra ++ pra andar com ele
LZ. pra comer o senhor tá sentindo alguma dificuldade ou não? (...)
CN. [não nada]
LZ. eu conheci um senhor com Parkinson + que num consegue + segurar o garfo ou a colher
CN. manejar o garfo
LZ. i::sso + ele ele segura com as duas mãos + pra poder comer + o senhor é:: o senhor num tem esse tipo de dificuldade?
CN. não num tenho
LZ. o tremor foi controlado todinho com o remédio?
CN. foi controlado (olha aqui o::) ((CN. estica os braços mostrando a ausência de tremor)
LZ. qual remédio que é?
CN. uhn:: se não estou enganado (acho que é tegretol)
LZ. mas é muito pouco ++ o senhor lembra: + o senhor lembra o:: + os nomes do
CN. [ah] [(tremo um pouquinho só)]
 remédios ou não?
CN. + ah:: agora não vou me lembrar (como é que eles chamam?) Frontal + ah:: (eu tomo)
 Frontal + sou ruim pra lembrar (...)
LZ. o Sinemet o senhor toma?
CN. não ++ (incompreensível) que mais + (enquanto) num olhar escrito (incompreensível)
LZ. ué então não tem problema eu perguntei porque cada um toma um tipo de remédio
CN. [eh::]
 né então era:: mais pra eu saber
CN. + ah:: (carbohitro) e pra dormir (incompreensível)
LZ. hoje de manhã o senhor tomou qual?
CN. + tomei::: num vou me lembrar porque a minha mulher é que me dá cedo
LZ. ah tá depois eu fa + pergunto pra ela aí anoto fica mais fácil
CN. eu tenho eu tenho a relação eu dô pra você
LZ. tá bom ++ pode sê também ++ escuta a gente já tem vinte e cinco minutos de gravação
 + pra mim é o suficiente + o senhor prefere parar e a gente escreve alguma coisa + ou o
 senhor qué continua conversando?
CN. + continuar conversando
LZ. quer continuar conversando? + escrever o senhor num quer escrever nada hoje?
CN. não eu::: sou ruim de escrever viu?
LZ. por que o senhor diz isso?

CN. + eu num gosto muito de escrever ++ (...) às vezes uma carta um bilhete ++ às
LZ. [porque?]
 vezes escrever eu escrevo muito poco
LZ. pois então o senhor pode escrever isso mesmo até uma carta + ou um bilhete pro
 Lorenzo pra eu entregar pra ele + porque ele foi buscar a Juliana e a Larissa + que é::
CN. [ah]
 que é professora na faculdade + e aí o senhor escreve um bilhete pra ele
CN. + escrevo pro: pro Jurandir?
LZ. pro Lorenzo
CN. pro Lorenzo
LZ. isso se o senhor quiser escrever pro seu Jurandir o Lorenzo entrega pra ele
CN. + é:: pro Jurandir e o problema tá resolvido
LZ. tá resolvido? ++ o senhor conhece seu Jurandir da onde?
CN. + é:: da::: fono
LZ. dá fono?
CN. é
LZ. o Lorenzo disse que ele vai a igreja também num vai?
CN. (ele e a família) +++ Júlia vem cá ++ vem cá ficá perto do vô +++ (gostoso isso né)
LZ. [vem]
LZ. ela deve ser a coisa mais abençoada
CN. (incompreensível) muita bronca
NJ. tô aqui atrás
LZ. (o senhor da:) (...)
CN. + e::: isso aí é gravadora?
LZ. é filmadora
CN. filmadora
LZ. o gravador é esse aqui
CN. ah ++ agora tá certinho né ? ++ se conhece essa moça aqui?
NJ. [ó::uó::] [ai vô bati a cabeça]
GN. xi::u Júlia vem cá + Júlia
CN. + é uma gracinha
LZ. [ela é linda ++ tem uma pele linda parece um rosto de maçã + corada
GN. [vem aqui]
CN. [ah:]
CN. + saiu ao avô
LZ. oi?
CN. saiu ao avô
LZ. só o senhor de avô?
CN. saiu ao AVÔ
LZ. ah::: saiu ao avô o que + é só/ ((barulho forte de fundo)) ai que susto + saiu igual ao avô
 o senhor tá muito convencido
CN. não isso é brincadeira
LZ. ((risos)) também tô brincando com o senhor ++ escuta vamos escrever um poquinho?
CN. + vamos
LZ. um bilhete que seja + tudo bem?
CN. tudo bem
LZ. então tá bom

Sujeito JP – Primeira Gravação (Anexo 03)

Legenda:

JP. é o sujeito com lesão neurológica que integra nossa análise;

TR. é o interlocutor que está direcionando a entrevista com **JP.**;

LL. é o ajudante de TR. para a realização da gravação da conversa espontânea;

Transcrição:

TR. trinta e um de agosto de noventa e oito Jurandir Pavarini +++ agora que vai começar seu Jurandir

JP. eu vou tomar água

LL. pode falar seu Jurandir fica a vontade

JP. [((trecho incompreensível))]

TR. pode falar

LL. com licença

JP. [(incompreensível)]

TR. como o senhor passou o fim de semana?

JP. [(incompreensível)]

JP. eu posso tomar um pouquinho de água?

TR. o senhor que água?

JP. + hoje eu não trouxe a minha

TR. tá aqui

JP. + tá seca a boca que é uma (coisa)

TR. tá seca a boca?

JP. no::ssa + é remédio

LL. que hora o senhor tomou o remédio hoje seu Jurandir?

JP. + ((o p. esta engolindo água)) acho que era:: uh:: + oito e meia

LL. oito e meia?

JP. oito e meia

LL. é

TR. como foi o fim de semana onde o senhor for/hoje +++ foi na/no fim de semana?

JP. + foi muito bem

TR. é? o senhor ficou em casa?

JP. [(tudo)]

JP. + fiquei + mesmo porque eu não saio s::e a Ermínia não estiver junto

TR. ah é? s::/

JP. + to muito suaje/ muito sujeito a t/tropear + o meu caminhar que não é + perfeito como era né?

TR. ah mais

JP. e nem volta a se ((risos))

TR. mas devagar a gente o senhor vai andando o senhor não foi na casa dos filho + ou os filhos não moram aqui?

- JP.** + n::: não uh:: os casados não mora nem + nenhum aqui
TR. nenhum mora aqui?
- JP.** + nenhum + tem duas filhas + que está aqui
TR. eles moram aonde?
- JP.** uma mora no Paraná + ela veio aí ficou só uma noite ++ é muito longe + a:: + o outro
TR. [ahn:::]
mora em Santos + e o outro em São Paulo
- TR.** nossa tudo longe né seu Jurandir?
- 1JP.** [tudo longe ++ eu num tenho assim + prazer de ir + por causa da
minha situação né? + chega lá eles não podem estar dando uma atenção que eles querem
dar porque + todos lá + trabalham
TR. é
JP. + então fico em casa + é a melhor opção ((risos))
TR. a mais e a igreja o senhor não vai?
JP. na igreja?
TR. é canta uns salmos lá
JP. ((risos)) não eu não tenho ido + ultimamente
TR. não?
- 2JP.** + não porque: + começou esse problema de:: +++ Parkinson + Síndrome de Parkinson
diz que é o nome correto +++ e:: desde de então eu não uh:: +++ não gosto de sa/sai na rua
TR. ahn +++ desde então senhor não sai?
- 3JP.** + na Coronel Galdino u-uma vez +++ era nove horas da manhã fui eh:: sempre tinha um
amigo lá + que falava pra mim ir até lá e eu fui + e por pouco não caio um tombo feio viu?
+ tropecei + não cheguei a cair + ah:: então peguei não sai/não tenho saído mais
TR. [nossa]
TR. ah mais ainda bem que o senhor não caiu né?
- 4JP.** + ainda bem mesmo + eu tava/eu trabalhava num:: fazia um serviço extra +++ na
melhoramentos + e uma manhã eu vo/quando ia caí um tombo + coisa feia viu + uma
TR. [ahn]
calça:: novinha ficou toda poída aqui no joelho
TR. a é? + no::ssa
JP. [[[risos]]]
JP. + ((vozeamento gutural)) ah:: tava:: a calçada perigosa viu?
TR. ali perto da melhoramentos?
JP. é
TR. no::ssa seu Jurandir
- 5JP.** então como em casa sempre a gente tem serviço a fazer + a fazer + me dedico a isso
+++ pra matar o tempo +++ mas agora acabou +++ o serviço
TR. o senhor não está fazendo mais nada né?
JP. não estou porque::: ++ principalmente esse negó/ uh:: a fisioterapia +++ eles apertam a
gente viu?
TR. ah é?
JP. eles não querem que: +++ agora fa:: acharam bom eu inclusive + não fazer mais serviço
eh:: exercício +++ em casa
TR. [a (pra) não fazer nenhum exercício?
- 6JP.** é (que eles) +++ (acho que o) serviço lá em casa +++ é:: atrapalhava ++ <é seu
TR. [ah olha]

Jurandir não é questão de e-e-exigência mas +++ muitas vez(es) você faz o-o exercício lá choca + com outro + o exercício> + quarta-feira eu m/avisei que não ia mais né na quarta-feira +++ e o:: +++ coordenador +++ foi na sala que eu estava e falou Jurandir +++ não concordo em hipótese alguma que você saia + (vai lá) cancela agora +++ você preci/ não pode + deixar de vim aqui

TR. é + não pode né +++ é que o senhor não estava conseguindo andar naquele corredor né?

JP. + é lá e aqui ((risos))

TR. [ahn?

JP. ((risos)) lá e aqui eu não acerto

TR. ahn mas aqui eu estou pondo nas salas bem per:/próximas aqui da porta

JP. + não mas +++ é que tá difícil mesmo pra mim andar +++ lá e aqui

TR. é:?

JP. + e eu não sei o porque às vezes em casa eu-eu +++ ando bem +++ chego+++ lá ou aqui +++ não ando

TR. é que em casa o senhor já sabe onde tem que andar:: né?

JP. é

TR. tem mais segurança não é?

JP. ah sim +++ mas no fim tudo dá certo

TR. a:: tudo da certo + vamos fazer uns exercícios de voz?

JP. ahnram

TR. fazer o z contínuo fazer assim ó z:: sem usar o ar de reserva tá seu Jurandir?

JP. ahnram + é a abelha?

TR. é a abelha

((paciente realiza o exercício))

TR. isso de novo

JP. + outra vez?

TR. outra vez

JP. + hoje eu vim com uma cinta

TR. a não vem com a desculpa da cinta não ((risos))

JP. agora não tem/ lembrei na hora que estava pondo a cinta lembrei + em você

TR. senhor sempre dá a desculpa da cinta né seu Jurandir?

JP. + eu engordei muito + e todas as cintas ficaram pe-pequena ((risos))

TR. a mas aí é melhor engordar do que emagrecer

JP. + a não tenha dúvida

TR. vamos de novo

JP. [((J boceja)) tá

TR. vamos?

JP. ((exercício))

JP. continua?

JP. ((exercício))

TR. mais uma vez só

JP. + mais uma? ((paciente parece bocejar)) respirei bem

TR./JP. ((risos))

JP. ((exercício))

TR. aí está bom

JP. + (quantas) mais uma?

JP. ((exercício))
TR. aí está bom + e na quarta/quarta –feira o senhor foi na fisioterapia ?
JP. [tá b/]
TR. {ou não?
JP. {fui fui
TR. ah o senhor foi
JP. fui + fui mas com a finalidade de ++ de dar ciência pra eles né?
TR. ah:: tá
JP. + mas eu não pensei que fosse haver + aquela reação
TR. é mas é importante fazer os exercícios de fisio +++ e de fono né? de fono senhor tava pensando em parar também seu Jurandir?
JP. + não
TR. ah bom + fica sem vim aqui canta um pouco né?
JP. ((risos)) + eu gosto de vim aqui
TR. ah que bom
JP. gosto mesmo viu + vocês são muito a::tenciosas +++ é uma hora que a gente passa aqui que: não percebe
TR. que bom + seu Jurandir vamos fazer mais um exercício de voz daí a gente continua conversando
JP. uhn uhn
TR. agora vai fazer o z:: só que ataque vocal pode usa a mão como apoio tá? o faze z:: z:
JP. [uhn::]
JP. tá
 ((exercício))
TR. tá bom + tá com fôlego ein?
JP. + de gato
TR. é:: ((risos)) de gato
JP. [[[risos]]]
JP. + depois que a gente faz algun::s +++ melhora né?
TR. é olha só como a voz do senhor já deu uma melhora
JP. + hoje cedinho eu já fiz + exercício
TR. a:: o senhor/ e as poesias?
JP. + a:: de-deixei em cima das minha escrivantina
TR. é?
JP. mas li
TR. mas senhor leu?
JP. [li + ah li
TR. qual poesia senhor gosto mais?
JP. + aquela que é:: com a:: + e bem antiga
TR. do passarinho?
JP. + é do passarinho
TR. [ou da estrelinha?
JP. + é isso mesmo +++ muito bonita aquela poesia
TR. eu gosto daquela poesia também
JP. + e é bom porque é:: é do (tem)/ do tempo da gente né?
TR. eu trouxe uma da baleia
JP. + do que? da baleia?

- TR.** é + que é bem infantil também é de livro infantil mas é bonitinha também + é do estilo do passarinho
- JP.** + e::ssa da baleia parece que eu não conheço
- TR.** nã:o? + do passarinho eu já tinha ouvido fala também
- JP.** + mesmo porque:: Daniela eu tô + tô com a memória muito ruim viu?
- TR.** a mas tá melhor que a minha
- JP.** não ((risos) não esta (não) ((risos))
- TR.** minha memória também ó::ssa
- JP.** + hoje eu tossi muito
- TR.** o senhor tossiu?
- JP.** tossi
- TR.** na ho +++ /quando?
- JP.** hoje
- TR.** na hora do almoço?
- JP.** + desde manhã
- TR.** ué +++ de afogar com a saliva? que que foi?
- JP.** +
- TR.** ou com o alimento?
- JP.** [eu não s-sei +++ eu não sei o que ocasionou viu?
- TR.** ou o senhor acha que tá pegando um resfriado?
- JP.** + poderá ser viu?
- TR.** foi de engasgo ou só tosse mesmo (aquela tosse) de resfriado
- JP.** [não (num) + não foi engasgo não
- TR.** não?
- JP.** eu tenho observado bem viu?
- TR.** é? + senhor não tem engasgado?
- JP.** + como?
- TR.** senhor não tá tendo assim tosse durante a alimentação?
- JP.** + não + é interessante que:: +++ dá a tosse + e aí pára dep/passa um bom período + e torna a dar
- TR.** ah:: tá
- JP.** + mas eu vou ++ eu vou consegui ba:: + combater a tosse
- TR.** ah é senhor tem + às vezes tomando uma vitamina
- JP.** + é o:: o Edivar + eu tive lá + acho que eu te falei né?
- TR.** ahn ahn
- JP.** e ele falou que:: falô eu vou + arrumar vitamina pra você
- TR.** é bom toma vitamina
- 7JP.** [é + e:: tá:: de telefo/ele precisa agora telefonar lá em casa quando chegar + o remédio + lançamento + pelo menos o convite é muito bonito + o laboratório que vai vende esse remédio é + (assim) de São Paulo + e fez um convite bonito co-convidando +++ as pessoas ligada à saúde né + pra comparece lá
- TR.** ah tá
- 8JP.** (1.37) é eu falei pro: + Edivar + eu falei ah vamos lá você como meu médico e eu como paciente ((risos) + e ele disse eh:: ele falou ó Jurandir +++ tem uma amostra
- TR.** [é ((risos))]
- ai + mas não veio a bula né? ele falo eu não sei qual +++ é o efeito colateral + muitas
- TR.** [ahn]

vezes pra você não pode

TR. ah é tinha que ver

9JP. é + ele falou olha eu:: tão logo chega eu te telefono né? eh:: você vem aqui + to:mara que dê certo viu?

TR. tomara que dê

JP. [encaminhando + q/ eh:: que eu possa caminhar melhor + já tá bom

TR. o que tá mais difícil pro senhor é caminhar né seu Jurandir?

JP. [ahn-ahn olha + ta/ só o que eu sinto do Par:: ++ do Parkinson é isso + é o caminhar

TR. [é]

TR. {no::ssa

10JP. {lá eles cada quarenta e cinco dias muda a turma né + e eles perguntam + o que eu mais desejaria ++ no momento + falei olha em primeiro lugar é o caminhar ++ ele falou e a outra ++ (eu) falei acerta na esportiva

TR./JP. ((risos))

TR. ah essa eu também queria + vamos fazer mais um exercício seu + Jurandir + fazer minimi em escala tonal + fazer miniminimini ((a T. dá o modelo do exercício))

JP. ((J tenta com dificuldade iniciar o exercício))

TR. ó miniminimi ((a T. dá o modelo novamente))

JP. ((J realiza o exercício))

TR. vamos de novo ó mais faz bem grosso ó

JP. [vou fazer]

((T demonstra o exercício))

JP. esse meu grosso é a minha diferença viu ((risos))

TR. a mas senhor + consegue

JP. ((J continua o mesmo exercício))

TR. aí saiu bom

JP. + eu dizia eh:: + para a Bete + não fica bem pessoa de idade + ter voz fina ((risos))

TR. [ah ((risos))]

TR. ah: a Bete falou

JP. [quer que faça outra vez (hein)?

TR. oi?

JP. + a Bete falou?

TR. falou falou ah eles vão reclamar de fazer voz fininha viu?

JP. + como?

TR. eles/a Bete falou que o senhor ia reclamar de fazer voz fininha

JP. + é: ((risos)) é chato

TR. [é ((risos))

TR. a que nada se é/se é bom pra voz

JP. é

TR. e a voz fininha o senhor faz em casa também?

JP. a voz fina?

TR. é

JP. faço

TR. faz?

JP. faço

TR. a então tá bom

JP. + eu não +++ eu nã/não descuido do uh:: uh:: desse assunto porque + afinal o:: respon/ o:: + beneficiado sou eu

TR. é

JP. não há porque fazer relaxadamente

TR. tem que fazer sim + tem que fazer sempre que o senhor lembrar + tá fazendo o exercício + hora que o senhor ta:: ta fazendo alguma coisa que dê pro senhor fazer o exercício

JP. [ah ((som gutural))]

junto

JP. exatamente

TR. é?

11 JP. + de manhã eu + pego já a prancheta e faço + esses exercícios facial né +++ e faço + desid/principalmente nesse horário a voz parece que é melhor + tô descansado ++

TR. é

JP. + aí eu faço

TR. [o senhor acha que de manhã é melhor a sua voz?

JP. + eu acho

TR. é?

JP. + canto um pouco +++ esses dia eu tava caminhando + (mas)

TR. [aonde o senhor caminha?

JP. + no corredor da minha casa + dá: vinte e cinco + quase trinta metros + e eu

TR. [nossa é grande]

Coloquei + corrimão

TR. a que bom

12 JP. fiz corrimão porque + pra não correr: perigo né de + quando eu me sinto bem não pego no corrimão + e eu tava fazendo exercício também de bicicleta + acharam que: devia parar um pouco

TR. ah o senhor tava de/fazendo de bicicleta?

JP. + tava

TR. mas não era + eh + cansava a perna do senhor?

JP. + não não cansava

TR. não?

JP. + não cansava não

TR. foi os/o fisioterapeutas que pediram pro senhor parar?

JP. + foi

TR. que que eles falaram + [(era pior?)

13JP. [experimental + (falaram pra mim) vamos cancel: + cancelar todos os exercícios em casa + e: um período aí mais ou menos + de quinze vinte dias + (e) ver se + houve prejuízo nisso ++ a gente faz uma:: + avaliação + mas e-eu acho que eu n:: + não me/

TR. [ah ta]

não me incomodava não

TR. não? e o senhor achô + que melhorou piorou depois que parou?

JP. acho que ainda não deu pra (acerta) né Daniela/né: + fazem + oito dias mais ou menos

TR. ah faz oito dias + pouquinho né?

JP. [porque eu fazia/]

14 JP. [é pouco + então:o + no e:: no dia eu falei olha e::u faço + realmente + bastante + porque-re é uma meia hora (viu) + aí (eles falaram) não + abaixa pra vinte mi:: eh:: sete minutos + ficou então/ eu fiz (esse) não senti absolutamente nada + mas eu tenho que: cumprir a::: + a ordem deles né?

TR. é depois da avaliação né eles vêm (isso) se foi melhor ou pior parar

JP. [é]

TR. vamos fazer mais um exercício seu Jurandir + fazê assim ó z em escala tonal seria z::: ((T dá o modelo do exercício))

JP. + é o corpo de bombeiro?

TR. é ((risos)) + só que é com o z com o z de abelha ó z::: ((T demonstra o exercício)) + opa + deixa eu respirar também + ((T continua a demonstração do exercício))

JP. [((risos))]

JP. + vou tentar

TR. toma água

JP. + ((J esta tomando água)) desculpe viu? ((risos))

TR. porque não pode toma água toma água é bom

JP. + vou uh:: ver se tento fazer logo na primeira

TR. então tá

JP. ((exercício))

TR. o tenta fazer o z primeiro ó ((T exemplifica novamente o exercício))

JP. +to achando que vai ser difícil

TR. a:: a semana passada o senhor conseguiu fazer

JP. pois é

JP. ((exercício))

TR. isso + faze mais um pouquinho

JP. + é:: + mais?

TR. mais um pouquinho

JP. ((exercício))

TR. tá bom

JP. o fôlego tá curto

TR. oi?

JP. + o fôlego tá meio curto ((risos))

TR. (af) respira um pouco daí o senhor vai de novo

JP. + ((respirando)) eu trouxe a rolha

TR. senhor trouxe?

JP. + (incompreensível) + deixei em cima da mesa também + caramba + vou tentar fazer melhor

TR. tá bom

JP. ((exercício))

TR. tá melhor já

JP. + tá melhorando?

TR. tá melhorando ó + vamos faze primeiro o grosso ó z::: ((T exemplifica o exercício))

JP. + ((J parece estar bocejando)) (é z) ((exercício)) não tá bom não

TR. tá bom + depois a gente faz outros tipos de exercícios

JP. {caramba

TR. {vamos fazer um outro seu Jurandir? +++ fazer assim ó ((exemplo do exercício)) o joga tudo o ar assim + entre o nariz e a boca

JP. [ahn]

TR. ((exemplo do exercício))
 JP. ((exercício) hu:::m a:: + hu:::m e:: + hu:::m i:: + hu:::m o:: + hu:::m i/ eh u:::))
 JP. + errei né?
 TR. tenta mastigado agora ó ((exemplo do exercício))
 JP. a mastigado?
 TR. é
 JP. ((exercício))
 TR. aí melhorou né foi melhor do que o sem ser mastigado + vamos fazer de novo?
 JP. + u esse o a mesmo né? + as vogais
 JP. ((exercício))
 TR. aí + saiu melhor né com o m mastigado?
 JP. saiu + sinto que podia se um pouco mais alto né?
 TR. é que faze de novo? vamos fazer de novo
 JP. ((exercício))
 TR. ó + saiu bem melhor do que a primeira vez que o senhor fez
 JP. saiu melhor né?
 TR. saiu
 JP. + eu acho que to precisando tomar umas gemadas
 TR./JP. ((risos))
 TR. é gemada faz bem pra saúde
 JP. só que na terceira ou quarta enjoa
 TR. a::ssa enjoa mesmo
 JP. i + ontem a minha filha f-fez exercício lá em casa
 TR. a é ?
 JP. ela é essa do Paraná + ela tá fazendo Fono lá
 TR. ah ela tá fazendo lá?
 JP. tá
 TR. em que faculdade lá?
 JP. + ela mo/ ela é:: + trabalha na Tevê Bandeirantes
 TR. a::h
 JP. + e tão os dois fazendo
 TR. olha só
 JP. + estão ficando bem bons viu?
 TR. é:? + e ela deu exercício pro senhor fazer?
 JP. + na hora do almoço se::: + apareceu o papel lá + que nós (ta) fazendo
 TR. é: + qual o tipo de exercício que ela deu pro senhor fazer?
 JP. + o minimini + o spá + aquele das: + dos nomes
 TR. [a/]
 TR. dos nomes? eu já fiz pro senhor?
 JP. [é]
 JP. é?
 TR. esse daí eu já fiz com o senhor? porque o spa e o minimini eu já fiz
 JP. [não num fez] [não fez]
 TR. {qual que é esse do nome?
 JP. {aquele que põe a rolha + aquele que põe a rolha na + aqui nos lábios
 TR. ah: tá
 JP. (2.07) aquele lá é bom pra fazer +++ e tem mais um + ((J faz o exercício)) + ah não +

((J demonstra outro exercício))

TR. faze o a fi/prolongado?

JP. é

TR. hum:

JP. + além desse tem mais um parece +++ tem mais +++ só que preciso tá com a relação na mão porque senão

TR. ah mas são exercícios que a gente faz aqui né?

JP. + ah sim

TR. S:PA + Né + SEM SPA ++ SPA

JP. [spa ((volume reduzido))] [é]

JP. + eu tô bem + esses de movimentação de lábios né? + também eu faço todo dia + limpar + varredura

TR. isso

JP. + a:: língua tr::: ((J faz o exercício)) demoro pra fazer viu?

TR. ah esse é difícil

JP. no::ssa + mas é um dos melhores ein?

TR. é o senhor consegue fazer?

JP. [(que os lábios)]

JP. +a: consigo

TR. então faz pra mim ver

JP. + o da língua?

TR. é

JP. + nu:m foi fácil no começo

TR. eu não consigo vibrar a língua + pra falar a verdade

JP. + ((tomando água)) não é? + ah é que vocês são muito modest(o)s

TR. eu não consigo mesmo ((risos))

JP. [((risos))]

JP. ((J faz o exercício de vibrar a língua))

JP. o começo sempre é bem mais difícil

JP. ((J continua tentando fazer o exercício))

JP. a se vê como desmoraliza a gente + falei que sabia e depois ((risos))

JP. ((tenta o exercício novamente))

JP. vou fazer dos lábios primeiro

JP. ((exercício))

JP. muito pouco

JP. ((exercício))

JP. tá saindo muito pouco

JP. ((exercício))

TR. a mas tá bom + eu eu do lábio eu consigo mas da língua não

JP. + não?

TR. não

JP. + eu consigo bem ++ agora::

TR. a mas tenta

JP. ((risos)) ((exercício))

TR. [aí seu Jurandir

JP. ((J continua fazendo o exercício)) ((risos))

JP. isso é a idade

- TR. imagina ((risos))
 JP. ((risos)) ((exercício))
 TR. aí esse saiu bem
 JP. (1.37) saiu mas eu queria que saísse um pouco melhor ((risos))
 TR. ah então vamos fazer de novo
 JP. ((exercício))
 JP. aí acho que eu vou ficar devendo
 TR. a mais saiu bem aquela hora
 JP. [((incompreensível))]
 JP. é já tinha melhorado ((incompreensível)) +++ tem outro que eu faço +++ aquele da::
 uh:: cardeais
 TR. a sei
- 15 JP. + aquele primeiro que eu fiz uh:: fui muito bem + a Lis falou ai eu não consigo fazer seu Jurandir senhor fez prime/ o primeiro + (falei a) não sei porque viu
 TR. a sua filha é casada?
 JP. + essa que mora no Paraná é casada
 TR. é ? e ela e o marido tão fazendo fono?
 JP. + os dois
 TR. no::ssa que interessante
 JP. e a outra faz aqui
 TR. ahn:::
 JP. + lá na ++ Unimar
 TR. a ela faz fono também?
 JP. faz
 TR. então senhor tem duas filhas que faz fono?
 JP. + duas filhas
 TR. olha duas filhas e um cunhado + e o senhor tá bem ein seu Jurandir?
 JP. [((risos))]
 JP. + até que não to muito mal não viu ((risos))
 TR. é:::
 JP. ((risos)) é de filhos + tô bem sim+ todos filho mui/
 TR. [tem fono pra todo lado ein?
 JP. todos filhos muito bons viu
 TR. que beleza seu Jurandir
 JP. + o caçula até veio aqui:: + em:: quinze dias ele veio duas vezes
 TR. é ele faz o que?
 JP. + ele é:: delegado
 TR. {a é delegado?
 JP. {em São/ São Paulo
 TR. nossa São Paulo deve ser difícil não?
- 16 JP. + mai me aborreceu tanto + porque São Paulo é um lugar muito difícil pra trabalhar né + eu trouxe ele pra ca e a noiva mando levo ele pra lá
 TR. a:: + ele foi atrás da noiva?
 JP. + foi
 TR. e a noiva não gosta daqui de Marília?
- 17 JP. + ela gosta pra vim aqui ela gosta +++ mas pra morar eu acho que não porque ela tem um emprego muito bom

TR. ahn ela faz o que?
JP. + é:: + programação
TR. de computação computador?
JP. [de computação é
TR. uhn
JP. ganha mui/ ganha só o dobro dele
TR. no::ssa
JP. + o apartamento o pai deu pra eles morarem +++ ele entrou muito novo entrou com vinte e três anos
TR. é?
JP. + me preocupou demais
TR. a:: mas agora tá bem né?
JP. + é agora esta
TR. é o que importa né + que esteja gostando se ele não gostasse ele ia volta né seu Jurandir
JP. + a sim
TR. vamos tentar falar com a espátula seu Jurandir? + ó é essa aqui que é a nova a baleia
JP. [ahn:::]
TR. {ó bem fininha + tá essa
JP. {é a altura da::
TR. é a altura da rolha
JP. + da ro/ a rolha é um pouco mais alta
TR. é?
JP. bom mas não tem importância você que tá
TR. senhor quer que eu que eu ponha mais uma? + que aquele dia tava com bastante
JP. [tá bom]
TR. acho que assim dá né?
JP. [tá bom]
TR. ó + quer por o senhor? + pode segurar com a com a mão se o senhor quiser
JP. [pode?
TR. pode
JP. + vou ler aí? + Daniela
TR. vai ler + senhor quer que eu erga?
JP. + pode por um pouquinho mais longe + tá ótimo
JP. ((exercício de leitura))
JP. (ta bom?)
TR. tá jóia + mas do passarinho é mais bonita né seu Jurandir?
JP. [é
TR. {aquele o passarinho canto na roseira do jardim
JP. {é mais bonita
JP. você sabe de cor ela?
TR. a só a primeira parte eu também não tenho boa memória não+ é mais bonita que essa né eu
JP. [((risos))] [é]
acho + mas essa aqui + depois se o senhor quiser eu trago a semana que vem + esqueci hoje de novo de fazer duas
JP. (0.75) eu vou ah:: você tem coa/ uh:: o original daquela que:: + que você me arrumou?
TR. [qual?]

TR. {tenho
JP. {do passarinho
TR. senhor queria o autor?
JP. + não
TR. não?
JP. + aquela outra uma que eu te:: que era daqui também era o Drumond de Andrade né?
TR. qual?
JP. ((som de alguém batendo na porta)) (1.71) o nome + não to lembrado +++ ta terminando?
TR. tá tá terminando + vamos fazer mais um exercício daí o senhor lê de novo pra gente: +
TR. finaliza + tá bom?
JP. + então ta::
LL. olá?
TR. olá + dexa eu só fazer + fale esse aí
JP. { (pera aí) ((trecho incompreensível))]
LL. { tá bom
JP. + a:: leitura desse aqui Dani?
TR. é mas vamos fazer o z contínuo ó ((exemplo do exercício))
JP. ((exercício))
TR. bom tá bom
JP. ((risos))
TR. então vamos ler esse daqui
JP. + o doutor Edivar mandou eu::: + que eu vá lá no oculista
TR. é: tá difícil do senhor ler?
JP. + é::: + o Parkinson ele já/já a-atinge a v/ ++ vista + a visão
LL. [a visão?
LL. é?
JP. + é uma pena porque eu não queria mais + me/mê + mexer com óculos ((risos))
JP. ((exercício de leitura))
TR. isso
JP. + é pena que ela não ouve essa homenagem né?
LL. não ela não ouve e não entende
JP./LL. ((risos))
TR. tá bom
JP. + foi muito bom
TR. então tá bom
LL. senhor gostou senhor Jurandir?
JP. gostei
LL. é? + se sentiu incomodado aí com o microfone ou não?
JP. [(((trecho incompreensível))]
JP. + não
LL. não?
TR. até esqueceu né seu Jurandir ((risos))
LL. [é
JP. ah ignorei hoje o microfone aqui
JP./LL./TR. ((risos))
LL. então tá bom

JP. + agora espero vocês uh:: + depois da manhã em casa

LL. tá certo + então a gente vai:: ás dez e meia

JP. ás dez e meia?

LL. isso + então a gente é:: a gente faz o seguinte + senhor arruma um lugar que é confortável pro senhor sentar e que a gente pode por o microfone perto

JP. {é tá bom

TR. {não tenha barulho de rua né?

LL. é assim que não tenha barulho de rua

18 JP. + ah: mas lá em casa o barulho é:: + mas nossa + porque a Pedro de Toledo é muito

LL. [ahn]

movimento + com essa mudança de mão aí ainda + mas eu tenho uma sala lá que não faz

LL. [ahn] [uhn]

barulho não

LL. tá bom

JP. + i:: vão o quanto precisar

LL. a gente vai mesmo o senhor não sabe o que o senhor tá falando

LL./JP. ((risos))

JP. estamos lá as ordens viu

LL. ah obrigado seu Jurandir

Sujeito JP – Segunda Gravação (Anexo 04)

Legenda:

JP. é o sujeito parkinsoniano que integra nossa análise;

LZ. é o documentador que está direcionando a entrevista com **JP.**;

EP. é a esposa de **JP.** que participa da gravação da conversa espontânea;

JN. é a terapeuta de **JP.**;

FP. é a filha de **JP.** que participa da gravação da conversa espontânea.

Transcrição:

((sobreposição de vozes – incompreensível))

LZ. (o rec e tudo)

JP. [(incompreensível)

LZ. [o senhor vai querer passar perfume?

EP. ((risos))

JP. ++

LZ. vai?

JP. ainda tenho de pedir pra ela

LZ. ah:: tem de pedir ((risos))

EP. então passa bem porque depois quando elas forem ver o filme vão sentir o cheiro e vai ter saudade de você ((risos))

JP. + mas é isso que eu quero

EP./LZ./JN./ JP. ((risos))

LZ. [a::cha

LZ. o senhor conheceu bastante fono lá na clínica seu **JP.**?

JP. + uh:: se eu faço?

JN. se o senhor conheceu bastante fono lá

JP. + no::ssa demais ++

LZ. seu **JP.** está dando problema aqui aperta stop lá **JN.** fazendo favor ((parada para ajuste da filmadora))

LZ. eu não sabia o pior é que eu não sei mexer nesse negócio não ++ porque que o senhor está quieto?

JP. ++

LZ. está olhando pra **JN.** por quê?

JP. ++

EP. pode conversar bem ((risos))

JP. + pode conversar?

LZ. está emocionado
JP. + demais
LZ. por quê?
JP. ++ com vocês qualquer um se emociona
LZ. ah::: que declaração
JP. a bondade é muito grande
LZ. bondade?
JP. bondade atenção ++ [incentivo
LZ. o senhor não me viu [brava
LZ. incentivo?
JP. e acho que nem vou ver brava
LZ. por quê?
JP. ãh?
LZ. por que não?
JP. + porque todos dali não são bravos
LZ. não?
JP. não
LZ. a JN. é
JP. { não é não
EP. { com essa carinha
JN. deixa o senhor não fazer as coisas direito que o senhor ver seu JP vou ficar brava
JP. + e::u vou esperar isso pra ver ((risos))
JN. o senhor vai vai deixar de fazer os exercícios para me ver brava é?
JP. + não deixar eu não deixo ++ não totalmente como deveria se/ fazer né ++ mas eu procuro aproximar
JN. então o senhor não vai me ver brava mesmo
JP. ((risos))
LZ. a JN. + se ela pudesse assim + andar com + com uma nuvem num pé e uma nuvem no outro + de tão calma assim
EP. [ê beleza]
LZ. ela anda na mansidão + o senhor (...)
JP. [(puxa vida) + é bem próprio do estado dela né? + (...)
LZ. [da onde o senhor é?
JP. [mine-mineiro
LZ. a JN. é mineira e o senhor?
JP. sou de Colina
LZ. Colina?
JP. São Paulo
LZ. fica perto da onde?
JP. + m:::mais perto de:: Barretos ++ Bebedouro
LZ. ah:: a terra da laranja
JP. terra + da CUTRALE
LZ. é verdade e o senhor trabalhava no que lá seu JP.?
JP. eu vim de lá com cinco anos de idade
LZ. ah:::
JP. + fazem ++ 71 + que estou aqui
LZ. e já e de lá o senhor veio direto pra cá?

JP. direto
LZ. e o senhor estudou fez alguma::? +
JP. eu sou:: semi-analfabeto ++ de pai e mãe ((risos))
LZ. de pai e mãe ((risos))
JP. não foi tudo aqui + né EP. + só fiz o primeiro grau
LZ. só? o senhor é um privilegiado
JP. + por que? será?
LZ. são poucos os que têm condição de fazer pelo menos o primeiro grau
JP. + se::-será?
LZ. + com toda certeza sabe por quê? + tem alguns outros que:: que eu + conversei para fazer entrevista + só o seu Célio + que pôde estudar um pouquinho mais + e agora o senhor os outros não
JP. ((riso)) ++ e i::sso me:: dificultou muito a:: exercer o cargo que eu + exerci
LZ. exerCER?
JP. o cargo que eu + que eu exerci
LZ. qual que é o cargo?
1JP. eu fui agente do IBGE [++] todo + tempo + praticamente aqui em Marília ++ trabalhei só
LZ. [ah::]
um pouquinho em:: Pompéia + e:: Quintana + e aqui foi (quase quanto?) 25 anos né EP.?
LZ. e o que que o senhor fazia lá? o que que é isso?
JP. + IBGE::: + é o que se fala sinônimo de mentira + é:: estatística
JN./EP. ((risos))
LZ. cuidado que está gravando hein
JN./EP. ((risos))
JP. está? então limpa aí ((risos))
JN. nã::o agora vai deixar ((risos))
2JP. + eh:: estatística uh:: + estatística porque o pessoal + o:: informante na hora que ele quer os dados ele que::r ele quer como que ele quer + e não como é + e na hora de fornecer ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito:: ++ massante
LZ. toda vida o senhor trabalhou lá?
JP. toda vida único emprego
LZ. no:ssa
JP. aí:: ++ (...) (incompreensível) que é pouquinho a aposentadoria né [+] num tenho saudade
LZ. [hum hum]
LZ. não?
JP. não tenho nem um pouco
LZ. o que que o senhor faria se fosse hoje? se o senhor tivesse condição o que que o senhor faria?
JP. + eu ia montar uma firma de marceneiro
JN. o senhor gosta seu **JP.**?
JP. demais ++ eu tenho uma officininha aí no fundo ++
LZ. [ah::]
LZ. e o senhor chegou fazer alguma coisa assim ou não? + na oficina do senhor?
JP. + conserto de:: principalmente de casa eu faço tudo ++ conse:::/ um pouco de eletrecidade + um pouco de encanamento
LZ. [ah:]
LZ. mas e de marcenaria mesmo?

JP. + é:: só esse serviço:: corriqueiro né +++
LZ. como corriqueiro?
JP. + como corriqueiro? + conserto um:: guarda-roupa + faço:: + alguma peça que tem vontade de fazer
LZ. o senhor que fez esse banquinho aqui?
3JP. + não e::sse aí não ++ coloquei essas dobrinhas aqui ++ tem algumas peças lá no fundo ++ vou fazer uma gaveta aí embaixo desse:: + estou com a esperança de fazer né ++
LZ. [o senhor que]
LZ. aonde?
JP. aí aí aí embaixo da cama ++ quando ficar pronto eu vou te chamar pra ver
LZ. oh::: que eu venho
JP. vem sim ((risos))
LZ. o senhor sabe de onde eu sou?
JP. + onde:?
LZ. da onde eu sou
JP. não sei
LZ. o Lourenço não disse?
JP. + de onde?
LZ. + o Lourenço?+ não disse para o senhor de que cidade que eu que eu vim?
JP. num falou
LZ. só pra conhecer o senhor
JP.+ verdade? ++ e você eu já conhecia hein
EP./JN./LZ./ ((risos))
LZ. conhece e não (precisava conhecer)
JP. de onde você é?
LZ. de São José do Rio Preto
JP. num diga
LZ. o senhor conhece lá?
JP. conheço + (...)
LZ. quente ou frio?
JP. namorei lá
JN. já morou lá?
JP. namorei
LZ. namorou?
JP. namorei ((risos))
LZ. por isso que ele olhou pros lados
JP. foi ((risos))
JN. ah:: ((risos))
JP. e você é de lá então é?
LZ. eu sou
JP. boa cidade viu + maior que Marília
LZ. [lá é]
LZ. i::xi lá é grande + Marília não cresceu muito ++
JP. [e::]
JN. a dona EP. é de lá seu JP.?
JP. é de São Paulo

JN. de São Paulo
JP. + nasceu e criou + criou u:: só saiu pra casar ++ e muito:: e muito bem
JN. [e como que +
JN. como que f:: ((risos)) ah:: modéstia à parte muito bem
JP. [modéstia à parte ((risos))
LZ. eh:: como que o senhor conheceu + a esposa do senhor?
4JP. + num congresso de:: ++ ah não o irmão dela morava aqui [++] ele era pastor ++ por
LZ. [ah::]
sinal e::ra uh:: ele era muito ligado à faculdade: de vocês + [ele:: foi o autor da:: criação] +
da faculdade ++ ele e o prefeito da época foram no Rio de Janeiro várias vezes + pleitear a
criação + naquele tempo era o:: Juca do Alves + o presidente + ele tinha muitas pessoas
envolvidas né + ele conseguiu a criação + (da atual) filosofia + nos anais aí deve dar::
deve dar:: o nome dele + Álvaro Simões
JN. umhum
LZ. como?
JP. Álvaro Simões
LZ. Álvaro Simões
5JP. + e depois a gente começou a:: querer namorar em:: São Paulo + nós tivemos um congresso
em:: + lá no Mackenzi + e a portuguesa conseguiu me conquistar (heim) ((risos)) ++
LZ. [uhm]
LZ./JN. ((risos)) ++
LZ. é portuguesa?
JP. + é::: portuguesa ((risos))
LZ. o meu é português
JP. ++ num vou falar mais nada não
LZ. ((risos))
6JP. viu ++ que que o Nabuco ah não não foi o Nabuco não que falou + foi o douto::r ++
delegado:: uh:: + <português é inteligente mesmo> ((risos)) agora eu num vou falar nada
porque o pai dela o pai dela:: é por:: o pai? (...)
LZ. meu marido
JP. + ah:: (agora eu vi o) a aliança mas + pensei que fosse noivo
LZ. não noiva é nessa mão
JP. + ah ce - certo
LZ. eu sou recém-casada
JP. {ele portuguesinho + agora você é:: descendente de português + mas eu não sou não
LZ. não?
JP. gostaria até de ser viu ++ ((risos))
JN./LZ. (risos)
LZ. o senhor é brincalhão né? +++ que (...)
JP. [é:: deveria se::r como antes
LZ. como assim?
JP. + ah o Parkinson tira muito a:: + a alegria da gente
LZ. ih::: [imagina que tira
JN. [imagina
LZ. não estou vendo nada de desalegria aqui não
JP. + ih (mas olha) (...)
LZ. o senhor era mais (...) do que isso?

JP. [(incompreensível)]
JP. no::ssa era mais
LZ. então o senhor era triste?
JN./EP. ((risos))
JP. como?
LZ. o senhor era triste de tão alegre o senhor era TRISTE TERRÍVEL (...)
JP. demais demais + me ajudou muito a:: vencer isso
LZ. que bom + o senhor sabe alguma piada de português?
EP. ((risos))
JP. + e::u já ouvi muitas mas num (guardo)
LZ. não? eu também num sei contar piada + eu até sei a repostas mas eu num sei contar a piada ((risos))
JN. eu menos ainda
7JP. eu tenho um primo que pra contar piada uh:: de português eu nunca vi coisa igual + uma das que eu gostei muito mas marcou (mesmo) ele fala ++ <um português ++ passou nu:: numa padaria (não sei o que lá) e perguntou + onde é que ficava tal lugar + o português explicou olha + o senhor vai + quinhentos metros pra cá e volta mil e oitocentos cá> ((risos))
JN./LZ./JP. [((risos))]
 ((risos)) a gente morre de rir viu + porque ele imita o português muito bem + <então o senhor desce quinhentos metros aqui e depois volta mil e oitocentos de novo> ((risos)) ele olhou pro/ ah eu não entendi nada vou embora ((risos))
LZ. a senhora é descendente mesmo de de português?
EP. [eu? os meus pais eram
LZ. da onde eles eram?
EP. o:: papai era parece que (Vilarinhos) + né e a mamãe era de Coimbra
LZ. [ãh]
 (JP. continua conversando com JN., mas a sobreposição de vozes torna o trecho incompreensível)
LZ. de Coimbra? minha sogra é de:: da Ilha da Madeira
EP. a mamãe veio com dois anos para cá né então ela pode ser considerada como brasileira né
LZ. ãhã
EP. papai veio com vinte e seis anos porque (incompreensível)
LZ. ah tá
JN. quer mais ? (voltando-se para JP.)
LZ. e o senhor? é descendente do que?
JP. + m::eus avós eram italianos +++
LZ. [ah::]
EP. por parte de pai
JP. por parte de pai + de mãe é:: ++ é:: baiano + mas a minha mãe diz que não tinha culpa disso ((risos))
EP. ((risos))
LZ. ele era o que? que eu não entendi?
JP. + (e::) ((volta-se para EP.))
EP. descendente de baiano mas a mãe dele dizia que não tinha culpa disso ((risos))

JN. e o seu pai era descendente do que seu JP.?

JP. italiano

LZ. Jesus amado ((risos))

JP. Jesus ((risos))

EP. é a (língua) das nações aqui em casa ((risos))

LZ. acha que pode?

EP./JN./JP. ((risos))

LZ. muita maldade isso ((risos))

JP. ((risos))

EP. o pai dela era português mas o o pai filho de português o pai dela + e a:: o lado da mãe eram:: baianos

LZ. e o e o nome dos pais do senhor? qual era?

JP. + Antônio P.

LZ. e da mãe?

JP. + Ema (S.) P.

LZ. Pavarin?

JP. PavariNI

LZ. NI?

JP. NI + é gente boa viu ++

JN. o senhor é modesto hein seu JP.

EP. ((risos))

JP. por parte da minha mãe agora da parte do meu pai ++ (risos)

LZ. ele olha assim de rabo de olho pra ela + e conta outra coisa como que era o trabalho do senhor lá lá no IBGE? o senhor disse que era cansativo tudo mas o que que o senhor fazia lá?

JP. + coleta de dados

LZ. na rua?

JP. + é:: junto ao informante

EP. licenciamento

JP. +++ fala + fazia de toda a toda a:: área de educação + eh agricultura + comércio + indústria +++ o que mais? ((volta-se para EP.))

EP. recenseamento

JP. + recenseamento era (mais pra adiante) ++ muito cansativo viu ++ ge - ge - geralmente quase todo funcionário de lá aposentava + Pirado ((som da campanha))

LZ. e o senhor?

JP. eu saí semi pirado ((risos))

EP. ((risos))

JN. semi? ((risos))

LZ. o senhor nunca fez outro tipo de atividade assim? porque o seu Célio disse que fazia:: como é que fala? + fazia esporte + nadava + o senhor num fazia nada disso?

JP. nunca +++

LZ. nunca nunca?

8JP. + nunca porque na:: na:: bom na infância + eu morei na:: na lavoura né + até os:: + dez anos +

LZ. [((espirro))]

EP. [saúde]

LZ. [que assim seja]
nós chegamos aqui no aí:/ no aniversário de:: ++ uh: foi:: quan - quando instalou o município + fez setenta e um anos agora né + dia quatro + foi quando nós chegamos aqui em Marília ++ eu tinha:: s::eis anos de idade + com isso eu falei minha idade pra vocês

JN. ((risos))

LZ. mas isso é segredo de estado num sai daqui

JP. não sai?

LZ. não

JP. obrigado ((risos))

LZ. não há de quê ((risos))

JP. + e:: nós ficamos na lavoura até::: + 1940 +++ fiz o curso primário n::esse distrito + Avencas (...)

LZ. ah::: em Avencas

JP. [u:] lugar bonito ++

LZ. eu nunca fui mas dizem que é muito bonito mesmo + principalmente quando é lua cheia

JP. quê?

LZ. dizem que é muito bonito + principalmente quando é lua cheia

JP. + ((risos)) por quê?

LZ. não sei já me falaram isso + que lá é muito bonito

JP. [acho é::

JP. + é: o (panorama) que tem nela

EP. é né

JP. + cê + ce não gostou aquele dia? (voltando-se para a esposa)

EP. eu gostei

JP. + eh::: mas lá é um/

LZ. { vocês foram lá

EP. ãh? fomos passear esses dias lá

LZ. ah:::

JP. + lá tem o panorama muito bonito viu ++ e:: o:: distrito naquela época era super popu/ populoso

LZ. qual que é a diferença de populoso e povoado?

JP. ++ populoso é::: s/s + é super povoado ++ porque lá dentro naquele tempo a gente

LZ. [o senhor trabalhou no] considerava éh s – su/ populoso (incompreensível)

LZ. [te peguei de calça curta agora ó::: o senhor trabalhou tudo esse tempo lá no IBGE e não aprendeu?

JP. + vou::: vou aprender agora

LZ. num vai porque eu também num sei explicar ((risos))

EP./JN. ((risos))

JP. ((risos)) você fala

LZ. eu ((risos)) (...)

JN. eu acho que é populoso quando é::: o número de habitantes total e povoado é o número de habitantes por quilômetro quadrado

LZ. está vendo que primor de menina

EP. [falou e disse

- 9JP.** é porque agora (pode) pode ser considerado povoado lá ++ o êxodo:: rural foi muito grande ++ e é uma curiosidade lá:: ma:: a maior população + não a maior mas acredito que quase que 90% + eram japoneses + aprendemos muito com japonês viu?
- LZ.** o senhor aprendeu a falar japonês?
- JP.** + esqueci ++
- JN.** ((risos))
- JP.** logo aquele povo de lá
- EP.** ((risos))
- JN.** mas aprendeu?
- JP.** + eu convivia muito com japonês ++
- LZ.** o que que o senhor fazia lá na lavoura?
- JP.** + enganava
- LZ.** gente do céu ele não conversa sério
- JP.** ((risos)) [o meu pai me falava que eu era muito preguiçoso]
- JN.** ((risos))
- LZ.** ((risos)) o senhor não conversa sério
- JP.** ((risos))
- LZ.** o senhor plantava + que tipo de plantaçoão que era lá?
- JP.** bom a principal cultura:: na época era + algodão ++ Marília foi a cidade que mais produziu algodão ++
- LZ.** verdade?
- JP.** verdade
- LZ.** porque agora tudo o que o senhor fala eu tenho que confirmar porque::
- JP.** + ah eu con:: - confirmo + eu tenho uma:: monografia aí eu vou te mostrar + fui eu que fiz + caprichado heim
- JN.** [ah é?] [quero ver seu JP.]
- LZ.** uma mo uma monografia?
- JP.** é ++ de Marília
- LZ.** Marília? que que o senhor conta na monografia?
- JP.** + bom + primeiramente a verdade né? ++ ((risos))
- LZ.** aí eu desisto desse jeito ((risos))
- 10JP.** ((risos)) porque eu disse que:: es - estatística + a gente falava que era sinônimo de mentira +
- LZ.** [ãh]
- agora eu não menti + era uh:: uma parte da:: da estatística + porque o:: + o meu maior sofrimento no no IBGE foi + não mentir ++ isso me esgotou muito + então:: uh: lutava contra o informante + terminava recenseamento + o pessoal ficava brigando <porque Bauru uh: deu mais + maior população que Marília? ++ porque uh:: + Rio Preto é maior que Marília?> falava <porque? + vai lá contar + eu não sou obrigado a saber porque + foi feito o recenseamento com o maior rigor + deu maior população + agora + porque que é maior?> então era uma guerra viu + a gente tinha atrito aí + principalmente com autoridade + na câmara municipal + porque n::a época os vereadores não eram remunerados + e eles eh:: vinham:: + me procuravam + para atestar maior população + e eu lá:: vou fazer isso né + então a gente tinha muito atrito + entende entende eh:: o que:: o que eu falava? estatística + só é boa pra eles quando favorece + na hora de fornecer os dados + uh:: corretos + eles n::um fornece + no fim uh:: depois de muita briga ele chegava a um acordo né + porque:: + quem mente no fim sempre aparece né ++ chegava um lá <ah eu queria o número de veículos de Marília? + ah tem:: sessenta mil + ah o senhor está louco tem mais tem cento e

vinte mil + mas como assim? ah quem é que não vê? mas isso não serve de base + qual foi o levantamento que vocês fizeram? + Marília tem s/ quarenta e cinco mil prédios + como é que pode ter:: cem cento e cinqüenta mil veículos? eh:: ++ mas era era cho - chocante viu ++ mas eu ch:: cheguei lá + hoje eu não tenho (nenhuma vontade de:: vontade de)

LZ. [era desgastante]

(ir naquela parte) + não vou mesmo

LZ. o que que o senhor mais gosta de fazer hoje?

JP. + hoje? + mexer com ferramenta

LZ. eu ia falar assim fala verdade

JP. + verdade

LZ. isso é verdade? + eu pensei que que o senhor fosse falar assim <ah eu gosto de ir lá na clínica que:: gosto de (...)

JN. [eu também achei ((risos)) eu tava aqui ah:::

JP. + não ma::s co::mo + como primeira ocupação é mesmo + e:: você vê que eu quase não falto né EP.?

EP. não falta

LZ. o senhor falta mais da fono ou da fisioterapia?

JP. + dos dois

EP. é mesmo

JP. + gosto mesmo viu

LZ. não qual o senhor mais FALTA?

JP. ++

EP. em nenhum dos dois

JP. + eu acho:: em:: quantidade iguais

LZ. a fisioterapia o senhor faz aonde?

JP. + agora eu estou fazendo aí no asilo

LZ. ah

JP. eu vou contar uma agora da:: Percília

LZ. quem que é a Priscila?

JN. Percília

LZ. Percília?

JP. Percila + a primeira vez que ela me atendeu a segunda ++

JN. mas conta pra ela o quem que é a Percília que ela não conhece não seu JP.

LZ. num sei quem é estou chegando hoje

JP. + é nada + eu já lhe vi aqui

JN. mas ela saiu e retornou só depois seu JP.

LZ. [eu estou (...)]

JP. [ah foi?

LZ. eu estou VOLTANDO hoje

JP. na verdade você está voltando + de férias?

LZ. não de férias + eu me formei + fui embora pra Rio Preto + e agora eu estou voltando pra poder estudar mas eu não vou ficar morando aqui + eu tenho que trabalhar

JP. [ah que pena]

LZ. [que pena] ((risos))

JN. ela vem te visitar seu JP.

JP. verdade?

LZ. mais ou menos uma vez por mês eu devo passar por aqui

JP. + (eu vou esperar) ++ uma vez por mês né?
EP. [((risos))]
LZ. + provavelmente só se o Lourenço tiver assim muito atarefado mas eu acho que uma vez por mês
JP. + eu tenho uma sobrinha (que vai estar) fazendo estágio lá
LZ. lá onde?
JP. em Rio Preto
LZ. estágio em que?
JP. + em:: t - terapia
LZ. terapia?
JP. é + formou esse ano
LZ. fisioterapia?
JP. fisioterapia ++
LZ. ah ela se formou onde?
JP. aqui
LZ. na unimar?
JP. é + está contente lá viu
LZ. onde que é? no hospital?
JP. + no hospital ++ né EP.?
EP. eu não sei direito + ela foi pra trabalhar nu - numa clínica eh chegou lá já começou arrumar outros: trabalhos né outros:: + é ela está muito contente lá viu
LZ. [ai que bom]
LZ. que bom mas é + e como é que chama? Percília? quem é essa?
11JP. + é aluna + ela:: uh:: ela tá assumindo a independência esse mês né + esse ano parece + mas então quando ela foi me atender + ela falou <seu JP. onde que o senhor está fazendo: fisioterapia?> + (trecho incompreensível) na unimar:: + s::eis anos né
EP. [é]
EP.? + seis anos + depois a dona Virgínia que é d/ a supervisora aqui
JN. como é que ela chama a supervisora?
JP. a supervisora
JN. como que ela chama?
JP. Virgínia
JN. Virgínia
JP. ++ muito boa como vocês
JN. ((risos)) imagina
LZ. estou começando a ficar encabulada
JP. ((risos))
JN. eu falei pra ele que ele me deixa com vergonha
LZ. eu estou começando a acreditar já
12JP. m::as é pra acreditar mesmo + ela nos convidou eu e a **EP.** pra vir para cá + aí eu fale::i que estava indo no asilo + a Percília olhou + <nossa + mas o senhor é muito novo pra tar no asilo> ((risos)) ela pensou que eu estava internado no asilo + ah mas foi:: dei:: risada não foi EP. com ela viu
JN./LZ./EP. [((risos))]
 <ai desculpa seu JP.> ((risos)) não que eu estou velho eu sei disso +
JN. mas que nada ela disse que o senhor está novo seu JP. e está mesmo
JP. é depois ela:: falou que eu estava + eu quase acreditei

LZ. a velhice a velhice não está na idade está aqui ó + né tem tanta gente aí nova e já com uma cabeça de:: + ultrapassada + acho que o senhor é muito jovem tem muita juventude ainda para viver + tem muito baile para ir ainda

JP. ih:: será?

LZ. ah: tem + eu estou sabendo que o senhor vai de vez em quando nos baile lá no asilo

JP. ah (risos) + nós estivemos lá eu num:: num conheci você não

JN. é a gente não conhecia

JP. ãh?

LZ. a notícia corre

JN. [eu já dedei já]

LZ. {gente ela trouxe o doce mesmo

JN. {eu que contei

((filha de JP. traz um pedaço de torta))

LZ. deixa para depois a gente comer + ou o senhor quer comer agora? a gente pára

JN. [é depois a gente come]

EP. [não é para elas (voltando-se para JP. que queria o pedaço de torta)

FP. [eu não trouxe nem pra ele eu trouxe para vocês

JP. [eu acho que eu (vou...)]

LZ. [já aproveita e traz um pedaço para ele

FP. ah é?

LZ. é ele come aqui com a gente pode ser?

JP. + pode

FP. para você ver a mastigação dele?

LZ. é já aproveita e já vê tudo num é?

JN. [é]

JP. vê tudo ((risos))

LZ. ah já que está aqui

EP. é:: isso mesmo

JN. {é mesmo

JP. {ma::s (eu::) você falou que vinha pra:: almoçar ou jantar

JN. eu volto depois seu JP. não tem problema pode comer agora que eu volto de novo depois

EP. [pode?]

JP. será que acabou o sorvete EP.?

EP. ã?

LZ./JN. ((risos))

JN. seu JP. desse jeito o senhor vai engordar a gente

JP. sorvete não é comum

EP. quê bem?

JP. o sorvete será que acabou?

EP. a FP. vai buscar mais (incompreensível)

LZ. não mas só o bolo não precisava

JP. [não mas só a opinião

EP. [é que ela faz torta para fora e ela estava fazendo um para casa e outro para fora

LZ. [ah] nossa

JP. [eu prometi +

eu prometi pra JN. que eu ia dar um bombom pra ela hoje ++

JN. ah é? eu não estava lembrada não seu JP.

LZ. [dar o que?
JP. + um bombom
LZ. um bombom?
JN. o senhor está com a memória óh melhor que a minha
JP. ((risos))
FP. [posso por lá?
LZ. pode
EP. ele é bomboleiro ambulante né ele:: (...)
JN. eu já ganhei bombom bala
EP. {é quando ele vai ele leva bombom tanto na fono quanto na fisio
LZ. ai meu Deus
JN. que paciente bom olha só
EP. ((risos))
LZ. o senhor não quer morar lá em rio Preto? eu vou atender o senhor
EP. fala que <de Marília ele não sai>
FP. ele vai fazer um sacrifício agora que vocês vão ver + porque ele não gosta de bolo viu
LZ. não?
FP. não + não gosta de doce
T. {ai que pena
LZ. {não gosta seu JP.?
FP. {não gosta pouco ((risos))
JP. sou meio formigão
EP. sorvete então minha filha
LZ. o senhor gosta mais de que de bolo ou de sorvete?
JP. + ah (dos) dois
EP. os dois ((risos))
LZ. se puder comer os dois o senhor come?
JP. eu até controlei controlei porque eu tomava muito sorvete + agora eu vou tomar água +
 senão a JN. vai falar o que?
JN. está gelada?
JP. + num está
JN. não?
FP. vocês querem água?
JN. não obrigada
EP. depois do bolo elas tomam ((risos))
LZ. pode beber
JP. {vocês querem tomar?
JN. não obrigada
13JP. esse aqui minha:: (minha) filha trouxe + dos Estados Unidos no mês:: + de:: outubro +
 diz que achou que era que era mais prático para mim era isso
JN. prático
JP. é
LZ. o senhor é chique hein garrafinha importada
EP. ((risos))
JP. pois é
LZ. o senhor é um luxo
JP. ++ não ofereço porque:: é:: anti-higiênico né

JN. ((risos))

((**JP.** pára para beber água))

JP. de primeiro eu levava lá na fono esse vi:: a::qui + esse aí

LZ. qual?

EP. aquele vidrinho pequenininho

LZ. aquele ali?

EP. é

14JP. (incompreensível) + aí uh:: acho que foi a Ana + não não foi não + foi a:: Élis + eu já falei dela pra você

JN. acho que não

LZ. como é que é nome? acho que eu::

JP. você conheceu s/ Élis

LZ. a Élis?

JP. é

LZ. uma bem morena?

JP. + e bonita

LZ. bonita?

JP. + muito bonita

LZ. ah então eu conheci o senhor sim eu era de uma turma antes

JP. num diga + conheceu eu estou falando que vi você lá

LZ. quem foi a primeira fono do senhor? o senhor lembra?

JP. foi a primeira

LZ. a Élis?

JP. é ++

LZ. ah:: então não porque quando a Élis começou a atender eu saí da clínica ++ foi em noventa e cinco que o senhor (incompreensível)

JP. quem estava na mesma época + era o:: Heraldo

LZ. ah o Heraldo é da minha turma

JP. + seu primo?

LZ. da nossa TURMA ele se formou comigo

JP. ah da sua turma

JN. o Heraldo foi terapeuta dele

EP. é

LZ. ah não acredito

JP. + é:: ele teve aqui em casa

LZ. o Heraldo?

JP. o Heraldo + fiz amizade com ele

LZ. ai gente eu não posso estar tão ruim assim

EP. por quê?

LZ. de eu não lembrar eu guardo todos os pacientes eu guardo eu lembro de até + o senhor lembra do seu Antônio?

JP. +++ (Antônio)

EP. que tinha Parkinson?

LZ. que tinha Parkinson do olhinho azul

EP. é aquele seu Antônio

JP. ah sim sim

LZ. então eu atendi ele

EP. então e nós íamos + ah na fono você atendia né?

JP. +++ [não diga]

LZ. é + lá na clínica

EP. [nós]

EP. não nós o conhecemos na fisio não foi ?

JP. {ah eu conheci

JP. + ãh?

EP. foi na fisio que nós conhecemos seu Antônio não foi?

JP. na UNIMAR

EP. na UNIMAR

15JP. [não mas eu já conhecia seu Antônio há muitíssimo já + por sinal eu fiquei muito

EP. [é eu sei + mas na época]

chateado quando eu vi ele lá na:: + na UNIMAR + ele estava me reconhecendo e eu não estava reconhecendo ele + foi desagradável viu

LZ. é igual eu o senhor está me reconhecendo e ((risos))

JN./EP./JP. ((risos))

LZ. me perdoa

16JP. + mas aí um:: dia ele falou pra mim se eu estava fazendo fono + eu falei que não + ele falou <você não quer ir lá na:: + na UNESP?> + ele já estava de cadeira de rodas naquela época + eu falei <óh seu:: A::ntônio num::: num pensei nisso> ele falou <eu vou falar lá + se eles arrajam uma vaga para você> + uh::: daí dois dias ele nos encontramos lá novamente e ele falou <eu falei mandaram você aguardar uma telefonema> e me telefonaram + foi um grande dia pra mim + fiquei conhecendo figuras lá que + fabulosa

EP./JN. ((risos))

LZ. figura ((risos))

JP. dignas + dignas de serem imitadas

LZ. escuta vamos parar a gente come + pode ser?

JP. pode comer

JN. o senhor também